

CHERYL HOLT

SÉRIE HOMENS PERDIDOS, VOL.1



Um homem perigoso.
Uma mulher que não resiste
ao perigo.

The background of the book cover features a romantic scene of a shirtless man with a beard and a woman with long, curly red hair. The man is holding the woman from behind; she is wearing a light purple, off-the-shoulder gown with a full skirt. They are standing in a field of tall, golden grass under a clear blue sky.

A DAMA E O VAGABUNDO



Ficha Técnica

Título: A Dama e o Vagabundo
Título original: Heart's Delight
Autor: Cheryl Holt
Tradução: Sofia Ribeiro
Revisão: Domingas Cruz
ISBN: 9789897419683

QUINTA ESSÊNCIA
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Cheryl Holt, 2016
Publicado com o acordo de St. Martin's Press, LLC.
em conjunto com International Editors' Co.
e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com
www.quintaessencia.com.pt
www.leva.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Cheryl Holt

A DAMA
E O
VAGABUNDO

Tradução
Sofia Ribeiro

Prólogo

– Dê-nos mais um minuto – implorou Anne Blair. – Por favor.

Estava um marinheiro de guarda na rampa de acesso e Etherton esperou estoicamente enquanto o homem fitava Anne com uma expressão exasperada. Já lhe tinha dado cinco minutos para se despedir dos filhos e mostrou-se impassível face ao seu pedido.

– Já cedi mais do que a conta – disse-lhe o marinheiro. – Se o capitão olhar para aqui e nos vir, vai querer a minha cabeça. Temos de seguir a maré.

Agarrou-a pelo braço para a afastar, mas ela rogou-lhe:

– Mais um minuto! Que mal pode fazer?

Etherton tentou intervir, mas o marinheiro não se deixou quebrantar.

– Eu não devia ter permitido tanto, senhora Blair. Está a abusar da sorte.

Anne ignorou-o e virou-se para Bryce, o filho mais velho, que tinha cinco anos. Era um rapaz esperto, perspicaz, e ela inclinou-se para que os olhos dos dois ficassem ao mesmo nível.

– Vais ficar com os teus irmãos a teu cargo – disse ela. – Toma conta deles por mim.

– Vou tomar, mãe – declarou Bryce sobriamente –, mas... mas... vai voltar depressa, não vai?

Anne olhou de relance para Etherton com uma expressão de vergonha. Tinham-lhe explicado que seria permanente, que a condenação pelo seu crime e o exílio nas colónias penais da Austrália implicavam que nunca mais pudesse regressar. Mas os filhos eram muito pequenos, com apenas cinco, três e dois anos. Como poderiam eles compreender o significado de *para sempre*?

– Eu não vou voltar, Bryce. – Anne suspirou, cheia de pena. – Já falámos disto, lembras-te?

– Lembro, mas a mãe sabe que eu não compreendo. Porque tem de se ir embora? Porque não podemos ir consigo?

Não havia tempo para mais esclarecimentos ou conversas. A única coisa que havia era estes derradeiros e pungentes momentos de despedida.

– Tens de ser forte por mim, Bryce – murmurou ela. – Quando eu estiver ausente, quero sempre lembrar-me de como és forte. Faz com que o teu pai se sinta orgulhoso de ti. – Ao referir-se a Julian, o adorado marido agora morto, estremeceu e quase perdeu as forças nas pernas.

– Vou fazer o pai orgulhoso – respondeu Bryce. – Vou mesmo, mas ele partiu e agora a mãe também se vai embora.

– Toma sobretudo conta da Sissy. A vida é dura para as raparigas, mais do que para os rapazes.

Como que reconhecendo o significado das palavras da mãe, Annie, a mais pequena, a quem chamavam Sissy, fez deslizar a mão na de Bryce. Era loira e de olhos azuis, como uma boneca de porcelana, e a sua expressão triste partiu o coração de Etherton. Como conseguia Anne suportar aquilo?

Virou-se para os gémeos, Michael e Matthew, e estendeu os braços. Tinha os pulsos algemados, mas estendeu na mesma os braços. Os gémeos, dois pequeninos selvagens, trocaram um olhar, acenaram com a cabeça em sinal de que queriam ser abraçados e deixaram-na puxá-los para o seu

peito.

Não tardaram a começar a agitar-se e fitaram-na com uma expressão preocupada e muito solene. Pareciam ter noção, mais do que Bryce ou Sissy, de que tinha acontecido algo de terrível que nunca poderia vir a ser remediado.

Seguiu-se Sissy. Inclinou-se para a mãe, que lhe beijou o cabelo e lhe despenteou os caracóis dourados com um gesto da mão.

– Meu anjinho. Como vou viver sem ti?

E depois estendeu os braços para Bryce, mas o menino recusou aquele último abraço.

– Não nos abandones! – exclamou, furioso. – Eu não posso tomar conta deles.

– O Etherton ajuda-te.

– Eu não quero o Etherton. Quero-a a si. E ao pai. Quero ir para casa.

Anne e Etherton trocaram um olhar angustiado. Tinham perdido a casa, tinham perdido a sua existência segura, assim como a vida que conheciam. Já não havia um lar para eles, nem pais, estabilidade ou família. A partir daquele momento, só haveria caos e incerteza.

Lá em cima no convés um apito soou e de repente a tripulação começou a correr e a gritar uns com os outros. Os cabos foram puxados e as portas fechadas.

– Não temos mais tempo – disse o marinheiro entredentes e Anne chegara ao fim.

Foi puxada para se erguer e, embora tenha resistido, foi arrastada para a rampa de acesso.

Prometera a Etherton que manteria a compostura e se mostraria circunspecta para não assustar as crianças mais do que já estavam. Contudo, soltou um lamento de desânimo e a sua evidente angústia aterrorizou os filhos.

Sissy começou a chorar, ao passo que os gémeos fizeram uma careta e estenderam os braços para ela. Bryce gritou por todos eles:

– Mãe! Mãe!

Tentou correr atrás dela para travar o marinheiro que a levava, mas Etherton segurou-o, debatendo-se para deter o rapaz que esbracejava numa vã tentativa de salvar a mãe.

Num fechar de olhos, ela desapareceu no navio e um silêncio perigoso instalou-se nas docas enquanto todos ficavam boquiabertos a olhar para o lugar que ela tinha ocupado. Tardaram-se ali, à espera que algo acontecesse, talvez que alguém falasse e esclarecesse como podia uma mãe ser levada e os filhos deixados para trás, como se fossem excesso de bagagem. Mas nenhuma lógica podia justificar uma coisa daquelas.

Mais abaixo, o cocheiro de Etherton pigarreou e os cavalos da carruagem mexeram-se com impaciência, fazendo chocalhar os arreios.

– Vamos, meninos – disse Etherton entredentes.

– Não – insistiu Bryce. – Ainda não. Ela pode... pode...

– Pode o quê? – questionou Etherton num tom mais zangado do que desejava.

Julian, o pai deles, morrera num acidente de caça suspeito que Etherton não acreditava ter sido acidente nenhum. Anne, a mãe, estava a ser levada na qualidade de criminosa condenada e Etherton ficava para trás para tratar dos estragos. Não tinha filhos seus e não queria que aquela responsabilidade recaísse sobre si.

Mas adorara o pai deles, teria dado a vida por ele, teria matado por ele, e manteria os filhos de Julian em segurança. Ou isso ou morreria a tentar fazê-lo.

– Bryce – disse, agora mais calmo –, ela não volta. Não a deixam sair do navio. Eu percebo que

custa a compreender, mas temos de nos ir embora.

Olhou nervosamente em redor. Não acreditava que a família de Julian aparecesse nas docas, não acreditava que gostasse o suficiente dos filhos de Anne para lhes fazerem mal. Não iria, contudo, correr riscos e, com aquelas fortunas em jogo, era impossível saber como se comportaria uma pessoa gananciosa.

– Para onde vamos? – perguntou Bryce. Era loiro de olhos azuis como Anne, mas também era forte e determinado, como Julian. Tinha herdado as melhores qualidades dos pais.

– Eu explico na carruagem – prometeu Etherton vagamente.

Fez um gesto a dois criados e eles aproximaram-se apressadamente. Era um casal, o senhor e a senhora Wilson, um velho casal leal que sabia manter segredos. Estavam acompanhados pela filha adulta. Etherton providenciara a separação dos gémeos, que seriam enviados para colégios internos. Parecia ser uma boa maneira de os esconder e não sabia o que mais fazer.

Dadas as circunstâncias, não tinham familiares em quem confiar e ele era um homem solteiro, sem recursos para criar quatro crianças.

Enquanto o senhor e a senhora Wilson se aproximavam, ele tranquilizou aquela crise de consciência. Não dera pormenores a Anne sobre o destino das crianças. Ela já tinha o bastante com que se preocupar e sentira-se demasiado derrotada pelos acontecimentos para o questionar acerca dos seus planos.

Era raro que crianças assim fossem à escola, mas o suborno certo podia abrir qualquer porta e Anne dera-lhe todo o dinheiro que lhe sobrava – uma quantia substancial – e aconselhara-o a usar nas despesas. As crianças seriam criadas em instituições estáveis. Teriam comida e abrigo e receberiam escolaridade. Iam ficar bem.

Não iam?

Etherton apontou para Sissy e disse à filha dos Wilson:

– Leve-a.

Depois, apontou para os gémeos e ordenou ao senhor Wilson:

– E o senhor e a sua mulher levem-nos a eles. Têm as instruções, não é assim?

Os três Wilson anuíram, enquanto Bryce franzia o sobrolho e perguntava:

– Para onde vão eles?

– Vão ficar com o senhor e a senhora Wilson por uns tempos – declarou Etherton. – Tu vens comigo.

– Não, não posso permitir isso. – Bryce falava como o pequeno lorde que era. – A mãe quer que eu tome conta deles. Como posso fazê-lo se formos separados?

– Vais tornar a vê-los muito em breve.

Etherton esperava que a sua afirmação fosse verdadeira, mas achava que provavelmente não seria.

Tudo acontecera tão depressa – a morte de Julian, a detenção e o julgamento de Anne –, quase como se o pai de Julian tivesse orquestrado aquela rápida resolução. As coisas continuavam instáveis e Etherton não podia adivinhar quando acalmariam, quando poderiam espreitar por cima do ombro.

– Quando vou vê-los? – exigiu Bryce com gravidade. – Quando?

– Amanhã – mentiu Etherton.

Toda aquela manhã tinha sido horrível e fez um gesto aos Wilson para se apressarem a ir embora, desesperado para que aquele horrível intervalo terminasse. Não fazia ideia de como lidar com

aquela infelicidade, com as crianças agitadas e a gritar, demasiado pequenas para compreenderem o que as destruía. Viriam a compreender alguma vez?

A filha da senhora Wilson pegou em Sissy, que começou a gritar e a chorar. Estendeu a mão rechonchuda para Bryce, implorando. Este agarrou-lhe a mão e gritou à mulher para que pusesse Sissy no chão, mas ela foi levada.

O senhor Wilson agarrou nos gémeos, que espernearam e se debateram, e portanto ele cingiu cada um deles com um braço, levantou-os do chão e foi-se embora.

Quando Etherton viu os gémeos pela última vez, eles espreitavam para trás, fitando o irmão e a irmã obstinadamente e em silêncio. Os seus olhos azuis – os magníficos olhos azuis do pai – desviaram-se para Etherton. Estavam cheios de desdém e censura, como se o culpassem pelo sucedido.

Como podiam dois rapazes tão pequenos ser assim determinados e desdenhosos? Raramente falavam com outras pessoas que não eles os dois e usavam uma linguagem secreta que só eles compreendiam. Talvez fossem mais inteligentes do que pareciam. Talvez percebessem muito melhor aquela catástrofe do que Etherton calculara.

Também eram dois pequenos lordes, como Bryce, mas agora todos eles eram lordes perdidos.

Os seus olhares de desprezo e desconsideração cravaram-se em Etherton como que dizendo: *Havemos de ficar quites. Havemos de ficar quites – e toda a gente há de pagar pelo que fez à nossa família.*

1

– Estou aqui para me encontrar com o célebre jogador e criminoso, o senhor Michael Scott.

Magdalena Wells, conhecida como Maggie junto dos amigos e familiares, lançou um olhar feroz ao imbecil que guardava a porta. Acabara de lhe recusar a entrada no mal reputado clube de jogo do senhor Scott, mas estava zangada e ofendida e não tinha tempo para disparates nem para presunções.

O homem observou o vestido cinzento de Maggie, os seus modos austeros, a pose imperiosa.

– Quem devo anunciar? A maldita rainha de Inglaterra?

Maggie não gostou daquela atitude nem da linguagem feia, e a sua fúria disparou.

– Escusa de ser rude e grosseiro – ripostou ela.

– Se não gosta da minha maneira de falar, não tem de ficar aqui a ouvi-la.

Maggie não tinha paciência para parvos e quase bateu com os pés, mas a sua missão era importante e só se iria embora depois de falar pessoalmente com o exaltado e detestável senhor Scott.

– Estou segura que, na sua área profissional, não se cruzará muitas vezes com senhoras – disse-lhe ela –, mas asseguro-lhe que sou uma. Comporte-se.

O seu tom de aço prendeu a atenção dele, que corou, humilhado.

– Sim, minha senhora.

– Então, leve-me junto de Michael Scott e depressa. Diga-lhe que sou proprietária da Missão de Salvamento do Vigário Sterns.

– Está com esperança de o salvar?

– Não. Vim dizer-lhe uma coisa.

– Isso vai fazê-lo desmaiar – ironizou o homem entredentes, mas recuou e fez-lhe um gesto para que entrasse. Lá fora, o dia estava uma tarde de junho luminosa e soalheira, de modo que ela precisou de um momento para que os seus olhos se ajustassem ao interior.

O vestíbulo do estabelecimento do senhor Scott – amplamente conhecido como apenas *Scotts* – era escuro e húmido e tinha um cheiro abafado a álcool, tabaco e hábitos licenciosos. Na sala principal, havia mesas e cadeiras dispostas em filas aleatórias e ela conseguia imaginá-la num agitado sábado à noite, apinhado de bêbados a desperdiçar dinheiro.

Uma das paredes estava forrada com prateleiras cheias de garrafas de vinho e decantadores. As outras três encontravam-se cobertas de grandes quadros espalhafatosos de mulheres nuas. Os seios despidos eram deveras proeminentes, com os mamilos avermelhados como que saltando da tela.

Os quadros eram extremamente perturbadores e ela sentiu-se ofendida, mas manteve um ar inexpressivo, não querendo dar a entender que aquela visão indecente a incomodava. E não incomodava. Não a sério.

Ao longo dos últimos anos tornara-se prática e racional, um porto de abrigo em qualquer tempestade. Seria preciso mais do que um quadro de uma mulher nua para a perturbar ou impedir de ter a conversa que tencionava.

– O senhor Scott, por favor – disse ela. – Se não se importa de me levar até ele.

– Siga-me.

O guarda conduziu-a ao interior e, embora fossem apenas duas horas da tarde, havia homens nos cantos, a beber bebidas fortes e a vê-la passar, aturdidos. Os olhares desses homens eram curiosos e lascivos.

Sentiu uma pontada de compaixão, pensou no triste estado da vida deles para estarem ali naquele antro. Queria falar com cada um, queria discutir o que os levara ali, o que os impedia de se irem embora.

Mas não o fez. Não tinha nada que estar ali de visita e não ficaria nem um segundo mais do que o necessário.

Prosseguiram, subiram uma escada estreita e atravessaram um corredor até ao fim. Pararam junto de uma porta fechada, o seu acompanhante bateu com firmeza, esperou por uma resposta e, não a obtendo, tornou a bater.

– O que foi? – berrou uma voz masculina e mal-humorada lá de dentro.

– Tem uma visita, senhor Scott.

– Pedi para não ser incomodado. A minha ordem confundiu-te? Não fui claro?

– Foi claro, senhor, mas ela insistiu em falar consigo. Não se ia embora.

– Ela? É uma mulher?

– É.

– Se não te consegues livrar de uma mulher fraca, de que serves para guardar uma porta?

– Ela é um bocado franzina – respondeu o homem –, mas parece feroz. Achei que não a devia irritar.

– Pode morder?

– Talvez.

– É bonita?

Fez-se a mais constrangedora das pausas enquanto ela era minuciosamente avaliada.

Maggie podia ter respondido ela própria àquela pergunta idiota. Nesse momento, usava um vestido cinzento sem qualquer graça, com tecido branco na gola e nos punhos, abotoado do queixo aos pés, como deveria usar qualquer mulher britânica. Trazia o cabelo preso num carrapito apertado, com a boina cinzenta a cobrir o seu vermelho vibrante e a empalidecer-lhe as feições.

Podia ter sido uma governanta exigente, mas à luz do mundo aterrador e cheio de pobreza onde existia, fazia um esforço deliberado para passar despercebida.

Tinha, contudo, um espelho nos seus aposentos e podia ver-se nele. Com o seu cabelo acobreado e os alegres olhos azuis, era atraente. Era, no entanto, demasiado magra, o trabalho e as preocupações deixavam-lhe pouco tempo para o ócio e a comida não abundava na sua missão, de modo que tinha uma dieta pobre. Mas, apesar de ser esguia, tinha curvas femininas nos sítios certos.

Embora não tivesse tendência para a vaidade, admitia que se enraivecia quando alguém a descrevia como sendo desengraçada ou vulgar e disparou:

– Ah, por favor. Abra essa maldita porta.

– Não me atrevera a fazê-lo.

No passado, tinha sido uma jovem cortesã de boas famílias e reputação, mas os sete anos passados a interagir com mendigos haviam-na endurecido. Tendo já deixado cair muitas das suas anteriores virtudes, levou a mão à maçaneta e entrou de rompante, sem ponderar se deveria fazê-lo.

Senhor Scott, presumo eu?

Preparara-se para marchar por ali dentro a bufar, mas os pés prenderam-se-lhe e deteve-se.

– Mas quem raio é a senhora? – rosnou ele.

Ela ficou muito quieta, determinada a não exhibir, nem com o frémito de uma sobrancelha, que estava chocada ou desanimada. Oh, porquê, mas porquê, tinha de ter entrado de rompante? Onde tinha a cabeça?

Michael Scott estava sentado numa cadeira atrás da escrivaninha. Infelizmente, tinha uma rameira ali sentada com ele, equilibrada na sua coxa e a fazer coisas cuja natureza Maggie só podia tentar adivinhar. A rameira tinha a parte da frente do vestido desabotoada, o tecido enrolado até à cintura e o traseiro exposto. O cabelo loiro caía-lhe pelas costas numa ondulação, as travessas espalhadas por cima da escrivaninha.

Ao ver Maggie, a rapariga soltou um gritinho de desânimo e pôs-se em pé com um salto. Debateu-se com a roupa para cobrir aquilo que nunca deveria ter estado exposto.

Maggie ignorou a rapariga e concentrou-se no senhor Scott, desesperada por saber se os loucos rumores sobre ele que corriam pelo bairro seriam verdadeiros.

Havia nele um ar de perigo, de modo que ela não podia mostrar medo ou hesitação. Era como um falcão em círculos no céu e, ao mínimo sinal de fraqueza, esfrangalhava-a.

Ela não esperava que ele fosse extremamente bonito, mas era. Tinha cabelo preto, comprido de mais e apanhado num rabo-de-cavalo com uma fita. Embora estivesse sentado, o palpite dela era que fosse muito alto, mais de um metro e oitenta. Tinha os ombros muito largos, os braços muscudos, o corpo em boa forma. Parecia forte e robusto, como que enfaixado ou estacado para se manter em forma.

Mas eram os seus olhos que mais a intrigavam. Muito azuis, alerta e inquisitivos, perscrutando todos os pormenores do vestido sem graça que ela usava, o seu semblante severo. Estava a tirar-lhe as medidas, a tentar percebê-la, e ela queria dizer-lhe: *Nunca vais desvendar os meus segredos. Nem que tivesses mil anos*, mas mordeu a língua.

A rameira tinha acabado de abotoar o vestido. Olhou nervosamente para ele, que a enxotou. Passou apressada por Maggie e o som dos seus passos a esmorecer rapidamente corredor fora.

O senhor Scott recostou-se na cadeira e perguntou ao homem que a escoltava:

– Quem é esta?

O homem respondeu:

– Diz ser a menina Magdalena Wells, da Missão de Salvamento do Vigário Sterns.

– A Missão de Salvamento?

– Sim.

O senhor Scott fungou de desdém.

– Esperava que uma benfeitora assim tivesse melhores maneiras.

– Tal como eu disse – respondeu o guarda –, é algo feroz.

– Efetivamente – concordou o senhor Scott.

Maggie fez um trejeito trocista e avançou para a secretária.

– Não falem de mim como se eu não estivesse aqui.

Estava a ter um cabo dos trabalhos a decidir para onde olhar, se devia fitar o rosto do senhor Scott ou a sua pessoa. Os seus olhos azuis eram penetrantes e inquietantes, mas tinha a camisa aberta até à cintura, expondo uma boa parcela de carne máscula, que ele não fez qualquer esforço por esconder.

As experiências de Maggie com homens era limitada e, numa sociedade em que as pessoas se

tapavam completamente com roupa em todas as circunstâncias, ela tinha a impressão de que nunca tinha visto o peito de um homem. Ficou espantada ao reparar na camada de pelo sobre o peito e essa visão, de pelos escuros como os do seu cabelo, provocou nela uma excitação interior.

Ela sentiu as faces quentes e corou, algo de que ele se apercebeu imediatamente e o fez sorrir com malícia.

– O que a traz por cá, menina Wells? – perguntou ele. – Em que posso ser-lhe útil? Esperava conseguir alguma coisa em *especial* de mim?

Ele escrutinava o peito dela, de modo que um instante bastou para ser claro que ele estava a ser impertinente.

– Pare – disse ela, fumegando.

– Paro o quê?

Parecia inocente como um menino de coro.

– Não seja grosseiro.

– Eu estava a ser grosseiro? – O tom de voz dele destilava sarcasmo. – Então peço humildemente as minhas desculpas. – Apontou para uma cadeira. – Quer sentar-se?

– Prefiro ficar de pé.

– Como queira, mas não tenho a mínima vontade de ficar de pé consigo, por isso mantenho-me sentado. Não se importa?

– Não, está bem assim.

– Posso oferecer-lhe alguma coisa para beber?

Ela estremeceu ao imaginar o tipo de *bebida* que haveria naquele lugar.

– Não, obrigada.

– Como queira. – Fez um gesto para o homem que a escoltava. – Ele pode deixar-nos e regressar às suas obrigações? Ou tem medo de ficar aqui a sós comigo? Acaso a sua reputação ficará manchada se não tiver um acompanhante?

– Tenho vinte e cinco anos e vivo sozinha há sete anos. Não preciso de acompanhantes e não tenho medo de si.

– Não tem?

– Não, por isso escusa de ter uma atitude intimidadora. Não me assusta.

– Bom, então nem sequer vou tentar.

Enxotou o empregado, que se esgueirou para fora e fechou a porta. O silêncio instalou-se e bem depressa e Maggie deu-se conta de que devia ter mantido o guarda ali.

Tinha sido sincera quando afirmara que não tinha medo do senhor Scott. Ele exsudava virilidade e vigor como nunca vira em nenhum outro homem das suas relações, mas não sentia uma ameaça da sua parte. Ele podia ataviar-se e fazer pose, e ela ouvira dizer que ele podia ser fatal se provocado, mas não lhe parecia que lhe fosse fazer mal a *ela*.

Ainda assim, não gostou nada de ter a porta fechada. A sala era pequena e ele ocupava demasiado espaço nela. Maggie queria ir abrir a porta, mas insistira que ele não a assustava e não lhe ia dar o gosto de pensar que ela podia ter mentido.

Ele fitou-a, à espera de que comesasse, e ocorreu a Maggie que aquilo ia ser muito mais difícil do que pensara. No caminho, tinha esboçado mentalmente um belo discurso, mas agora, que estavam cara a cara, não era capaz de começar.

Ele não era nada como ela esperara.

Corriam constantemente histórias terríveis sobre ele e o seu comportamento burlesco. Tinha crescido nas ruas de Londres, era um órfão brilhante, perigoso e amoral. Enganava, roubava ou matava sem qualquer abalo de consciência, desde que tal lhe aumentasse a sua fortuna pessoal.

Era dono do clube de jogo e era ele próprio jogador, mas também emprestava dinheiro a juros exorbitantes, e possuía imóveis, terras e navios. Fazia contrabando e chantagem e dedicava-se intencionalmente a todo e qualquer negócio repulsivo que alguma vez tivesse sido inventado.

Também tinha tendência para comportamentos violentos. Ela sempre o imaginara como um ogre, devido aos rumores que sobre ele corriam, do tipo que se esconde debaixo de pontes e devora viajantes desprevenidos.

Mas ele não era horrível. Era bonito, bem barbeado e obviamente rico. Usava roupa informal, uma camisa branca larga e calças creme, peças de corte requintado e feitas a partir de tecidos caros.

Era muito mais novo do que ela esperara. Imaginara-o soturno e idoso, mas não era muito mais velho do que ela. Maggie tinha vinte e cinco anos e ele devia ter uns trinta. Havia, contudo, nele algo de rude, como se tivesse passado por dificuldades que ela nunca vivera e seguira em frente.

– Estou ocupado, menina Wells, portanto, se não se importa, vá direta ao assunto. Está aqui para me repreender, evangelizar ou para me pedir um donativo?

O tom sarcástico arrancou-a do seu estupor.

– Não tinha pensado em pedir-lhe um donativo, mas adorava que contribuísse para a nossa missão.

– Não é orgulhosa de mais para aceitar dinheiro sujo?

Ela bufou, desdenhosa.

– Não. Dinheiro sujo e dinheiro virtuoso compram os mesmos alimentos aos famintos.

– Isso é verdade.

O intenso escrutínio a que ele a submetia era perturbador e ela ficou perplexa com a oferta de dinheiro para caridade. Imaginara-o cruel e perverso, de modo que ficou desconcertada com as evidentes disparidades do seu caráter. Talvez houvesse esperança de sucesso.

– Já ouviu falar da Missão de Salvamento? – perguntou ela.

– Claro que sim. Quem é que neste bairro não ouviu?

– O vigário Sterns e a mulher compraram-na há alguns anos. Já faleceram e agora sou eu que estou à frente da missão.

– A menina?

– Sim. Porque ficou surpreso?

– Um vento forte era capaz de a derrubar.

– O que tem isso a ver com o que quer que seja?

– Não parece o tipo de pessoa para isso.

Ela bufou de desdém.

– E que *tipo* é esse?

– É bonita de mais para andar metida com os desventurados e, uma vez que é *menina*, não é casada. Porquê? Devia estar em casa a tomar conta de uma dúzia de miúdos, em vez de andar desesperadamente a tentar ajudar pessoas que se estão a marimbar.

Aquele comentário pedia tantas respostas que ela ficou tonta só de pensar qual deveria ser a primeira.

Ele achava-a bonita! Que emocionante!

Maggie descartou esse comentário, recusando-se a remoê-lo como um cão a remoer um osso. Não,

não era casada, e a razão para isso era tão humilhante que não queria revelá-la e nunca a discutia. Quanto ao facto de ela ajudar os outros, como se atrevia ele a denegrir os seus esforços!

– Cresceu nas ruas, senhor Scott.

Ele anuiu.

– Pois cresci.

– Deve ter recebido ajuda. Não se sentiu grato, quando a recebeu?

– Nunca ninguém me ajudou. Eu é que me ajudei a mim próprio. – Fitou-a, com aqueles olhos azuis frios e penetrantes destituídos de emoção. – Ainda não respondeu à minha pergunta. Porque não se casou? Já não vai para nova. Porquê andar a desperdiçar tempo com disparates?

– Disparates! – bufou ela. – Está a ser ridículo.

– Estou?

– Está. Vamos voltar ao que aqui me traz.

– Ainda não me disse de que se trata. Já disse que faço uma doação, mas ainda não se foi embora, pelo que estará portanto aqui para evangelizar ou para censurar. Qual destas coisas?

Embora gerisse uma missão cristã, Maggie não era muito religiosa e aprendera um saber prático com o vigário Sterns, que não se importava excessivamente com o pecado e a maldição. As suas preocupações viravam-se mais para questões mundanas, para as hordas de órfãos sem-abrigo, famintos e sem roupa. Se era esse o cerne da questão, então havia muito pecado a desconsiderar.

Maggie adotara a atitude pragmática do vigário e a ideia de ela pregar sermões era humorística.

– Não vou pregar sermões.

– Graças a Deus. Então o que se passa? Vou ouvir uma reprimenda? Nem me passa pela cabeça de que maneira a posso ter indisposto, uma vez que não nos conhecemos.

– A sua reputação segue-o, senhor Scott. Já fez muito.

– Admito que tem razão. Sabe-se que já me portei indevidamente numa ou outra ocasião. O que suscitou a sua visita? Cuspi no passeio? Dei um pontapé a um cão? Disse um palavrão à frente de uma senhora? O quê?

– Um rapaz esteve aqui empregado.

– Sim, dou emprego a muitos rapazes.

– Ia com regularidade comer à missão. Era bom rapaz, um rapaz doce.

A boca bonita e sedutora do senhor Scott curvou-se num sorriso, que a fez recuar. Já tinha admitido que ele era bonito. Como podia tornar-se ainda mais atraente? Parecia impossível.

– Esse rapaz vivia na rua – disse ele – e comia na sua missão e está a descrevê-lo como sendo *doce*?

– Por uma pessoa ser pobre, isso não significa que seja corrupta. Tenho a certeza de que este estabelecimento é ótimo...

– Ah, é o cúmulo do chique e da opulência.

Ela ignorou o sarcasmo.

– Recuso-me a que ele trabalhe para si.

– *A senhora* recusa.

– Sim.

– É mãe dele? Irmã? O quê?

– Estou simplesmente preocupada com o futuro dele sob a sua tutela. Posso ser crua e dura, senhor Scott?

- Sim, crua e dura, por favor.
- Ouvi histórias horríveis sobre si.

Ele soltou uma risadinha.

- Tenho a certeza de que são todas verdadeiras.
- Quero levá-lo comigo quando me for embora.
- Tem a certeza de que ele quer ir?
- Não, mas se o senhor pudesse falar com ele...

Ele estreitou os olhos, claramente a tentar adivinhar o que a movia. Por fim, perguntou:

- Como se chama ele?
- Tim. Tem uns dez anos, por aí. Cabelo castanho. Muito magro.
- Não são todos?

Ele levantou-se e dirigiu-se à porta, que abriu para dar um berro para o corredor.

- Ramsey, preciso de si.

Voltou para a secretária e os dois ficaram a ouvir os passos de umas botas pesadas subir as escadas. Um homem assomou à porta. Era mais largo e mais alto do que o senhor Scott, e também bonito; usava roupa preta e tinha um aspeto assustador que o senhor Scott não tinha.

- O que foi? – perguntou ao senhor Scott.
- Contratámos um rapaz novo chamado Tim?
- Creio que sim.

- Quais são as funções dele?

– O que aparecer. – O senhor Ramsey fez um gesto vago com a mão, sendo que a expressão *o que aparecer* era dita com a óbvia intenção de ocultar aquilo que Tim tinha sido contratado para fazer.

Havia rumores de que ele estava a ser treinado para roubar bolsas. Um ladrão! Como se um rapaz devesse ser treinado para uma coisa dessas! Ela sentia-se enraivecida.

- O que aparecer? – Maggie estava incrédula. – Mais precisamente a que corresponde tal função?

Os dois homens ignoraram-na e o senhor Scott disse:

- Vai buscá-lo.

Ramsey saiu e enquanto ela esperava por Tim com o senhor Scott, sentiu uma fraqueza nos joelhos.

Olhou de relance para a cadeira que ele lhe tinha oferecido antes, ansiosa por se dirigir a ela e se sentar, mas não sabia como fazê-lo com desembaraço. Tinha insistido com muito orgulho que ficaria de pé.

Aquele intervalo de silêncio estava carregado de uma angústia de que ela ainda não se apercebera em si. Por alguma razão idiota que não conseguia compreender, não suportava que o senhor Scott a achasse uma pateta ou uma simplória. Queria que ele a tivesse em boa conta e desejava que a visse como digna de estima, mas porque lhe importava isso? Ele era um bandido. Que importância tinha a sua opinião?

Para seu alívio, ouviram-se passos nas escadas, concluídos por um movimento tenso e desajeitado.

O senhor Scott murmurou:

- Não pode salvar o mundo inteiro, menina Wells.
- Posso tentar.
- Pode, mas não lhe parece por vezes em vão?

Ramsey entrou seguido de Tim. Parecia diferente, limpo e bem arranjado, com roupa nova e com as faces, antes pálidas, agora rosadas.

– Mandou-me chamar, senhor Scott? – Aproximou-se da secretária, mas perdeu a cor ao ver Maggie. – Menina Wells? O que faz aqui?

– Ouvi dizer que trabalhavas para o senhor Scott – disse Maggie.

Tim enrubesceu.

– Ah...sim, trabalho.

– Não é possível que o queiras fazer.

– Eu *quero* – afirmou Tim. – Há anos que tenho a esperança de que o senhor Scott repare em mim.

– Porquê?

– Os rapazes podem subir muito ao seu serviço... se forem fiéis e aprenderem o ofício. Toda a gente sabe isso.

O senhor Scott fez um sorriso aberto.

– Está a ver, menina Wells? O Tim está bem.

Maggie fixou os olhos em Tim.

– Vens comigo? Por favor.

– Porque haveria de ir? – respondeu Tim. – Eu gosto de estar aqui.

– Não podes estar a falar a sério.

– Mas estou, menina Wells. A sério. – Espreitou por cima do ombro para o senhor Scott. – É tudo, senhor.

– É.

O senhor Scott fez um gesto para mandar Tim embora e Ramsey liderou o caminho.

Maggie ficou a olhar boquiaberta para o senhor Scott e, para seu horror, estava à beira das lágrimas.

Ele tinha dito que ela não podia salvar o mundo, mas por que razão não poderia salvar o seu cantinho? Seria que todos os rapazes tinham de ter um final mau? Seria que todas as crianças tinham de se debater, trabalhar arduamente e degradar-se? Havia tanta pobreza e conflito e, por um segundo, era como se o peso de todas essas almas desesperadas se equilibrasse sobre os seus ombros, um fardo pesado de mais para se carregar.

Ele encolheu os ombros.

– Estava a apoquentar-se sem motivo.

– Vai treiná-lo em pequenos delitos. Vai tornar-se um criminoso e a culpa será toda sua.

– Terá umas moedas no bolso e uma cama seca e quente para dormir. É melhor do que morrer de fome ao frio e à chuva.

– Provavelmente há de ser enforcado antes que o senhor conclua a formação dele.

– Há finais piores para os rapazes.

– Diga-me um – disse ela, fumegando.

Ele não respondeu, mas fez uma careta, uma expressão que lhe dizia que ela era uma idiota. A seguir um gesto na direção da porta, indicou-lhe que a entrevista estava terminada.

– Acabámos? – perguntou ele. – Já fui mais do que paciente.

– Quero o donativo que me prometeu – disse ela com petulância. – Exijo-o como compensação por todo o dano que fiz ao Tim.

– Mudei de ideias. Não suporto pessoas que se põem num pedestal de moralidade. A menina é demasiado pedante, e eu não gosto de si.

– Não *gosta* de mim?

- Não.
- Mal nos conhecemos. Como pode ter recebido pormenores suficientes para formar uma opinião?
- Sou um excelente avaliador de caráter.
- E na sua infinita sabedoria, que espécie de pessoa *avalia* que eu seja?
- Acha que é uma santa.
- Não acho nada!
- Mas tem de ver o mundo como ele é: um lugar duro e perigoso.
- Não preciso de um sermão seu sobre o estado do mundo.
- Não?

Como ela tinha passado anos a ajudar os mais necessitados, recebia regularmente agradecimentos, elogios e louvores. Não se lembrava de ser insultada ou depreciada. Bom, com exceção da família, mas essa não contava.

Estava furiosa e ofendida, sentindo-se profundamente caluniada. Queria castigá-lo, fazer uma lista das razões pelas quais ele estava enganado a seu respeito, mas, por uma vez na vida, sentia a língua presa e não lhe ocorria uma única observação digna de ser partilhada.

Ele levantou-se e dirigiu-se a ela, erguendo-se sobre a sua pessoa, com um olhar furioso como se ela fosse jovem, tola e estivesse completamente fora do seu ambiente.

Arrastou-a para a porta e empurrou-a para o corredor. Foi um empurrão suave, mas que não deixava de ser um empurrão.

– Adeus, menina Wells. Não torne a vir ensombrar a minha porta com disparates.

– Eu não me rebaixaria a isso – disse ela bufando.

– Ótimo. – E gritou: – Ramsey!

Num piscar de olhos, Ramsey apareceu.

– O que foi agora?

– A menina Wells está de saída. Acompanha-a e diz ao criado que, se ela tornar a aparecer aqui e ele a deixar entrar, vão rolar cabeças.

– Vão *rolar* cabeças? – questionou ela com desdém. – Ah, o senhor é de longe o homem mais exasperante que alguma vez tive a infelicidade de conhecer.

– Eu esforço-me – replicou ele com presunção e fez um gesto para Ramsey.

Ramsey estendeu o braço, mas ela enxotou-o e saiu batendo os pés com força. Ia começar a descer as escadas quando se virou para espreitar o senhor Scott. Ele observava-a, com um ar divertido, elegante e enlouquecedor para além de qualquer medida.

– Não foi a última vez que ouviu falar de mim – avisou ela, absurdamente.

– Estou a tremer todo, menina Wells.

– Vou falar com as autoridades sobre o Tim. Vou informá-los do seu abuso aos rapazes deste bairro.

A gargalhada dele foi cruel e sarcástica.

– A menina Wells não sabe? A autoridade do bairro sou *eu*. A minha palavra é lei. Agora desapareça e nunca mais volte aqui.

Sumiu-se no seu gabinete.

Ela ficou a pairar no degrau de cima, desejosa de ir ao encontro dele, de lhe dizer o que realmente pensava, mas não era uma lutadora. Era uma pessoa que ajudava e solucionava problemas, que nunca discutia por causa de nada, razão pela qual a sua vida pessoal era uma tal desgraça.

Virou-se e continuou a descer as escadas.

– O que aconteceu à mobília do salão azul?

– Como assim?

Maggie fulminou a irmã, Pamela, com o olhar e, pela maneira como esta desviou o seu, era evidente que estava prestes a mentir. Pamela era dois anos mais velha do que Maggie e aos vinte e sete anos não era melhor a mentir do que em menina.

– Temos estado a redecorar – afirmou Pamela.

– Redecorar?

– Tenho a certeza de que já ouviste a expressão, Magdalena. É quando avivamos o décor.

– Que engraçadinha.

Estavam na sala de entrada em Cliffside, a bela mansão de campo que estava na família havia dois séculos. Era uma noite de junho encantadora e a casa estava cheia de convidados. Na sua maioria, eram vizinhos, mas também havia pessoas que tinham viajado desde Londres.

Rebecca, a outra irmã, acabava de fazer vinte e dois anos e ela e Pamela tinham preparado uma festa de uma semana lá em casa para festejar o aniversário. Em circunstâncias normais, Maggie teria preferido ir ao barbeiro arrancar um dente do que ir de visita a Cliffside, mas, por mais que se tentasse distanciar, não o conseguia inteiramente. Cliffside era a sua casa e Rebecca e Pamela a única família que tinha no mundo.

– No outro dia fui ao banco – disse ela.

– Que bom – respondeu Pamela, sem prestar de facto atenção.

– Fiquei a saber uma coisa estranhíssima.

– O quê?

– A minha remuneração mensal não chegou. Imagino que não saibas nada sobre o assunto.

Maggie tivera em tempos um bom dote, mas não se casara e o dinheiro continuava parado num fundo. Devido ao que acontecera a Pamela – ao que o pai delas permitira que acontecesse –, o pai deixara Maggie usar os juros como mesada.

Ao longo dos sete anos vividos em Londres, tivera fundos para sobreviver aos momentos mais difíceis da missão. Mas de repente deixou de haver dinheiro. Queria acreditar que se tratasse de um engano, mas desconfiava que a verdade era muito mais sombria.

Aos dezassete anos conhecera Gaylord Farrow, um elegante velhaco que a cortejara e encantara até ela se apaixonar perdidamente. Pedira-a em casamento muito depressa e ela aceitara sem hesitar, sendo que o pai – que também se deixara encantar – concordara prontamente com a união.

No entanto, uma semana antes do casamento, tudo se desfez.

Pamela também se tinha apaixonado e Maggie nunca fora capaz de decidir se teria sido um caso de genuíno afeto por Gaylord ou se ela o fizera por ciúme e despeito por ela própria ainda não se ter casado.

Pamela e Gaylord tinham anunciado ao pai de Maggie que se tinham portado mal e Pamela ficou

desgraçada. Gaylord insistiu que se rompesse o seu compromisso com Maggie por força do sucedido. Pamela era a predileta do pai e, na qualidade de filha mais velha, tinha um dote muito maior do que Maggie.

Inicialmente, Maggie tentara dizer a si própria que Gaylord não podia ser rude ou ganancioso a ponto de desviar o foco de interesse para Pamela meramente por causa do tamanho do seu dote, mas, tendo em conta o desenrolar dos acontecimentos, Maggie tinha a certeza de que a questão havia sido a maior quantia de dinheiro. Também não calhava mal que Gaylord tivesse um ego enorme e Pamela fosse uma pessoa fraca, que o venerava de uma maneira que Maggie nunca teria feito.

Pamela era também demasiado tímida para bater o pé perante algum dos seus maus comportamentos – e tinham sido muitos.

O pai das raparigas, agora viúvo, fora um cavalheiro abastado que nunca tivera filhos varões. Gaylord tinha-o bajulado e gabado até o pobre homem cegar perante os defeitos de Gaylord. Mas não tinham todos?

Com a promessa de Gaylord de que cuidaria de Pamela, Maggie e Rebecca, o pai delas nomeara-o seu herdeiro, de modo que, depois da sua morte, seria Gaylord a herdar os seus bens. Mas, como descobriram mais tarde, Gaylord era um jogador pródigo, que rapidamente as empurrava para a ruína e elas estavam à sua mercê.

Teria Gaylord deitado a mão ao dote de Maggie? Tê-lo-ia gasto? Se o dote de Maggie tivesse desaparecido, como poderia continuar em Londres? Como manteria aberta a missão de beneficência?

Caso fosse obrigada a fechá-la, teria de regressar a Cliffside e a ideia de viver com Gaylord e Pamela não lhe era mais agradável do que tinha sido no dia do casamento em que Maggie ficara a ver o seu grande amor casar com a irmã enganadora e conivente.

– Não me respondeste – disse Maggie a Pamela.

– Diz lá de novo qual era pergunta.

– A minha mesada não foi depositada no banco este mês. O que aconteceu?

– Como hei de saber? Tens de perguntar ao Gaylord.

– Acredita que o vou fazer – retorquiu Maggie a deitar fumo, mas Pamela já se afastara elegantemente.

Quando ela estava a sair, Rebecca voltou-se. Ela e as duas irmãs eram da mesma altura e em tempos haviam tido a mesma figura, mas com o passar dos anos Pamela engordara substancialmente, ao passo que Rebecca continuava esguia e em forma. Todas tinham os olhos azuis do pai, mas Maggie tinha cabelo acobreado, enquanto o de Pamela e o de Rebecca era castanho, herdado da mãe, que morrera quando eram meninas.

– O que te disse a Pamela sobre o salão azul? – quis saber Rebecca.

– Diz que está a redecorá-lo.

Rebecca riu-se entredentes.

– São as dívidas de jogo do Gaylord. Anda a vender os nossos bens pela calada.

Maggie ficou horrorizada. As suas visitas a Cliffside eram sempre conflituosas, por isso chegara tarde à festa, já com ela iniciada. Estivera demasiado ocupada para reparar em mudanças.

– Ele anda a vender a nossa mobília? – Sentia-se perplexa e irada.

– Anda. Espera só até teres mais tempo para explorações. A maior parte das divisões do andar de cima está vazia.

– Oh, meu Deus! Porque não me escreveste?

– O que podias tu ter feito?

Era essa a questão há tanto tempo, não era? O que poderia qualquer uma delas ter feito?

Gaylord fora um jovem perfeitamente aceitável, de boas famílias, portanto, quando se insinuara junto delas, não havia motivo para cautelas. Seduzira-as levando-as a pensar que não podiam viver sem ele e acabara por ficar com tudo o que tinham.

Haveria no mundo outras três mulheres tão ingênuas como elas? Porque tinham confiado nele? Porque não tinham visto que ele era uma serpente?

– Se o Gaylord e a Pamela estão desesperados a ponto de vender a mobília – disse Maggie –, porque estão a dar esta festa de arromba?

– Sinceramente, Maggie. É o meu aniversário. O que podiam fazer? Ignorá-lo?

Rebecca olhou boquiaberta para Maggie, com uma expressão verdadeiramente perplexa perante a pergunta de Maggie. Nunca teria ocorrido a Rebecca que não tivessem dinheiro para uma festa.

Maggie podia ter começado um sermão acerca de finanças e orçamentos, mas de que serviria?

Tinham crescido num ambiente de prosperidade, haviam sido cuidadas e mimadas e a realidade não caíra sobre Rebecca. Maggie era a única que abandonara Cliffside, era a única que tivera de pagar contas, ou de pôr mais água na sopa para que durasse mais uns dias. Rebecca e Pamela ainda se julgavam ricas e não faziam a mínima ideia do que significava ser-se pobre.

O que seria delas? Se Gaylord as deixasse na miséria, para onde iriam?

Rebecca inclinou-se para a frente e murmurou:

– Sabes que mais?

Maggie estava quase aterrorizada ao perguntar:

– O quê?

– O homem a quem o Gaylord deve dinheiro? Vem cá amanhã.

Maggie deixou cair o queixo.

– Vão recebê-lo em nossa casa?

– Vão, *e* o Gaylord quer que eu encante esse idiota.

– Com que finalidade?

– O Gaylord acha que ele vai ficar pelo beicinho e querer casar comigo.

Rebecca riu-se e bateu as pestanas.

– Não é a coisa mais ridícula que já ouviste?

– Espera que tu cases com... esse jogador?

– Sim. Ao que parece, parte do princípio de que, se eu casar com ele, a dívida pode ser perdoada.

– O Gaylord quer prometer-te em casamento para saldar as dívidas?

– Acreditas numa coisa dessas? – Rebecca estava de novo a rir. – Como se eu levantasse um dedo para o ajudar.

Maggie olhou para o outro lado da sala, onde Gaylord regalava um grupo de vizinhos com uma das suas histórias humorísticas. Teria de ser uma qualquer graça grosseira que os fazia rir entredentes e murmurar que ele era divertidíssimo.

Gostava que os outros o vissem como uma pessoa inteligente, astuta e bem-sucedida, mas era apenas cruel e amoral.

Quando Maggie o conhecera, encontrava-se muitas vezes em grupos desses, desejosa de que ele reparasse nela. Tinha dezassete anos e ele era muito mais velho, com vinte e quatro. Parecera-lhe maduro e sofisticado e ela embeijara-se imprudentemente e de cabeça.

Com o seu cabelo loiro e os olhos azuis, continuava bonito, mas agora de uma maneira falaciosa e questionável. No seu quase metro e oitenta, fora em tempos um homem viril e em boa forma, mas, à semelhança de Pamela, medrara na dieta calórica de Cliffside e agora tinha uma pança.

Bem que ela gostaria de se dirigir a ele, beliscá-lo na barriga e ordenar-lhe que parasse de se regalar com a comida que lhes restava.

Num salão contíguo, as filhas de um vizinho tocaram umas cordas na espineta e no violino, uma indicação de que o baile ia começar.

Rebecca estava radiante de prazer.

– Vamos entrar, Maggie. Temos de agarrar os melhores pares antes que sejam todos tomados.

– Começa sem mim.

– Não sejas tola. De certeza que não danças há séculos.

– Estou cansada. Já me junto a vós, mais tarde.

– Prometes?

– Prometo.

Rebecca foi-se embora rodopiando e Maggie sentiu-se aliviada por a irmã não ter insistido. Rebecca era uma rapariga frívola, capaz de dançar a noite toda sem se preocupar por um segundo com o facto de estarem a dar uma festa que estava para além do seu orçamento.

Mas não eram aristocratas e não podiam ignorar as exigências de um credor. Quando as contas chegassem, quem pagaria? Gaylord, evidentemente, mas depois de ele vender toda a mobília, como seria?

De repente sentiu-se sufocar, mas a verdade é que se sentia sempre assim em Cliffside. Aquele lugar estava impregnado de tantas memórias negativas.

Depois de Gaylord a ter deixado, depois de ter posto Maggie de lado para se casar antes com Pamela, Maggie tivera de presenciar o casamento dos dois, de sofrer e inquietar-se enquanto eles partiam de lua de mel, de os receber de volta como recém-casados, de os ver abraçarem-se e aninharem-se um no outro como marido e mulher.

Nunca até então compreendera como uma pessoa podia ser levada a cometer homicídio, mas ocasiões houvera ao longo desses dolorosos meses em que desconfiou que, se tivesse uma pistola, os podia ter matado aos dois. Tal fora a sua humilhação.

O seu pai e outras pessoas diziam-lhe constantemente que devia ultrapassar a sua dor, que se devia sentir feliz pela irmã, para bem da família.

Era amiga do vigário Sterns e da sua mulher e eles eram os únicos que compreendiam a angústia de Maggie. Quando o vigário herdou algum dinheiro, os Sterns decidiram pôr em prática o seu sonho de se mudarem para Londres e começar a sua missão de salvamento. Convidaram Maggie para que os acompanhasse e, com um pouco de persuasão, o pai concordou. A generosidade deles permitira-lhe sair de Cliffside e ela nunca haveria de esquecer a dádiva daquele convite.

Saiu discretamente do salão e foi para a varanda, sorvendo o ar frio da noite enquanto descia as escadas para o jardim. Os caminhos bem jardinados estavam iluminados por candeias penduradas, a Lua erguia-se no céu e brilhava, permitindo-lhe ver bem o caminho. Dirigiu-se ao lago para descontrair no coreto a olhar para a água.

A cada passo seu, os sons da festa esvaneciam-se até ela deixar de ouvir a diversão. Chegou ao lago e estava a apreciar o sossego, mas, quando subiu ao coreto, franziu o sobrolho. Já havia um homem sentado no seu banco preferido e olhou para ela por cima do ombro.

– Olá – disse ele.

– Perdão – murmurou Maggie. – Não queria interromper.

– Não interrompeu. – Fez um gesto para o lugar vazio junto de si. – Há muito espaço, caso se queira juntar a mim.

Ela hesitou, provavelmente pensando que não era adequado sentar-se com um desconhecido no escuro, mas libertou-se das suas reservas. Quem iria reparar, ou querer saber? Além disso, devia ter sido convidado por Pamela, portanto, ficaria a conhecer um novo vizinho.

– Junto-me a si – disse ela. – Obrigada.

Quando ela se aproximou, ele levantou-se por cortesia para a cumprimentar. O luar iluminava-lhe as feições e ele reconheceu-a no preciso instante em que ela o reconheceu.

– O senhor!

– A senhora!

Exclamaram os dois ao mesmo tempo.

– O que está a fazer aqui? – perguntou Maggie a Michael Scott.

– Eu podia perguntar-lhe o mesmo.

– Eu moro aqui. Qual é a sua desculpa?

– Mora aqui? Ia jurar que morava naquela missão de beneficência miserável ao fundo da rua do meu clube.

– Habitualmente, sim, mas Cliffside é a minha casa. Foi aqui que cresci. Estou de visita.

– Então a Pamela Farrow é... o quê? Sua irmã?

– Sim.

– E o Gaylord?

– Meu cunhado.

– Ah...

Os seus espantosos olhos azuis percorreram-na devagar. Aquele escrutínio foi tão completo e sedutor que ela se encolheu e foi-lhe difícil resistir a cruzar os braços para bloquear aquela avaliação aguçada.

– Ainda não explicou o que o traz aqui – disse ela.

– Sou convidado.

– Do Gaylord ou da Pamela?

– De ambos, creio.

– Crê? – bufou de repulsa. – Não me diga que é amigo deles. Nunca vou acreditar nisso.

– Amigo não, não sou.

– Porque haveriam então de o convidar? Não pode ter vindo aqui com um objetivo inocente. Vai roubar-nos? Será melhor eu ir a correr para dentro esconder a prata?

Ele fez um sorriso aberto.

– Ainda têm prata?

– O que quer dizer com isso?

– Ouvi dizer que o Gaylord está com problemas financeiros. Não a vendeu já?

– Ouviu mal – mentiu ela com devoção. – As nossas finanças estão ótimas.

– Estão?

Ele fitou-a com uma expressão presunçosa e segura – como se conhecesse segredos que nunca haveria de revelar – e ela teve vontade de lhe arrancar o sorrisinho arrogante daquela linda cara.

– Não gosto da companhia neste coreto – queixou-se ela. – Vou voltar à festa.

Ela teria virado costas e ido embora, mas ele deteve-a dizendo:

– De que cor é o seu vestido?

– O meu vestido?

– Sim. É difícil dizer ao luar.

– Não me parece que seja da sua conta, mas é azul.

– Como os seus olhos – murmurou ele.

Ela fez uma careta, sem saber bem o que responder.

O tecido era exatamente da cor dos seus olhos e ela escolhera-o especificamente por fazer sobressair o efeito alegre. Tivera em tempos um guarda-roupa que muito a favorecia e claro que Rebecca tinha dúzias de vestidos e oferecia sempre a Maggie aqueles que já não queria. Havia, contudo, poucas ocasiões em Londres para usar roupa bonita, por isso Maggie dera a maior parte.

Era uma das alegrias de visitar Cliffside – a oportunidade de se mostrar com a linda roupa de Rebecca, de fingir que a sua vida não tinha sido destruída pelas circunstâncias. Mas não lhe ia admitir nada disso.

– É só... azul – disse entredentes. – Um tom que não tem nada a ver com os meus olhos nem com mais nada.

Podia ter-se ido embora como era sua intenção, mas ficou paralisada. Ele olhava-a e a prata do luar coloria-o em tons de branco e preto.

Ele usava novamente roupa bonita, mas desta vez não era informal. As peças eram adequadas a uma festa de campo, elegantes mas discretas, mostrando claramente, mas sem ser exibicionista, o seu estilo e riqueza.

Embora já se tivessem visto, a perspetiva que ela tinha de ele ser um ogre não mudara. Era um patife, um órfão que tinha crescido nas ruas de Londres. Onde se teria aprendido a vestir e como se comportar?

Podia estar no salão dos aristocratas mais pomposos e arrogantes e estaria bem inserido.

– Para onde está a olhar? – resmungou ela, enervada com a atenção dele.

– Para si.

– Porquê?

– Esta noite está muito bonita.

– Bem... obrigada, acho eu.

– Devia usar roupa bonita muito mais vezes.

– Não se adequam à minha vida e ao meu trabalho.

– Porque trabalha? Porque trabalha arduamente em Londres se a sua família detém esta grande propriedade?

Ela nunca confessaria o que se passara com Gaylord e Pamela. Nunca falara disso com ninguém. Não fazia sentido trazer aquilo tudo à baila e tinha a certeza de que se ele descobrisse a verdade a usaria em detrimento dela.

Maggie deu um passo para se ir embora, mas ele deteve-a colocando simplesmente a mão no pulso dela. A pele dele estava tão quente que era como se ela tivesse sido escaldada com água a ferver. Deu um salto para trás e ele soltou uma risadinha.

– Conte-me – disse ele baixinho.

– Conto-lhe o quê?

– O que a levou a Londres? Conte-me porque está lá sozinha em vez de estar aqui, onde qualquer rapariga inglesa decente devia estar.

Embora ela se tivesse desviado com um salto, ele estava muito perto. Ela sentia o aroma do sabonete com que ele se lavara, sentia uma leve sugestão do odor a cavalos e tabaco no tecido do casaco dele. Havia também um outro cheiro, masculino e agradável, que a atraiu e a fez querer esfregar-se nele como um gato satisfeito.

Ele emanava para ela uma estranha corrente de energia. Era elétrica e estimulante e animava-a como nunca nada antes.

Ele avultou-se junto dela e, embora ela provavelmente devesse receá-lo – estavam sequestrados no coreto e longe dos outros convidados –, não estava preocupada. Tal como no escritório dele em Londres, ela não sentiu perigo. Ele era claramente o tipo de homem que gostava de rosnar e de se pavonear, mas só atacava se fosse provocado, e ela não tinha qualquer intenção de o provocar.

No entanto, quando ele deu um passo na direção de Maggie, ela recuou. Deu outro, e ela também. Por fim, ela estava encostada a uma coluna e ele à sua frente, não exatamente a bloquear-lhe a saída, mas sem a deixar ir.

– Eu consigo tudo o que quero – disse ele –, portanto, se não confia em mim, vou insistir até que ceda.

– Porque parte logo do princípio de que fui levada a sair de Cliffside?

– E por que outra razão sairia?

– O senhor não sabe tudo, senhor Scott. Às vezes não há explicação. Às vezes um facto simplesmente é.

– Sei manter um segredo e sou bom ouvinte.

– Não tenho segredos e duvido que *ouvir* seja algo que faz bem.

– A menina Wells fere-me. Tem de descer desse seu pedestal.

– Vou ficar por aí até os criados contarem toda essa história triste. Não prefere contar-me a sua versão antes que eu a ouça deles?

– Os criados nunca diriam boatos acerca de mim – afirmou ela absurdamente.

– Se é isso que acha, então é mais tola do que eu imaginava.

– Imaginava-me tola? Não consigo perceber porque haveria sequer de pensar em mim.

– Parece que me deixou impressionado quando me visitou em Londres.

Ele mudou de posição e inclinou-se, tocando-lhe todo o corpo. O seu comportamento era grosseiro e abusador e ela devia tê-lo empurrado, mas, para seu eterno desgosto, não o fez.

Já tinha sido beijada algumas vezes – anos antes, por Gaylord – mas essas uniões tinham sido beijos fugazes, sem o envolvimento das mãos ou de outras partes do corpo. Nunca se tinha ligado intimamente a um homem.

O senhor Scott era largo, viril e todo ele masculino e a sua proximidade acelerou-lhe o pulso. Estava a sentir tantas sensações invulgares e tempestuosas que ficou tonta.

Era por isto que as mulheres desfaleciam? Era por isto que a sua temperatura se elevava e perdiam a razão? Seguramente que ela era feita de uma matéria mais austera.

Depois da traição hedionda de Gaylord, jurou que não queria mais homens. Nunca mais confiaria num homem, nem se deixaria atrair, nunca mais seria seduzida nem acreditaria em palavras doces, nunca mais iria... *gostar*.

Gaylord mostrara-lhe que ela tinha um coração muito terno, e nunca mais deixaria que lho

partissem. Porque se demorava ali no escuro e deixava que o senhor Scott a encostasse a uma coluna do coreto? Porque estava a gostar tanto? Porque se sentia esmagada por ele?

Não fazia ideia.

– Vou ficar aqui uma semana – disse ele.

Ela suspirou, exasperada. Todos os convidados ficavam uma semana? Como podia Pamela dar-se a esse luxo?

– Porque fica tanto tempo? – perguntou ela. – Não tem crimes para cometer em Londres?

– De momento não, mas tenho a certeza de que haverá imensos à minha espera no meu regresso.

– Tenho a certeza que sim.

Ele estendeu a mão e a reação inicial dela foi encolher-se, mas não o fez. Não mostraria fraqueza.

Uma madeixa de cabelo caíra-lhe da travessa e ele enrolou-a no dedo usando-o para a puxar mais para si. Tinha o rosto a poucos centímetros do dela e fitava-a tão intensamente que ela se perguntou se a iria beijar.

Ela não sabia porque é que essa ideia em particular lhe entrara na cabeça, mas estranhamente parecia conseguir ler os pensamentos dele. Estava mesmo a considerar se devia ou não beijá-la.

E se ele tentasse? E se fosse bem-sucedido?

Desconfiava que ele provavelmente seria muito hábil a beijar e, ao lembrar-se da rameira que vira no seu escritório, calculou que já tivesse beijado dezenas – não, centenas! – de mulheres.

– Convenci-me de que não gostava de si – disse ele. – É mandona e grosseira e acha-se mais esperta do que toda a gente. Detesto isso numa mulher.

– Se me continuar a elogiar dessa maneira, vou ficar presumida.

– Mas – e ergueu uma sobrancelha, exibindo uma expressão maliciosa, atraente e muitíssimo perigosa para o equilíbrio dela – pode ser que estivesse enganado.

– Em relação a quê? – A sua voz era ofegante, irregular e nem parecia sua.

– Em relação a si. Creio que vamos ser bons amigos.

– *Não* me parece.

– Sim, mas eu tenho sempre razão e consigo sempre o que quero. Lembra-se disso?

E com esse gracejo de despedida afastou-se e partiu. Ela ficou a vê-lo e só desviou o olhar quando ele desapareceu numa curva.

Ela queria chamá-lo, lançar-lhe um comentário incisivo, ter a última palavra, mas não conseguia pensar em nada suficientemente inteligente ou certo.

Foi a cambalear até ao banco onde ele estivera sentado e deixou-se cair nele. Tentou descontrair durante vários minutos, mas a essência dele permanecia ali como um objeto tangível e não havia trégua para ela.

Acabou por se levantar e regressar a casa, mas decidiu não voltar à festa.

Tinha a certeza de que se o fizesse haveria de o encontrar. Ele tinha o dom de a desassossegá-la, de a deixar desnorteada e a sentir-se jovem, tola e ridícula e nunca permitiria que um homem tivesse esse tipo de poder sobre si.

Esgueirou-se por uma porta lateral e subiu ao seu quarto pelas escadas dos criados.

– O que achas?

– Que se lixem todos.

– Sinto o mesmo.

Michael Scott sorriu ao seu amigo e sócio, Ramsey Scott.

Partilhavam o mesmo apelido, mas não eram parentes. O orfanato onde tinham vivido intermitentemente em pequenos pertencia a um homem chamado Scott, e ele deu o nome a todos os rapazes. Fora um estabelecimento repleto de pequenos Scotts.

Por vezes, as pessoas perguntavam se Michael e Ramsey eram irmãos, mas Michael nunca percebeu porquê. Não eram nada parecidos e não tinham nada em comum – além da habilidade para montarem esquemas e fazer imenso dinheiro. E Michael achava que podia em tempos ter tido um irmão, mas não era Ramsey.

Estavam na varanda em Cliffside, de ancas equilibradas na balaustrada a olhar para o salão. A música era levada para o exterior e os dançantes passeavam-se pelo espaço.

Gaylord Farrow estava a um canto, com a mulher, Pamela, a murmurar-lhe ao ouvido, de cabeças coladas. Fosse qual fosse o comentário, Gaylord respondeu baixinho mas com violência e Pamela afastou-se a deslizar.

Era óbvio que as coisas estavam tensas na casa de Farrow-Wells, com marido e mulher tão antagonizados que discutiam à frente dos convidados.

Michael pensou que devia estar a sofrer uma crise de consciência por causa do que aconteceria ao infeliz casal quando ele terminasse o seu assunto com eles, mas não se lembrava de alguma vez ter tido uma consciência. Se a tivera, perdera-a algures pelo caminho.

– Sem piedade? – perguntou Ramsey.

Michael bufou de desdém.

– O Gaylord Farrow é um idiota. Não merece piedade nenhuma.

– Quer apresentar-te à cunhada, Rebecca, para que a possas levar a dar um passeio de cavalo de manhã.

– É a morena esguia? A rapariga do aniversário?

– É.

– Não confraternizo com crianças.

Não era exatamente verdade. A sua provável noiva, Lady Felicia Gilroy, tinha dezoito anos.

– A Rebecca acaba de fazer vinte e dois anos – disse Ramsey.

– Comporta-se como se tivesse dez.

– Não parece ter dez anos. A mim parece-me crescida.

– Deixa-a em paz – acautelou Michael. – Não vou permitir que cries sarilhos antes de nos irmos embora.

– Queres dizer, para além de lhes retirar a casa, o terreno e tudo quanto possuem?

– Sim, para além disso.

Soltaram uma risadinha e depois ficaram em silêncio, a bebericar uísque. Era um momento de companheirismo e Michael recordou, como sempre fazia, que os seus melhores momentos eram quando estavam juntos, só os dois, sem assuntos que os distraíssem.

As primeiras memórias genuínas de Michael eram de Ramsey, mas antes do orfanato – muito antes – tinha havido uma noite caótica, um grande incêndio, multidões a correr e a gritar. Michael ficara na rua com gente aos gritos e a perguntar-lhe o nome, mas ele estava tão assustado que não conseguia responder.

E depois... um bom tempo mais tarde, era um rapaz mais velho e estava com Ramsey no orfanato.

Nunca sentiu que era lá que devia ter acabado, porque esporadicamente vinham à superfície outras memórias. Irmãos, talvez? Um pai? Lembrava-se de um homem robusto e jovial que costumava agarrá-lo e mandá-lo ao ar. Quem podia ter sido se não um pai?

Como estão os meus rapazes? Cresceste tanto na minha ausência! Estás um homem!

Os comentários antigos passavam-lhe pela cabeça e ele afastava-os.

Ouvia muitas vezes murmúrios e tinha visões que não faziam sentido. Por vezes, parecia ver com os olhos de outro homem e ler-lhe a mente. Outras vezes estavam juntos nos mesmos sonhos. Acontecia acordar sobressaltado de um sono profundo com a certeza de que lhe faltava um braço ou uma perna, que uma parte de si lhe fora arrancada enquanto dormia.

Por vezes, perguntava-se se haveria loucura no seu sangue.

Olhou de novo por cima do ombro, na esperança de ver a menina Wells regressar do coreto. O mais provável era estar em segurança. Afinal, encontravam-se numa propriedade rural no meio de nenhures e Cliffside era a sua casa. O que podia acontecer?

Mesmo assim, ele não se devia ter ido embora de junto dela. Se bem que com aquela sua personalidade espinhosa, que mal lhe poderia acontecer? Um qualquer bandido podia abordá-la com más intenções, mas seria empalado pela sua língua afiada e acabaria por se ir embora à procura de uma vítima mais fácil e mais sossegada.

– Mas para onde estás a olhar? – perguntou Ramsey.

– Lembras-te daquela harpia que foi ao clube na semana passada?

– A menina Magdalena Wells, da Missão de Salvamento do Vigário Sterns?

– Sim. É cunhada do Farrow.

Ramsey franziu o sobrolho.

– Qual é a probabilidade de uma coisa dessas acontecer?

– Cruzei-me com ela no jardim e deixei-a lá sozinha. Estou à espera que regresse.

– Mas que galante. Estava a refilar e a queixar-se?

– Pior do que nunca.

– Previsível.

– Fica mais bonita de vestido de cerimónia.

– E não ficaria qualquer rapariga?

Beberam mais um gole e tornaram a examinar os dançantes.

Após uma longa pausa, Ramsey disse:

– Se não estivesses a considerar aquele assunto de Lorde Stone com Lady Felicia, Gaylord não estaria a atirar a Rebecca para cima de ti.

– O que queres dizer com isso?

– Espalhou-se o boato de que o teu peito vazio alberga um coração.

Michael bufou de desdém.

– Eu não tenho coração.

– Tu e eu sabemos isso, mas Lorde Stone tem andado a dizer às pessoas que te coagiu a fazer um acordo.

– Deixa-o. O que me importa isso?

Lorde Stone era o pai de Felicia. As suas propriedades pertenciam-lhe por título, de modo que não podia apostar as suas casas e terras, mas podia apostar tudo o resto. E fizera-o. A Michael. Os bens de Lorde Stone incluíam uma plantação de cana-de-açúcar na Jamaica, navios que iam e vinham da América, uma mina de ouro em África e outra de carvão na Cornualha.

Michael podia dar uma parte em troca da mão de Felicia em casamento, mas ele não conseguia decidir o que pensar da proposta. Seria divertido casar com alguém da aristocracia. Por alguma razão, sentia que o seu lugar era junto de tal elevada companhia e era bem feito para Lorde Stone por ser tão grande idiota.

Michael nunca tivera contudo intenção de casar, se bem que no seu íntimo desejasse ter um lar e uma família. Era uma dor que muito se assemelhava à sensação de ter perdido um membro do seu corpo. Parecia que em tempos podia ter tido uma vida estável e feliz, mas que se lhe escapara por entre os dedos quando ele não estava a olhar.

Adorava arruinar idiotas ricos, levar-lhes o que tinham, obrigá-los a pagar. Ignorava os homens amáveis ou cortesões, mas se o homem em questão fosse arrogante e insuportável, era melhor olhar para Michael por cima do ombro.

Lady Felicia não fora informada dos problemas fiscais do pai, mas se Michael aceitasse a oferta de Lorde Stone, este iria ordenar-lhe que casasse com Michael e ela era uma filha obediente. Provavelmente, lidaria bem com a questão e, se não lidasse, Lorde Stone era o tipo de homem que lhe arrancaria o consentimento com uma tarefa, por isso Michael esperava que ela não fosse demasiado obstinada.

Ele tinha-lhe sido apresentado e ela mostrara-se cordial e polida, mas não havia forma de dizer como reagiria se fosse informada de que Michael seria seu marido. O mais provável era ela passar todas as noites a chorar na almofada, pois partira do princípio que o pai lhe arranjaría um excelente pretendente, que teria como marido algum pateta de elevada classe. Mas o pai era um desgraçado irresponsável, portanto, podia ter de acabar antes com Michael.

Aquele bárbaro estava no portão!

Ele fez uma careta, deleitando-se com a visão dos jantares de família a que fora. A sua presença à mesa de Lorde e Lady Stone não tardaria a despachar Lady Stone para uma cama precoce e essa ideia dava a Michael mais vontade ainda de avançar.

– Gaylord é um imbecil – disse Ramsey.

– Maior imbecil nunca vi – concordou Michael.

– Não me admirava nada que te oferecesse a castidade de Rebecca se isso te convencesse a cancelar umas quantas dívidas.

– Ela a mim parece-me muitíssimo coquete. Porque achas que ainda terá castidade que ele possa oferecer?

Ramsey soltou um riso cáustico.

– Ah, um golpe baixo.

Gaylord Farrow já tinha perdido tudo para Michael. Fora um processo moroso, as suas dívidas tinham-se acumulado em anos recentes e ele enterrara-se num poço fundo de onde nunca conseguiu sair. Com um adversário tão repulsivo como Farrow, Michael não teria permitido que Farrow lhe levasse a melhor. Ele ganhava de forma justa e limpa ou então fazia batota.

O detestável senhor Farrow não tivera hipótese e só faltava negociar a transferência de posse. Michael não se importava de lhes dar um mês para saírem e as senhoras podiam ficar com a sua roupa, embora também ela lhe pertencesse.

Rebecca Wells aproveitou esse momento para se pavonear junto à janela na fila de dançarinos. Ramsey ficou totalmente alerta, como um cão de caça farejando a raposa.

– Vou entrar para dançar – disse ele.

– Tu detestas dançar – disse-lhe Michael.

– Mudei de ideias.

– Não te metas em sarilhos com ela de que eu depois tenha de te tirar.

– Há bocado piscou-me o olho por cima da mesa do bufê.

– Foi uma ilusão ótica.

– Não foi, não – insistiu Ramsey. – Algo me diz que ela não é melhor do que tem de ser.

Foi-se embora, deixando Michael sozinho em silêncio. Olhou para o jardim, alguém se aproximava num dos caminhos. Não tardou a ver que era a menina Wells, mas ela não o viu a espreitar da varanda.

Ela não regressou à festa, antes contornou a casa e desapareceu na sombra. Uma porta abriu-se e fechou-se e ele espreitou para a mansão. Não tardou muito que uma vela se acendesse num quarto do andar de cima.

Ele fitou-a, fitou os dançantes no salão e de novo a janela, e encolheu os ombros.

Mas que raio! Porque não fazer-lhe uma visita?

Ela ainda não lhe confidenciara porque estava em Londres, porque trabalhava na missão, e ele estava morto por conhecer a história toda. Desconfiava que teria muito a ver com Gaylord Farrow e, se assim fosse, os pormenores iriam acrescer às razões pelas quais Michael detestava aquele homem.

Pousou o uísque, afastou-se do corrimão e percorreu a varanda até localizar a porta que ela usara. Subiu as escadas e percorreu o corredor espreitando para os quadros até encontrar aquele que procurava.

Esgueirou-se para o interior e tardou um minuto, avaliando a decoração e tentando decifrar o que revelava sobre a menina Wells.

Era uma pequena suíte, com sala de estar seguida de um quarto de dormir. Sem dúvida que devia haver um quarto de vestir para além dele. Uma vela ardia no quarto, de modo que não havia muita luz, mas, mesmo assim, ele reparou que não havia objetos pessoais, não havia retratos de família na prateleira da lareira, nem bibelôs nas mesas.

A sala de estar tinha uma janela de correr que dava para uma varanda estreita. Ele via a menina Wells pelas cortinas transparentes, lá fora de pé a olhar para o céu. Para seu deleite, soltara o cabelo. Era de um tom acobreado invulgar e vibrante e as madeixas compridas caíam-lhe no colo num movimento ondulado.

Estaria a pedir um desejo a uma estrela? Se sim, o que pediria ela? Estava extremamente curioso com a resposta a essa pergunta, que definitivamente era interessante.

Nunca quisera saber muito de mulheres. Serviam apenas um objetivo, o das relações sexuais, e ele

de bom grado pagava pelos serviços prestados. Estava rodeado de rameiras, de modo que, quando estava para aí virado, nunca lhe faltava companhia sedutora.

Mas raramente pensava em mulheres, para além de alguma breve quebra. O seu mundo era um mundo de homens, de violência, traição e conflito. Era atacado por adversários, inimigos e rivais que adorariam vê-lo cair, ou até assassiná-lo se achassem que conseguiriam escapar incólumes.

Claro que se alguma vez viesse a ser assassinado, Ramsey ficaria a saber quem fizera mal a Michael e a sua vingança seria rápida e brutal. Tinha menos escrúpulos do que Michael e, enquanto este de vez em quando afrouxava e demonstrava piedade, com Ramsey havia apenas retaliação e vingança.

Por isso era estranho vê-lo pensar na menina Wells e sentia-se confuso quanto à forma como ela lhe captara a atenção. Sempre detestara o campo, com os seus caminhos sossegados, as casas bonitas e os jardins bem tratados. O mais provável era ele sentir-se simplesmente entediado até às lágrimas e com a esperança de que ela pudesse animar o que de outra forma seria uma noite muito aborrecida.

Fechou discretamente a porta e rodou a chave na fechadura. Para o caso de ela não acolher bem visitas, tirou a chave e guardou-a no bolso. Dirigiu-se depois à varanda em bicos de pés e deslizou por entre as cortinas.

– Olá, menina Wells – disse ele, mesmo atrás dela.

Ela não gritou alarmada, mas sobressaltou-se tão assustada que ele teve de lhe agarrar o braço para que não caísse do corrimão.

– O que está aqui a fazer? – exigiu ela saber quando conseguiu falar.

– Não faço ideia.

– Não pode ficar. – Apontou para a sala de estar. – Vá-se embora.

– Não.

Ela passou por ele e dirigiu-se à suíte batendo os pés, apressando-se para a porta e rodando a maçaneta.

– Roubou-me a chave? – perguntou a fumegar enquanto ele a seguia.

– Roubei.

– Devolva-ma.

– Não.

– Sim. Não. Sim. Não. Não sabe dizer mais nada?

– Não.

– Se não ma devolver imediatamente, eu grito. A sério. Estou a falar a sério.

– E acha que alguém a ouviria? E mesmo que ouvissem, quer que acorram em seu auxílio? Se fosse aqui encontrada fechada comigo, a sua reputação ficaria destruída.

Ela estava tão zangada que praticamente lhe saía fumo pelas orelhas. No entanto, e apesar do perigo, bateu com o punho na porta. Fez uma pausa, ficou à espera de ouvir passos e bateu de novo.

Repetiu o processo inúmeras vezes, mas toda a gente, incluindo os criados, estava lá em baixo na festa. Acabou por se virar, com punhais no olhar.

– Qual é o seu plano? – perguntou ela.

– Não tenho nenhum.

– Vai estuprar-me? É essa a sua intenção?

– Não vai ter essa sorte.

– Dê-me a minha chave – tornou ela a dizer. – Deixe-me ir embora.

Havia um decantador de vinho numa mesinha de canto. Ele ignorou-a e dirigiu-se a ele, tirando-lhe a rolha.

– Vamos sentar-nos junto do lume a beber um copo de vinho – sugeriu ele.

Ela fitou-o boquiaberta como se ele tivesse duas cabeças, depois disse qualquer coisa entredentes que parecia ser um insulto.

– Palavrões, menina Wells? – questionou ele em tom de brincadeira. – Uma pessoa com a sua profissão estelar de nobre benfeitora? Estou chocado, digo-lhe. Chocado!

– É um lunático.

– Sim, sempre fui. Pergunte a quem quiser.

– Não preciso que a minha opinião seja confirmada por outros. É demasiado óbvio.

Deixaram-se ficar ali, ela fulminante, ele sorridente. Não lhe tinha ele dito que conseguia sempre o que queria? Ela era muito teimosa, parecia que demoraria algum tempo a aceitar a realidade.

– Muito bem – murmurou ela por fim. – Seja um parvalhão. Veja se eu me importo.

Passou por ele a deslizar e regressou à varanda e ele irritou-se com aquela insolência.

Ninguém se permitia desrespeitá-lo. Ninguém se atrevia. Ele ocupava demasiado espaço e, fosse onde fosse que estivesse, os seus desejos e ordens eram lei.

Ele não sabia de onde lhe vinha aquela arrogância imperiosa, mas calculava que a herdara do pai, de quem não se lembrava. De que outra forma podia explicar a sua teimosia e características de domínio?

Seguiu-a até à varanda. Ela fitava novamente as estrelas e ele aproximou-se muito, prendendo-a no círculo dos seus braços.

Encostou o nariz ao cabelo dela e reconheceu que estava a ser incrivelmente grosseiro – na verdade, ele tinha algumas maneiras e sabia manifestá-las.

– Pare com isso – disse ela.

– Não. Gosto do seu cheiro.

Ela deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

– Vá-se embora.

– Não quero.

– Bom, mas *eu* quero.

– E depois? Nunca dou ouvidos às mulheres.

– Não podia começar agora? Por mim?

Ele soltou um risinho e ela olhou-o por cima do ombro, e nesse momento ocorreu-lhe que ela era extraordinariamente bonita. Quando entrara de rompante no escritório dele em Londres, estava enfiada no vestido cinzento mortiço, de modo que ele não reparou em muita coisa nela para além da língua afiada.

Lá fora, no coreto, elogiara-lhe o vestido, mas estava escuro e ele ainda não se apercebera de que ela era ruiva.

Não pensara que gostava de cabelos ruivos. A ter escolha, preferia rameiras loiras, persuadido pela crença generalizada de que as ruivas tinham mau feitio e a atitude cáustica da menina Wells parecia comprovar a regra.

Tinha uns olhos azuis enormes, que brilhavam ao luar, e nesse instante davam-lhe todos os indícios de se sentir extremamente perturbada.

Meu Deus, aquilo que ele estava a ver eram lágrimas?

– Está a chorar? – perguntou num tom quase acusatório.

– Não.

Mas passou uma mão furtiva pela face e ele franziu o sobrolho e examinou-a de perto.

– Está sim! Está a chorar.

– E se estiver? Estou nos meus aposentos, e encontrava-me sozinha, na minha vida, até aqui entrar.

Posso chorar, se assim o desejar.

– O que se passa?

– Nada.

– Está para aqui num pranto e...

– Eu não estou num pranto.

– Pare.

– Paro com o quê? Com o choro?

– Sim. Não suporto histerismos femininos.

– Pobre coitado! Escusa de ficar aqui a suportá-los.

Virou-se e enfrentou-o; de súbito, a parte da frente do corpo dele estava colada à dela e ele deleitou-se ao dar-se conta de que, apesar da sua figura esguia, era muito bem feita. Sentia-lhe os seios, o ventre liso, o monte de vénus esmagado contra o seu falo.

Não era de espantar que o seu sexo se tivesse empertigado, alerta. Era evidente que se sentia atraído por ela, mas a verdade era que se sentia atraído por qualquer mulher que passasse por ele. Não ia atribuir significado àquilo, não lhe daria mais importância do que merecia.

Mesmo assim, ficou desconcertado com o fluxo de alegria que o perpassou. Estava tão contente, tão satisfeito. Havia uma corrente de energia que fluía dele para ela e era eletrizante. Fazia-o sentir-se grandioso e onipotente – bem, ele sentia-se sempre onipotente, mas essa impressão nunca tinha sido provocada por uma mulher.

– O que se passa? – perguntou mais delicadamente.

– Estou triste, seu palerma.

– Porquê?

– Porque a vida é dura e às vezes sinto-me cansada.

Fitou-a, estonteado com as emoções discrepantes que cresciam dentro de si. Era invadido pelos instintos mais estranhos. Queria estimar, guardar e proteger como nunca antes.

Os sentimentos eram tão fortes e arrebatadores que podia estar enfeitiçado. Se fosse um homem supersticioso, teria saído dali apressado para ir ao encontro de alguma sábia e trazer um amuleto para afastar os espíritos maus.

Mas ele não era supersticioso e não fazia ideia do que fazer com a sensação que ela lhe produzia. Era bizarro, extraordinário, e deu por si a pensar que gostaria de se demorar na companhia dela durante horas simplesmente para poder continuar a ser bombardeado pela agitação que ela provocava.

– Porque vive em Londres? – perguntou ele. – Diga-me a verdade.

– Fui para lá há muitos anos, quando tinha dezassete.

– Porquê? – tornou ele a perguntar.

– O vigário Sterns era o pastor da nossa vila. Ele e a mulher convidaram-me para os acompanhar quando criaram a missão.

– Os seus pais deram-lhe autorização para os acompanhar?

– O meu pai deu. A minha mãe morreu quando eu era pequena.

– O seu pai, e ele não se importou? Não quis saber?

– Eu implorei-lhe.

– Não consigo imaginar que tenha uma vontade imensa de viver na pobreza e servir os pobres. O que aconteceu?

A noite parecia convidar a confissões e ele julgou que ela confiaria nele, mas ela abanou a cabeça.

– Não importa. Depois de passado este tempo todo.

– A mim importa.

– Não imagino porquê.

– Também não tenho a certeza, mas por alguma razão bizarra, estou morto por conhecê-la melhor.

– Se o senhor morrer, será de tédio depois de ouvir a história da minha vida.

– Duvido.

Fitaram-se, os olhos azuis dela inquisitivos, sondando, enquanto tentava compreendê-lo. Geralmente, ele protegia-se de avaliações assim tão intensas, mas desta vez deixou-a olhar, deixou-a ver.

Apesar da sua riqueza, da pompa e do poder, era um homem muito solitário, um órfão sem família, sem passado e que tinha como único amigo o violento e fiel Ramsey.

Aparentemente, ela via nele algo que fazia a diferença, porque disse:

– Estive noiva.

– O que aconteceu ao seu noivo?

– Casou com a minha irmã.

Michael reprimiu uma exclamação.

– Gaylord Farrow foi seu noivo? Casou com a sua irmã depois de terem estado comprometidos?

– Sim, por isso quando tive a oportunidade de partir com o vigário Sterns, agarrei-a. É humilhante admitir agora que Gaylord me partiu o coração, mas devo dizer em minha defesa que só tinha dezassete anos. Não sabia muito.

– Eu conheço o senhor Farrow – afirmou, cauteloso. – Já fizemos muitos negócios.

– Então está ciente de que ele... bem...

Interrompeu o seu discurso, relutante por lavar a roupa suja de Farrow, e ele disse:

– Muito estranho.

E ela acrescentou, com amargura:

– Um sujeito estranho e imprudente.

Michael sabia o que ela queria dizer, mas perguntou:

– Em que sentido?

– Tem um terrível vício de jogo. Não consegue controlá-lo.

– Já ouvi dizer.

– Estamos num imbróglio por causa das suas apostas.

Michael anuiu, sem a mínima sugestão de que conhecia os factos.

Era evidente que a irmã dela e o cunhado não tinham partilhado pormenores acerca da queda de Farrow e Michael não achava que devia ser *ele* a esclarecê-la. Ela iria descobrir em breve e ele tinha a certeza de que o culparia, o acusaria de se aproveitar, de ficar com o que não lhe pertencia.

Ficava sempre com as culpas. Com todos os homens que se arruinaram com Michael, nunca conheceu um único membro da família que culpasse um pai ou um irmão. Todos tinham a certeza de

que, se Michael não tivesse aparecido, não haveria um final horrendo.

– Em que espécie de imbróglio se encontram? – perguntou.

Ela fez uma pausa e obrigou-se a sorrir.

– Ah, estou para aqui a tagarelar. Não é nada, realmente. Já estivemos em situações difíceis antes e conseguimos superá-las. E vamos ultrapassar esta também.

O seu comentário revelava que lhe tinha sido dito pouco sobre a crise iminente. Felizmente, tinha um lugar onde viver, na missão de beneficência em Londres. Ele perguntou-se para onde iriam Gaylord, Pamela e Rebecca. Não os imaginava a irem viver com a menina Wells e a viverem no bairro esquelético de Michael.

Ele achava que não tinha uma consciência, mas uma faísca dela ganhou vida e sentiu-se mal com o que viria a acontecer. Não pelo que aconteceria à família dela, mas pelo impacto que isso teria sobre *ela*. Maggie tinha um coração bondoso, como era evidente pela sua escolha de profissão e pelo contacto que mantinha com a irmã que lhe roubara o noivo.

Ficaria apoucada. Sofreria. Consideraria Michael responsável pela situação e, embora nem parecesse coisa dele, detestava pensar que ela o teria em fraca conta.

Antes que ele se pudesse deter, antes que pudesse reconsiderar, inclinou-se e beijou-a. Não fora sua intenção, não o planeara. Pelo menos, partia do princípio de que não o planeara. Mas ela parecia tão destrozada. O que podia um homem fazer?

Os seus lábios tocaram os dela, muito ao de leve, tão docemente, e por um breve instante ela permitiu aquele abraço, depois soltou-se.

– Não quero isto de si – protestou ela, mas sem grande agitação.

– *Chhh* – murmurou ele.

– Se me comportei de uma maneira que o levou a pensar...

– *Chhh* – repetiu ele.

Ela ergueu os olhos para ele, com um ar tão desamparado, exausto e tão, tão encantador. Aqueles instintos masculinos para acolher, para proteger, floresceram de novo e ele não os conseguia impedir.

Passou um braço pela cintura dela e puxou-a mais para si, para a poder beijar melhor. Beijou-a como se ela fosse a última mulher à face da Terra, como se ele próprio estivesse à beira do último suspiro e nunca mais viesse a beijar ninguém.

Não sabia durante quanto tempo continuou assim. Não passou as mãos pelo corpo dela, não a apertou, nem apalpou, nem investiu sobre ela. Limitou-se a saborear a sua boca deliciosa, deixando que a ligação entre os seus corpos fosse o bálsamo calmante que não se apercebera que lhe faltava.

Quando decidiu por fim parar, bastante tempo passara. Ela não o repreendeu nem se afastou dele, o que ele considerou ser um bom sinal. Maggie sentia os joelhos a fraquejar e ele sofreu com a forte sensação de que, se a libertasse, ela deslizaria até ao chão.

O momento estava carregado de uma emoção muda. Ele tinha mil e um comentários na ponta da língua. Por razões inexplicáveis, queria libertar-se de um fardo, queria falar-lhe dos sonhos que o assombravam e das suas estranhas visões, mas só falava do passado com Ramsey e, mesmo assim, em raras ocasiões.

O mais chocante era que queria pedir-lhe coisas que nunca receberia dela e que ela nunca lhe daria. Ansiava por tê-la, por ficar com ela e essas ideias pungentes eram tão peculiares que se sentiu novamente enfeitiçado.

No seu mundo duro e turbulento, nunca se comprometia. Era mentiroso e fraudulento e nunca dava a

sua palavra nem fazia promessas, porque nunca as cumpria.

Ela quebrou o encanto que o envenenava. Exibindo um sorriso ocioso, disse:

– Não foi mau.

Ele bufou, divertido.

– Mas que grande elogio.

– É diferente do que eu pensei.

Não sou, não!

– O que foi que pensou?

– Imaginei-o um ogre a espreitar debaixo de pontes e a comer os transeuntes.

– Às vezes posso ser um ogre... quando me enervo.

– Mas não é assim lá no fundo.

– Tem a certeza disso?

– Gosta de ser fanfarrão e presumido. Gosta que as pessoas o considerem durão e cruel.

– Eu *sou* durão e cruel.

– Talvez seja às vezes, mas não é realmente assim.

Disse aquilo com tanta convicção, como se conhecesse factos acerca dele que não podia conhecer, como se fossem amigos há uma dúzia de anos e ela lhe tivesse desvendado todos os seus segredos.

Enganava-se tolamente, claro está. Ele não tinha quaisquer tendências galantes e todas as histórias horríveis que ouvira sobre ele eram verdadeiras. Mas ele gostava de imaginar ser o homem que ela acreditava que fosse. Seria intrigante fingir.

– É melhor ir-se embora – disse ela.

– Imagino que sim.

Ela entrelaçou os dedos nos dele e conduziu-o à porta. Foi uma bela experiência para ele, como se ela fosse a sua namorada de juventude e se tivessem escapado da pessoa que a acompanhava. Seguiu-a docilmente como se fosse um cãozinho de estimação.

Ela parou junto à porta.

– Dê-me a chave – disse-lhe.

Ele ainda pensou em recusar, em exigir guardá-la para a poder visitar de novo, mas continuava sem perceber por que razão ela o provocava de forma tão estranha e não queria alimentar uma relação. Não fazia sentido e nos dias e semanas que se seguissem ela teria razões bastantes para o odiar.

Entregou-lhe a chave, que ela enfiou na fechadura e rodou. Abriu uma nesga da porta e espreitou para se assegurar que não vinha lá ninguém.

– Não se atreva a contar a ninguém que estive aqui comigo – disse ela.

– Pode ser que conte.

Ela estudou-o, depois troçou:

– Mentiroso. Nunca faria uma coisa dessas.

Também ele a estudou e depois abriu um sorriso.

– Não, eu nunca faria uma coisa dessas.

– Boa noite, senhor Scott.

– Boa noite, menina Wells.

Ele inclinou-se e roubou-lhe um beijo rápido, depois saiu, cheio de confiança.

Na opinião de Rebecca, os homens eram criaturas burras. Já namoriscara o bastante para o saber.

Durante o seu último ano de escola, tinha dezasseis anos, ela e as colegas falavam constantemente sobre o tipo exato de maridos e casamentos que tencionavam ter.

A maioria tinha regressado a casa para desfrutar dos rituais de corte que fariam delas noivas. A maioria fora bem-sucedida. Ela era a única que permanecia na fileira das solteiras e, se não acontecesse alguma coisa rapidamente, passaria para a fileira das solteironas.

Depois de uma prolongada dose de caos – a morte do pai, a herança de Gaylord –, o dote de Rebecca sumira-se e todos os pretendentes do reino ficaram a sabê-lo.

No início, não percebera porque não recebia propostas. Dera muitas indicações de que estava disponível, mas o seu comportamento sugestivo não suscitara o mínimo interesse.

Uma amiga da escola esclarecera-a ao referir que era muito triste Gaylord ter esbanjado o dote dela. Até então, Rebecca não se dera conta de que havia um problema.

Ainda assim, estava decidida a arranjar um marido e, caso não conseguisse, não era orgulhosa de mais para arranjar um outro tipo de compromisso. Faria qualquer coisa – literalmente *qualquer coisa* – para fugir de Gaylord e de Cliffside.

Estavam em queda livre e, quando Pamela e Gaylord se estatelassem no chão, Rebecca recusava-se a cair com eles.

Encontrava-se junto à janela de correr que dava para a varanda. A última peça musical terminara nesse momento, a sala estava apinhada e ninguém lhe prestava atenção.

Ramsey Scott olhou para ela de relance e ela piscou-lhe o olho à espera de uma reação. Quando teve a certeza de que ele percebera a mensagem, saiu e apressou-se para o jardim, parando debaixo de uma candeia para ele ser obrigado a vê-la.

Quando ele apareceu na varanda, mal se conseguiu conter para não lhe acenar. Ramsey começou a dirigir-se para junto dela e ela também começou a andar, contornando uma esquina para não poder ser vista a partir de casa. Não que alguém se importasse.

Os vizinhos ignoraram-na. Era a irmã solteira, a irmã esquecida cujo futuro tinha sido destruído por Gaylord. Mas Pamela podia queixar-se do seu mau comportamento. Pamela vivia numa fantasia em que fingia que a vida deles continuava na mesma, que continuavam a ser ricos e respeitados e Rebecca tinha uma reputação a proteger.

Ramsey Scott era o primeiro homem solteiro que Rebecca conhecia desde há muito tempo e estava muitíssimo intrigada com ele. Era grande, alto e belo. Vestido de negro, transmitia uma sensação de perigo e ameaça e, quando se passeava num salão, as pessoas saíam da sua frente, franzindo o sobrolho à sua passagem.

Nunca conhecera um homem que exercesse um efeito assim e queria saber tudo acerca dele. Porque não era casado? Tendo em conta as suas vestes e os seus modos, calculou que fosse abastado. Gaylord tinha muitos amigos ricos em Londres. Seria Ramsey Scott um deles?

Se fosse esse o caso, poderia estar no mercado à procura de uma esposa muito bela e muito obsequiosa? Se não estivesse no mercado, não havia lei que a impedisse de tentar fazê-lo mudar de ideias.

Ouviu as botas dele esmagarem a gravilha e, bem depressa, ali estava ele. Avultou-se junto dela, com um ar sombrio, misterioso e letal e ela sentiu um formigueiro na barriga.

– Tem-me perseguido a noite toda, menina Wells – disse ele – e parece que me apanhou. Agora que consegui, o que me vai fazer?

– Tenho algumas ideias boas – respondeu ela, com uma expressão atrevida.

– Aposto que sim.

– Vamos passear junto do lago.

– Odeio passear.

– De que gosta?

Ele espreitou por cima do ombro para se assegurar de que não havia nenhum convidado atrás de si no caminho. Depois virou-se de novo para ela.

– Venha cá que eu mostro-lhe.

Quando ela o atraiu com aquela piscadela de olho, partiu do princípio de que iriam conversar, namoriscar e que acabaria por deixá-lo roubar-lhe um ou dois beijos. Assim se tinham comportado os seus outros pretendentes ofegantes – antes de ficarem a saber que ela estava falida.

Mas havia nele um ar de autoridade e maturidade que lhe disse que ela podia ter ido para fora de pé.

Ele não era o tipo de homem que passeia de mãos dadas ao luar. Não era do tipo que corteja e admira. Não, ele investia, conseguia o que queria e a mulher tinha muito pouco a dizer em relação àquilo que acontecia.

Provavelmente tinha sido um erro atraí-lo para o exterior, e ela devia tê-lo afastado para se apressar a regressar a casa, mas não se lembrava da última vez que um homem olhara para si.

E se ela se portasse mal com ele? Não que as ações ilícitas importassem. Passava os dias a vaguear pela mansão cada vez mais despida, sentindo-se invisível. Acaso não merecia ter uma aventura?

Inclinou-se para a frente, ignorando o pulso acelerado e fingindo que estava acostumada a seduzir desconhecidos. Em resposta, ele passou-lhe um braço pela cintura e puxou-a para si, ficando os seus corpos esmagados um contra o outro do peito aos pés.

– O que quer de mim? – perguntou ele.

– Ainda não decidi.

– Bom, eu julgo saber e tenho a certeza de que se lho der vai morrer de choque.

– Não sou uma criança – bufou ela.

– Mas é uma tenra donzela? É uma rosa inglesa fresca cujas pétalas aguardam por ser arrancadas?

Ela franziu o sobrolho.

– Faz com que um carácter virtuoso pareça uma coisa má.

– Detesto raparigas inocentes. Será acaso uma? Diga-mo já, para que eu saiba se vale a pena.

– Tem-se em muito elevada conta.

– É tudo merecido, e não respondeu à minha pergunta.

– Que pergunta foi essa?

– Não é uma menina. Ainda é donzela? Já algum homem a ensinou a ser mulher ou anda por aí à

pesca?

Ela nunca ouvira comentários tão escandalosos serem verbalizados e ficou atordoada.

– É de Londres, não é? – perguntou ela.

– Sou.

– É assim que os cavalheiros falam com as senhoras na cidade?

– Não sou um cavalheiro e estou a tentar perceber se é uma senhora.

– Eu sou uma senhora.

– Mas é donzela? Confesse a sua condição e acabe com a minha angústia.

Ele levou um dedo ao queixo dela e fê-lo descer até ao pescoço, ao colo, detendo-se no ponto em que o corpete do vestido fazia um pequeno decote. Por um momento louco e selvagem, ela achou que ele lhe ia enfiar a mão por baixo do tecido de forma a tocar-lhe no seio e ficou perfeitamente imóvel, ciente de que devia afastar-lhe a mão, mas, se o fizesse, ele nunca mais tornaria a segui-la até um jardim escuro.

– Pode ser que seja donzela, pode ser que não – disparou ela.

Ele bufou com desdém e recuou.

– Disse-me tudo o que havia a dizer sobre si.

– Isso é impossível.

– É pura como a neve.

– E então? Talvez eu gostasse que fosse você a... a...

As discussões impudicas eram algo que estava fora do seu alcance e não conseguiu terminar a frase. Concluiu-a ele por ela.

– A quê? A desbravar terreno? A lavrar o jardim? A plantar umas sementes?

– Ah...

– Ouça, é muito bonita e evidentemente precisa de um homem entre as pernas.

Ela carregou o sobrolho.

– Não faço ideia do que isso significa.

– E é por isso que não tenho energia para me meter consigo.

– Meter-se comigo! Como se eu lho permitisse.

– Confie em mim, minha querida, bastava eu estalar os dedos para que viesse a correr. Já devia ter sido atirada à cama há anos. Pela maneira como bamboleia essas ancas, fico espantado por nenhum homem ter tratado do assunto.

– Fala por enigmas.

– Pois é e se tivesse tido uma única experiência válida na vida, saberia do que estou a falar. Não teria de lho explicar, nem a menina teria de tentar adivinhar.

– Então não me faça adivinhar. Diga-o claramente.

Ele inclinou-se para a frente e murmurou:

– As virgens aborrecem-me. Gosto de rameiras que aprenderam na cama, portanto, não imagino como me poderia seduzir. Pode?

Havia uma expressão provocadora no seu olhar, quase como se a desafiasse a entregar-se à secreta conduta sexual de maridos e mulheres. Por vezes também pessoas solteiras se entregavam a essa conduta, mas ela tinha apenas umas ideias vagas do que poderiam ser tais atos. Ainda assim, reconheceu que ele a provocava, sugerindo-lhe que se desgraçasse.

Mas que palerma vaidoso! Tinham dançado duas vezes no salão e trocado umas palavras à mesa do

bufê. Era a única vez que ela estava a sós com ele.

Este tipo de conversa impudica seria normal entre adultos na cidade? Se ser coquete em Londres era isto, ainda bem que ficara em Cliffside. Os homens da cidade tê-la-iam comido viva, contudo, ela detestava que ele a visse como uma criança irritante.

Por isso vangloriou-se:

– Podia fazer aquilo que quer. Se me mostrasse, eu podia fazer.

– É precisamente esse o problema, menina. Há homens que gostam de ensinar e treinar raparigas.

Eu gosto de raparigas que já sabem.

– Oh!

– Além disso, se eu lhe tocasse com um dedo, o Michael decapitava-me.

– O Michael?

– O meu amigo, o senhor Scott.

– Julguei que eram irmãos.

– Não, somos amigos e eu trabalho para ele.

– Porque é que têm o mesmo apelido?

– É uma longa história.

Ela digeriu aquele comentário estranho e continuou:

– Porque haveria Michael Scott de lhe ordenar que se afastasse de mim? O que é o senhor?

Escravo dele? Tem de fazer o que ele diz?

– Não sou escravo dele, mas, sim, faço o que ele diz.

– E porquê?

– Porque... porque ele é o Michael *Scott*.

– E...?

– Quem não faria o que ele diz?

– Eu! Eu não faria. Exijo que tenhamos um caso e não quero saber o que o Michael Scott acha.

Era o comentário mais peculiar que ela alguma vez pronunciara. Exigia ter um caso? Entregar-se-ia àquele perigoso desconhecido de Londres?

Sem dúvida. Gaylord e Pamela enlouqueceram-na.

– Exige?

Ele riu-se perante a ridícula ingenuidade dela.

– Sim, eu insisto!

– Bom, minha querida, eis uma lição que aprendi nesta vida dura que nunca foi a sua.

– Qual é?

– Não podemos ter sempre aquilo que queremos e eu nunca desafiaria o Michael em nenhuma questão... especialmente com uma mulher.

Colocou a palma da mão no traseiro dela e empurrou-a para a varanda.

– Agora leve esse belo rabo lá para dentro – disse ele –, antes que se meta em grandes sarilhos.

Ela olhou-o furiosa, com mil e um comentários cáusticos desejosos de serem cuspidos. Ansiava por lhe chamar nomes feios, mas não lhe ocorria nenhum especialmente cortante.

Para sua eterna repulsa, começou a andar em direção à varanda, tal como ele lhe ordenara e, embora estivesse ansiosa por olhar para trás, para verificar se ele a observava, não lhe deu essa satisfação.

O que disse a Rebecca?

– Riu-se na minha cara.

Gaylord olhou furioso para Pamela como antes, como se todas as calamidades fossem culpa sua.

– Se não a consegue convencer – ameaçou Gaylord –, terei eu próprio de falar com ela.

– Não há necessidade de falar com ela. É minha irmã, eu consigo chamá-la à razão.

– Como vai fazer isso, Pamela?

– Vou explicar-lhe de novo o que está em jogo.

– É melhor, Pamela.

Gaylord agitou um punho como se lhe fosse bater, mas ela manteve-se firme. Nunca lhe tinha batido, mas muitas vezes explodia como se fosse fazê-lo e deixava-a exausta com a sua vaidade e o seu mau feitio. Antes de se casarem, ela imaginara que a relação deles seria só rosas e poesia. Nunca lhe passou pela cabeça que podia ser horrível.

Encontravam-se na suíte de Pamela, o sol da manhã brilhava na janela e acentuava o cabelo loiro de Gaylord, que agora escasseava, as linhas de preocupação que lhe delimitavam a boca, a pança. Fora em tempos belo e elegante, encantador e delicado, mas agora parecia simplesmente o preguiçoso falhado que ele de facto era.

Quando Pamela o conhecera, achou que ele seria o marido ideal, mas ela tinha então uma experiência muito limitada com homens e com o romance e culpou o pai por não ser mais sensato.

Os pais devem escolher um bom marido para as filhas. Porque não a avisara ele que devia ser cuidadosa? Porque não vira os sinais de perigo que Pamela estivera demasiado embeaçada para ver?

Se ao menos Magdalena não o tivesse querido tão desesperadamente! Se Maggie não estivesse tão determinada em tê-lo, Pamela não se teria importado, mas fora incendiada pelo interesse de Gaylord em Maggie.

Como Pamela era mais bonita e tinha um dote muito maior, não era justo que Maggie o tivesse palmado sem que Pamela tivesse sequer uma oportunidade. Assim, Pamela roubara-o a Maggie e nos anos transcorridos não sentira uma ponta de remorso por ter tomado aquilo que devia ter sido seu desde o princípio.

Tivera contudo outros remorsos. Arrependia-se de não ter sido mais astuta e de se ter amarrado a Gaylord. Arrependia-se de não se ter dado conta do que realmente ali tinha. De só se ter apercebido de como ele era de facto quando já era tarde de mais.

Mas nunca haveria de admitir o seu engano, nunca confessaria como era horrível nem como o achava ridículo, uma vez que nunca daria a Maggie o prazer da desgraça alheia.

Detestava o facto de Maggie não ter lutado por Gaylord, de ter deixado Pamela ficar com ele tão facilmente. Se Maggie tivesse demonstrado a mínima inquietação, o pai podia não ter entregado Gaylord a Pamela. Era um grande pecado para pousar aos pés de Maggie. Se esta tivesse exigido que o seu compromisso fosse honrado, Pamela nunca teria casado com ele.

Portanto... de uma maneira rebuscada, o terrível casamento de Pamela era culpa de Maggie e Pamela nunca lhe perdoaria por a ter colocado numa situação tão hedionda.

– A Rebecca não nos ajuda – disse Pamela – porque ela não gosta do Michael Scott.

– E o que tem isso a ver para o caso? – perguntou Gaylord.

– Se ela não *gosta* dele, nunca a haveremos de convencer a participar.

– Eu convenco-a com uma chibatada no traseiro.

Pamela revirou os olhos. Gaylord nunca achava que estava errado e, embora lhes tivesse destruído

a vida, nunca sentiu que *ele próprio* tivesse de remediar fosse o que fosse. Esperava que Pamela e Rebecca o fizessem.

Michael Scott, aquele homem sedento de sangue, estava em casa deles, acolhido no melhor quarto de hóspedes, e Pamela falara com ele várias vezes. Era um homem firme e resolutivo como Gaylord nunca sonharia sequer ser, exatamente do tipo que gostaria de humilhar Gaylord. O senhor Scott exsudava um orgulho rude.

Gaylord também tinha rude orgulho em abundância e devia ter reconhecido a mesma característica no outro. Mas Gaylord via-se como um ser perfeito e imaginava que todos os outros o viam assim também.

Partiu do princípio de que podiam atirar Rebecca para cima de Michael Scott, de que o célebre bandido ficaria embeijado e imploraria por casar com ela. Se Rebecca se tornasse sua noiva, Gaylord insistiria para que o senhor Scott se deixasse apiedar deles e cancelasse a dívida de Gaylord.

Na remota hipótese de tal resultar, Gaylord sacrificaria de bom grado Rebecca ao senhor Scott e Pamela não se opunha necessariamente à ideia. Pamela não tinha qualquer intenção de perder a sua casa e, se Rebecca se pudesse prostituir durante uns meses para os salvar a todos, porque não haveria de o fazer?

No entanto, Pamela não concordara inteiramente com o esquema de Gaylord, porque não parava de imaginar a raiva que Magdalena sentiria. Maggie era demasiado correta e decorosa, demasiado vertical moralmente. Escapara de Gaylord e Cliffside – mais um pecado para pousar aos pés de Maggie! – quando se mudara para Londres e por isso estava em segurança acontecesse o que acontecesse a Pamela.

Com Pamela numa situação tão delicada, não lhe parecia que devia ser recriminada por adotar medidas drásticas. Mesmo assim, hesitou, talvez fosse inútil debater a questão. Se Rebecca se recusasse...

– Se a Rebecca não nos ajudar – insistiu Gaylord –, sabe o que nos vai acontecer?

– Eu não sou néscia, Gaylord. Conheço muito bem as consequências.

– Conhece mesmo? O Michael Scott é um tirano sem coração.

Então talvez não devesse ter jogado com ele!

– Sim, sim, as descrições que dele fez são muito cruas.

– Não planeámos a nossa partida. Está a imaginar-se a fazer a mala e a pôr-se a caminho? Para onde, Pamela? Permita-me que lho pergunte!

Não tinham para onde ir. Maggie e Rebecca eram a sua única família e Gaylord tinha uma tia idosa que em tempos o adorara, mas que cortara relações com ele depois de ele a ter defraudado.

– Não sei para onde iremos – disse ela, a deitar fumo. – Já o admiti, tem mesmo de continuar com o sermão?

– O Michael Scott não nos dará um minuto que seja para tomarmos providências.

– E de quem é a culpa?

A expressão de Gaylord tornou-se tempestuosa.

– O que quer dizer com isso?

– Se me tivesse feito uma pequena advertência, eu podia ter escondido mais bens nossos. Mas não, teve de me deixar na ignorância até ao último momento.

Ela sabia que a dívida dele era enorme. No entanto, a verdadeira dimensão do dilema só lhe fora

revelada na semana anterior, altura em que ele anunciara descaradamente que tinham perdido todos os seus bens e Michael Scott vinha reclamá-los. Tudo aquilo era tão bizarro que nem parecia real.

O facto de Michael Scott se encontrar ali, de ter trazido funcionários para fazerem o inventário dos bens, ainda não fora bem interiorizado. Se a tivessem sacudido para lhe dizer que estava a ter um pesadelo, não teria ficado surpreendida.

– Culpa-me por ter tardado tanto a contar? – disse Gaylord bruscamente. – Como se atreve! Se quer culpar alguém, culpe o Michael Scott e o seu desgraçado clube. Culpe o Destino. Culpe a sua preciosa Rebecca por se recusar a cumprir as suas obrigações familiares! Mas não se atreva a culpar-me!

Virou-se e saiu disparado, o que foi um alívio menor.

Odiava discutir e geralmente não o fazia. Os criados eram demasiado bisbilhoteiros e ela não lhes queria alimentar ainda mais a fúria. Nenhum deles recebia o seu salário há meses e, quando Pamela passava por eles no corredor, reparava na sua expressão desdenhosa.

Bem que gostaria de lhes dar umas chibatadas. Quem lhe dera despedi-los a todos. Era de enlouquecer que eles se queixassem de ninharias. Ela continuava a dar-lhes de comer ou não? Continuava a dar-lhes uma cama para dormir e um teto para os abrigar da chuva. A ingratidão que demonstravam era irritante.

Ouviu-se alguém bater à porta e uma criada enfiou o nariz.

– O que foi? – rosnou Pamela.

– A sua irmã está a ir-se embora, senhora Farrow.

– A Magdalena está de partida?

– Sim, o mordomo achou que a senhora devia saber.

– Para onde vai?

– O mordomo diz que para Londres.

– Já?

Maggie devia ficar uma semana. Na noite anterior chegara tarde, já depois do início da festa, mal socializara e agora, logo na manhã seguinte, regressava à cidade? O que se passava com ela?

Pamela era a primeira a admitir que a sua relação com Maggie ficara um pouco tensa, mas, sinceramente, já se tinham passado sete anos desde o casamento. Maggie tinha de ultrapassar a questão e seguir em frente. Pamela fizera-o, sem dúvida.

A criada continuava ali e Pamela resmungou:

– Já desço. Está dispensada.

Não concebia porque tinha de se despedir. Afinal de contas, Maggie partia sem uma palavra para ela. Se Maggie queria amuar como um bebé, porque haveria isso de ser problema de Pamela?

No entanto, levantou-se e fez menção de sair; ao fazê-lo, aproximou-se de uma janela que dava para o jardim das traseiras. Maggie estava ali, de xaile e chapéu, levava a mala e dirigia-se aos estábulos.

Para espanto de Pamela, Michael Scott também lá estava e, enquanto Pamela os observava, surpreendeu-se ao perceber que eram amigos. *Muito* amigos.

Pamela não sabia que Maggie e o senhor Scott se conheciam e Maggie estava em casa havia apenas cerca de doze horas. Quando teriam tido oportunidade de se tornarem tão amigáveis?

Enquanto Pamela os espiava, o senhor Scott aproximou-se bastante, quase colando de maneira sugestiva o corpo ao de Maggie, que não dava sinais de estar incomodada com aquela ousadia.

Ele fez um qualquer comentário que desencadeou uma gargalhada em Maggie e abriu um sorriso de fazer parar o coração que teria deixado Pamela de joelhos a tremer caso ela fosse dada a esse tipo de reação. Mas não era.

O senhor Scott parecia muito embeijado e, embora fosse ridículo pensar uma coisa dessas, Pamela perguntou-se se ele iria beijar Maggie. Ali mesmo no jardim, onde todos podiam ver! Tratava-se de um desenrolar de acontecimentos inesperado.

Disse mais qualquer coisa e Maggie tornou a rir, depois pegou-lhe na mala e começaram a andar, sendo que o senhor Scott a acompanhou ao celeiro. Não tardou a que desaparecessem da sua vista e Pamela demorou-se no seu lugar, a ponderar no que tinha acabado de ver. Era evidente que o afeto desabrochava ali. Quem diria?

Depois de Maggie ter fracassado na sua tentativa de ficar com Gaylord, jurara que não queria mais romance e Pamela sempre partira do princípio de que a irmã viveria como uma amarga solteirona. Teria mudado de ideias?

Fosse o que fosse que estivesse a acontecer, a súbita mudança de atitude seria benéfica para Pamela.

Seguiu apressadamente para os seus aposentos, atravessou as divisões internas apressadamente e foi sair do outro lado, na suíte de Gaylord. Ele ainda lá estava, a deitar fumo por causa da discussão entre eles e cheio de pena de si próprio.

– Tenho uma ideia – disse Pamela.

– O que foi? E não me venha propor um plano estúpido. Esta manhã não estou com paciência para os seus disparates.

– Não são disparates.

– Então?

– Não temos de empurrar a Rebecca para o Michael Scott.

– E por que razão, na sua infinita sabedoria, decidiu isso?

– Porque eu tenho uma solução melhor e que será muito mais do gosto do senhor Scott.

– A sério? – desdenhou Gaylord.

– A sério. Deixe-me contar o que vi, depois me dirá como procederemos.

- Menina Wells, encontramos-nos de novo.
- Maggie fulminou Michael Scott com o olhar.
- Sempre que me viro, está aí. Anda a seguir-me?
- Absolutamente.
- Não tem nada melhor para fazer.
- Nem por isso.

Estavam no jardim, Maggie a caminho do estábulo quando se cruzou com o senhor Scott. Ele tinha saído para montar e trotava o seu cavalo quando ela saiu de casa.

Para seu desalento, ele apresentava uma figura elegante no cavalo, máscula e intrigante, alguém que ela podia querer beijar ao luar. O facto de se babar por ele ao vê-lo aproximar-se serviu para sublinhar a sensatez da sua decisão em partir imediatamente.

Era para ter ficado em Cliffside toda a semana, mas apercebera-se de que não suportava ficar ali.

Era preciso realizar uma lista de tarefas tenebrosas. Teria de ter explorado as divisões superiores para descobrir o que tinha sido vendido. Teria de se ter sentado com Pamela para lhe fazer perguntas cortantes e obrigá-la a responder. Teria tido de pôr Gaylord entre a espada e a parede e pressioná-lo para que a informasse acerca das suas dívidas de jogo, acerca do seu dote perdido.

As conversas teriam sido ligeiramente desagradáveis e, só de pensar como podiam ser até horríveis, sentira-se demasiado indisposta para tomar o pequeno-almoço.

A par das suas preocupações com a situação financeira, uma criada parara junto de Maggie para lhe confidenciar que Rebecca estivera no jardim com Ramsey Scott na noite anterior. Ninguém sabia dizer quanto tempo durara o encontro, mas vários criados a tinham visto entrar furtivamente em casa e as notícias eram incómodas.

Rebecca tinha tendências libertinas e estivera à beira de se meter em sarilhos com uns quantos homens diferentes. Não era rapariga para estar solteira e precisava desesperadamente de um marido, mas não tinha dote. Entretanto, namoriscava agressivamente com vários homens e era aterrorizador pensar nas suas leviandades com uma personagem de tão má reputação como Ramsey Scott.

A juntar a isso, sentia-se consumida por uma estranha excitação por ter Michael Scott ali em casa. Não fazia ideia das razões para ele ter visitado os seus aposentos na noite anterior, porque a beijara na varanda. Estava ainda mais confusa por ter participado de sua livre vontade.

O seu abraço prolongara-se por demorado tempo e, embora se tivesse tentado convencer de que fora inconsequente, isso não era verdade. Sentia-se desarranjada por dentro, quente, fria e com um formigueiro por todo o corpo, como se a pele não lhe assentasse bem nos ossos.

Não queria entrar em disputas com a sua família, nunca mais queria ver Michael Scott, e por isso fizera a mala e abandonara a casa. O seu plano era ir para a vila de carruagem, para depois comprar um bilhete na carruagem de correio que se dirigia a Londres. Estava tão focada em fugir que se esgueirava como um ladrão na noite.

Contudo, cruzara-se com o senhor Scott. Porque era tão volúvel o Destino? Se tivesse partido cinco minutos antes, teria escapado sem ser obrigada a olhar aqueles seus magníficos olhos azuis.

– Diga-me uma coisa. – A voz dele era baixa, sedutora e muitíssimo tentadora.

– Se eu puder.

– Porque se chama este lugar Cliffside? Andei a manhã inteira a cavalo, mas não vi penhascos em parte nenhuma.

Ela não sabia que pergunta esperara, mas aquela fê-la rir.

– Dantes havia um penhasco.

– Onde?

– Junto do lago. Há décadas, uma enorme inundação destruiu-o, por isso o rio foi travado e formou-se o lago.

– Foi então uma sorte ter-me cruzado consigo. Detesto mistérios e, se não me tivesse esclarecido, eu teria provavelmente passado o resto da vida à procura do penhasco.

Ela riu de novo.

– Pare de ser encantador.

– Acha-me encantador?

– Acho, e também acho que me está a galantear.

Ele abriu um sorriso.

– Pode ser que esteja.

– Por favor, não o faça. Eu não gosto.

– O que se passa consigo? Todas as mulheres gostam de ser galanteadas por um homem. É a coisa mais estranha que já ouvi da boca de uma mulher.

– Estou segura de que isso não é verdade. Tenho a certeza de que as suas rameiras já lhe disseram coisas muito mais estranhas.

O sorriso dele abriu-se mais.

– Pode ser que tenha razão.

– Como é dar-se com rameiras?

Esperava desconcertá-lo com aquela pergunta indiscreta, mas ele não se importou minimamente.

– É fabuloso.

– Fabuloso? – desdenhou ela.

– Sim. Não têm reputação a proteger, portanto, nunca tenho de me preocupar com a quebra de alguma regra de decoro.

– Só um libertino como o senhor veria nisso uma vantagem.

Ele aproximou-se, acercando-se tanto que as biqueiras das suas botas deslizaram para debaixo da bainha das saias dela. O seu caráter descarado prendia-a, imobilizando-a no lugar, impedindo-a de se mover.

– Diga-me mais uma coisa – pediu ele.

– O quê?

– Tem o hábito de acolher homens nos seus aposentos e deixar que eles a beijem insanamente?

As faces dela ficaram muito encarnadas.

– É uma falta de vergonha mencionar isso.

– Isso é um *não*?

– Deve entendê-lo como um *não*. Depois da minha experiência com um certo setor da população

masculina, jurei que nunca mais queria nenhum homem.

- Não é bem *nenhum* – replicou ele. – Parece gostar de mim.
- Não seja tão pomposo e irritante.
- Tarde de mais. – Ele estudou a mala dela. – Está de partida?
- Estou.
- Para Londres?
- Sim.
- Mas... acabou de chegar.
- E agora vou-me embora.
- Como vai para a cidade? Não devia viajar sozinha.
- E não vou – mentiu ela, porque não queria debater com ele a questão.
- Se não estiver em Cliffside, quem me irá entreter?
- As senhoras da vizinhança farão fila para me substituir.

Quando deu voz àquele comentário que se queria provocador, sentiu-se perpassada por uma estranha vaga de emoção. Franziu o sobrolho, curiosa por decifrar de que se tratava e, quando reconheceu que se tratava de ciúme, ficou horrorizada.

- Porque está de frente carregada? – perguntou ele.
- Estou a tentar perceber por que razão me importuna... e porque lho permito.
- Está doida por mim. A maioria das mulheres está.
- *Eu* estou doida por si?
- Sim, é mais forte do que a senhora. Trata-se de um problema muito comum que abala as mulheres quando me conhecem.

- A sua vaidade não conhece limites.
- Pois não, não conhece.
- Adeus, senhor Scott.

Tentou afastá-lo para poder seguir caminho, mas ele não a deixava ir.

- Deixe-me levar-lhe a mala.
- Eu sou capaz.
- Eu *disse*: deixe-me levá-la.

Fez a mala deslizar da mão dela para a sua.

- Eu não lhe disse que consigo sempre o que quero?
- Sem dúvida que disse.
- Para onde, menina Wells?
- Para os estábulos. A minha carruagem está pronta.

Iria transportá-la apenas até à vila, mas ela ficava satisfeita por levá-lo a assumir que a conduziria até Londres. Não lhe confessaria que iria na carruagem do correio, que compraria um bilhete para o efeito.

Nunca aceitava ajudas de Gaylord e Pamela e orgulhava-se da sua autonomia financeira. Mas desconfiava de que o senhor Scott, com os seus hábitos criminosos, não aprovaria o seu recurso a meios de transporte públicos. Reparava em algumas tendências galantes ocultas sob as suas feições.

- Acompanho-a – disse ele.
- Calculo que não valha de nada informá-lo de que não preciso da sua assistência.
- Sim, de nada vale. Não seja tão independente. É uma mulher. Não morre se contar de vez em

quando com um homem.

– Pode ser que morra.

Prosseguiram lado a lado, com o senhor Scott tão perto que os braços e as pernas dos dois se tocavam ocasionalmente.

A carruagem estava estacionada e à espera dela, com um criado no carro. O senhor Scott atirou a mala lá para dentro, depois ajudou-a a subir e fechou-lhe a porta. Ela espreitou pela janela, incomodada por se sentir arrependida daquela decisão apressada de partir.

– Vou sentir a sua falta – disse ele.

– Não vai nada.

– Vou sim. Vou ficar tão desconsolado que serei como uma flor murcha, privada do sol.

– Não vai nada – repetiu ela.

Ele encolheu os ombros.

– Bom, posso não definhlar, mas provavelmente vou chorar de tédio. Quem beijarei ao luar se a tal me sentir inclinado?

– Quem, de facto, senhor Scott?

Ele surpreendeu-a ao estender a mão e apertar-lhe os dedos num gesto de despedida e, por alguma razão estranha, foi um adeus pungente. Ela sentia que o conhecia desde sempre, como se fossem dois amantes separando-se para sempre, ficando ela desolada sem ele.

Aquele sentimento era desfasado da pessoa que ela considerava ser, mas há muito tempo que um homem bonito não lhe prestava atenção. Julgava ela não se importar com a sua existência solitária, mas aparentemente estava tão desesperada como qualquer outra solteirona deste mundo.

– Vive na rua abaixo da minha em Londres – disse ele. – Pode ser que um destes dias eu a visite.

Ela sentiu a mais irritante pontada de prazer, mas depressa a sufocou.

– Não o faça, por favor.

– Porque não? Estou sempre a passar por aquela missão parva.

– Não há nada para ver, escusa de passar por lá.

– Agora gosto mais de si e não se esqueça de que sou obscenamente rico. Talvez acabe por entregar aquele tal donativo.

– Brinca comigo na esperança de me seduzir com a sua promessa financeira.

– Pode ser que sim, ou posso estar a mentir. Comigo, nunca se sabe. Gosto de deixar as pessoas na dúvida. Posso ser persuadido a dar-lhe umas quantas libras... mas teria de ser muito, mas muito simpática comigo para as conseguir.

– Duvido que conseguisse ser *tão* simpática assim.

– Nunca se sabe.

Ela inclinou-se para fora, pois não queria que o criado ouvisse. O senhor Scott também se inclinou e sussurraram as palavras trocadas, com a cabeça perto uma da outra.

– A noite passada foi um erro – insistiu ela.

– Um erro! Nunca beijei uma mulher que mais tarde pensasse assim.

– *E* eu não gosto de si, lembra-se?

– Lembro, mas começo gradualmente a fazê-la mudar de ideias.

– Impossível.

– Veremos, menina Wells. Sem dúvida que veremos.

Com ar petulante e magnífico, ele afastou-se e dirigiu-se ao cocheiro. O homem bateu com as

rédeas e o cavalo começou a trotar com tal ligeireza que ela foi pressionada para trás no assento.

Sorria, feliz como há anos não se sentia e morta por espreitar de novo pela janela, para acenar e dizer adeus. Mas o bom senso prevaleceu e ela ficou onde estava.

* * *

Felicia, pode vir aqui, por favor?

Lady Felicia Gilroy olhou para a biblioteca do pai. Caminhava pelo corredor quando o pai lhe pediu que entrasse, e o pedido foi recebido com enorme surpresa.

Não se lembrava de, nos seus dezoito anos de vida, ter sido convidada a entrar. O pai, o grande e glorioso Lorde Stone, era uma figura enigmática, que raramente estava em casa e a quem raramente se dirigia a palavra. Pouco mais era para ela do que um desconhecido, e ela via-o como uma espécie de parente afastado que aparecia de quando em quando para acontecimentos importantes.

Quando estava em casa, mal reparava nas filhas, mas a verdade é que tinha três – sendo Felicia a terceira e mais nova – e nenhum filho varão, e toda a gente sabia que as filhas são um dispendioso desperdício de esforços.

Já tivera de dispensar dotes para as duas filhas mais velhas, pelo que Felicia muitas vezes se sentia como um fardo indesejado, qual convidado que se demora tempo de mais numa casa.

A mãe reportava amiúde que o pai de Felicia perdera a energia para arranjar um casamento grandioso e nem havia dinheiro para tal. Teria de ficar com o que conseguisse arranjar.

Embora tentasse ser corajosa e obsequiosa, a situação era exasperante. O pai era conde e ela era filha de um conde. As irmãs tinham recebido esposos abastados de famílias estimadas e ela crescera a imaginar que o ousado Lorde Stone acabaria um dia por agarrá-la. Mas agora que era chegada a altura, aconselhavam-na a baixar as expectativas. Que injustiça!

Ainda assim, ficou espantada por ser chamada pelo pai e sofreu um choque de entusiasmo. Se ele se dignara falar com ela, devia ter um tópico relevante a discutir. Casamento, talvez?

– Sente, sente – disse ele, de mau humor. Estava atrás da secretária e fez um gesto para a cadeira em frente.

Ela sentou-se, esforçando-se por parecer calma e composta.

– O que deseja, pai?

– Tenho... novidades para partilhar.

– De que se trata?

Felicia sentia o cheio a álcool no hálito e na roupa do pai. Aquele odor amargo emanava para ela, que mal conseguiu controlar-se para não tossicar e tapar o nariz. A pele dele era pálida e manchada e tinha papos debaixo dos olhos. Parecia também ter envelhecido bastante. Estaria doente? Estaria a morrer? Seria isso que lhe iria contar?

– Aceitei uma oferta de casamento para si.

Disse-o como se sugasse picles amargos.

– Que bom. De quem se trata? Alguém que eu conheça?

Na tarde anterior, encontrara o filho de Lorde Barrington no parque e sempre tivera um fraquinho por ele. Teria ele finalmente percebido como ela gostava de si? Teria falado com o pai dela? Seria que, depois de todos os comentários negativos da mãe, Felicia teria uma sorte daquelas?

– Conhece, sim – disse o pai. – É o Michael Scott. Apresentei-lho há umas semanas no baile de Lorde Gladstone.

– Michael... Scott.

– Sim.

Formou dele uma imagem mental. Era alto, moreno e belo, mas faltava-lhe uma certa polidez. Estivera sempre a inspecionar a multidão como se esperasse um ataque. Ela não teria ficado admirada se lhe dissessem que estava armado.

Aquele homem, aquele desconhecido, seria o seu marido?

– Lembro-me dele – afirmou com cautela –, mas creio que não ficou esclarecido qual o seu título, estatuto ou família de origem.

– Bom... ah... ele não tem família.

– Foi criado por lobos? É órfão? O quê?

Lorde Stone soltou uma risadinha como se ela tivesse dito uma piada.

– O meu palpite é que seja órfão. Não sei bem qual é a sua história... ninguém sabe... e não tem título.

– Não tem título?

– Não.

– Como ganha a vida? No comércio?

– Pode-se dizer que sim. Ele... ele...

A voz de Lorde Stone foi esmorecendo até não passar de um fio, aparentemente incapaz de descrever a verdadeira situação do senhor Scott. Felicia estava em pânico, ofendida e furiosa.

– Ele o quê? – insistiu.

O pai afundou-se na cadeira, como se pudesse deslizar para o chão, estatelando-se de exaustão. Por fim, resmungou:

– Ouça, vou ser direto, está bem?

– Sim, por favor, seja direto.

– É jogador.

– Jogador!

– Entre outras coisas.

– Que outras *coisas*?

– Não importa.

– Por certo que me importa a mim.

– Devo-lhe algum dinheiro.

– Quanto dinheiro?

– *Muito* dinheiro.

Felicia olhou-o furiosa, cheia de vontade de criticar e repreender o pai, mas não fazia ideia como. Nunca tivera uma contenda com ele. Mal tivera alguma conversa normal. O que devia ela dizer?

– Portanto... o pai deve-lhe dinheiro – disse ela, cuidadosa. – O que tem isso a ver comigo?

– Vai cancelar uma parte da minha dívida se eu o deixar casar consigo.

– Está a usar-me como pagamento de uma dívida?

– Uma dívida bastante avultada. Não a entrego por pouco.

– Qual foi o meu valor?

Estava a ser muito sarcástica, mas não podia evitá-lo.

– Na verdade, é uma quantia enorme.

– Seja mais específico.

– Só tenho de abdicar da minha plantação na Jamaica e de alguns navios.

– Por oposição a quê?

– Por oposição a tudo o que temos no mundo.

– Jogou tudo?

– Joguei.

Ele não era capaz de sustentar o olhar irado dela, pelo que evidentemente sentia um certo embaraço.

– E se não for meu desejo casar com ele?

– Não é uma opção, Felícia.

– Porque não? – perguntou ela, a fumar.

– Porque se recusar poderemos ficar com Stone Manor, mas só isso. Vamos passear-nos por salas desertas.

– Ele levaria a nossa mobília?

– Sim, e todos os fios de roupa dos seus roupeiros, todos os animais e equipamento das nossas quintas, todas as nossas ações, títulos e investimentos. Levará tudo o que não for assegurado pelo título.

Felícia estava agastada. Que espécie de pai arruinava assim a sua família? E tudo por um jogo de cartas disparatado! Ela sempre o vira como muito estoico e responsável, sendo agora um choque descobrir que não passava de um esbanjador negligente.

– O pai nunca esteve em casa durante todos estes meus anos de vida – disse ela. Parti do princípio de que estaria ocupado com assuntos importantes. Imagine o meu espanto ao descobrir que se demora em sórdida companhia nos salões de jogo.

– Não use esse tom comigo – disse ele bruscamente. – Já tenho problemas que cheguem sem ter de a ouvir.

Ela levantou-se.

– Quero falar com a mãe sobre o senhor Scott. Quero ouvir a opinião dela sobre este assunto.

– Eu já falei com ela. Concordámos que era pelo melhor.

– O melhor para quem?

– Para si e para nós. É uma filha obediente e espero que assim seja também nesta situação.

– Se eu soubesse que toda esta cedência e submissão me conduziram a um lugar tão tenebroso, podia ter-me portado mal de vez em quando.

Ele ignorou o comentário e despediu-a com um gesto.

– Vá ao encontro da sua mãe. Podem escolher datas e planificar a vossa agenda.

– O casamento deve ser para já?

– Não para *já*, mas para breve.

Felícia ficou boquiaberta e ele olhou-a, estudando-a de uma forma que raramente fizera antes.

– Está aborrecida – disse ele entredentes.

– Quem não estaria?

– Preciso do seu consentimento, Felícia... para bem da família, pela sua mãe e por mim. Eu *preciso* da sua ajuda.

Tratava-se de um apelo lastimoso e, para seu desgosto, ficou profundamente comovida. O pai nunca lhe tinha pedido um favor. Como podia ela recusar ajudá-lo?

– Sim, creio que posso fazê-lo – murmurou ela, sem fazer ideia do que a levava a pensar assim.

– E ele não é mau sujeito. – Lorde Stone fez um sorriso macabro. – É um homem que subiu a pulso,

um verdadeiro homem de iniciativa, que agarrou o seu destino e tudo isso. Tenho a certeza de que depois de o conhecer vai ficar impressionada.

– Impressionada? Deveras?

– É pelo melhor, Felicia – tornou ele a dizer. – Pela família.

– Então tenho a certeza de que vai correr bem, não tenho?

Saiu porta fora, tão furiosa que a raiva a cegava, e cruzou-se com alguém no corredor, sendo obrigada a pestanejar três vezes para conseguir ver de que se tratava do cocheiro e guarda do pai, o senhor Blaylock. Tinha trabalhado em tempos como pugilista e era ameaçador e assustador, sempre à espreita na sombra, desejoso de concluir qualquer tarefa que Lorde Stone lhe pedisse.

Ocorreu-lhe que gostava que assassinassem o seu pai. Mas não, o pai não. Michael Scott. Estava com uma disposição tão violenta que pensou desvairadamente se seria possível subornar o senhor Blaylock para que cometesse ato tão hediondo. Desconfiava que sim.

– Lady Felicia... – estendeu o braço para a amparar –, sente-se bem?

– Estou, mas recebi umas notícias angustiantes.

Ele exsudava comiseração, que era muito mais do que os malditos pais dela alguma vez lhe dariam.

– Posso fazer alguma coisa? – perguntou ele.

Que tal matar o meu pai... e o meu noivo!

– Não, não há nada a fazer.

Ele inclinou-se e sussurrou:

– É o seu noivado? Já lhe contou, finalmente?

Meu Deus, seria a última pessoa a saber? Teria a cidade inteira conhecimento daquilo? Estariam as pessoas a rir-se nas costas dela?

– Sim, contou. É um pouco um choque – referiu ela com imprudência.

– Atrevo-me a dizer. – O seu olhar ganhou malícia. – Conheço muito bem o Michael Scott e sou muito discreto. Se alguma vez quiser falar sobre ele...

Deixou a frase no ar e ela não respondeu. Ele era um criado e não tinha nada que falar com ela sobre o senhor Scott, nem sobre mais coisa nenhuma, mas estava intrigada por ele conhecer *bem* o senhor Scott. Sim, pensou ela, teriam sem dúvida de ter uma conversa privada... quando ela conseguisse escapar às paredes com ouvidos daquela casa.

– Se me dá licença – murmurou ela. – A minha mãe espera-me.

– Oh, peço perdão. Não era minha intenção detê-la.

Ele afastou-se e ela seguiu caminho, aliviada por a escolha do pai não ter sido pior. Lorde Stone podia ter optado por alguém decrépito e velho, podia ter feito as suas apostas com alguém cego ou deformado. Mas por mais que ela tentasse, não encontrava um lado bom para a situação. Como iria ela suportar aquilo ao longo das próximas semanas e meses?

O que iria ela dizer às amigas?

* * *

– O que pode contar sobre o assunto?

– Infelizmente, não muito.

Evangeline Etherton Drake suspirou perante a resposta de Thumberton. Este era um conceituado solicitador londrino, que atendia os clientes mais abastados. Ela e o irmão, Bryce Blair, estavam no

seu gabinete, a pedir pormenores acerca do seu passado.

Ela tinha esperança de ter sorte, de que as respostas que procurava seriam fáceis de encontrar, mas não seria uma resolução fácil.

Possuía uma identidade complicada, tendo sabido recentemente que o seu nome de solteira era Etherton. O nome próprio também não era Evangeline. Fora-lhe dado em pequena, mas não fazia ideia porquê.

Crescera a acreditar que era órfã e ficou espantada quando se cruzou por acaso com Bryce, seu irmão mais velho. Ele explicou-lhe que o seu nome original era Anne Blair e que recebera o nome da mãe. Chamavam-lhe Annie e, quando era bebé, os seus três irmãos – Bryce e os gémeos Michael e Matthew – chamavam-lhe Sissy. Era filha única – única irmã – numa família com três rapazes.

Embora ela tivesse sonhos vagos acerca de um tempo em que era Annie Blair e Sissy para os irmãos, não se lembrava desse período. Nas suas memórias genuínas mais antigas, vivia na Escola para Raparigas de Miss Peabody e chamava-se Evangeline Etherton.

Era bizarro descobrir de repente que era uma pessoa diferente de quem sempre julgara ser. Ainda não voltara a usar o nome Anne Blair, nem sabia se alguma vez voltaria. Evangeline era o único nome de que se lembrava, e agora era Evangeline Drake, depois de ter casado com Aaron Drake, Lorde Run.

Aaron era visconde, herdeiro de Lorde Sidwell e viria um dia a ser conde, de modo que ela era Anne, Annie, Sissy, Evangeline Blair Etherton Drake, Lady Run. Como podia uma mulher sensata escolher o apelido certo nessa comprida e elaborada lista?

Na escola, tinha sido um caso de caridade, sendo a propina paga por um benfeitor anónimo, portanto tinha de facto sido um choque encontrar Bryce e ficar a saber que a sua história era uma mentira.

Haviam tido em tempos uma existência afetuosa e feliz, uma casa cheia de riso, música, canções e alegria. A mãe era extremamente talentosa, provavelmente atriz ou cantora, e o pai era um homem ousado, talvez marinheiro ou soldado, que não estava com frequência em Londres.

Mas uma desgraça arrancara-os uns dos outros. Porque terminara essa existência idílica? O que lhe pusera cobro?

Ao que parecia, a mãe tinha sido condenada por um crime, talvez levada para as colónias penais. Bryce tinha uma memória traumática deles nas docas a despedirem-se dela, mas era pequeno de mais para compreender inteiramente o que estava a acontecer. Só com o seu olhar adulto de retrospectiva conseguira juntar as peças do que devia ter acontecido.

O pai falecera e depois começaram os problemas da mãe. E os gémeos? Não havia rasto. O que teria sido feito deles?

O senhor Thumberton ia vê-la e a Bryce ocasionalmente ao longo dos anos, portanto chegaram a falar com ele. Se ele não sabia a verdade, quem saberia? Mas até ao momento, a visita tinha sido em vão.

– Tem alguma informação sobre os nossos pais? – perguntou ela.

– Não.

– E em relação aos colégios internos onde crescemos? Como foram escolhidos? Como se convenceu o diretor a aceitar Bryce tão pequeno? Então e eu e a menina Peabody? Eu era ainda mais nova do que o Bryce quando fui lá inscrita e ela sempre me odiou. Porque me manteve lá como aluna se me detestava tanto?

– Lamento – disse o senhor Thumberton. – Não sei, simplesmente. Oxalá tivesse notícias melhores para lhe dar.

Era a resposta de Thumberton a quase todas as perguntas.

– O Bryce e eu fomos para as nossas escolas, mas porque é que não há registo dos gémeos? O que lhes aconteceu?

– Não sei. Ninguém sabia. Era um grande mistério que sempre afligira Etherton.

– Há algum pedaço de informação que possa partilhar? – inquiriu Bryce. – Se tivéssemos a mínima pista, podíamos dar início à nossa busca. – Fez uma pausa momentânea, estudou Thumberton e perguntou: – Pagaram-lhe para não falar? É por isso que se mostra tão reticente?

Bryce tocara em algo. Thumberton fitou-o, depois a Evangeline e de novo a Bryce. Refletiu durante um longuíssimo momento. Por fim, levantou-se e dirigiu-se a um armário trancado. Abriu-o, retirou de lá uma pasta e regressou à secretária.

– Fiquei de olho em vós pelo senhor Etherton – disse ele. – Manteve-me por esse motive apenas.

– Agora estamos a ir a algum lado – murmurou Bryce.

– Não me disseram muito sobre nenhum de vós. O senhor Etherton precisava que eu me assegurasse do vosso bem-estar, que recebiam alimento e uma educação adequados, de acordo com o dinheiro que tinha para os vossos cuidados.

– Porque não se assegurou ele próprio? – perguntou Bryce.

– Ficou incapacitado num acidente, de modo que lhe era difícil viajar.

Evangeline acrescentou:

– E a menina Peabody? Contratou-me como professora depois de eu terminar os estudos. Porquê?

– Creio que lhe pagaram para isso.

– O senhor Etherton?

– Sim.

– Isso devia fazer de mim uma funcionária barata... se ele fornecia o meu salário.

Ele anuiu.

– Estou certo de que foi um fator importante.

– Não entendo nada disto – disse Evangeline.

– Nem eu – concordou Bryce e virou-se para Thumberton. – Nunca conheceu Etherton pessoalmente?

– Só daquela primeira vez em que ele me contratou. Depois disso, comunicámos por carta.

– Para que endereço? – perguntou Bryce. – É aqui em Londres? Podemos visitá-lo?

– Infelizmente, isso não será possível – respondeu Thumberton. – Faleceu há muitos anos.

E provavelmente levou os seus segredos para o túmulo!

Evangeline queria chorar de frustração.

– Mas a sobrinha cuida dos assuntos deles desde a sua morte – acrescentou o senhor Thumberton. – Tem em sua posse os documentos dele.

– Onde está ela? Encontra-se na cidade?

– Não. Vivia numa vila perto de Southampton... se é que ainda é viva e continua lá. Há algum tempo que não tenho notícias dela.

– Conseguimos localizá-la?

– Sim, certamente – disse Thumberton –, mas posso dar um conselho?

– Mas é claro – responderam Evangeline e Bryce em uníssono.

– Há muitos anos que ajudo pessoas com os seus problemas legais e aprendi que o melhor é deixar certos segredos enterrados. Devem pensar muito bem e longamente sobre se devem revelar a verdade. Houve alguém que se deu a enormes trabalhos para a esconder de vocês.

Evangeline e Bryce trocaram um sorriso e Bryce disse-lhe:

– Ficamos satisfeitos com o que quer que descobramos.

– E eu estou desesperada por encontrar os gémeos – acrescentou Evangeline.

– Bom, sendo assim desejo-vos sorte na vossa investigação – concluiu Thumberton – e digam-me se vos posso ser útil no futuro.

– Assim faremos.

Ela e Bryce despediram-se e o funcionário de Thumberton acompanhou-os à saída. Deixaram-se ficar no passeio, com o cocheiro à espera na carruagem ao fundo da rua.

– Está livre na próxima semana? – perguntou-lhe Bryce.

– Porquê? Vamos a Southampton?

– Certamente – retorquiu Bryce.

– E se eu puser um anúncio nos jornais?

– A dizer o quê?

– A dizer que procuramos os gémeos. Talvez vivam ao fundo da rua. Talvez estejam juntos, são e salvos. Veem o anúncio e aparecem à minha porta amanhã de manhã.

– Duvido que seja assim tão fácil – afirmou delicadamente Bryce. Não eleve muito as expectativas, peço-lhe. Não gostava nada que fossem defraudadas.

– Não se preocupe comigo. Eu fico bem... aconteça o que acontecer.

– Eu sei que sim.

– Vale a pena tentar, não acha? Que eu contacte os jornais?

– Imagino que sim.

– Devo referir recompensa?

Bryce franziu o sobrolho, depois riu-se.

– Não, por Deus. Teríamos todos os tralhas do reino a aparecer com uma história lastimosa e alegando serem o nosso irmão.

Evangeline também se riu.

– Não tinha pensado nisso.

– Mas compre o seu anúncio e faça a mala. Mal posso esperar para conhecer a esquiva menina Etherton e perguntar-lhe pelo tio. Tenho toda a intenção de a fazer falar.

6

– Estava a ler o jornal.

– Estava? Espero que não se tenha magoado.

– Que engraçadinho – murmurou Ramsey.

Michael olhou para o amigo e riu-se. Há vários dias que tinham regressado a Londres e desciam a rua a cavalo em direção ao clube de jogo. Como era habitual, reunira-se um ajuntamento de pessoas atrás deles, todas desejosas de que Michael lhes atirasse umas moedas ou as contratasse para alguma tarefa.

Ele e Ramsey tinham recebido alguma escolaridade no orfanato onde cresceram, mas era uma piada privada entre eles que Michael era um académico e Ramsey não. Ramsey lia as pessoas e as situações melhor do que qualquer pessoa viva. Mas a palavra escrita? Não. Era demasiado desassossegado para aprender as lições e dizia sempre que gostava de falar com os punhos.

– De que trata o artigo? – perguntou a Ramsey. – Se atraiu a sua atenção, deve ser chocante.

– Não foi um artigo. Foi um anúncio.

– Sobre o quê?

– Alguém anda à procura de Michael Blair: cerca de trinta anos, cabelo escuro, olhos azuis.

– Michael... Blair? – perguntou cuidadosamente Michael. – O que tem isso a ver comigo?

– O que tem a ver consigo? Não seja néscio.

– É um nome muito comum. Haverá provavelmente milhares de Michael Blair no reino.

– Andam atrás de um em particular.

– Quem anda?

Embora fosse conhecido como Michael Scott, tinha uma certidão de nascimento descolorada e outros documentos que provavam que o seu verdadeiro nome era Michael Blair. Os pais tinham sido Anne e Julian Blair, o que não lhe dizia nada. Os documentos encontravam-se num envelope castanho engelhado no seu cofre. Lembrava-se de alguém lhes ter enfiado na camisa na noite turbulenta do fogo quando ele era muito pequeno.

Um adulto inclinara-se e dissera-lhe que eram importantes, que nunca se devia separar deles, e ele nunca separara.

– Talvez tenha um avô rico que de repente está morto por encontrá-lo – brincou Ramsey.

– Se tenho um parente com dote, como foi que me perdi? Os filhos dos ricos não se perdem.

– Você é um idiota detestável. Talvez tenham pensado que se queriam ver livres de si, mas depois esqueceram como é insuportável e mudaram de ideias.

Apesar dos modos violentos de Ramsey, ele era na verdade um sujeito romântico. Acreditava em finais felizes e, embora não tivesse informações sobre a sua família, sempre afirmara que o pai de Michael devia ter sido príncipe ou duque. De que outra forma se podia explicar as tendências imperiosas de Michael?

Quando eram pequenos, Ramsey criava histórias sobre o pai aristocrático de Michael, que um dia

haveria de o encontrar, que chegaria numa carruagem dourada puxada por seis cavalos brancos. Ramsey fizera Michael prometer que, caso isso viesse a acontecer, ele levaria Ramsey consigo e não o deixaria ficar para trás.

– O anúncio não fala em recompensa – disse Ramsey –, mas estava a pensar se não devia entregá-lo a eles. Pode ser que valha um bom dinheiro.

– Duvido. Quem pagaria para me ter de volta?

– Concordo. Quem? – Ramsey encolheu os ombros. – Provavelmente não seria você.

– Tenho a certeza que não.

– A pessoa também procura um tal Matthew Blair. Gémeos, diz aqui. Michael e Matthew Blair. Não tinha um gémeo, pois não? Pelo menos de que alguma vez tenha falado.

Por um brevíssimo segundo, foi como se a Terra parasse no seu eixo. O cavalo de Michael parou a meio de um passo, os pássaros detiveram-se em pleno voo, as vozes calaram-se, os transeuntes ficaram paralisados no seu lugar.

Podia estar a olhar para um menino no espelho que se parecia mesmo com Michael. Estavam nariz com nariz, a sorrir, murmurando uma linguagem secreta que ninguém compreendia a não ser eles. Não conseguia respirar, não conseguia manter o equilíbrio. Estendeu a mão freneticamente para o próprio braço palpando-o como se tivesse sido arrancado e já não estivesse preso ao seu corpo.

– Então! – Ramsey levou os dedos ao rosto de Michael. – Onde estava?

– Estava... a sonhar acordado.

– A ver o quê, desta vez?

– Nada, só eu num espelho.

Michael sacudiu-se fisicamente, com aquela peculiar visão a dar-lhe a clara impressão de que lhe faltava na sua vida um tesouro precioso. Como não fazia ideia de que se tratava, não fazia ideia de como o recuperar.

Ramsey estava acostumado às alucinações anormais de Michael. Habituara-se, mas não gostava delas. Quando eram crianças, tivera muitas vezes de despertar Michael quando ele estava preso num pesadelo.

– Sabe que eu detesto quando divaga mentalmente – queixou-se Ramsey. – Tenho sempre medo de que não regresse.

– Não se preocupe. Se eu alguma vez desaparecer completamente, arranjarei maneira de o assombrar.

– Sorte a minha.

Michael olhou em volta, nada espantado por verificar que estavam em frente da Missão de Salvamento do Vigário Sterns.

Depois de a menina Wells ter fugido de Cliffside, Michael não parou de pensar nela. O demorado beijo partilhado na varanda dela chocalhara-o e ela imiscuíra-se na sua mente como um mosquito irritante. Por alguma estranha razão, sentia que estavam ligados, como se ela fosse sua, o que não fazia sentido nenhum.

Ele nem sequer *gostava* dela e, tendo em conta a profissão dela, e a dele, não tinham nada em comum. Que sentido faria confraternizarem? Se ele passasse um longo tempo na sua companhia, ela ia dar com ele em doido.

Mas puxou as rédeas ao cavalo.

– Onde vai? – perguntou Ramsey.

- Pensei em ir visitar a menina Wells.
- Enlouqueceu?
- Muito provavelmente.
- A nossa encomenda está nas docas.
- Eu sei.
- Queria ir vê-la.
- Eu *sei*, Ramsey.

Ramsey analisou aquele edifício delapidado, a tabuleta torta. Todo ele estava a uma unha negra de ruir. Riu-se.

- Pode ser que ela valha a pena.
- A pena de quê?
- A pena... de *seja o que for* que está a pensar. Contei-lhe que a irmã dela me atraiu para o jardim de Cliffside?

Michael franziu o sobrolho.

- Não, não me contou.
- Implorou-me que a deitasse na relva, mas recusei.
- Ainda bem. Não posso permitir que se envolva com ela.
- Foi o que eu disse, mas ela insistiu que eu não lhe devia dar ouvidos.
- Espero que a tenha mandado dar uma volta.
- A Rebecca Wells é tão vulgar como eu imaginava. – Ramsey fez um gesto para a missão. – Talvez a irmã também seja.
- Não estou aqui para a seduzir.
- Porque está aqui então? Vai dizer que passámos simplesmente por aqui?
- Prometi-lhe um donativo.
- Claro que prometeu, Michael. Claro que sim. – Ramsey obrigou o cavalo a trotar. Eu verifico a encomenda por si – comentou por cima do ombro – e depois vemo-nos no clube.
- Está bem.
- Quando eu voltar, espero que me descreva a cor das cuecas dela.
- Vou oferecer-lhe um donativo! – repetiu Michael.
- Doe também um bocado por mim, está bem?

Ramsey contornou uma esquina e desapareceu.

Michael desmontou do cavalo e uma dúzia de miúdos correu para si, implorando para olhar pelo cavalo enquanto ele estivesse lá dentro. Conhecia a maioria pelo nome e fez um gesto para três dos mais tímidos, tentando espalhar as moedas que lhes atiraria mais tarde, quando se fosse embora.

A porta estava aberta, porque ela não se dava ao trabalho de a fechar, mas provavelmente não precisava de muita segurança. O que havia para roubar?

Entrou para a divisão principal. Estava deserta e a menina Wells não se via em lado nenhum. Havia várias mesas compridas em fileiras e, através de uma porta mais além, ele via uma cozinha, mas estava muito sossegada, era aquele período da tarde em que pouco ou nada acontecia.

Ouvira anteriormente rumores acerca da maneira como funcionava a missão e descobrira mais perguntando-lhe.

Ela servia duas refeições por dia, pequeno-almoço e jantar, a quem tivesse fome. De manhã, a seguir ao pequeno-almoço, geria uma escola que qualquer criança podia frequentar. Aos domingos,

um pastor passava por ali para fazer um serviço religioso, mas, para além desse breve serviço, não havia grande fervor religioso nas suas atividades.

Se não tinha inclinações espirituais para a incentivarem, o que a mantinha motivada e inspirada? Especialmente depois de o vigário e a senhora Sterns terem morrido, não devia ter sido fácil continuar, e ela era uma mulher sozinha sem um homem para lhe dar uma orientação. Como conseguia?

Quando se apercebeu de que pensava nela obsessivamente, revirou os olhos e afastou a fixação. Não havia motivo para se deixar fascinar, mas aparentemente deixava.

Ela vivia num apartamento no andar de cima e tinha alguns ajudantes, voluntários que tinham sido *acolhidos* pelo vigário Sterns. Nenhum deles estava presente para lhe dar as boas-vindas ou para o enxotar.

Ele entrou como se aquele lugar lhe pertencesse, mas estava curioso em relação ao proprietário. A menina Wells parecia não ter duas moedas para fazerem companhia uma à outra, por isso duvidava que aquele prédio lhe pertencesse. Talvez abordasse o proprietário para o comprar. A ideia de se tornar o senhorio dela, de ter algum controlo e autoridade sobre ela era imensamente divertida.

Havia uma escada instável nas traseiras que levava ao segundo piso e ele subiu-a. Percorreu um corredor estreito, espreitando para quartos limpos e despojados que mais pareciam celas de monges. Só a porta ao fundo estava fechada.

Ele rodou a maçaneta e olhou para uma sala, percebendo imediatamente que se tratava dos aposentos privados de Maggie. A mobília delapidada estava muito bem disposta pelo espaço e tinha sido feito um esforço para criar uma habitação confortável e acolhedora. Havia tapetes espalhados pelo chão, naperões nas mesas, cortinas nas janelas.

Estava, contudo, muito longe da opulência de Cliffside e ele perguntava-se que efeitos aquela descida aos níveis mais baixos da sociedade podiam ter tido sobre ela. Gaylord Farrow abandonara-a e partira-lhe o coração, por isso Michael compreendia que ela tivesse fugido de casa, mas ao ver a situação calamitosa em que se encontrava, perguntava-se se o pai alguma vez a teria visitado.

Que homem deixaria a filha num estabelecimento tão tenebroso?

Havia um quarto por detrás da sala e ele ouvia-a trautear, parecia estar a lavar-se. Ouvia-se o som de água numa bacia.

Ao dar-se conta de que em breve estaria de novo na companhia dela, sofreu uma tal onda de emoção que ficou alarmado. O que se passava com ele?

Rodou a chave na fechadura e sorriu ao enfiá-la no bolso. Acaso se tornaria o modo de interação típico entre eles? Ele entrava de rompante sem aviso, ela repreendia-o e mandava-o sair, mas ele só se ia embora quando lhe apetecia.

Ele avançou e encostou-se à ombreira da porta, e ela estava de costas para ele, pelo que teve um momento para a observar antes que ela se apercebesse da sua chegada.

Tinha o seu glorioso cabelo acobreado solto, dando-lhe pela cintura numa onda suave. Era de um tom tão espantoso, ruivo mas também com reflexos de mogno e dourado. Nunca tinha visto um cabelo assim e pensou nas irmãs dela, que tinham o cabelo castanho vulgar. Em comparação, ela parecia uma deusa.

Gaylord Farrow podia tê-la tido para si, mas optara pela tépida Pamela, o que apenas vinha sublinhar a opinião de Michael de que Farrow era um idiota.

Para seu eterno deleite, a menina Wells estava apenas de combinação e anágua, tinha os pés e os

braços despidos, o corpete atirado para uma cadeira ali perto. As peças eram funcionais, desbotadas de tantas lavagens, mas, mesmo assim, era sedutora como tudo.

Estava de pé junto do toucador, a mergulhar um paninho na bacia de água e a passá-la pelo rosto e pelos ombros.

– É você, Nan? – perguntou ela. – Ajuda-me a apanhar o cabelo? Hoje está selvagem e não consigo domá-lo sozinha.

Olhou por cima do ombro à espera de alguém chamado Nan e, ao vê-lo, arquejou, espantada. Felizmente, não desatou aos gritos histéricos, mas escrutinou-o como se tentasse decidir se ele era uma aparição ou se estava de facto no seu quarto.

Infelizmente para ela, ele era real.

– Senhor Scott! – exclamou ela bruscamente. – O que está aqui a fazer?

– Não faço ideia.

– Era capaz de ter jurado que lhe pedi em Cliffside que não me visitasse.

– Pediu? Devo ter-me esquecido.

– Não pode entrar aqui assim.

– Já entrei. Devia trancar a porta.

Tirou a chave do bolso e ergueu-a no ar.

– Estou outra vez trancada consigo?

– Está até eu decidir deixá-la sair.

Havia uma manta de malha em cima da cama e ela estendeu o braço para lhe pegar e a enrolar à volta do peito, como se fosse uma toalha grande. Embora a escondesse um pouco, era de malha, por isso não lhe dava a cobertura que ela esperava.

– Como pode ver – disse ela a fumar –, não estou em condições de o receber.

– Não me importo.

– Bom, mas eu sim. Vá-se embora, por favor.

– Desculpe, mas posso.

– Pode sim.

– Continua a ignorar um facto importante sobre mim.

– De que se trata?

– Nunca dou ouvidos a mulheres, lembra-se?

– Atrevo-me a dizer que não dá ouvidos a ninguém, mas isso não tem graça. Não estou vestida e o senhor não pode estar aqui.

Ele dirigiu-se a ela e, a cada passo, era invadido por uma estranha sensação de destino. Se tentasse virar-se para se ir embora, falharia. Era como se o Destino o mantivesse pregado no seu lugar, como se finalmente tivesse chegado ao lugar onde pertencia.

Quanto à menina Wells, era evidente pela sua expressão exasperada que não sentia a mão dúbia do Destino. Não, olhava-o de boca aberta, como se um lunático tivesse ali entrado e se preparasse para cometer atos indizíveis.

Não estava muito longe da verdade. Sempre se considerara bastante louco. Quando pensava nos riscos que corra na vida, nos perigos em que se envolvera, era óbvio que só uma pessoa demente se podia ter comportado de maneira tão imprudente.

E quanto aos atos indizíveis...

Sem dúvida que gostaria de cometer vários. Qual era o seu plano? Quais as suas intenções? Até

que ponto a desejava?

Aproximou-se até o seu corpo tocar o dela, os cantos ásperos da manta de malha esfregando a roupa dele.

Aquela energia revigorante irrompeu de novo, a mesma que ele sentia sempre que estava perto dela. Estava meio louco de desejo por ela, mas era uma solteirona e ele detestava mulheres inocentes. Gostava de mulheres que sabiam o que fazer na cama, que conheciam as preferências dele, pois assim não tinha de fazer qualquer esforço para o conseguir.

Se ele a pressionasse para um encontro amoroso teria de fazer o trabalho todo e estaria irritado quando terminasse. Então... porque estava tão excitado? A sua ereção era ridícula, mas ela mexia com ele como nunca nenhuma mulher mexera e não havia outra solução a não ser avançar.

Puxou-a para os seus braços e mergulhou para lhe morder o pescoço.

– Cheira bem – murmurou ele.

– Senhor Scott!

A cama estava ao lado deles e ele pegou-lhe e atirou os dois para o colchão. Ela não gritou de alarme, não tentou escapar. Quando muito, parecia ainda mais exasperada.

– Vai violar-me? – perguntou ela.

– Não, eu nunca o faria.

– Então explique-se, porque devo dizer-lhe que estou a ficar com muito medo.

– Não tem medo de mim – desdenhou ele.

– Não, mas tenho medo do que possa vir a fazer.

Também eu!

– Se vejo uma coisa que quero, vou buscá-la – disse ele. – Não sou o tipo de homem que se vai sentar em salões animados a beber chá ou a apoquentar-se com o que *gostaria* de ter.

– Tenho noção disso acerca de si, mas *eu* não sou o tipo de mulher que se deita com homens, muito menos um que eu mal conheço.

– Acho que me conhece muito bem.

– Porquê? Porque percebi que é um criminoso e bandido sem remorsos?

– Sim.

Ele sorriu e ela revirou os olhos, frustrada.

– Deixe-me levantar-me.

– Não.

– Por favor.

– Não.

– Se chegámos ao ponto em que só responde com monossílabos, é inútil discutir consigo.

– É sempre inútil, portanto está finalmente a perceber que eu consigo sempre o que quero. Há poucas pessoas com energia para se baterem com a minha teimosia, e seguramente não é o seu caso. Desista e dê-me o que eu quero.

– E o que *quer*? Deixei-o fascinado, mas não faço ideia porquê.

– Não faz?

– Não.

Ela olhou para ele, perplexa, confusa e muitíssimo bela.

Teria noção da sua beleza? Algum homem a teria feito ver? Gaylord Farrow deveria tê-la elogiado até à Lua, mas sem dúvida que nunca lhe fizera um único comentário luminoso.

Michael não tinha inclinação para comentários românticos, mas sentia-se subitamente morto por inundá-la de elogios. No entanto, ela não gostava de galanterias nem de elogios. Com tais estranhas tendências femininas, como podia fazê-la sentir-se especial?

Não ia perder tempo com conversas. Era um homem de ação, não de palavras, e era quando usava o corpo e as mãos para esclarecer a sua posição que ele era mais claro. Beijou-a e sentiu um alívio tão doce naquele abraço que ficou contente por estar deitado. Se estivesse de pé, os joelhos podiam ter fraquejado. Estava tão enamorado.

– Senhor Scott – ralhou ela, ao afastar-se.

– Trate-me por Michael.

– Não.

– Menina Wells, vamos rever o que sabe sobre mim.

– Consegue sempre o que quer.

– Sim, por isso bem me pode tratar por Michael. Vou insistir até que o faça.

– Mal nos conhecemos e está a pressionar-me horripelantemente.

– Como é que a pressiono? Estamos só a conversar.

– Na minha cama, sem que eu esteja vestida.

– Peça-me que vá e eu vou.

– Vá.

– Não.

Ela soltou uma gargalhada forte mas infeliz.

– O que vou eu fazer consigo? – perguntou ela.

– Trate-me por Michael, e continuamos a partir daí.

– Muito bem, Michael, seja como deseja. Não haverá formalidades entre nós. A partir de agora, será como se nos conhecêssemos há décadas. Insistiu, e parece que eu não me consigo opor a si.

– Ótimo. Bom, o seu nome é Magdalena, mas as irmãs tratam-na por Maggie. Qual devo usar?

– Não vai usar o meu nome próprio.

– Não? Vamos rever. Eu consigo sempre...

– Está bem, está bem – disse ela, expirando. – Pode tratar-me por Maggie... quando estivermos a sós. Se eu tiver a infelicidade de o encontrar em público, serei para si a menina Wells.

Ele refletiu e depois disse:

– Talvez.

– Se não tiver cuidado, terei de lhe exigir que case comigo.

Ele franziu o sobrolho.

– Como?

– Quando duas pessoas se comportam mal, como é o nosso caso, o matrimónio é o seu castigo.

– Não nos estamos a comportar mal... pelo menos, no meu mundo.

– Bom, no *meu* mundo, está a um passo de ser arrastado para o altar.

– Não sou propriamente do tipo casamenteiro – mentiu ele. Na verdade, acabara de receber notícia de Lorde Stone dizendo que decidira salvar a família sacrificando a filha, Felicia.

– Todos os solteiros diziam que nunca casarão – disse ela.

– Mas *eu* falo a sério.

– Tenho a certeza que sim, mas se cometer um lapso carnal comigo, não tardará a ficar agrilhado. E não gostava nada que isso acontecesse, pois não?

– Quem me faria casar consigo? A palerma da sua irmã fremente? O idiota do seu cunhado? Não a consigo imaginar a pedir-lhe ajuda.

– *Eu* podia obrigá-lo – disse ela. – Haveria de o torturar até conseguir.

– Já deixámos bem claro que eu não dou ouvidos a mulheres.

– Se a ameaça de casamento não o dissuade de maus comportamentos, o que poderá dissuadir?

– Nada.

– Não tem alguma rameira que o possa entreter esta tarde?

– Tenho dezenas.

– E, no entanto, obriga-me a mim.

– Sim. Veja a sua sorte.

Franziu o sobrolho, com uma expressão austera.

– Não quero isto de si.

– Acha que não quer. Ainda é donzela, não sabe aquilo de que precisa.

– Tenho a certeza que não preciso de si a importunar-me.

– E se estiver enganada? E se eu for exatamente aquilo de que precisa?

– Só um homem vaidoso como o senhor poderia achar que é a resposta às preces de uma mulher.

– Deixe-me mostrar-lhe uma coisa.

– Preferia que não o fizesse.

– Vai gostar. Prometo.

Na opinião dele, ela passava demasiado tempo a falar, por isso beijou-a de novo, com mais paixão e, apesar dos seus protestos, não tentou detê-lo. Aparentemente, ela gostara tanto dos preliminares românticos como ele.

Ele continuou como que eternamente e, a pouco e pouco, ela foi descontraindo e juntou-se a ele, lançando os braços à volta do seu pescoço para o puxar mais para si. A manta de malha soltara-se, pouco havia a separá-los.

Segurou-lhe um seio com a mão e apalpou-o, acariciando o montinho suave e sentindo o mamilo rígido contra a palma da mão.

Sem dúvida que ele puxara mais por ela do que fora sua intenção, mas não podia desistir. Ficava tão feliz quando estava com ela e não queria que aquela sensação de satisfação esmorecesse.

Fez deslizar os dedos debaixo da combinação dela, mas ela agarrou-lhe o pulso e sacudiu-lhos para fora. Os lábios apartaram-se, o beijo terminou e ele mal podia acreditar na pena que sentia.

– É um depravado – disse ela, mas a sorrir.

– Tento ser.

– E muito perigoso para o meu equilíbrio. Deixa-me desejosa de me portar mal.

– Eu não lhe disse que ia acabar por ser aquilo de que mais precisa? Além disso, é velha de mais para ser donzela. Devia deitar-se mais vezes comigo. Existem todos os tipos de atividades agradáveis que lhe posso ensinar.

– Não, obrigada. Acho que vou continuar a insistir na castidade... se não se importa.

– Importo-me.

– Bom, está bem para mim, e é isso que importa.

Ele podia ter referido que os seus desejos eram sempre a regra, que o mundo girava na sua direção, mas não o fez, pois não queria destruir aquele momento com discussões.

Os gracejos esmoreceram e eles estavam agora de nariz colado, de boca aberta como se fossem

dois palermas, com ele ainda estendido em cima dela. Ele sabia que tinha de se ir embora, mas não conseguia.

Ela olhou para a janela e viu as sombras alongarem-se, a tarde declinando.

– Tenho de descer – disse ela – para verificar os preparativos para o jantar.

– Só um minuto.

– Vão espalhar os rumores de que estou a ficar preguiçosa.

– Bato em qualquer homem que o diga.

– Não baterá – disse ela com desdém.

– Pode ser que bata... se me pedir.

– Sou muito bem capaz de cuidar de mim.

– Nem sequer tranca a porta.

– Nunca tive de o fazer até me ter cruzado consigo.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Se me lembro corretamente, *você* cruzou-se no meu. Eu estava na minha vida quando me entrou de rompante no escritório.

– Calculo que possa descrever assim as coisas.

– E posso mesmo. Se a aborrece o meu grande interesse, só a si deve culpar.

– Imagino que sim. – Suspirou. – Agora vai estar sempre a aparecer por aqui?

– Talvez.

– Não consigo perceber o que se passa connosco.

– E tem de perceber?

– À luz da minha história, em que jurei que não queria homens, e mesmo que não tivesse jurado, é o tipo de homem que eu nunca consideraria um pretendente.

– Eu não sou um pretendente.

– Justamente, e eu não sou uma leviana, por isso não faço ideia porque estou aqui deitada sem a minha roupa.

Ele fez o seu sorriso mais arrogante.

– Mas foi bom, não foi?

– Muito bom – concordou ela.

– Está a afeiçoar-se a mim.

– Esqueça isso, senhor Scott.

– É Michael, lembra-se?

– Pois é, Michael. Pois é.

Ele deslizou para fora da cama e ficou em pé. Maggie continuou deitada, com um ar encantador, toda amarrotada e adorável, e ele foi sacudido pelas emoções mais estranhas. Sentiu-se triste e grandioso, maravilhoso, mas também miserável. Ansiava por lhe dizer coisas que nunca dissera a ninguém sobre a sua infância difícil, sobre o sucesso que alcançara.

Gostava de lhe falar da visão que tivera na rua quando cavalgava ao lado de Ramsey. Porque via ele sempre outro rapaz? Um rapaz que tanto se parecia consigo? Um rapaz que podia ser a outra metade de si?

Queria contar-lhe que o seu verdadeiro nome era Michael Blair, que andava alguém à procura de um homem com esse nome. A necessidade de pertencer, de conhecer o seu passado, de olhar por cima da mesa de jantar e ver um rosto familiar devolver-lhe esse olhar, essa necessidade era tão

forte que muitas vezes se sentia doente só de pensar nisso.

Mas ele nunca tinha falado de nenhum desses assuntos, e o facto de ele agora ansiar por esse desabafo era indicativo daquela atração peculiar que ela exercia sobre ele.

Ela insistira que ele era o tipo de homem que ela nunca acolheria na sua vida e tinha toda a razão ao dizer que não devia fazê-lo. Apesar disso, quando ele imaginava nunca mais tornar a vê-la, essa ideia era absurda.

Mas que sentido fazia socializarem? O que esperava ele conseguir apoquentando-a?

– Adeus – murmurou ele.

– Saiu terrivelmente definitiva, essa despedida. Isso quer dizer que ganhou juízo e não tornará a passar por aqui?

– Ainda não decidi.

Ele inclinou-se e roubou-lhe um beijo, depois saiu. Deixou a chave no toucador para que ela a encontrasse facilmente quando se lembrasse de trancar a porta.

- Tenho uma proposta para lhe fazer.
- É um pouco tarde para propostas.

Gaylord Farrow fitou Michael Scott, sentindo um nervosismo que raramente sentia. O senhor Scott tinha reputação de ser arruaceiro e agressivo. Era o tipo de homem que se aproveitava, que perseguia os fracos, de modo que Gaylord não podia demonstrar sombra de ansiedade.

Encontravam-se no clube londrino de Scott, onde Gaylord se divertira e deleitara até à ruína total. Era atualmente o lugar mais na moda em Londres para se jogar e era preciso ter-se o convite do senhor Scott para se poder entrar.

Gaylord fora em tempos um cliente de valor, mas mal conhecera um pouco de dificuldades foi-lhe recusada entrada. Michael Scott era volúvel. Dava um pontapé a qualquer pessoa que estivesse na mó de baixo e Gaylord culpava Scott por todos os seus problemas financeiros.

Michael Scott podia ter refreado os excessos de Gaylord, mas não o fez. Deixara que Gaylord continuasse até cair do penhasco da catástrofe financeira.

O mais irritante era que Gaylord já não podia socializar no clube de Scott. Todos os senhores influentes jogavam lá, mas Gaylord fora excluído e todos acabariam por ficar a saber da sua vergonha.

- Ouça-me – pediu Gaylord. – Julgo que o vai interessar.
- De que se trata?

Estavam no escritório de Scott, com este sentado atrás da secretária e Gaylord na cadeira em frente. Ramsey Scott, o criminoso violento, estava apartado dos dois.

- Esteve em Cliffsíde – disse Gaylord.
- Pois estive – concordou Michael Scott.
- Conheceu a minha cunhada, a Rebecca. É muito bela.

Scott encolheu os ombros.

- Creio que sim.
- Ela gostava de se casar.
- Gostava?

Ramsey Scott entrevistou:

– Anda demasiado ocupada a namoriscar. Falei com ela e não era nada em casamento que estava a pensar.

Michael Scott não olhou para Ramsey, mas acenou com a mão, calando-o.

- Ela não é rapariga de namoriscos – insistiu Gaylord. – É uma jovem senhora de boa reputação.
- Ótimo – murmurou Michael Scott. – É uma senhora e de bem. O que tem isso a ver comigo?
- Tal como eu disse, está ansiosa por casar, mas com a morte do pai não tivemos oportunidade de lhe escolher um marido.
- O pai morreu há cinco anos – disse Michael Scott desdenhoso. – Deve ter sido um longo período

de luto.

Gaylord ignorou o comentário sarcástico.

– Seja como for, a Pamela e eu discutimos o assunto e, com o seu interesse em Cliffside...

– O meu interesse? Eu não tenho *interesse*. Aquele lugar pertence-me. Estamos apenas a negociar a vossa data de saída, que creio ser o primeiro de julho.

– Efetivamente. – Gaylord anuiu, todo ele sorrisos, todo ele obsequioso.

Gaylord tentaria qualquer subterfúgio para ficar com Cliffside. Haveria de mentir, enganar, roubar e talvez até matar Michael Scott se fosse preciso para manter em sua posse a propriedade.

Passara imenso tempo à procura da situação ideal e a família Wells encaixara perfeitamente nos seus objetivos. Nascera numa família aceitável, mas o pai era um esbanjador, por isso Gaylord sempre soube que tinha de arranjar uma noiva rica. Cliffside, próspera e em ascensão, era exatamente o que ele procurava.

Inicialmente, cortejara Magdalena, mas ela revelara ser demasiado esperta e teimosa, portanto seduzira Pamela e depois caíra nas boas graças do pai dela. O velho morreu pouco depois do casamento de Gaylord e ele ficou em posse de todos os bens, mas nunca lhe chegaram para pagar os seus hábitos desregrados.

Adorava a emoção da cidade, onde se pavoneava e exibia como se esperava de um cavalheiro. Vestia-se bem e jantava bem e deslocava-se nas carruagens mais vistosas e velozes. Não queria perder pitada!

– É um homem de tanto sucesso – disse ele a Michael Scott – e a Rebecca ficou fascinada consigo.

– Ficou? – Michael Scott parecia entediado e à beira de expulsar Gaylord dali.

– Ah sim, depois da sua partida, só falava de si.

– Aposto que sim.

– Como está tão embeijada, a Pamela e eu considerámos que eu devia abordá-lo.

– Em relação a quê?

– Perguntávamo-nos se consideraria um noivado.

Michael Scott fez uma expressão de espanto.

– Entre mim e a Rebecca?

– Sim. Tem de admitir que ela é atraente e é proficiente em todas as artes femininas. Podia trazer estilo e graça à sua vida.

– Não preciso de graça, nem preciso de mulher.

– Ora, vamos lá – insistiu Gaylord –, todos os homens precisam de mulher. Diz-se que já fez trinta anos. É sem dúvida altura de assentar.

– E se eu casar com a Rebecca, o senhor obteria... o quê? Tem esperança que eu prescindia de Cliffside e lha devolve?

– Se fôssemos *irmãos*, haveria seguramente de suavizar as nossas disputas.

– Nós não temos disputas – respondeu Scott –, com exceção do facto de o senhor ter jogado cada libra e cada centímetro de terra que possui, e perdeu-as para mim. – Observou Gaylord e a sua falta de apreço era palpável e enfurecedora. – Além disso, não estou no mercado à procura de noiva. Acabei de me comprometer.

– Não sabia. – Gaylord ficou incrivelmente desanimado com a novidade. – Com alguém que eu conheça?

– A minha noiva fará o anúncio.

Gaylord mexeu-se no assento, debatendo-se para encaixar este último desenvolvimento. Havia rumores de que Scott aceitava toda a espécie de privilégios para compensar as dívidas. Era evidente que Gaylord sofrera um golpe e cerrou os dentes. Quem se teria intrometido e roubado a ideia de Gaylord? Quem oferecera uma rapariga antes que Gaylord pudesse fazer semelhante oferta?

– Talvez pudéssemos estabelecer outro tipo de acordo – afirmou Gaylord com astúcia.

– Como assim?

– A Rebecca é tão bonita, e ainda é donzela. Está no ponto para a colheita.

Ramsey Scott mexeu-se no canto, mas Michael Scott tornou a levantar a mão, impedindo qualquer comentário.

– Quer que eu a *colha*? – perguntou Michael Scott.

– Um homem pode tomar noiva – disse Gaylord –, mas isso não afrouxa o seu interesse por outras... coisas.

– Está a oferecer-me a virgindade da Rebecca?

– Estou.

– Em troca de quê?

– De mais seis meses de residência em Cliffside.

Seis meses era uma eternidade, durante a qual Gaylord podia descortinar uma solução melhor. Podia tentar a sorte noutros clubes. Talvez a sua maré de azar terminasse e ele ganhasse tanto dinheiro que poderia voltar a comprar Cliffside e mandar Michael Scott fazer as malas.

– Deixe-me clarificar isto – começou Michael Scott. – Eu ganhava uma noite desagradável com a sua cunhada virginal e irritante e o senhor ganhava mais seis meses em Cliffside?

– Sim.

– Não. Detesto lidar com virgens e não deixarei que me saque a minha propriedade. Fui mais do que justo ao permitir-lhe sair no primeiro de julho.

– Muito bem, muito bem – concordou apressadamente Gaylord. – Pode tê-la como amante durante seis meses. É uma troca justa, não é? Seis meses por seis meses.

– Podia fazer o que quisesse com ela durante esse período?

– Sim – disse Gaylord.

– E uma vez terminados os seis meses, o que acontece?

– Depois... o quê? – Gaylord ficou de boca aberta, como se não entendesse a pergunta.

– O que seria dela? Estaria desgraçada.

O que será dela não é problema meu!

Gaylord estava farto de apoiar aquela rapariga tola. Anos antes, ele queimara-lhe o dote e ela nunca deixou de o importunar com isso. Apesar da sua natureza desagradável, permitiu-lhe ficar em Cliffside e ela tinha sido muito paciente. Tinha de baixar os seus padrões, encontrar o melhor marido possível disponível sem a contrapartida de um dote e sair da casa de Gaylord.

– Se não gosta da Rebecca... – começou Gaylord.

– Não gosto.

– Deixe-me fazer outra sugestão.

– Pode ser que já tenha atingido o limite daquilo que estou disposto a ouvir.

– Escute-me – implorou novamente Gaylord, que agora parecia ainda mais desesperado. – A minha mulher mencionou que se enamorou da outra irmã dela, a Magdalena.

– Não faço ideia porque haveria ela de pensar isso – afirmou o senhor Scott. – Eu mal conheço

Magdalena Wells.

– Creio que socializaram quando esteve de visita a Cliffside.

– A mansão estava apinhada até às costuras com convidados, de modo que socializei com muitas pessoas. E então?

– Como não vai considerar uma relação com a Rebecca, de bom grado lhe estendo a oferta à Maggie.

Pamela instara-o a começar por propor Magdalena, mas Maggie não era uma peste como Rebecca. Nunca incomodava Gaylord e sustentava-se a si própria, se bem que seria mais difícil agora que ele pusera as mãos no fundo fiduciário do seu dote. Estava tão falida como todos os membros da família.

Porque não haveria de dar o seu contributo? Porque não haveria de sofrer como o resto da família?

– Estamos a regatear a sua castidade? – perguntou Michael Scott.

– Não, os seis meses pelos seis meses.

O senhor Scott bufou, divertido.

– A Magdalena pode ter uma palavra a dizer sobre o assunto. Não a imagino a consentir isto.

– Não lhe cabe a ela fazê-lo.

– Não? Parte do princípio de que pode mandar nela?

– Não vai ser necessário. Ela é absurdamente dedicada às irmãs. Quando souber o que está em jogo, terá ânsias de ajudar.

– Mesmo que isso pressuponha abrir as pernas para mim durante seis meses?

– Mesmo assim.

Michael Scott olhou de relance para Ramsey Scott, em busca da opinião do outro, mas Ramsey tinha um olhar fulminante e não deu qualquer indicação do que achava que o amigo devia escolher.

– Será que posso fazer um comentário acerca da Magdalena? – perguntou Gaylord.

– Não pode, não.

Gaylord continuou, mesmo assim:

– É a mais bela das irmãs Wells, e também a mais inteligente. Consegue ter uma conversa. Nunca se iria aborrecer na companhia dela.

Michael Scott mostrou desdém.

– Era mesmo o que eu procurava numa companheira de cama. Conversas!

Apesar disso, era evidente que Scott se sentia intrigado e a sua mente astuta separava as vantagens e as desvantagens. Os segundos excruciantes iam passando. Scott tamborilou os dedos na secretária e acabou por dizer:

– Vou fazê-lo durante um mês. Se ela me agradar, *e* se não for chata como o diabo, fico com ela durante os seis meses.

Gaylord ficou tão aliviado que quase deslizou para o chão transformando-se num montinho de exaustão. Um mês inteiro! E podia aumentar para meio ano! Qualquer *acidente* malévolo podia acontecer a Michael Scott durante tão longo período de tempo.

– Ela vai agradar-lhe! Juro-lhe que sim.

– Bom, veremos. Conta-lhe o senhor ou eu?

– Contamos-lhe eu e a minha mulher. Pode ser preciso persuadi-la um pouco.

– Estamos na tarde de quarta-feira. A minha expectativa é que comece no sábado.

– Sábado está muito bem.

– Se ela recusar, deixarão Cliffside imediatamente, sem mais delongas.

– Espere um minuto! – bufou Gaylord. – Não posso ser responsável por...

– São esses os meus termos, Farrow. Se ela concordar, começamos no sábado, se não vai deixar a casa mais cedo do que o planeado.

Gaylord queria gritar insultos, queria dizer palavrões e perguntar onde fora que uma pessoa tão vil como Michael Scott arranjava atrevimento para ditar as regras a Gaylord. Mas conseguira obter aquilo que o levava ali.

Levantou-se e estendeu a mão, como se pudessem dar um aperto de mão e fingir que estavam em bons termos, mas Scott limitou-se a olhar para a mão estendida e Gaylord deixou-a cair ao lado do corpo.

– Vou andando – murmurou.

O senhor Scott fez um gesto a Ramsey.

– Siga-o. Não quero que se deixe ficar por aí.

Ramsey Scott afastou-se da parede e investiu, alto e violento, como se fosse arrastar Gaylord para fora dali. Gaylord saiu apressadamente antes que Ramsey Scott lhe pudesse tocar.

Quando começou a andar pelo corredor, Michael Scott gritou-lhe:

– Sábado de manhã, Farrow. Ela será minha às onze horas em ponto. Não lhe darei nem mais um segundo.

Gaylord estremeceu de medo, preocupado com a reação de Magdalena, mas sentiu também uma pontada de entusiasmo. Maggie era astuta e prática. Haveria de reconhecer a importância da sua tarefa, perceberia que as irmãs precisavam dela naquela hora de necessidade.

Teria finalmente a oportunidade de provar a sua lealdade. Iria salvá-los a todos – se não Gaylord haveria de extrair dela uma compensação que estava seguro ela não queria pagar.

* * *

– Deixe-me matá-lo.

Michael ponderou o pedido e disse:

– Não.

– Por favor! – implorou Ramsey. – Vai ser lento e doloroso e vou tirar disso grande prazer.

– Não. Se o Farrow morresse, seríamos os principais suspeitos.

– E depois? Nunca seriam capazes de me acusar de nada.

– Ele não vale o risco.

– Que risco? Posso segui-lo na estrada, deixá-lo sem sentidos e afogá-lo num riacho. É famoso por ser um bêbado. As pessoas vão julgar que caiu e estava demasiado ébrio para sair de lá.

Michael soltou uma risadinha, mas abanou a cabeça.

– Eu quero Cliffside.

– Ele já assinou a entrega de posse.

– Arrependo-me de lhe ter dado tempo para sair de lá. Pôs-me numa posição em que tenho de lidar com ele constantemente.

– Então, porquê alinhar com o esquema dele para a menina Wells?

– Ele nunca a convencerá. – Pelo menos Michael achava que não. Quando se trata de uma mulher, quem sabe como ela irá reagir? – Ela detesta-o, portanto, ele nunca conseguirá convencê-la. No sábado vamos ter o nosso assunto tratado com o Farrow. Não terei de esperar para o despejar.

– Então e a outra irmã? A Rebecca?

- O que tem ela?
- Vai abandoná-la ao Farrow?
- Fala como se eu fosse o salvador dela.

Por alguma razão, Ramsey ficara obcecado com Rebecca Wells, mas Michael não compreendia isso. Ramsey podia escolher qualquer rameira da cidade. Porquê incomodar-se com Rebecca?

Era bonita, mas volúvel e tola. Aos vinte e dois anos, já passara a idade de se casar, já ultrapassara o intervalo de tempo em que um homem a poderia treinar para os deveres do matrimónio com a confiança de que ela agiria de forma adequada.

- Não pode partir do princípio de que ela está em segurança com o Farrow – queixou-se Ramsey.
- Não parto desse princípio.
- Vou tirá-la de lá – gabou-se ridiculamente Ramsey.
- Para fazer o quê com ela?
- Não faço ideia, mas seja o que for que eu escolha fazer, será melhor do que o que ela enfrenta com aquele filho da mãe.

– Deixe-a em paz – ralhou Michael. – Depois do fracasso do acordo no sábado, depois de *nós* nos mudarmos para lá e eles saírem, não quero mais contacto com eles.

- Talvez por uma vez na vida eu não lhe vá dar ouvidos.

O anúncio de Ramsey era tão atípico que Michael foi apanhado de surpresa e fez uma careta.

- Não discuta comigo. Não se meta em sarilhos.
- Que importância pode ter um envolvimento meu com a Rebecca? Você não quer saber de Cliffsides. Planeia vender a propriedade depois de eles saírem de lá.
- Pode ser que fique com ela.
- Você, ficar com Cliffsides? E porquê?
- Agora que estou noivo, preciso de um lugar com estilo para pôr a minha mulher.

Acertara os termos do acordo com Lorde Stone. Michael ganharia uma plantação de cana-de-açúcar e três navios – e uma filha indesejada – e Lorde Stone ficaria com tudo o resto.

Michael achava que devia sentir alguma emoção, felicidade, orgulho, satisfação. Mas não tinha quaisquer sentimentos por Felicia. Calculava que teria de fazer uma visita a sua casa para lhe ser devidamente apresentado, para a pedir pessoalmente em casamento, mas sentia-se exausto só de pensar nisso.

Ramsey não queria acreditar.

- Vai viver em Cliffsides... num feliz casamento com Lady Felicia?
- Se ela gostar do lugar. Se não, compro-lhe outro.

Michael tinha uma casa no campo – comicamente chamada Ninho do Órfão –, mas raramente lá ia. Não gostava dos caminhos rurais desertos, nem das noites sossegadas que pareciam nunca acabar. Estava demasiado acostumado à ação e aventura.

Ainda assim, era uma bela residência, confortável e mobilada com estilo. Não tinha nada de grandioso e Felicia haveria de esperar um ambiente de luxo. Além disso, se Michael queria penetrar no círculo social de Felicia – que era o propósito do casamento –, tinha de possuir a propriedade certa.

- E se estiver enganado em relação à menina Wells? – perguntou Ramsey.
- Como assim?
- E se ela estiver tão preocupada com as irmãs que consente?

Michael sentiu uma onda de excitação ao pensar em como seria emocionante ter Maggie só para si durante um mês. Ou talvez até seis!

Contudo, mal identificou o seu crescente entusiasmo, afastou-o. Aparentemente, estava tão enamorado como Ramsey, mas enquanto Ramsey podia ansiar e lamentar-se por Rebecca Wells, Michael nunca criara laços com ninguém. Não estava na sua natureza.

Os laços eram sempre cortados, por isso o seu passado tinha sido uma história deprimente de separação e tragédia. As pessoas iam-se embora. Morriam. Ramsey era o único que ficava. Ao longo dos anos da vida de Michael, tinha sido Ramsey e mais ninguém.

– A Magdalena Wells não vai ser pera doce para o Farrow – disse Michael – e nunca se rebaixaria a casar comigo. Nem que disso dependesse o destino do mundo.

– O destino do mundo *dela* depende.

– E depois? Foi muito clara acerca da opinião que de mim faz e o Farrow nunca a há de convencer a participar.

– Veremos – disse Ramsey, divertido.

– Sim, veremos.

* * *

– Não fale.

– Quem está aí?

Ramsey apoiou a anca à cama de Rebecca e premiu a palma da mão na boca dela para a impedir de gritar.

Estava escuro, apenas um toque de luar entrava pela janela do quarto e ele não queria assustá-la, fazendo-a gritar e ser acudida pelos criados. Percorrera furtivamente os corredores desertos sem ver viva alma.

Mesmo assim, tinha de ser cuidadoso para não ser apanhado, uma vez que não queria fazer zangar Michael. Nos anos terríveis da infância dos dois, Michael salvara-o mil e uma vezes. Treinara pacientemente Ramsey para que se tornasse o criminoso durão e malicioso que era.

Acima de tudo, Michael levava Ramsey consigo na viagem conjunta para a riqueza e o poder. Michael não era o tipo de pessoa que deixa outro para trás. Era a pessoa mais ferozmente leal que Ramsey já conhecera e Ramsey retribuía com a mesma lealdade feroz.

Só agora, com a entrada de Rebecca em cena, ponderava ele uma pequena traição. Michael avisara-o que se afastasse de Rebecca, mas se Michael nunca viesse a saber daquele disparate de Ramsey, que mal fazia?

– Sou eu, o Ramsey Scott – murmurou ele. Ela anuiu sob a palma da mão dele, fazendo-o saber que percebera. – Vou tirar a mão. Não faça barulho.

Afrouxou a mão e ela disse:

– Não faço.

– Ótimo.

Ela sentou-se, com a roupa da cama apertada contra o peito, o cabelo castanho caído sobre os ombros.

– Porque está aqui?

– Vim vê-la.

– A sério? Não vive em Londres?

– A maior parte do tempo.
– E fez toda essa viagem?
– Fiz.
– Julguei que não estava interessado em mim. Naquela noite no jardim foi muito claro.
– Será que um homem não pode mudar de ideias?
– *Pode*, mas parece muito peculiar. – Bateu as pestanas. – Continuo a ser a donzela ingénua que não suporta.

– Talvez eu tenha decidido experimentar coisas novas.

Ela empertigou o nariz.

– Não vai experimentar coisas novas comigo.

– Tem a certeza.

– Tenho.

– Fico espantado por ouvi-la dizer isso. Tomei-a por uma rapariga inocente, mas curiosa.

– Curiosa em relação a quê? A si?

Os seus grandes olhos azuis percorreram o tronco dele, e havia muito para ver.

– Quero mostrar-lhe uma coisa – disse ele.

– O que é?

– Quero *mostrar-lhe*, e não contar-lhe.

– Não sei bem se gosto de si e, pelo brilho nos seus olhos, é evidente que está a considerar alguma coisa de mal.

– E estou. Admito.

– Não me posso envolver consigo. O Gaylord foi a Londres para me comprometer com Michael Scott. Vou casar.

– Com o Michael?

– Sim.

– Não falou com o seu cunhado?

– Não, ele ainda não voltou.

– Não se vai casar com o Michael.

– Ele disse que *não*?

– Disse que *não*.

– Oh!

Os ombros dela descaíram em sinal de derrota e ele sentiu uma grande comoção de pena por ela. Farrow regateara-a como se fosse um porco de engorda, na esperança de que Michael se quisesse banquetear com ela, mas ele nunca consideraria sequer essa hipótese e Farrow foi louco em apresentá-la.

Ela partiu tolamente do princípio de que Farrow procurara para ela um noivado com Michael! Julgava que o cunhado viajara até à cidade com boas intenções!

Ramsey engoliu os comentários cáusticos que queria proferir sobre Farrow. Nunca lhe contaria que o cunhado começara por falar em casamento, mas acabara por propor um outro tipo de arranjo completamente diferente.

Ramsey ganhava a vida com cavalheiros de fraca reputação. Arruinavam-se amiúde e, quando acorriam a desfazer o mal, o suíno desprezível oferecia subornos e outros incentivos demasiado tenebrosos para referir à frente de pessoas de bem.

Já nada o espantava, mas, mesmo calejado, Farrow repugnara-o. A pobre rapariga não estava a salvo com o cunhado. Se Farrow a oferecia como amante a um demónio como Michael, que pusilânime destino poderia Farrow arquitetar para ela a seguir?

– Ansiava por um compromisso com o Michael? – perguntou Ramsey. – Contava com isso?

Se o coração dela estava com Michael, Ramsey ficaria destruído. Michael belo, ousado e civilizado de uma maneira que Ramsey nunca conseguiria ser. Ramsey era belo quanto bastasse, mas era demasiado grosseiro para que uma verdadeira senhora o escolhesse em detrimento de Michael.

– Não estava propriamente a contar com isso – afirmou ela. – Simplesmente, estou desesperada para sair de Cliffside. Gaylord está com problemas financeiros por causa do jogo e eu estou ansiosa por fugir daqui antes que fiquemos encurralados.

– Isso é muito sensato – concordou Ramsey, mas não a informou de nenhum facto pertinente. Era óbvio que ela desconhecia que a propriedade já estava perdida e não seria Ramsey a esclarecê-la. Farrow podia explicar os seus próprios pecados.

– Casar com o Scott tirava-me de Cliffside – disse ela –, mas eu não estava obcecada com a ideia. Gaylord podia ter-me entregado a ele ou a outro qualquer, que eu sentir-me-ia aliviada. A esta data, já tardia, não sou picuinhas.

Ramsey bufou, divertido. Ela queria ser salva e, se Michael não era o salvador de ninguém, poderia Ramsey assumir o papel de campeão? Seria possível?

Não tinha a certeza. Havia o problema central de para onde a levar. Ele era um solteiro convicto sem planos para se casar, portanto, se a convencesse a fugir, qual seria o seu propósito? Por alguma razão, não a imaginava nos seus aposentos por cima do clube de Michael, nem este o permitiria, portanto, qual era a sua intenção?

– Porque me visitou? – perguntou ela. – Vem meter-se debaixo dos lençóis? Vai violar-me?

– Posso meter-me debaixo dos lençóis, mas não sei bem sobre a parte da violação. Ainda não decidi o que quero de si.

– Não irá muito longe, a menos que esteja a pensar em casamento.

– Não estou a pensar em casamento.

– Era o que eu pensava.

– Quero que isso fique claro desde o princípio.

De facto, tendo em conta as rameiras que geralmente o serviam, nenhuma mulher que o conhecesse pensaria que o casamento estava em cima da mesa.

– Estamos só a conversar? – perguntou ela.

– Talvez.

Ele estendeu a mão para a manta que ela apertara contra o peito e, com um minúsculo sacão, afastou-a pelo corpo e pernas abaixo.

Usava uma camisa de dormir rendada, de branco puro com flores bordadas na parte de cima. Tinha demasiado tecido, que se amontoava em redor dela, escondendo as zonas de relevo.

– Dorme sempre de camisa de dormir? – perguntou ele.

– Não dorme toda a gente?

– Eu não.

– Isso parece verdadeiramente escandaloso.

– De agora em diante, vai dormir nua.

– Porquê?

- Da próxima vez que eu passar por aqui, não vai estar a usar nada.
- Pode aparecer outra vez?
- Talvez.
- Quem lhe disse que é bem-vindo? – provocou ela.
- Vai ficar contente quando eu chegar. Aposto cem libras.
- Pode ser que não fique contente. Pode ser que fique furiosa.

Ele riu.

- Durma sem camisa de dormir... a começar amanhã.
- Vou ficar nua!
- É isso mesmo que eu espero.

Ele sentia-se cada vez mais inseguro, não estava nada convencido de que devia continuar. Independentemente do que fizesse, havia o espectro de Michael a espreitar ao fundo, aconselhando-o a acalmar os seus comportamentos mais desenfreados.

Não tinha nada que ir espreitar o quarto dela, não tinha nada que ir de Londres até ali só para falar com ela. Preparara-se para a desflorar, mas não tinha planos para o que viria a seguir.

- Tenho de me ir embora.

Ela fez uma careta como se ele fosse um lunático.

- Ainda agora chegou.
- Provavelmente, não devia ter vindo.
- Não faz sentido nenhum.
- Deixe-me ver os seus seios – pediu ele de repente. – Compense-me pelos meus trabalhos.
- De modo nenhum.
- Ouvi uns rumores sobre si.
- Que rumores?
- No seu íntimo, é uma relaxada.
- Lá porque gosto de namoriscar de vez em quando, isso não quer dizer que tenha uma moral rasteira.

– Gosto de raparigas de moral rasteira. São as que prefiro. Só não gosto de raparigas inocentes, mas as de tendência relaxada costumam desembaraçar-se da inocência rapidamente.

A parte da frente da camisa de dormir apertava com um laço. Ele agarrou a ponta e puxou, para desfazer o laço.

- Pare com isso.

Rebecca agarrou-lhe o pulso, um gesto vão. Nada o podia deter.

– Não. Quero ver se tem partes femininas para as quais valha a pena olhar. Não sei dizer o que está por baixo de todo esse tecido branco virginal.

- Tenho muito para ser *olhado*.
- Mostre-me.

Ela não se mexeu e ele puxou-lhe a camisa pelos ombros abaixo. Saltaram dois seios muito empertigados. Ela gritou, alarmada, e tentou tapar-se, mas ele prendeu-lhe os braços ao lado do corpo e fez uma avaliação completa. Passou a palma da mão por eles e os mamilos projetaram-se quando os premiu com o indicador e o polegar.

- Que beleza – murmurou ele.
- Estou encantada com a sua aprovação.

– Ah, tem definitivamente a minha aprovação.

Ele inclinou-se e sugou um mamilo, mantendo-a bem pertinho de si, o tronco esguio colado ao seu peito. Ela parecia encaixar nele na perfeição, como se tivesse sido feita especificamente para ele.

Ele deitou-a suavemente de costas e desceu sobre ela, mordiscando um caminho até ao pescoço dela, ao queixo, para lhe apanhar os lábios num beijo tórrido. Ela lançou-se imediatamente à ocasião, dando provas de que não era inexperiente. A sua evidente habilidade no amor levou-o a perguntar-se se seria de facto casta.

Se avançassem, talvez não fosse desflorada. Talvez já tivesse havido alguém.

Beijou-a até não aguentar mais, até estar à beira de sérias transgressões. Havia sempre consequências e, como ele tinha por hábito agir apressadamente, tinha muitas vezes de pôr em ordem as desordens de Ramsey. Como Michael o advertira para que ficasse sossegado, Ramsey podia estar a sair de pé com Rebecca.

Ao longos dos quilómetros da longa viagem até Cliffside, dissera a si mesmo que não fazia mal iniciar uma conduta ilícita, mas e se fizesse? Teria de refletir acerca das ramificações, tinha de ser confiante no caminho a sair.

Afastou-se, e ela sorriu-lhe, com ar feliz mas também malicioso, como se *ela* o tivesse seduzido, e não o contrário.

– O que foi? – perguntou ele.

– Não é nada mau.

– Nem você.

– Diga-me porque está realmente aqui.

– Eu... – Fez uma pausa, ponderando no quanto deveria revelar. Por fim, disse: – Não está em segurança com o seu cunhado.

– Sempre me senti em risco com ele... desde o dia em que rompeu com a Magdalena.

– Perdeu Cliffside ao jogo. Sabia disso?

Ela franziu o sobrolho.

– Perdeu toda a propriedade?

– Perdeu.

– Percebemos que ele estava em dificuldades, mas não fazia ideia que tinha ido tão longe.

– Michael Scott é o dono de Cliffside.

Ela ficou horrorizada com a notícia.

– Não é nossa?

– Não, e quando um homem como Gaylord Farrow fica sob muita pressão, pode fazer coisas horríveis.

Ela fitou-o, à espera que dissesse mais, mas ele travou a língua antes de a informar da tentativa patética de Farrow para a vender a Michael.

Acabou por perguntar:

– Levava-me consigo?

– Talvez.

– Levava-me agora?

– Primeiro, tenho de tomar umas providências.

– Que espécie de providências?

– Se eu a levasse, não teria onde a pôr.

– Eu não dou trabalho nenhum. Nem vai dar pela minha presença.

Ele bufou.

– Menina, algo me diz que o seu nome é sinónimo de *sarilhos*.

– Eu juro que não vou ser aborrecida. E não teria de se casar comigo. Leve-me consigo, só isso.

Ela não podia ter dito nada mais encorajador. Estava disposta, sem os trabalhos ou as exigências de casamento. Que mais podia querer um sujeito libertino como ele?

– Mesmo nesses termos – respondeu ele –, continuo a ter de preparar a sua chegada.

Ela suspirou.

– Está bem, mas prometa que volta.

– Vou voltar. Faça uma mala e guarde-a debaixo da cama... uma sacola pequena que possamos amarrar a um cavalo.

– Vou precisar de roupa, portanto, terei de ter mais do que uma mala.

– Eu compro-lhe roupa. Compro-lhe um guarda-roupa inteiro, digno de uma rainha.

Mergulhou e desfrutou de mais um beijo delicioso, depois deslizou do colchão e pôs-se de pé.

– Esteja preparada para partir de súbito – disse ele.

– Quanto tempo demora, um dia, um mês, um ano? Quanto?

– Dê-me umas semanas.

– Semanas! Numas semanas, pode acontecer uma tragédia.

– Sim, mas vai sair de Cliffside antes que aconteça alguma coisa de terrível.

– Isso não me faz sentir nada melhor.

– Prepare-se – lembrou ele – e não se esqueça do nosso acordo. Eu ajudo-a, mas sem laços e não me vai dar problemas.

– Não me esqueço.

– Olhe sempre por cima do ombro – disse ele. – Nunca se sabe quando eu estarei lá.

Virou-se e dirigiu-se à janela de correr que dava para a varanda. Saltou pelo corrimão, agarrou um galho de árvore e deslizou para o chão, desaparecendo tão depressa e silenciosamente que podia nem ter estado ali.

– Onde mora, senhor Scott?

Michael fitou Felicia, calculando que não devia responder, *A maior parte do tempo fico nos aposentos por cima do meu clube de jogo.*

– Adquiri recentemente uma propriedade ótima em Surrey.

– Como se chama?

– Clifftside.

– Mas... não é bem a sua casa.

– Não, mas eu nunca tive casa.

– Toda a gente tem uma *casa*, nem que seja uma palhota na floresta.

– Eu nunca tive.

– E porquê?

Michael olhou boquiaberto para a noiva, mas não respondeu. Já se baralhara nas respostas. Devia ter alegado simplesmente ter crescido em Clifftside.

Como o pai dela era conde, ela vinha de um mundo onde o estatuto era tudo, portanto, não lhe ia contar que era um órfão e criminoso célebre pelos seus modos duros e pela determinação obstinada.

Assumira estupidamente que podia ficar noivo dela sem grandes consequências. O pai concordara com os termos de Michael e este pouco mais pensara na situação. Não tivera em consideração os sentimentos *dela* sobre o sucedido, não pensara que ela podia estar infeliz ou até zangada.

Casaria com Michael porque o pai assim lho ordenara, mas ninguém – nem sequer o pai exaltado – a podia obrigar a estar feliz.

– Continuamos a andar? – perguntou ele. – Podíamos seguir o caminho até ao rio. Pode estar mais fresco lá.

– Gostava de ficar aqui a conversar... se não se importa.

– Sim, está bem.

Encontravam-se na propriedade londrina do pai. Situava-se às portas da cidade e Lorde e Lady Stone tinham organizado uma festa de noivado nessa tarde no jardim. Havia tendas brancas e mesas recheadas de comida e champanhe. Os criados andavam pelo jardim, ansiosos por satisfazer os pedidos de todos, mas ele e Felicia afastaram-se das festividades, tendo-o ela puxado para um passeio privado.

Os convidados eram um conglomerado da elite londrina. Os homens eram na sua maioria os idiotas aristocratas e presunçosos que ele odiava e a maior parte devia-lhe dinheiro. Por certo teriam ficado desiludidos por ele ser recebido nos seus venerados salões, onde tinha o direito de estar junto deles em pé de igualdade. Quem lhe dera dirigir-se a todas as esposas para lhes sussurrar alguns segredos dos maridos.

Com os seus tão típicos olhos azuis e cabelo loiro, Felicia era uma rapariga atraente, baixa e roliça, com faces rosadas, braços carnudos e bastante peito. Podia passar por uma leiteira saudável,

isto se estivesse com roupa vulgar em vez do vestido imaculado.

Era de um belo tom de azul, uma cor enaltecida pelas safiras berrantes das suas joias, e ele irradiava satisfação por saber que aquelas joias podiam ser dele e que Felicia as pudera conservar devido ao acordo feito com o seu pai. Perceberia ela isso? Quanto lhe contara o pai sobre o sucedido?

Sem dúvida culpava Michael pela ruína. As famílias culpavam-no sempre.

– Porque me escolheu? – perguntou ela.

– Como assim?

– O meu pai decretou que devo casar consigo e eu concordei, senhor Scott. Podemos acabar casados durante décadas, mas nem uma dúzia de palavras trocámos um com o outro. Por isso, torno a perguntar: porquê eu?

– Porque o seu pai fez a oferta.

– *Ele* ofereceu-lhe a minha mão? Não foi o senhor que procurou o noivado?

– Não, foi ideia dele.

Ela fez uma careta.

– Não sei se isso me faz sentir melhor ou pior. Estava com esperança de que me fizesse a vontade e fingisse que estava morto por me ter, que lhe tinha implorado que ele lhe desse a minha mão.

– Nunca na vida implorei nada e nunca estive *morto* por ter coisa nenhuma.

Não era exatamente verdade. Quando era mais novo, passara muitas vezes frio e fome e claro que tinha sido desesperadamente pobre. Sentia muitas vezes medo de morrer se não arranjasse comida para se alimentar. Mas esses dias já não contavam.

Ela estudou-o.

– Sim, vejo que não é o tipo de homem que alguma vez tenha implorado fosse o que fosse.

– Geralmente consigo o que quero.

– E será que me *quis*?

Michael encolheu os ombros.

– Serve.

Ela riu, infelicíssima.

– Se eu fosse do género de rapariga violeta a murchar, essa resposta podia deixar-me lavada em lágrimas.

– Muito me alegra saber que não é chorona. Detesto mulheres histéricas.

– Bem, então vou assegurar-me de que nunca me deixarei perturbar na sua presença sensível.

Michael riu-se.

– Obrigado.

– De nada. – Escrutinou-o mais atentamente, avaliando a roupa cara, o anel de diamantes no dedo.

– É rico?

– Muito.

– Não vou viver esfarrapada e a ter de ordenhar as vacas antes do jantar?

– Não.

– Graças a Deus! – exclamou com sarcasmo. – Desculpe inundá-lo de perguntas, mas o meu pai não responde a nenhuma e julgo ter o direito de saber um pouco sobre si.

– Pode perguntar o que quiser.

Não podia garantir que as suas respostas seriam verdadeiras, mas sem dúvida que ela as podia

colocar.

– Que tipo de vida imaginou para nós?

Michael franziu o sobrolho.

– Que tipo de vida?

– Mal nos conhecemos. Como nos vamos dar?

– Como a maior parte dos casais, imagino eu.

– Está a ser deliberadamente obtuso ou não é muito dado a conversas?

– Não me importo de ter uma conversa sincera, mas isto é mais desconfortável do que pensei.

– Lá isso é verdade.

– Não é minha intenção ofendê-la – disse ele –, mas não pensei muito em como isto ia ser.

– Isto...?

– O nosso noivado. Você.

Ela pestanejou.

– Lá está o senhor outra vez a fazer-me sentir especial.

Michael sorriu. Ela estava a lidar muito bem com a situação e ele estava a ser um parvo, mas, pura e simplesmente, não conseguia exibir um comportamento melhor.

Toda a sua vida detestara a aristocracia, parecendo ter uma aversão inata por ela. Assumiu que seria divertido abrir caminho no seu círculo, forçar os portões e roubar uma das suas preciosas filhas. Mas agora que estava no seu interior, agora que o futuro se precipitava sobre si como uma carruagem veloz, pressentia um grande erro em ação.

Não queria saber da plantação na Jamaica nem dos navios que receberia. Gostara de ver Lorde Stone contorcer-se, de ter aquele homem altivo debaixo do seu polegar. Mas era evidente que Michael se sentia ofendido com o noivado e era uma péssima altura para perceber isso. Ele, na verdade, não se opunha ao casamento, nem se opunha excessivamente ao casamento com *ela*. O que se passava então de mal?

Passou-lhe pela cabeça uma memória de Maggie Wells e o problema com Felicia ficou muito claro.

Quando estava ao pé de Maggie havia entre eles uma ligação física tão forte que o ar ficava eletrizado. Com Felicia, não sentia nada. Não havia desejo. Nem paixão. Não lhe despertava o interesse. Nem sequer uma certa curiosidade.

Perguntava-se simplesmente se os anos que aí vinham seriam muito entediantes. Uma vez que detestava o pai dela, e todos os seus conhecidos, e ganhava a vida a arruinar pessoas como Lorde Stone, como haveriam de se dar bem?

O seu desejo secreto – tão pouco viril que não o podia pronunciar em voz alta – era ter uma casa e uma família, mas ansiava por uma família *genuína*, uma mulher que o amasse, que fosse sua companheira para o bem e para o mal.

Felicia haveria de lhe oferecer uma companhia educada e conversas de cortesia, e a impressão subjacente seria sempre de que não o suportava, de que ele a ganhara com falsas pretensas. Poderia ele continuar assim? Valeria a pena?

– Como é Cliffside? – perguntou ela.

– Muito grandiosa, mas, se não lhe agradar, compro-lhe outra propriedade.

– A que eu quiser?

– Sim.

- É mesmo rico.
- Sim, sou mesmo.
- Ótimo. Pela maneira que o meu pai fala de si, julguei que talvez ganhasse a vida com o jogo.
- Jogo de vez em quando, mas também faço dinheiro de outras formas.
- Que formas?

Trafico, defraudo, furto, ameaço, chantageio e roubo.

- Sou um homem de negócios?
- Um homem de negócios bem-sucedido?
- Extremamente bem-sucedido, e não me quero vangloriar, mas, à luz da penúria do seu pai, tem sorte por se ligar a mim.
- Bem, sou a rapariga com mais sorte do mundo por estes dias.
- Oxalá eu pudesse dizer que sou o homem dos seus sonhos.
- Não é. – Ela arquejou. – Senhor Scott, peço-lhe as minhas humildes desculpas. Perdoe-me. Hoje nem pareço eu e estou envergonhada por lhe ter dado uma resposta tão rude.
- Está bem. Tenho noção de que esperava um homem bem mais refinado.
- Sim, cresci entre os filhos da nobreza e parti do princípio de que casaria com um deles.
- Deixe-me ser indiscreto e confidenciar-lhe que provavelmente conheço todos os pavões que considerou para possíveis esposos. Não perde muito ao ter de os abandonar.
- Está a dizer-me que fico numa situação superior ao casar-me consigo?
- Eu nunca diria *superior*, mas juro-lhe que nunca jogarei as suas joias nem os seus filhos.
- Fico muito aliviada por ouvir isso.
- Trabalho muito e tomo boas decisões, por isso nunca terá de recear que eu destrua tolamente a sua vida e que só o venha a descobrir tarde de mais.
- É um bónus.

Haveria, contudo, de ter muitas mulheres, mas não lhe parecia pecado que devesse confessar. Seria uma informação a manter entre si e as suas rameiras preferidas.

- E serei bondoso e respeitador – acrescentou. – Nunca lhe baterei.
- Nunca me *baterá*? Nem por um segundo considere que me devia preocupar com um traço de personalidade desses quando escolhia marido.
- Mas devia.
- Porquê?
- Ficaria espantada com os problemas que uma mulher pode encontrar ao longo do matrimónio.
- Não me baterá!

Levou as mãos aos olhos e, por um momento, ele julgou que fosse chorar. Em breve descobriu que estava a abafar o riso, mas com desalento.

- Desculpe, senhor Scott – disse ela –, mas agora tenho de regressar à festa.
- Muito bem.

Fez menção de lhe pegar no braço para a acompanhar, mas ela afastou-se.

- Posso ir sozinha. Não vai ficar horrivelmente ofendido, pois não?
- Nada me ofende horrivelmente – respondeu ele, mas era mentira.

A maior parte das coisas provocava-o horrivelmente. Tinha grandes apetites e as suas emoções nunca eram tépidas em nenhuma matéria. Sentia-se extremamente feliz, ou extremamente zangado, ou extremamente irritado. No que dizia respeito ao seu estado mental, não havia sentimentos tranquilos.

- Não se importa de passar por cá noutro dia – pediu ela –, para podermos conversar mais?
- Mas é claro.
- Podíamos visitar Cliffside? Gostava de ver onde vamos viver.
- Certamente. Os antigos residentes ainda lá estão, mas vão sair em breve.
- E se eu não gostar...?
- Compro-lhe outra coisa. Fiz a promessa e foi genuína.

Ela olhou-o boquiaberta como se ele fosse um herege – que de facto era –, mas não a julgaria com demasiada dureza. Só tinha dezoito anos e o pai atirara os seus problemas para os ombros roliços da filha. Tinha razão para ter medo. Tinha razão para se preocupar.

Ela virou-se e partiu e ele seguiu-a, a observá-la para se assegurar de que chegava aos convidados sem dificuldade. Por breves instantes, ficou tenso, quando um homem saiu dos arbustos para falar com ela, mas ela parecia conhecê-lo. Trocaram umas palavras murmuradas e ela seguiu o seu caminho e o homem desapareceu nos arbustos.

Com base no breve vislumbre de Michael, aquele homem parecia um velho inimigo seu, Blaylock, que trabalhava como guarda para vários nobres ricos quando eles saíam para se divertir.

Certa noite, na rua de Michael, Blaylock apanhara um dos seus jovens carteiristas em flagrante e espancara o rapaz quase até à morte. Michael retribuía o favor, dando uma tarefa a Blaylock de que ele nunca se esqueceria e avisando-o de que o mataria se tornassem a cruzar caminho.

Ousaria Blaylock mostrar a cara na festa de noivado de Michael?

Ainda considerou ir atrás daquele sujeito furtivo, mas, se era Blaylock e Michael o encurralasse, haveria uma grande cena e repugnava-o andar à pancada à frente de Lady Stone e dos seus amigos presunçosos. No entanto, se Blaylock estava à espreita, não podia ser com intenções decentes. Estaria a fazer um complô com Felicia? Saberla ela da inimizade de Blaylock com Michael? Estaria ciente de que Michael retribuía o sentimento? Deveria dizer-lhe que tivesse cuidado?

Não conseguia decidir o que era melhor. Se não fosse Blaylock, iria fazer figura de parvo paranoico. Talvez fosse um apaixonado dela e, se Michael a questionasse acerca do encontro, a sua relação com ela ficaria ainda mais tensa.

Encaminhou-se em direção à tenda onde decorria a festa, desesperado por mais uísque. Sentia-se em baixo e desejava não ter dado vazão à sua atual loucura. Era Ramsey quem se entregava a comportamentos irreverentes e vãos. E não Michael. Mas este era muito vaidoso e, agora que Lorde Stone lhe dera uma filha, Michael não se imaginava a devolvê-la.

Deixou-se ficar sozinho na sombra, a ouvir as pessoas à sua volta, que regra geral o ignoravam.

Um grupo de mulheres tagarelava e uma disse:

- Lady Run, essa é a mais romântica das histórias.
- Eu não lhe chamaria romântica, mas é intrigante, não acha?

Michael espreitou para a mulher a quem tinham chamado Lady Run. Era dotada de uma beleza exótica, com um belo cabelo loiro e grandes olhos azuis, e ocorreu-lhe que podia ser a mulher mais bonita que ele já vira. As outras senhoras aristocratas eram uma pálida sombra em comparação.

- Uma família perdida – disse alguém – e irmãos perdidos.

Outra pessoa acrescentou:

– Se eu tivesse perdido os meus irmãos com tão tenra idade, não iria à procura deles. Teria medo de quem iria encontrar. Podiam ter-se tornado rufias ou criminosos.

Todos se riram e Lady Run comentou:

– Não me preocupa o tipo de homens que vou encontrar. O meu irmão Bryce é maravilhoso e tenho a certeza de que os outros também serão.

– Teve alguma resposta ao seu anúncio nos jornais?

– Não – respondeu Lady Run. – Recebemos umas quantas respostas, mas nenhuma suficientemente séria para ser investigada.

Michael ficou paralisado. Seria Lady Run a pessoa que publicara o anúncio sobre Michael Blair? Era possível?

Ela ergueu os olhos e viu Michael escondido na sombra. Os seus vibrantes olhos azuis penetraram-no e, sob aquela avaliação astuta, ele teve a mais estranha reação. Ouvia campainhas nos ouvidos, o coração acelerou, a cabeça latejava. Estava tonto, como se estivesse prestes a cair por terra, e ocorreu-lhe que não se devia expor ao sol e que devia reduzir a quantidade de álcool que bebia.

Ela sorriu e a sua desorientação cresceu. Teve uma memória abrupta da mãe – que era loira e de uma beleza espetacular, tal como Lady Run.

Quando era pequeno, sonhava por vezes com a mãe, mas essas visões tinham esmorecido gradualmente. Julgava não se lembrar do aspeto dela. Mas parecia-se exatamente com Lady Run.

Sim, agora lembrava-se.

Lady Run abandonou a sua companhia e dirigiu-se a ele. Ignorando completamente todo e qualquer protocolo, perguntou:

– Não é o noivo enrubescido?

A personalidade vibrante dela perpassou-o, arrancando-o daquela peculiar nuvem que o envolveu temporariamente.

– Sou o noivo – confirmou –, mas geralmente não coro.

– Peço desculpa pela gafe.

– Então, não se importa que me apresente, pois não? Terei de me ir embora em breve e não gostaria nada de o fazer sem a ter conhecido. Não vai desmaiar com o choque?

Michael soltou uma risadinha.

– Vou tentar.

– Sou Evangeline Drake. O meu marido é Aaron Drake, Lorde Run. Conhecem-se?

– Não, mas conheço bem o irmão.

Aaron Drake era um dos poucos homens do reino que não jogava. Contudo, o seu irmão Lucas era um caso completamente diferente e estava endividado até às orelhas. Michael não vira Lucas Drake recentemente e havia rumores de que se casara. Talvez a mulher lhe tivesse acalmado as tendências mais horrendas.

– O senhor tem um clube de jogo, não tem? – Ela falava como se fosse perfeitamente normal eles discutirem o seu negócio de má fama.

– Ah... sim – admitiu ele, sem ter a certeza se o devia ter feito.

– Não me espanta que conheça o Lucas. É um famoso sem lei.

– Sem dúvida que é – concordou Michael.

– Espero que não me considere indiscreta, mas ouvi dizer que o senhor ia viver com Lady Felicia em Cliffside, no Surrey.

– Sim.

– Estou confusa com esta situação. Andei na escola com uma rapariga chamada Magdalena Wells e a família dela tinha em sua posse Cliffside.

– Trata-se da mesma família – afirmou ele cautelosamente. – Tiveram uns problemas ao longo dos anos.

– Que horror. Tem notícias da Magdalena? Éramos muito amigas e, depois de terminarmos a escola, ainda nos correspondemos durante algum tempo. Depois ela deixou de escrever. As últimas notícias que dela tive foi que estava noiva e se ia casar.

– Não se casou.

– Ah, mas que pena.

– De facto, está aqui em Londres. Gere uma missão de beneficência perto do meu clube.

– A Magdalena? Não consigo imaginar. Como sucedeu isso?

– Não sei. – Não queria partilhar os segredos de Magdalena. Se quisesse confiar em Lady Run, a história pertencia-lhe e podia contá-la.

– Adorava ver a Magdalena. Leva-me um dia a visitá-la, senhor Scott?

– Bem... ah... claro. Não é uma zona da cidade muito simpática.

– Tenho a certeza de que aguento. Se lhe der o meu cartão, pode apanhar-me e acompanhar-me. Fico em segurança consigo, não fico?

– Se não ficasse, o seu marido e o irmão matavam-me.

O sorriso dela abriu-se mais.

– Imagino que sim.

Ele queria recusar, mas havia algo de sedutor nela que atraíu Michael, que o fez ansiar pela sua companhia e implorar favores. Sem dúvida que a casa dela se situava na zona melhor de Mayfair e ele teria vergonha de lhe mostrar a sua rua apinhada e esqualida.

Mas aparentemente não podia recusar e Aaron Drake tinha a simpatia de Michael. Como podia um homem dizer *não* a uma mulher daquelas?

Olhou para os seus olhos azuis e sentiu novamente o pulso acelerado. Tinha de novo aquelas campainhas nos ouvidos.

– Já nos conhecemos? – perguntou ela de repente.

– Não.

– Tem a certeza? Parece-me familiar.

– A senhora é espantosa, Lady Run. Sem dúvida que eu me lembraria.

– É um galanteador, senhor Scott. – Sorriu. – Já ouvi muitas coisas a seu respeito, mas não que era galanteador. Nem tão encantador.

– Eu sou encantador? – Agora também ele sorria. – Terei de dizer à minha noiva que é essa a sua opinião. Ela ainda não percebeu como sou maravilhoso.

Aaron Drake dirigiu-se nesse momento à sua mulher.

– Temos de ir – disse ela.

Lady Run olhou radiante para o marido, de uma maneira que – estivessem eles numa sala escura – teria iluminado toda a divisão.

– Aaron – disse ela –, já foi apresentado ao noivo?

– Não, mas o senhor Scott e eu temos muitos conhecidos em comum.

Aaron Drake e ele fizeram todos os comentários adequados, após o que Lady Run disse ao marido:

– O senhor Scott parece-lhe familiar? Ele insiste que não nos conhecemos, mas eu tenho a certeza que sim. Estou a tentar perceber de onde.

– É muito parecido com o seu irmão Bryce – respondeu Lorde Run. – Isto imaginando que o Bryce

teria cabelo escuro em vez de loiro.

Lady Run analisou Michael e disse:

– Meu Deus, sim. Senhor Scott, conhece o meu irmão, Bryce Blair?

– Sim, conheço o senhor Blair. – Blair era um cliente habitual, mas nunca tinha dinheiro suficiente para se meter em problemas.

– Vocês podiam ser gémeos – disse ela.

Quando ela disse a palavra *gémeos*, ele sentiu-se tão assoberbado que julgou que iria desmaiar, ali no meio do jardim, com todos aqueles idiotas snobes de Londres a ver.

– Blair é o seu nome de solteira? – conseguiu ele dizer.

– Mais ou menos. Cresci achando ser Evangeline Etherton, mas descobri que quando era pequena me chamava Annie Blair. Por alguma razão, eu e os meus irmãos fomos separados. Bryce e eu encontrámo-nos não há muito tempo.

Ela podia ter continuado a conversa, mas devia ter reparado na desorientação dele, porque parou e pousou uma mão no seu pulso.

– Sente-se bem? – perguntou. – Está com um tom um pouco esverdeado.

– Apanhei muito sol hoje – disse ele entredentes.

Lorde Run acrescentou:

– E está quase noivo. O que deixaria qualquer homem de pernas bambas.

– Sem dúvida – murmurou Michael.

Despediu-se e foi-se embora algo trôpego. Pelo menos, *esperava* ter-se despedido. Detestava comportar-se como um idiota naquela companhia tão elevada.

Por alguma razão, abandonou o jardim e a festa sem informar ninguém da sua partida. Quando conseguiu concentrar-se e formular um pensamento coerente já estava na cidade, no seu clube, no seu escritório. Mas não fazia ideia de como lá tinha chegado.

* * *

– Pamela, isto é uma surpresa.

– Olá, Magdalena.

Maggie ficou boquiaberta, como se Pamela fosse uma aparição. Nos sete anos que Maggie passara em Londres, ninguém da família a visitara. O que teria levado Pamela à cidade? Não podiam ser boas notícias.

– Passa-se alguma coisa em casa? – quis saber Maggie.

– Não.

Encontravam-se na sala principal da missão. Havia várias mesas compridas, com bancos. Aquele espaço era despojado, funcional e asseado, mas Pamela fez uma careta como se tivesse descido ao inferno.

O seu desconforto era compreensível. A reação de Maggie tinha sido mais ou menos igual quando o vigário Sterns lhe mostrara o bairro. Nessa altura, Maggie era a filha protegida de um cavalheiro rico. A sua anterior experiência de vida consistia unicamente em frequentar a Escola Feminina de Miss Peabody, uma elegante academia com uma propina elevada.

Maggie nunca vira como vivia a maior parte das pessoas, como eram desesperadamente pobres. Os seus primeiros meses na missão tinham sido chocantes e perturbadores.

Contudo, nesse momento nada chocava Maggie. Estava habituada a improvisar e a seguir em frente.

Mas Pamela usava um vestido dispendioso, trazia o cabelo com um penteado sofisticado e tinha uma aparência tão grandiosa que podia ter-se arranjado para um baile real e não para uma missão de beneficência decrépita num bairro miserável. O que estava ela a pensar com uma tal ostentação? Tendo em conta os vilões que se encontravam lá fora na rua, tinha sorte por não ter sido assaltada ao sair da carruagem.

– Há algum lugar onde possamos falar em privado? – perguntou Pamela.

– Podemos falar aqui. – Maggie apontou para uma mesa ao canto. – Não seremos interrompidas.

A tarde ia a meio e a cozinheira de Maggie ainda não tinha chegado para fazer o jantar. O edifício estava silencioso como um túmulo.

Pamela hesitou, mas Maggie avançou e sentou-se num banco. Fitou Pamela, insistindo com o olhar para que também ela se sentasse e a irmã avançou e puxou o banco à frente do seu. Ficou de pé, depois abriu a bolsa, tirou de lá o lenço e limpou o assento. Sentou-se por fim, mas estava pronta para sair disparada, caso o mínimo ruído a fizesse correr apressadamente para a porta.

– O que se passa? – perguntou Maggie. – E não me diga que está tudo bem. Se fez toda esta viagem até aqui, deve haver alguma calamidade horrível.

– Porque tem sempre de assumir o pior?

– Porque quando estou ao pé de si, geralmente o *pior* acontece.

Pamela suspirou.

– É a pessoa mais enfurecedora do mundo. Não sei porque mantenho uma relação consigo.

– Nem eu.

Maggie fitou-a de novo, à espera que Pamela explicasse a razão da sua viagem à cidade. Tinha de haver uma catástrofe, sem dúvida provocada por Gaylord, mas Pamela não desembuchava. Roubara Gaylord a Maggie e estava decidida a nunca deixar que ninguém desconfiasse que cometera um erro crasso.

O silêncio podia ter-se prolongado eternamente, mas Maggie ficou impaciente e experimentou:

– Bem...?

– Preciso de discutir uma certa... situação consigo.

– De que se trata?

Pamela continuava a hesitar e Maggie perguntou bruscamente:

– É o Gaylord? O que fez ele agora?

Pamela desviou o olhar perante o tom brusco de Maggie, dando todos os sinais de que as novidades eram de facto más.

– Perdemos Cliffside – murmurou Pamela.

– *Perdeu*? Como é isso possível? Quando fui de visita, na semana passada, parecia estar no mesmo lugar. Será que devo ir ao campo localizá-la?

– Não brinque, Magdalena. Não é caso para isso.

– Muito bem, não brinco. O que me está a dizer?

– Gaylord perdeu-a ao jogo.

– O Gaylord.

– Sim.

Maggie sabia que as dívidas de jogo de Gaylord cresciam. Como podia não o saber? Grande parte da mobília do andar de cima desaparecera.

– A aposta foi a propriedade inteira? – perguntou Maggie.

- Foi.
- A casa? O celeiro? O equipamento? Os animais? O que é que *inteira* inclui?
- Inclui... tudo o que possuímos. Não era a intenção dele – apressou-se a dizer Pamela. – Só que ficou de cabeça perdida e...
- Não o defenda junto de mim!
- Tentou recuperá-la, mas teve um azar terrível.
- Coitadito – respondeu Maggie com sarcasmo.

Desde o dia em que pusera pela primeira vez os olhos em Gaylord que lamentava o desastre a que dera início ao trazê-lo para o meio deles. Seria que aquela carnificina nunca acabaria?

– Vamos pôr os pontos nos is. – Maggie estava a deitar fumo. – Ele convenceu o pai a nomeá-lo seu herdeiro, herdou aquilo que devia ter sido nosso...

– Somos mulheres, Magdalena. O pai não teria permitido que nenhuma de nós herdasse. Eu estava casada. Era perfeitamente adequado deixar o meu marido à frente de tudo.

Maggie nunca partilhara essa perspetiva, mas não queria reacender essa velha discussão.

– O Gaylord teve a sorte de se tornar proprietário único de Cliffside, mas deitou tudo a perder com os seus hábitos negligentes.

- Pode-se dizer isso, creio eu.
- O estrago é definitivo? Há algum dono novo, ou o quê?
- Há, há um novo dono.
- Quem é?
- Michael Scott. Conheceu-o na festa de aniversário da Rebecca.

Maggie quase caiu do banco. Michael era dono da sua cama? Michael jogara com Gaylord até ganhar tudo aquilo que pertencia à família de Maggie?

Em Cliffside partira do princípio de que ele era um dos amigos dissolutos de Gaylord. Não se apercebera que estava lá para lhe ficar com a propriedade. Nunca dissera uma palavra a esse respeito! Nem sequer insinuara nada!

Sentiu uma fúria em brasa no peito, que cresceu e cresceu até ela temer que fosse explodir em chamas.

- Há quanto tempo sabe disso? – perguntou, furiosa.
- Arrasta-se há algum tempo.
- Quando o senhor Scott estava em Cliffside, a transferência da propriedade já estava completa?
- Já. Ele estava lá para fazer um inventário.
- E agora? Vai perguntar-me se pode vir com o Gaylord viver comigo? Se vai, devo desde já informá-la que este bairro não está à altura dos seus elevados padrões.

O tom sarcástico de Maggie sacudiu Pamela e arrancou-a do seu estupor de embaraço.

- Não preciso de abrigo.
- Então, porque está aqui?
- O Gaylord chegou a um acordo com o senhor Scott e eu tenho de lhe falar disso.
- Por mim, o Gaylord e o senhor Scott podem atirar-se de um penhasco.

Pamela fulminou Maggie com o olhar como se ela tivesse cinco anos e merecesse uma palmada no rabo.

- Eu bem disse ao Gaylord que era inútil falar consigo.
- Por uma vez na vida, falou acertadamente e, já que estamos no tema das catástrofes financeiras,

nunca tive oportunidade de perguntar ao seu marido o que aconteceu à minha mesada.

Pamela bateu com a palma na mesa e o golpe irado fez eco até ao teto.

– Acabou, Magdalena. Acabou tudo! Quantas vezes tenho de lhe dizer?

– Mais nenhuma – murmurou Maggie baixinho.

Franziram as duas o sobrolho, de humor irascível e profunda infelicidade, e Pamela acabou por dizer:

– O senhor Scott deu-nos uma certa margem para deixarmos a propriedade, mas com condições.

– Que condições?

– Parece que gosta muito de si.

– O que a leva a pensar isso? Nós mal nos conhecemos.

– Pode ajudar-nos em relação a ele.

– Ajudar *como*?

– Ele concordou em deixá-la... quer dizer... ah...

A voz de Pamela era um fio. Fosse qual fosse a *ajuda* dúbia que imaginava que Maggie lhe fosse dar, era evidente que estava para além das suas capacidades explicá-la.

– O que concordou ele deixar-me fazer? – pressionou Maggie.

– Ser sua... amante...

– Sua amante!

Maggie disse a palavra a gritar e levantou-se de um salto.

Pamela ignorou a explosão de Maggie e continuou calmamente:

– Sim, sua amante. Durante seis meses.

– Seis meses? Enlouqueceu?

– É a única saída, Maggie.

– A única saída para quê?

– Para conseguirmos comprar algum tempo.

– Comprarem algum *tempo* para quê?

– Não tratámos de nada, Magdalena.

– E de quem é a culpa?

– Eu achei que o Gaylord ia dar a volta às coisas. É sempre tão confiante e insistiu que conseguia endireitar a situação.

– Acreditou nele?

– É meu marido. Porque não haveria de acreditar?

– Oh, Pamela... – Maggie suspirou, desgostosa, e sentou-se.

Foi o mais perto que Pamela esteve de criticar Gaylord e Maggie tomou isso como sinal de que as circunstâncias eram mesmo muito adversas.

– Não posso fazer o que me pede – declarou ela.

– Pode remediar as coisas entre nós e o senhor Scott.

– Mas como? Ficariam simplesmente com mais tempo para saírem. Ao cabo de seis meses, eu estaria arruinada e em desgraça e vocês continuariam a ter de sair.

– O Gaylord acha que se conseguir distrair o senhor Scott, podemos chegar a uma conclusão diferente.

– É isso que o Gaylord pensa?

– É, e o Gaylord é tão inteligente, Magdalena. – Maggie bufou e Pamela disse: – Ele é inteligente!

Teve uma maré de azar e o senhor Scott foi uma besta completa. Podemos atrasar o despejo. O Gaylord tem a certeza disso.

Maggie pensou em Gaylord, um homem ganancioso, corrupto, tolo. E depois pensou em Michael Scott, o célebre e rico criminoso e rufião. Teria atraído Gaylord para conseguir Cliffside? Teria feito batota? Ou teria ganho de forma justa? Fosse como fosse que aquela catástrofe se tivesse desenrolado, Gaylord nunca seria bem-sucedido nos seus complôs contra Michael Scott.

– O Gaylord é um idiota e vocês estão os dois doidos.

– Não nos ajuda?

– Não.

– Se não nos ajudar, teremos de deixar a casa no sábado!

– Este sábado?

– Sim. Foi a isto que chegámos, Magdalena? Esqueça o Gaylord por um momento. Será que se tornou tão dura de coração e tão vingativa que deixaria que eu e a Rebecca fôssemos postas na rua?

– Não torne isto culpa minha.

– Se não nos ajudar na nossa hora mais negra, a quem devemos culpar?

Era o comentário mais cruel que Pamela podia ter proferido e Maggie analisou a expressão maliciosa da irmã, perguntando-se porque continuava a ter afeto por ela. Pamela era uma menina apalermada e Gaylord manipulava-a e controlava-a. Muitas vezes, quando Maggie lidava com Pamela, sentia que estava a lidar com uma criança. E Rebecca não era melhor.

Acaso poderia Maggie deixar-se ficar sentada a ver Michael Scott fazer mal às irmãs? Cliffside era a *casa* de Maggie, a residência da família Wells há dois séculos e ela tinha a capacidade de a resgatar. Tinha apenas de concordar com a exigência absurda do senhor Scott, e seria assim tão horrível? Sentia-se atraída por ele e não lhe parecia que uma ligação física viesse a ser tenebrosa.

Contudo, mal lhe surgiu a ideia, pô-la de parte. Não iria ser intimidada por Gaylord *nem* por Michael Scott. Não permitiria que Pamela a fizesse sentir-se culpada. Ela e as irmãs não tinham participado no jogo dos homens, mas era típico que agora as consequências caíssem sobre elas, não era assim?

Maggie levantou-se e olhou para a irmã, toda ela condenatória.

– Vá para casa, Pamela.

Pamela também se levantou.

– O que digo ao Gaylord?

– Diga-lhe que farei uma visita ao clube de jogo do senhor Scott para lhe dizer o que penso.

– E depois?

– Tenho a certeza de que não surtirá nenhum efeito, de modo que devem fazer as malas.

– Imploro-lhe, Magdalena. – Os olhos de Pamela marejavam-se de lágrimas e ela parecia sinceramente triste. – Porque não pode fazer esta pequena coisa?

– Porque não quero. E porque, pese embora o que Gaylord possa ter congeminado com o senhor Scott, não confio em nenhum deles.

– Podia salvar-me e à Rebecca, mas não o fará.

– Eu não posso salvá-la, Pamela, mas falarei com o senhor Scott. É a única coisa que posso fazer.

– Muito bem. Assim seja. – Pamela tremia de tão zangada que estava. – Aproveite a sua derradeira vingança por eu lhe ter tirado o Gaylord.

– Não quero saber de vinganças. Pode ficar com ele com a minha bênção.

– Mas espero que, quando souber que a Rebecca e eu vivemos na sarjeta, que quando souber que Cliffside já não nos pertence, fique satisfeita com aquilo que conseguiu.

Pamela virou-se e saiu tempestuosamente.

Maggie ansiava por ir atrás dela, mas não o fez. Afundou-se no banco e murmurou:

– Também gostei muito de a ver, Pamela. Apareça quando quiser.

– Tem uma visita.

– Está surdo? Já disse que não quero ser incomodado.

Michael estava sentado à secretária do seu escritório e gritou os seus comentários para uma porta fechada. Mas foi Ramsey quem batera e ele tinha por hábito não ouvir as ordens que não lhe agradavam.

Ramsey abriu a porta e Michael ficou muito espantado quando ele transpôs o limiar arrastando Maggie Wells.

– Tentei obrigá-la a ir-se embora – alegou Ramsey –, mas recusou-se.

– Tem mais trinta centímetros do que ela – disse Michael com brusquidão – e provavelmente mais cinquenta quilos. Se não se consegue ver livre dela, de que me serve você?

– Ela está irritada com alguma coisa – explicou Ramsey –, mas não me conta o quê. Achei que devia falar com ela.

O olhar de Michael estava preso no de Ramsey e ainda não olhara para Maggie. Fez sinal para que Ramsey saísse e o amigo apressou-se a obedecer, deixando Michael a sós com ela no pequeno gabinete.

Virou-se finalmente para a olhar. Ela tinha um ar jovem e indefeso e Michael pensou no que teria instado Ramsey a acompanhá-la ali acima.

– Menina Wells – disse ele –, mas que surpresa incómoda. O que a traz de novo aqui?

– Tenho de lhe fazer uma pergunta.

– Se tem mesmo.

Tenho.

– Quer sentar-se? – Fez um gesto para uma cadeira a um canto. – Da última vez que aqui estive não aceitou, mas, pela sua expressão, presumo que esta reunião vá ser mais demorada.

– Vou sentar-me, sim, obrigada.

Se tivesse querido mostrar as suas boas maneiras, ter-se-ia levantado de um salto para lhe ir buscar a cadeira, mas estava de péssimo humor e não se daria a esse trabalho.

Tinha a cabeça a andar à roda por causa da sua festa de noivado e sentia-se desorientado com a conversa com Lady Run. Mas que raio era ela a Michael? Parecia que tinha sido ela a publicar os anúncios sobre Michael Blair. Será que devia ter falado?

Com que finalidade?

Se havia uma família no mundo à procura de Michael Blair, porque haveria *ele* de ser a pessoa que esperavam encontrar? E se ele se chegasse à frente e descobrisse que não se tratava de si? Iria fazer figura de parvo.

Mas e se fosse da família dela? Que vantagens teria em ser encontrado? Que desvantagens? Se era da família dela e do seu irmão Bryce Blair, como se teria perdido? Que espécie de gente desprezível deixaria uma tragédia dessas acontecer a um menino? Porque haveria de querer reunir-se novamente

com eles?

Tinha uma vida ótima. Ótima! Gostava da sua existência dura e turbulenta, gostava do mundo dos homens onde vingava e desabrochava. Não tinha a mínima vontade de ser arrastado para um marasmo choroso com uma senhora aristocrata e rica e, nesse momento, faltava-lhe energia para lidar com Magdalena Wells.

– Está furibunda – disse ele. – O que fiz eu desta vez?

– Não adivinha porque estou aqui?

– Não. O que se passa? Recrutei outro dos seus vadios para o treinar como carteirista? Os meus clientes estão a fazer muito barulho à noite quando partem nas suas carruagens elegantes? Perturbam-lhe o sono? O quê?

– Fale-me da sua relação com o meu cunhado.

– Gaylord Farrow?

– Sim.

– O que deseja saber?

– Não finja que ignora a situação.

– Que situação é essa?

– Pare, senhor Scott – disse ela, a deitar fumo.

– Voltámos ao *senhor Scott*, foi? Ia jurar que me devia tratar por Michael quando estivéssemos a sós.

– Não mude de assunto.

– E qual é o assunto? Gaylord Farrow?

– Sim. Fale-me dele agora mesmo.

Michael suspirou. Os familiares culpavam-no sempre, não era? Assumiam sempre que *ele* levava todos os desgraçados à ruína? Geralmente, não queria saber do que pensavam, mas a atitude desdenhosa dela incendiava-o.

– Presumo que tenha finalmente falado consigo – disse Michael.

– A minha irmã falou.

– Então o Gaylord foi demasiado cobarde para lidar com a situação. Mandou a mulher fazer o trabalho sujo. – Michael bufou de desdém. – Típico.

– A Pamela diz que o senhor tem a nossa casa. Diz que tem tudo, até a prataria dos armários.

Ele anuiu.

– É verdade.

– Devolva-a.

– Ao Farrow?

– Sim. Devolva tudo.

– Não.

– Como foi que a ganhou? Fez batota? Sei muito bem da sua fraca reputação aqui no bairro. Enganou-o? Como foi?

As acusações acenderam um pavio no humor dele.

– Tenho a certeza de que isto vai ser uma grande surpresa para si, mas o seu cunhado não é nenhum anjo.

– Eu tenho noção disso. Tendo em conta a minha história com ele, não preciso que me dê sermões sobre como ele é de verdade. Conte-me só que foi que fez.

– O que *eu* fiz – replicou ele, furioso.

– Sim. Ele é um palerma negligente, mas não nos poria em risco desta forma. Estava tão orgulhoso de ser dono de Cliffside e do estatuto que isso lhe conferia. Nunca se separaria disso de bom grado.

– Tem razão. Não fez a entrega de espírito leve. Eu tirei-lhe tudo e, por mais que peça e implore, ou por mais que a menina aqui venha bater as suas lindas pestanas para mim, não lha devolverei.

– É tão vaidoso como ele – acusou ela.

– Atrevo-me a dizer que sou pior.

– Isso é uma brincadeira? Quer rir-se de mim? Isto para si é um jogo? É assim que vê as coisas?

– Sim, é um jogo de paradas elevadas. Gaylord jogou e perdeu.

– Devolva-me a minha casa!

– Não. – Inclinou-se para a frente, com os cotovelos em cima da mesa. – Escute, Magdalena.

– Porquê?

– Porque me está a fazer zangar.

– Ótimo, mas devo confessar que, seja qual for o grau de zangada em que se encontra, não é nem metade do meu. Entra por aqui dentro e começa a disparar acusações...

– São todas merecidas.

– São? – Analisou-a com extremo exaspero. – Culpa-me a mim.

– Completamente. Culpo-o a si *e* a Gaylord.

– É *minha* culpa que ele seja um sacana irresponsável?

– Não. É culpa sua que se tenha aproveitado dele. Tenho a certeza de que o apanhou num momento de fraqueza e que o aliciou a um comportamento em que ele nem teria pensado por si só.

– Ah sim? – questionou ele.

– Sim. Tenho a certeza de que foi exatamente isso que aconteceu.

– Para sua informação, menina Wells, o seu cunhado está ligado a mim há mais de um ano.

– Está a dizer-me que teve um ano inteiro para o enganar e manipular? Porque se é essa a sua defesa, bem pode engoli-la.

– Não é a minha defesa. Trata-se simplesmente dos factos, tal como existem atualmente. Ele jogava e perdia constantemente. Por isso, começou a vir com maior frequência para inverter a sorte, mas nunca conseguiu.

– Porque não o impediu de entrar no seu clube quando ele começou a ter problemas financeiros?

– Serei ama dele? Devo andar atrás dele a dizer-lhe que se porte bem? Exatamente como faria eu isso?

– Não quero saber da sua lógica. Podia tê-lo feito parar, se assim o desejasse.

– Esse é que é o problema, Magdalena. Não o quis fazer parar. Quis que continuasse mais e mais, porque é um idiota rico e arrogante e quando o esmaguei senti-me como um deus!

Bateu com o punha na secretária para dar ênfase às palavras e fulminaram-se um ao outro com o olhar, com uma animosidade de intensidade assustadora. Respiravam pesadamente, como se fossem pugilistas que tivessem completado dez *rounds* na arena.

Por fim, ela queixou-se:

– Nunca me disse nada.

– Porque havia de ter dito? Era uma coisa entre mim e ele, e nada da sua conta.

– Quando estive em Cliffside, julguei que fosse visita.

– Não. Era o novo dono, e vocês estavam todos lá... a dar aquela festa de aniversário idiota...

com a minha autorização.

– Confiei em si. Eu... *gostei* de si.

– E então? Qual é a relevância disso?

Estava a ser deliberadamente cruel, mas sentira-se fortemente picado pelo tom duro de Maggie. Ela mostrava-se invulgarmente estridente, de uma forma odiosa para ele e que não iria tolerar.

As pessoas não podiam criticá-lo ou reprimi-lo. Era rei do seu mundo e ninguém podia entrar nele para questionar a sua autoridade. Se tentassem fazê-lo, haveria consequências.

– Está a ser intimidante.

– Estou. Admito.

– Está a gostar.

– Sim.

– Faz isso porque pode, porque não tem consequências e ninguém o pode deter.

Ele fez uma careta.

– Porque é que sou eu o vilão? Podemos parar por dois segundos para que possa pensar na resposta a esta pergunta?

– É o vilão porque foi desonesto. Pode negar tudo o que quiser, mas eu nunca hei de acreditar em si.

Sentiu-se picado de novo, lívido por ela descartar a sua palavra, a sua versão dos acontecimentos. Sabia que Farrow era uma serpente na relva e no entanto defendia-o. Aquela lealdade mal direcionada para Farrow enraivecia Michael como há anos nada o enraivecia.

Ela achava-o um ogre? Achava-o intimidante? Ótimo. Sentia todo o impacto da sua vaidade.

– Acredite ou não, o negócio está fechado. Cliffside é meu. – O seu olhar ardente desceu-lhe pelo tronco. – E você também.

– Está louco – disse ela rispidamente –, eu não aceito os termos da sua aposta.

– Não fui eu que a desbaratei. Culpa a pessoa errada.

– Já lhe disse que culpo os dois.

– Sim, mas se quer andar por aí a atirar culpas de demência, sugiro que as aplique à sua própria família. Não a mim.

– Não me pode negociar como se eu fosse uma escrava africana.

Ele encolheu os ombros.

– Fale com o seu cunhado. Não vejo que esse problema seja meu.

– Está a afirmar que foi tudo ideia dele?

– Sim, é exatamente isso que estou a afirmar.

– *Ele* foi ter consigo. *Ele* propôs esse negócio sórdido. Você é inocente como um cordeirinho?

– Nesta matéria? Completamente inocente. – Abanou um dedo zangado para ela. – E, antes que se ponha em bicos de pés comigo, deve ficar a saber que começou por oferecer a sua mão em casamento.

– Não se atrevera a tal – bufou ela.

Michael ignorou a resposta indignada.

– Mas não tenho interesse nenhum no casamento e especialmente não tenho interesse nenhum em casar *consigo*.

– Não lhe desagradou pedir que eu fosse sua amante.

– Eu não pedi! – exclamou bruscamente. – Meta isso na sua cabeça dura! O plano foi de Farrow:

todos os estúpidos pormenores. Ofereceu casamento, eu recusei, por isso ofereceu-a de uma maneira diferente.

- Não serei sua amante. Nem por uma hora. Nem por um dia. Nem por uma semana. Não farei isso!
- Eu disse-lhe que não o faria, mas ele insistiu em tentar.

De repente, todo o fogo da luta a abandonou. Afundou-se na cadeira e as lágrimas encheram-lhe os olhos. Ele firmou-se contra a tristeza de Maggie. Ao longo dos anos, muitas mulheres se tinham sentado onde ela agora estava, muitas mulheres suplicaram como ela agora suplicava.

Quando chegou a esse momento desprezível, já estava sem paciência.

- Se vai chorar – disse ele –, devo avisá-la que isso não terá qualquer efeito sobre mim.
- Posso chorar, se quiser.
- Poupe as lágrimas. Não me comoverá. Não me dissuadirá.
- Estou tão farta de homens! – exclamou a ferver.
- Como sou todo eu homem, não faço ideia de como responder a isso.
- Acham todos que mandam no mundo.
- Pois achamos.

– Partem do princípio de que podem entrar em qualquer esquema, que podem desgraçar e destruir sem consequências. Nós, as mulheres, temos de ficar quietas a um canto e deixá-los cometer qualquer ato irresponsável que lhes dê na real gana.

– Relembro-lhe, Magdalena. *Eu* não cometi atos irresponsáveis. Sou um homem de negócios e faço lucros avultados com as perdas de outros homens. Estou simplesmente a tomar aquilo que ganhei.

- Não tem de dar seguimento a isso.
- Tem razão. Não tenho.
- Mas *quer*.
- Sim.
- Porquê? Diga-me a verdade.
- Porque o Gaylord Farrow é um idiota arrogante e eu detesto-o.
- Portanto, é pessoal.
- Mas é claro que é pessoal. Mas que raio lhe parece?
- Não blasfeme ao pé de mim.

– Está no meu escritório, no meu estabelecimento. Se a minha linguagem lhe desagrada, pode ir-se embora.

- Como posso persuadi-lo a mostrar piedade?
- Não pode.
- Há alguma coisa que eu possa dizer?
- Não.

Para seu espanto, ela levantou-se e contornou a secretária. Caiu de joelhos e agarrou-lhe as mãos, com os seus lindos olhos implorantes.

- Tenha piedade da minha família, Michael. Por favor.
- É tarde de mais para súplicas, Maggie.
- Se não devolve a propriedade ao Gaylord, devolva-a à Pamela. Ou a mim. Por favor!
- Não.

Teria acrescentado a palavra *lamento*, mas não o fez. Tentou tirar a mão das dela, mas Maggie apertou-a com mais força.

– Porque me faz isto?

– Não o faço a si. O seu cunhado é responsável por toda esta confusão e a Maggie devia ter em conta as possíveis ramificações.

– O que quer dizer com isso?

– Ele estava muito decidido. Se não se ligar a mim, quem poderá ele escolher a seguir? Pelo menos já me conhece, e temos uma relação de passagem. E se ele abordar um desconhecido? Está preparada para isso?

– Ele não o faria – afirmou ela absurdamente.

Ele baixou-se e ficaram joelho com joelho.

– Já o fez. Não tem curiosidade em saber como chegou a este ponto? Já pensou na sua irmã mais nova?

– Na Rebecca? O que tem ela?

– O Farrow ofereceu-ma primeiro, mas eu não estava interessado, portanto ofereceu-a a si em seu lugar.

– Ofereceu a Rebecca para ser sua amante?

– Sim, portanto peço-lhe de novo. Se não descontrair e fizer a sua parte tal como ele acordou, que ato maléfico poderá o Farrow perpetrar de seguida?

– Dê-lhes mais tempo – implorou ela.

– Para quê?

– Para fazerem planos. Para se irem embora.

– Maggie, eles tiveram seis meses.

– Há seis meses que Cliffside é sua?

– Sim. Agora levante-se. Não suporto este drama todo.

Levantou-se e puxou-a para que ficasse de pé. Fulminaram-se novamente com o olhar, uma hostilidade crescente.

– Explique-me os pormenores do seu negócio com o Gaylord – pediu ela. – O que se esperaria que eu fizesse?

– Será minha amante por um período de prova de trinta dias.

– Um período de prova?

– Sim, para eu ver se vale a pena.

– E se não valer?

– A sua família sairá imediatamente de Cliffside.

– E se eu *for* aquilo que espera que eu seja? Fica comigo durante seis meses e, em troca, eles terão seis meses para se irem embora. É assim?

– É. Mas a Maggie nunca poderia ser aquilo que eu espero que seja.

Ele insultara a vaidade dela, que disse:

– Pode ser que o surpreenda.

– Duvido. Nenhuma mulher o conseguiu.

– E se eu o mandar às urtigas e me for embora daqui?

– Despejo imediatamente as suas irmãs. Envio uma mensagem por cavalo rápido e tenho homens na propriedade para assegurarem o despejo.

– Poria os bens deles na rua?

– Eles não têm bens nenhuns – afirmou com um sorriso. – Por isso, não terão muito que transportar.

– Porque está a ser tão cruel?

– Estou simplesmente a deixá-la ver a minha verdadeira natureza.

– Não está, não. É capaz de atos de bondade. Consegue ser generoso, divertido e maravilhoso. Já o vi ser assim.

– Não passa disso, um *ato*.

– Não é verdade. – Ela avançou e a bainha do seu vestido roçou a biqueira das botas dele. Analisou-o, os seus olhos azuis perscrutando, penetrantes. – Está aborrecido com alguma coisa. Não é com isto, mas com outra coisa qualquer e atira tudo para cima de mim.

– Não estou aborrecido. Está a ser palerma.

– Não, está extremamente perturbado. O que se passa? O que aconteceu?

– Não se passa nada – insistiu ele. – E está a irritar-me. Não se importa de ir embora?

Ela pousou a palma da mão na face dele e o seu gesto foi de grande ternura, como se fosse sua mulher, como se o tivesse tocado suavemente mil e uma vezes.

– Pode contar-me o que é – murmurou ela.

– Não há nada para contar.

Agarrou-lhe no pulso e empurrou-a, agora de feições endurecidas, irritado por ela o ter visto perturbado.

Pressentindo aquela tentativa vã de ser indiferente, ela fez uma careta e anunciou:

– Está a fazer *bluff*.

– De que está a falar, mulher?

– Está a tentar intimidar-me e mandar-me embora, deliberadamente.

– Porque me daria a esse trabalho? Vai sair daqui à pressa em pouquíssimo tempo.

– E porquê, exatamente? Talvez porque, se eu sair à pressa, consigo Cliffside sem mais delongas?

– Talvez.

Ela tirava-lhe as medidas, avaliava os seus atributos e poucos encontrava que fossem positivos.

– Muito bem, Michael Scott – disse ela. – Aceito.

– Aceita o quê?

– Serei sua amante por trinta dias e, se lhe agradar, fico por seis meses.

– Não o fará.

– Farei sim. Porque, está a ver, senhor Scott, é evidente que eu conheço sobre si um facto que o senhor desconhece.

– E de que se trata?

– O senhor ameaça, ofende e insulta e, embora isso possa aterrorizar os outros, *eu* não tenho medo de si.

– Não tem?

– Não. Pode enraivecêr-se e deitar fumo o quanto queira, mas nunca me faria mal.

– Se acredita nisso, é tola.

– Começamos o nosso caso no sábado. Não é assim?

– Não darei seguimento a isto – disse ele com firmeza.

– Negócio é negócio, Michael.

– Não foi isso que disse há cinco minutos.

– Bom, mudei de ideias e exijo que cumpra a sua parte.

– *Você* exige.

– Sim.

Ela sorria, radiante, como se tivesse acabado de o derrotar de todas as maneiras que importavam. Seria que aquela idiota não percebia o que iria acontecer?

– Compreende qual é o seu papel, não compreende? Vou levá-la para a minha casa no campo e fazer consigo o que quiser... vezes sem conta.

– Como sou donzela e solteira, não faço ideia do que isso significa, mas estou certa de que me mostrará.

– Não vai gostar.

– Cerro os dentes e aguento.

– Isso deixa-me ansioso por começar.

– Negociou a minha castidade e irá recebê-la, mas nenhuma aposta, por maior que seja, me pode obrigar a gostar de si.

– Não quero que *goste* de mim. O meu plano não implica *gostar*, de modo nenhum.

– Sim, foi muito claro. Quando partimos? Sábado de manhã?

Ele fez uma careta de desagrado, decidindo que na verdade ela o conhecia muito bem. Não procurara aquele negócio estúpido com Farrow e só consentira porque estava confiante que ela recusaria e ele poderia despejar imediatamente Farrow.

Mas agora ela praticamente atirava-se a ele. O que devia fazer? Apanhá-la? E depois?

– Sábado de manhã. – Sorriu com doçura. – Estarei pronta às dez. Vai buscar-me ou prefere que eu venha aqui ao seu encontro?

Sentiu o espasmo de um músculo na face. Queria sacudi-la. Queria dobrá-la em cima do seu joelho para lhe dar um açoite naquele traseiro bem feito. Queria tê-la sozinha na sua casa de campo para perpetrar todos os atos baixos e imorais alguma vez criados pelo homem.

– Está a brincar com o fogo, Magdalena.

– Não creio – ripostou ela. – Acho que, lá bem no fundo, é um gato bem grande e gordo. Basta uma semana para o ter enrolado no meu mindinho.

– Só a sonhar.

– Nos meus sonhos vívidos e muito otimistas, onde acaba por me dar tudo aquilo que eu quero.

– E o que é isso?

– Depois digo-lhe... quando me apetecer falar.

Virou-se e saiu, mas, no último instante, lançou por cima do ombro:

– Sábado às dez?

Ele devia-lhe ter dito que desaparecesse dali, devia ter-lhe dito que era louca e que não ia andar às ordens de uma mulher. Mas abriu a boca e as palavras que saíram foram:

– Vou buscá-la à missão.

– Perfeito.

– Sabe montar ou terá de ser mimada com uma viagem numa carruagem elegante?

– Cresci no campo, senhor Scott, por isso, sim, sei montar. Provavelmente, melhor do que o senhor.

E com aquela hábil provocação saiu; ele reconfortou-se na cadeira a pensar em que raio de coisa maldita acabara de se meter.

– Não posso crer que seja isto a sua vida.

– Às vezes, nem eu.

Maggie riu-se com a velha amiga, Evangeline Etherton, que agora era Evangeline Drake, Lady Run. Tinham crescido juntas na Escola de Raparigas de Miss Peabody e, depois da graduação, Maggie fora para casa, apaixonara-se e ficara noiva de Gaylord.

Evangeline ficara na escola como professora e Maggie partira sempre do princípio de que ela lá ficara. Era desconcertante saber que acabara casada com um visconde. Quem podia ter imaginado? A história parecia a intriga de um romance.

Evangeline aparecera inesperadamente e Maggie queria ficar irritada, mas não era capaz. Estava num frenesim, a fazer as malas e a acalmar os nervos enquanto esperava pela chegada de Michael Scott, para que a levasse para a sua casa de campo.

Dissera a Evangeline que saía de Londres para uma viagem breve, mas não partilhara nenhuma informação verdadeira com ela e, para seu alívio, Evangeline não perguntou nada. Maggie planeava empurrar Evangeline porta fora antes que o senhor Scott aparecesse. Não havia nenhuma explicação adequada que lhe pudesse dar para ir viajar sozinha com ele.

– Quando o senhor Scott me informou que estaria aqui – disse Evangeline –, fiquei espantada.

– Ainda bem que os vossos caminhos se cruzaram.

– Fiquei a tamborilar os dedos, imaginando que lhe pediria que um dia viesse comigo para a visitar, mas decidi que não podia esperar. Não está aborrecida, pois não? Por eu ter aparecido sem avisar?

– Mas é claro que não.

– Continuo impetuosa como sempre – disse Evangeline e tornaram a rir.

Evangeline era uma cantora e música de grande sucesso que adorava exhibir os seus muitos talentos e a sua tendência para ofender Miss Peabody era lendária.

– Não mudou nada – disse Maggie.

– E ainda bem. O meu marido é muito regrado e precisa desesperadamente de ânimo, e eu dou o meu melhor para trazer caos à sua vida.

– Ele tem muita sorte.

– Escrevi-lhe várias vezes depois da graduação – disse-lhe Evangeline.

– Eu sei. Tive vergonha de lhe responder.

– Devia ter insistido até obter uma resposta sua. Não gosto nada que tenha ficado de coração partido sem uma única aliada junto de si.

– Definitivamente, foi horrível – admitiu Maggie –, mas já passou. Já mal penso nisso.

– *Mal* pensa nisso? Esse malandro casou com a sua irmã.

– Para além *dessa* parte, tento não pensar no assunto. Iria endoidecer.

– Sou horrorosamente rica. Já lhe disse isso? Bom, o meu marido é que é, mas ele é extremamente

generoso.

- Tendo em conta as joias que está a usar, desconfio que a sua fortuna cresceu.
- Vou começar a fazer-lhe doações. Vou fazer da sua missão uma das minhas obras.
- Não sou demasiado orgulhosa para dizer *sim*.
- Assim espero. Por favor, aproveite-me. Estou a instalar-me na minha posição e é maravilhoso ser rica... muito mais divertido do que ser pobre.
- Sim, lembro-me muito bem daquele período afluente em que bastava estalar os dedos para ter tudo o que queria.
- Agora é esse o meu mundo. Sinto-me como uma princesa num conto de fadas.

Evangeline era órfã e fora um caso de caridade na escola, sendo que um benfeitor anónimo lhe pagava as propinas, mas nunca tivera dinheiro extra para comprar um vestido novo ou um laço para o cabelo. Quando Maggie ia às compras, muitas vezes comprava tudo em duplicado para poder oferecer um exemplar à sua amiga afligida pela pobreza.

Que estranho ver agora os seus papéis invertidos!

– Mas eu não paro de tagarelar – disse Evangeline. – Só que tenho tanto para lhe contar e converso enquanto acaba de fazer a mala.

– Volto dentro de uns dias. Contacto-a logo e pode contar-me os pormenores.

– Adivinhe qual é o maior de todos?

– Quer dizer, depois de ter casado com um visconde, se ter tornado viscondessa e se ter juntado à nata da sociedade?

– Sim, além de tudo isso. – O sorriso de Evangeline iluminou a sala escura da missão de uma maneira inédita. Ela tinha esse efeito dramático.

– Dê-me uma pista sobre essas novidades – disse Maggie – para que eu possa pensar nela enquanto estou fora.

– Tenho uma família – anunciou Evangeline.

– Como? Está a brincar!

– Não. Não sou órfã, nem nunca fui. Tenho um irmão chamado Bryce e outros dois que ando a tentar encontrar. Fomos separados quando éramos muito pequenos.

– Meu Deus, Evangeline.

– E, quando nasci, o meu nome era Annie Blair.

– Agora estou duplamente ansiosa por regressar.

– Vai ficar espantada. Até eu tenho a cabeça a andar à roda.

Maggie conduziu Evangeline até à porta principal e acabavam de sair para a rua quando o senhor Scott apareceu a caminhar. E esta? O maldito homem chegava à hora em ponto.

Estava com o senhor Ramsey, que trazia uma égua por montar, sendo evidente que o animal se destinava a Maggie.

Tivera esperança de que a carruagem de Evangeline a impedisse de ver o senhor Scott, mas Maggie parecia incapaz de gerar boa sorte. Evangeline olhou de relance e disse:

– Ah, ali está o senhor Scott. Que coincidência.

Acenou alegremente e, quando ele a viu, empalideceu, desanimado.

Evangeline aproximou-se mais de Maggie e murmurou:

– É tão belo, não acha?

– Sim, é muito belo.

Se gostar de rufias devassos e em quem não se pode confiar.

– Parece-se muito com o meu irmão Bryce.

Quando Evangeline referiu essa semelhança, Maggie fitou o senhor Scott e ocorreu-lhe que também se parecia muito com Evangeline, embora tivesse o cabelo escuro e ela loiro. Ambos tinham uns espantosos olhos azuis.

– Senhor Scott – disse Evangeline quando ele e Ramsey avançaram –, tornamos a encontrar-nos.

– Bom dia, Lady Run.

– Sei que lhe pedi que um dia me acompanhasse à missão, mas como me disse que a Maggie estava na cidade, não pude esperar para falar com ela. – Evangeline sorriu-lhe com umas covinhas nas faces. – Não se importa, pois não?

– Não me importo – disse ele entredentes.

Tinha uma expressão estranhíssima na cara e ignorava completamente Maggie. Por ela, tudo bem.

Evangeline não reparou no comportamento peculiar do senhor Scott e, graças a Deus!, não perguntou porque passava por ali. O estabelecimento dele ficava ao fundo da rua, por isso não era estranho cruzar-se com ele.

Abraçou Maggie, prometeu aparecer muito em breve e subiu para a carruagem. O cocheiro fez estalar as rédeas e partiram.

Maggie ficou a vê-la desaparecer com uma certa tristeza. Daria o braço direito para entrar naquela carruagem com Evangeline, para ser levada até Mayfair deixando para trás todos os seus problemas, mas não podia evitar a viagem iminente.

Michael Scott achou que convencera Maggie a ser sua amante, mas ia ter uma surpresa.

Ela concordara com aquele plano, mas não tinha intenção de se desgraçar. Aquilo que ela tinha intenção de fazer era de o encantar e galantear até trazer novamente à superfície a bondade dele. Ele sabia ser engraçado, interessante e cortês e ela trataria de estimular essas características, nem que para isso tivesse de dar a vida. Quando o tivesse numa posição mais agradável, poderia convencê-lo a comportar-se exatamente como desejava.

Não haveria romance ilícito. Era louco se pensara que sim.

– Porque estava aqui Lady Run? – perguntou o senhor Scott num tom quase acusatório.

– É minha amiga. Ao que parece, o senhor pôs-se a tagarelar do meu trabalho na missão e ela veio ver com os seus olhos.

– Eu não tagarelo – respondeu ele com desdém – e especialmente não tagarelei com ela.

– Fica a correção – retorquiu ela com sarcasmo.

– Está pronta para partir? Ou é uma mulher típica, que me obrigará a ficar aqui durante horas enquanto se prepara e emboneca?

– O senhor é solteiro, senhor Scott. Porque haveria de conhecer as rotinas de viagem das senhoras? Tem o hábito de se fazer acompanhar ao campo com jovens senhoras de virtude?

– Tenho, estou sempre a fazê-lo.

Fulminou-a com tal ferocidade que ela não conseguia dizer se ele estava a falar verdade ou não. Perdeu um pouco da sua autoconfiança.

– Disse que íamos a cavalo – recordou-lhe ela.

– E vamos.

– Presumo portanto que só posso levar uma mala.

– Sim.

– Está lá em cima. Vai buscá-la o senhor ou terei eu de o fazer?

– Eu posso ir buscá-la – resmungou ele.

– Está a ver? – disse ela. – Os seus modos já estão a melhorar. Se passasse uns dias comigo, posso até vir a fazer de si um ser humano.

– Eu não contava com isso – disse Ramsey entredentes.

Ela ergueu os olhos e perguntou ao senhor Scott:

– Alguma vez me apresentará o seu companheiro?

– Não.

– Já estive várias vezes na sua presença – disse Maggie –, mas ainda não tive o prazer.

– Sou Ramsey Scott.

– Ramsey Scott? – perguntou ela. – São irmãos?

– Ele não tem essa sorte – disseram os dois em uníssono, dando mostras claras de se conhecerem bem.

– Ele vem connosco? – perguntou ela.

– Não – respondeu o senhor Scott.

Ramsey Scott quis saber:

– Quem cuida da missão enquanto estiver ausente?

– Tenho voluntários que conhecem o mecanismo.

– Mas... não há ninguém para a gerir.

– Não.

– Vive aqui?

– Lá em cima, num apartamento.

– A sua cama ficará vazia enquanto estiver ausente.

– Não faço ideia do interesse que isso possa ter para o senhor. – Virou-se para Michael Scott.–

Podemos ir?

– Quanto mais depressa, melhor. Estou ansioso por cobrar o meu prémio.

– O seu prémio? – A princípio, não percebeu, mas o olhar tórrido do senhor Scott desceu rudemente pelo seu tronco. – Oh, refere-se a *mim*. Sou eu o prémio.

– Valerá a pena? – inquiriu ele, desdenhoso. – O tempo o dirá, quer-me parecer.

– Serei a melhor coisa que alguma vez ganhou.

Ele bufou e saiu da sela. Um grupo de rapazes correu junto de si, todos eles suplicando para lhe segurarem as rédeas. O senhor Scott anuiu a um deles e olhou para Ramsey.

– Tem as suas instruções – disse ele.

– Trato disso. Não se preocupe.

– Sabe onde eu vou estar... caso haja problemas.

Ramsey Scott bufou, desdenhoso.

– Como se alguém se atrevesse a causar problemas ao pé de mim.

– Pode deparar com algum idiota que desconheça a sua reputação – respondeu o senhor Scott.

– Mas quando me conhecer também a conhecerá a ela – gabou-se Ramsey Scott.

Soltou um riso malévolo e o senhor Scott enxotou-o e levou Maggie para dentro.

– Onde vai o senhor Ramsey?

Precisava de fazer conversa para aliviar o constrangimento daquele momento.

– Vai partir uns braços por mim.

Ela tropeçou e ele avançou para a amparar.

– Não está a falar a sério – ralhou ela. – Não vai partir braços a ninguém.

Ele encolheu os ombros, mas não fez comentários e, uma vez mais, ela não soube se ele estava a falar a sério.

Ouviu passos atrás de si e espreitou, vendo um bando de vadios seguindo o rasto do senhor Scott. Deixaram-se ficar à porta, registando cada movimento do senhor Scott com uma expressão devota, como se ele fosse um herói ou um santo.

– Tem um grupo de admiradores – disse-lhe ela.

Ele olhou-os e, com um gesto ínfimo, afastaram-se apressadamente.

– Desculpe – disse ele entredentes.

– Espanta-me que pareça que todos o conhecem.

– E porque se espanta? Vivo nesta rua há muito mais tempo que a Maggie.

– Estão enamorados de si.

– Isso é porque sou um deles, e estou do lado deles. – Olhou em redor da sala. – Há muito anos, isto era um orfanato. Fiquei aqui algumas vezes.

Ela parou e obrigou-o a deter-se também.

– Eu sabia que tinha crescido na rua, mas *nesta* rua?

– Sim, e todos os que nela vivem estão sob a minha proteção, por isso as crianças estão seguras. É provavelmente por isso que se colam a mim. Imagino que se sintam gratas.

Ele deu a explicação como se fosse tola ou embaraçante, e ela franziu a testa.

– Como se tornou o homem que é?

– Como nos tornamos todos?

Ela achou que talvez ele fosse revelar mais alguma informação pessoal, mas era evidente que já partilhara mais do que era sua intenção. Tinha as faces rosadas com o que podia ser vergonha e continuou a andar, dando-lhe uma indicação clara de que não queria que ela se apercebesse de que estava pouco à vontade.

O senhor Scott sabia onde ficava o apartamento dela e subiu as escadas. Ela andava mais devagar, avaliava o corpo dele, a sua roupa, a pose ereta.

Estava vestido para a viagem, mas com roupa cara e de corte perfeito, como usaria um aristocrata: calças, botas pretas pelo joelho, uma camisa branca fluída, um casaco azul. Trazia nos dedos anéis vistosos, cujas pedras pareciam ser safiras e diamantes e, considerando a vestimenta de luxo, ela tomou-as por genuínas.

Maggie já tinha compreendido que ele jogava, que era dono do célebre clube. Mas havia também outras histórias, de que possuía navios, terras e outros bens vitais. Descartara as histórias como sendo exageros. Afinal, como podia um criminoso acumular tanta riqueza?

Não lhe parecia ser possível e, à luz da opinião geral, os criminosos não eram muito inteligentes nem tinham educação formal, como podia ele então ter tido intelecto para vingar? Como podia ter as competências matemáticas para tabular o dinheiro que entrava?

Sentiu um arrepio desconfortável percorrer-lhe a espinha. Em que se estava a meter?

Ele entrou no apartamento e ela seguiu-o, quase em bicos de pés, sentindo uma insegurança como nunca sentira. Ele atravessou a sala e seguiu diretamente para o quarto, onde a mala velha estava em cima da cama.

Olhou-a, boquiaberto.

– É tudo?

– É.

Estudou o vestido cinzento, a camisa de dormir.

– Quantos vestidos tem na mala? – perguntou.

– Dois... para além do que levo posto.

– São todos cinzentos?

– São.

– Não a quero a passear pela minha casa sem qualquer graça.

– Escusa de ser grosseiro. Não sou rica como o senhor.

– Não estava a ser grosseiro. Estava apenas a constatar os factos.

– Bom, então obrigada por constatar o óbvio.

– De nada, e não tem de se preocupar. Comprei-lhe imensas.

– Imensas quê?

– Roupas.

– Comprou-me roupa?

– Comprei. Vão ser entregues na próxima semana, por isso, se não quiser, não tem de levar nada disto.

– Não me pode comprar roupa!

– Porquê?

– Não é... adequado.

– Maggie, estamos prestes a começar um caso selvagem e escandaloso. Creio que a *roupa* é o menor dos seus problemas. – Fez um gesto com a cabeça para a mala. – Vamos levar estes trapos velhos ou não?

– Vamos, sim, vamos levá-los.

– Como queira, mas é um desperdício de bom espaço.

– Terei isso em mente.

Virou-se e saiu batendo os pés, com a mala dela debaixo do braço, e ela começou a correr para o apanhar.

* * *

– Estou pronto para começar.

– Começar o quê?

– O nosso caso.

Michael fitou Maggie, com uma expressão que ocultava os seus verdadeiros sentimentos, e ela não pôde esconder um arquejo de alarme.

– Agora?

– Porque não? Estamos em minha casa há mais de doze horas. Não estou acostumado a esperar pelas coisas.

– Mas... mas... – gaguejou ela.

– Mas o quê? Viemos aqui para eu a libertar da sua virgindade. Vamos começar.

– Não.

– Não?

– Quer dizer, preciso de um pouco mais de tempo para me compor.

– Não a quero composta. Quero-a ansiosa e assustada.

– Assustada? Porquê?

– Será mais agradável para mim se estiver assustada e a suplicar-me que pare.

Ela franziu o sobrolho.

– Isso é repugnante.

O senhor Scott mordeu o sorriso que se esforçava por aflorar-lhe aos lábios.

Tinham passado dois dias encantadores na estrada, mais uma noite numa hospedaria para viajantes de carruagem, em quartos separados, claro, e chegaram à casa de campo – O Ninho do Órfão – ao terceiro dia.

Ao longo da viagem, ela mostrara-se interessada e doce e ele deu por si a gostar mais dela do que seria sensato. Gradualmente, foi ficando cada vez mais incomodado com os seus planos em relação a ela.

Desde o início, quando Farrow lhe propôs aquele negócio ilícito, que Michael não sentira interesse em desflorá-la. Mas ela pressionara-o e irritara-o quando ele estava de mau humor e ele forçou a questão apenas por ela lhe ter dado uma enorme dor de cabeça e por merecer um castigo por aborrecê-lo.

Mas ele não era idiota nem tolo e, quando deu por si a querer recuar daquele acordo com Farrow, a querer devolvê-la sã e salva à família, com a virtude intacta, apercebeu-se do jogo dela.

A esperança dela era seduzi-lo para que o comportamento dele melhorasse. Esperava fazê-lo sentir pena dela, mas afinal não era preciso ganhar a sua compaixão.

Ele já tinha muita pena dela. Tinha pena que Farrow fosse seu cunhado. Tinha pena que Farrow a tivesse posto numa situação tão difícil. Tinha pena que Farrow lhe tivesse destruído a vida ao abandoná-la.

Michael não tinha, contudo, pena de ter arruinado Farrow. Não lhe pesava, de todo, na consciência e, por mais que ela o persuadissem, nunca haveria de mudar de ideias em relação a esse facto pertinente.

Ao longo da viagem, ele mostrara ser o companheiro de viagem perfeito e isso permitira-lhe criar fantasias sobre como ele seria de verdade, mas era chegada a hora de refrear a trama dela. Ficava contente por lhe mostrar que estava sozinha, que podia fazer com ela o que lhe apetecesse e ela não o poderia impedir.

Não lhe faria mal, nem a forçaria a nada, mas sinceramente! Quanta manipulação devia um homem tolerar?

Era tarde, quase meia-noite. Tinham jantado juntos – uma refeição lenta e ociosa que dera a Maggie uma falsa sensação de segurança –, depois tomaram um brande em silêncio na varanda a olhar para as estrelas.

Em seguida, ela foi para a cama. Ele esperou uns minutos para ela se poder despir e irrompeu pelo quarto como se fosse o dono de tudo. E era.

– Dispa o roupão – ordenou.

Ela engoliu em seco, desanimada.

– O roupão?

– Sim. – Fez um gesto para a peça. – Dispa-o. E a camisa de dormir também. Quero-a nua.

– Acho que não gostaria de o fazer.

– Acho que *eu* gostaria muito.

Deu um passo para Maggie e ela recuou outro e outro e ele avançou um. Estavam no quarto dela e ele aproximou-se até Maggie bater no poste da cama e não poder recuar mais. Colou o corpo ao dela e quase suspirou de satisfação, sentindo que se haviam passado anos, e não dias, desde que estivera tão perto dela.

Michael desapertou-lhe o cinto do roupão e despiu-lho, deixando-o cair num montinho no chão aos pés dela. A camisa de dormir era velha e desbotada e o tecido estava muito fino das inúmeras lavagens. Tinha os mamilos espetados contra o tecido e via-se a sua cor rosada.

– Não gosto desse brilho nos seus olhos – disse ela, que estava a tremer, o que o aborreceu muito. Gostava de imaginar que ela o compreendia e sabia que ele não lhe faria mal. Pelo menos, fisicamente.

– E que brilho é esse? – perguntou ele.

– Parece que me quer devorar.

– A sua percepção está correta, menina Wells.

Ele mergulhou sobre ela e mordiscou-lhe o pescoço, tirando prazer dos ruídos de medo que ela fazia, da forma como se contorcia e tentava fugir, mas ele não ia terminar aquele tormento.

– Podemos falar sobre isto? – perguntou ela.

– Não.

– Durante toda a viagem foi tão... tão...

– O quê? Complacente? Cortês?

– Julguei que talvez... ah... tivesse decidido não me forçar.

– A princípio, julguei que não estaria interessado, mas estou cansado de a ouvir falar. Há coisas que gostava que fizesse com essa linda boca... para além de tagarelar infinitamente... e o meu plano é mostrar-lhe que coisas são essas.

– Não tenho de estar sempre a falar. Pareceu-me gostar das nossas conversas, mas posso-me calar.

– Preferia que guinchasse e me espetasse as unhas nas costas

– Não faço ideia do que quer dizer com isso.

– Ótimo. A sua afirmação de que é donzela deve ser verdadeira.

– Claro que é, seu palerma.

– Há mulheres que mentem acerca desse importante pormenor.

– Eu não.

Ele abandonou o pescoço e subiu para lhe apanhar os lábios num beijo tórrido. Maggie permitiu esse contacto apenas por um momento, depois afastou-se, com ar perdido, isolado e muito assustado.

– O que se passa, Magdalena? Não me diga que está com medo. Foi para isto que aqui viemos, lembra-se?

– Sim, mas... mas...

– Um acordo é um acordo. Não foi isso que me disse?

– Talvez me tenha precipitado um pouco.

– E talvez eu finalmente concorde consigo. Quando o seu cunhado a ofereceu, achei a ideia péssima, mas agora mal posso esperar por possuí-la.

– Bom, *eu* mudei de ideias.

– Não pode. É tarde de mais.

Michael pegou nela e deitou-a no colchão e, antes que ela pudesse escapar, deitou-se em cima dela, prendendo-a.

Sorriu.

– Não é assim tão mau, pois não?

– É mau que chegue – resmungou ela com um tom de voz petulante e ele riu-se sem parar.

– Muito me diverte, Magdalena Wells. Tenho de admitir.

– Fico muito contente por lhe ser útil.

– Pode parar de me tentar encantar? É irritante e não pode mudar o meu carácter.

– Porque haveria eu de gastar energia a tentar encantá-lo? Percebo que é muito teimoso e eu nunca poderia manipulá-lo para melhorar o seu comportamento.

– Tem o mais expressivo dos rostos e eu sou um jogador que ganha a vida a ler rostos. Parte do princípio de que me consegue seduzir para que eu perdoe a dívida da sua família, mas sem ter de me dar aquilo que me foi prometido.

– Eu nunca pensei isso – bufou ela, com uma ofensa fingida.

Ele riu-se de novo.

– Nunca me deveria mentir, porque não é capaz de o fazer.

Michael afastou-se dela de cócoras para poder despir a camisa, que atirou ao chão.

– O que está a fazer? – exigiu ela saber, claramente alarmada.

– Estou a pôr-me mais à vontade.

– Não se importa de tornar a vestir a camisa.

– Importo.

– Por favor.

– Adoro ouvir as súplicas de uma mulher, mas continua a ser *não*.

Agarrou-lhe nas mãos e pô-las à volta da sua cintura, após o que se tornou a estender em cima dela.

Não era sua intenção desflorá-la. Pelo menos, achava que não. Se continuasse, teria de mostrar uma certa piedade a Gaylord Farrow, mas ela inspirava nele uma boa dose de sensualidade ardente e ele passara vários dias muito castamente, pondo em cheque as suas paixões.

Não era saudável estar assim tão excitado. Estava decidido a acalmar um pouco do seu ardor, convencido como estava de que se se envolvesse com ela, o seu fascínio iria esmorecer.

Nunca mulher alguma o mantivera interessado por muito tempo e ele dava-se com as rameiras para não ter de galantear e cortejar. Punha dinheiro gordo em cima da mesa e comprava-lhes o que fosse necessário. Era muito generoso e elas davam-lhe o que ele queria de boa vontade. Era até onde podia ir o seu *interesse*.

No entanto, Magdalena suscitava nele um outro tipo de fascínio, completamente diferente.

– Quer um conselho, Magdalena? Não jogue com um homem como eu, a menos que possa pagar o preço depois de perder.

– Eu não perdi.

Michael arqueou uma sobrancelha.

– Não? Encontra-se afastada da cidade e de tudo aquilo que conhece. Está enfiada na minha casa de campo, deitada debaixo de mim... e quase sem roupa... numa das minhas muitas camas. Eu não diria propriamente que ganhou. A Maggie sim?

– Deixe-me levantar.

– Não.

– Ooh, detesto que me dê estas respostas simplistas.

– Chiu.

– Michael, eu não posso fazer isto consigo. Eu sei que em Londres disse que sim, mas...

– Chiu!

Ela ergueu os olhos para ele, os seus azuis buscando os dele à procura de uma sugestão de bondade, de compaixão, mas sem a encontrar.

Construía uma imagem dele que não era nem exata nem verdadeira. Tinha uma fé ridícula em que ele fosse diferente do que era e as suas ilusões acabariam por lhe fazer mal.

Ele não suportava que ela o estudasse tão atentamente. E o orgulho também não lhe permitia ir-se embora sem marcar uma posição pertinente. O facto de não saber ao certo que posição era essa prejudicava-o. Ele queria somente que Maggie compreendesse que ele controlava a situação em que ela se encontrava e haveria de a controlar até se cansar de fazer jogos com ela.

Beijou-a. Não via porque não o fazer. Gostava, e ela também, depois de ter ultrapassado a memória de ser tipicamente britânica e dever ser virtuosa e contrária ao prazer.

Começou por se sentir tensa, pois tinha a certeza de que seria violada, mas quando ele se limitou a beijá-la, e depois continuou a fazê-lo, descontraiu e juntou-se a ele. Beijar, ela compreendia. De beijar gostava muito. Assim sentiam-se mais estáveis e eram levados por caminhos que já tinham percorrido.

Sem que Maggie reparasse, ele desapertou-lhe o laço do roupão e abriu-o, enfiando a mão por baixo do tecido até lhe encontrar o mamilo. Beliscou-o e provocou-o até ela lhe agarrar o pulso e o afastar.

Michael virou-se e ficou de costas, para que ela o montasse. O glorioso cabelo acobreado de Maggie caía em cascata sobre os seus ombros e braços, os seus lábios estavam rosados e inchados dos beijos intensos.

Tinha um ar desalinhado e magnífico, como uma sedutora treinada num harém, como uma sereia sobre as rochas, cantando a sua canção aos marinheiros imprevidentes. Se não tivesse cuidado, ela podia levá-lo à perdição.

– Gosto de o beijar – disse ela.

– Eu também gosto de a beijar.

– Mas só isso. Não posso fazer mais.

– Não?

– Não.

Bom, veremos, não é assim?

Fê-los rolar de novo para que Maggie ficasse debaixo dele e ela fez uma careta, mas a sua expressão não era tão crítica como anteriormente fora.

– Nem me vou dar ao trabalho de lhe pedir que me deixe levantar – disse ela. – De qualquer forma, não me daria ouvidos.

– Pois não.

– O que quer de mim?

Tudo! Nada!

Michael não fazia ideia do que buscava, mas ao que parecia ela tinha algo de que ele precisava desesperadamente e ele tinha de perceber o que era. Depois poderia descartá-la.

– Sabe o que eu quero. – Fez um gesto indicando o corpo. – Quero aquilo que negocieei. Quero-a a si.

- Mas eu não o quero a *si*.
- É virgem e solteirona, de modo que a sua opinião é irrelevante.
- Jurei que não queria mais homens – afirmou ela.
- Se é essa a sua defesa para não prosseguirmos, vejo-me obrigado a declarar que é um pouco tarde para protestar nesses termos.

Ela estava prestes a discutir o assunto – seria que aquela mulher alguma vez parava de falar? –, por isso tornou a beijá-la. Parecia ser a única maneira de a calar.

Ele era agora mais ousado, as suas mãos estavam em toda a parte, acariciando-lhe os seios, as ancas e as coxas. Desceu sobre ela e sugou-lhe um mamilo. Continuava escondido pelo tecido fino da camisa de dormir e o material conferia um pouco mais de fricção quando ele a atormentava.

– O que me está a acontecer? – conseguiu ela dizer enquanto arquejava e gemia.

– Estou a dar-lhe prazer.

– Não se parece com prazer.

Ele riu-se.

– Mentirosa.

Ele mantinha-a tão ocupada que Maggie nem reparou que lhe subia a bainha da camisa de dormir. Deixou-lhe as pernas despidas, depois as coxas e o seu tronco deitou-se entre elas.

Ela estava toda aberta, à mercê dele, cujas calças eram o único obstáculo ao ato e Michael esteve a uma unha negra de ir mais além do que tinha planeado. Pairava num limiar perigoso, ansioso por possuí-la, por tê-la da única maneira que importava, e não se imaginava a desistir.

Porque era ele um idiota tão vaidoso, tão altivo? Porque não a deixava em paz?

Ele não tinha qualquer controlo no que tocava a Maggie. Acaso não deveria receber algum benefício pelos seus esforços?

Voltou a focar-se no mamilo, puxou o tecido para o afastar e começou a morder e a lamber, enquanto mais abaixo os seus dedos encontravam os pelos femininos naquele «v» entre as pernas. Enfiou um dedo por entre os lábios, depois outro e acariciou-a para trás e para a frente, uma vez, duas, até que ela explodiu num poderoso orgasmo. Michael excitara-a assim tão completamente.

Desconfiava que, bem lá no fundo, ela era um ser muito carnal. Com todo aquele génio comprimido dentro de si, tinha obrigatoriamente de ser um caldeirão borbulhante de desejo por realizar. Que delicioso ser ele o homem a fazer essa descoberta.

Maggie gritou – bem alto – e arqueou as costas no seu caminho para o paraíso; o êxtase era uma espiral que a fazia perguntar-se se alguma vez chegaria ao fim.

Atingiu finalmente o pico e deixou-se abater. Caiu nos braços dele, a salvo, espantada e com uma sensação de plenitude, e ele sorriu, vaidoso, emocionado com aquilo que conseguira.

– O que foi isto? – perguntou ela quando retomou a voz.

– *Isto* foi prazer sexual.

– Pode acontecer mais do que uma vez.

– Mas é claro.

– E eu continua a ser... ah... – Era tal a sua inocência que lhe faltava vocabulário para concluir a frase.

– Sim, minha pequena donzela, é tão casta como o dia é longo.

O ardor dela acalmara, mas ele não remediara o seu e, ao afastar-se dela, a sua excitação era tão extrema que decidiu ir a cavalo à taberna da vila. Davam trabalho a uma rameira de serviço que se

sabia movimentar no colchão. Se não aliviasse aquela excitação, podia magoar-se!

Não iria contudo tocar no assunto com Magdalena. Se o fizesse, Gaylord Farrow poderia continuar a importuná-lo.

Desceu da cama, mas cambaleava como um imbecil, desesperado como estava de se deitar e ficar aninhado com ela a noite inteira, o que era ridículo.

Se ele se pusesse debaixo das mantas com uma mulher, seria por uma razão, e uma razão apenas. Nunca *dormia* com mulheres. Quando se encontrava num quarto, mantinha-se ocupado com outras coisas.

– Terminámos? – perguntou ela

– Por agora.

– O que significa isso?

– Significa que firmei a minha posição.

– Que posição é essa?

– Queria saber se a conseguia persuadir a uma relação física e é com satisfação que constato que fui bem-sucedido.

– Não foi nada – declarou ela com determinação.

– Magdalena, está no caminho da desgraça. Entregue-se e admita a derrota. Posso fazer consigo o que eu quiser. Mas... – inclinou-se e roubou-lhe um beijo fugaz – ... não me interessa aquilo que tem para oferecer, por isso pare de ser encantadora. Não pode proteger o seu cunhado de mim.

Agarrou na camisa e foi-se embora.

Atrás dele, ela disse:

– Senhor Scott, volte aqui. – Ele continuou e ela chamou-o, agora mais severa: – Michael! Não se atreva a ir-se embora. Quero falar consigo.

Michael olhou por cima do ombro, a pensar como ela era maravilhosa, e foi com esforço que manteve a fronte franzida com gravidade.

– Magdalena, falou comigo até à minha morte e já não suporto ouvir nem mais uma palavra.

– Michael!

– Vemo-nos pela manhã. Faremos planos para regressar à cidade.

– Já? Porque fizemos este caminho todo se já nos vamos embora?

– Viemos porque você me irritou, porque se julgou mais esperta, ou mais durona, ou mais perspicaz do que eu. Mas não é e não pode salvar Gaylord Farrow... e eu não consigo conceber por que razão haveria de o querer salvar.

Saiu e ela agarrou uma almofada, mas ele estava muito longe e aquele lance foi fraco e patético, não tendo qualquer hipótese de o atingir.

Maggie olhou pela janela da frente da casa de campo de Michael Scott. Viu-o na estrada, num cavalo a galope.

Cavalgava há horas, tendo saído antes de ela descer, cambaleando, nas escadas para tomar o pequeno-almoço, e quase fora uma desilusão saber que ele tinha saído. Depois do que se passara entre os dois no quarto na noite anterior, não fazia ideia de como iriam interagir. Aparentemente, ele ficara tão pouco comovido com a entrega dos dois à paixão que se levantara ao amanhecer e saíra a cavalo.

Não devia ter ficado surpreendida com a indiferença dele. Na primeira vez que o viu, ele tinha uma rameira no colo. Estava habituado a comportamentos maus e escandalosos, mas ela não. Sentia-se perdida e confusa em relação ao que fazer.

Embora detestasse admiti-lo, sentia uma curiosidade extrema relativamente a ele. Gostaria de espreitar e procurar pistas nas diversas salas e salões, mas não se atrevera a tal. Quando chegaram, no dia anterior, ele fez-lhe uma rápida visita guiada e jantaram juntos na sala, mas não tivera oportunidade de descobrir pormenores que revelassem mais acerca dele.

Como podia ter começado numa situação tão precária e subir tão alto? Como ultrapassara a pobreza da infância para alcançar tamanho sucesso?

Era órfão e, tanto quanto ela sabia, não tinha informações acerca dos pais ou da sua linhagem. Mas era facto aceite que o sangue determinava o estatuto e as capacidades de uma pessoa, razão pela qual os reis e as rainhas governavam o mundo. As pessoas comuns compreendiam que a ascendência apartava a nobreza das massas.

Viria ele de uma família ilustre? Seria possível? De que outra forma se podia explicar o seu extraordinário intelecto e os seus talentos?

Depois de abandonarem Londres, Maggie sentira-se inquieta com o lugar a que se dirigiam. Que espécie de residência estaria na posse de um jogador e criminoso tão dissoluto? Não se devia contudo ter preocupado.

O sítio era extraordinário. Decorado com gosto. Sem alardes. A riqueza dele era evidente em todos os cantos e fendas, mas não de maneira berrante ou vaidosa. As divisões eram luminosas e arejadas, as cores agradáveis, a mobília elegante e claramente escolhida para proporcionar o máximo conforto.

Não se tratava de uma casa exageradamente grande – ela contara apenas cinco quartos. Não havia acres e mais metros de parque, nem rios para pescar, ou bosques para caçar, e dava emprego apenas a uns quantos criados competentes e corteses.

Nas traseiras da casa havia uma pequena biblioteca com prateleiras de livros sobre um vasto leque de matérias, como comércio, finanças e pecuária e ela perguntou-se se ele teria a capacidade de ler e compreender o seu conteúdo. Imaginava que sim, mas quem o ensinara? Como adquirira a sua formação?

O salão onde se encontrava sentada exibia um piano e um armário repleto de música. Acaso tocaria? Saber a ler música? Não parecia esse tipo de homem, mas a verdade é que nada nele se revelava ser o que ela esperava.

Para seu desgosto, deu por si a sentir ciúmes dele. Possuía tanto e mal reparava na sua abundância. Ela quase não tinha nada e, agora que Cliffside estava perdida, tinha ainda menos. Onde estariam todos no próximo aniversário de Rebecca?

Michael saiu da estrada e começou a percorrer o caminho de acesso e ela não era capaz de parar de olhar. Era tão belo e ousado, como um grande lorde perscrutando o seu domínio. Tinha as faces rosadas, o cabelo escuro solto e a esvoaçar pelos ombros.

Quem podia ser o pai de um exemplar do sexo masculino tão magnífico? Se tinha família em algum lugar, o que achariam da sua atual situação?

Quando ele passou pela janela a caminho dos estábulos, viu-a a olhar, cheia de atenção, como uma adolescente na rede do seu primeiro amor. Ele abriu um sorriso e acenou arrogantemente com a mão, como se aquele escrutínio intenso fosse exatamente aquilo que merecia. Constrangida, Maggie franziu o sobrolho e ele continuou o seu caminho.

Ela deixou-se ficar por ali, pouco à vontade e exasperada com ele – e consigo. Não tinha nada para fazer e sentia que devia escrever umas cartas ou tocar no piano ou... qualquer coisa. Desde que se mudara para Londres com o vigário Sterns e a sua mulher, esquecera como passar o tempo ociosamente. Estava habituada a manter-se ocupada, a ter o tempo preenchido com tarefas que tinham de ser realizadas.

Acabou por ouvi-lo entrar no átrio. Um criado foi ao seu encontro à porta e conversaram baixinho. Tentou ouvi-los, mas ficou frustrada porque não conseguiu ouvir uma única palavra. Estariam a falar dela?

Por um momento preocupou-se com o que os criados podiam pensar. Quando foi apresentada como *menina* Wells, nenhum deles pestanejou com aquele decoro. Claro que não havia como dizer o que murmuravam sobre ela quando se encontravam na cozinha.

Estava terrivelmente preocupada que não se importassem com a sua presença por o senhor Scott ter o hábito de trazer senhoras solteiras quando estava de visita ao campo. Nesse caso, quantas teria havido antes de si? Em que circunstâncias teriam viajado com ele? Teria ele arruinado outros homens para além de Gaylord e teria recebido as suas irmãs e filhas virtuosas em troca de um cancelamento das suas dívidas?

Havia sempre histórias loucas a circular pela cidade sobre fortunas perdidas, mas ela partia do princípio de que as histórias eram ridículas e falsas. Quem iria dizer que também ela se veria metida numa saga sórdida desse tipo?

De repente, ele apareceu à porta, tendo atravessado o corredor sem que ela dissesse se apercebesse. Maggie fitou-o, sem saber ao certo o que iria acontecer, o que diriam. Mas ele sorria, feliz e descontraído como ela nunca o vira.

– Bom dia, menina Wells.

Havia no seu tom de voz um toque de sedução para o qual ela não estava preparada e as suas faces ruborizaram como que de excitação.

– Senhor Scott.

– Fui andar a cavalo. Os criados serviram-na?

– Sim.

- Então não julgou que eu a tivesse abandonado?
- Não. Eu sabia que estava fora.
- Deram-lhe de comer e cuidaram de si?
- Sim. Todos se mostraram muito generosos e obsequiosos.
- E como foi o pequeno-almoço? Gostou da comida?
- Era maravilhosa.
- De certeza? Porque se não era, eu posso...

– Não, não, era ótima. Tudo está bem. – Ocorreu-lhe que ele podia estar preocupado com a opinião dela sobre a casa, sobre a cozinheira e os criados e acrescentou: – Isto é um enorme mimo para mim. Não se esqueça de que vivo na missão e como lá.

- O que servem habitualmente? Pão e feijões?
- Com pedaços de fiambre, de vez em quando, se tenho meios de comprar um pouco de carne.
- Nunca cheguei a fazer o donativo, pois não?
- Não, e sem dúvida que mereço uma carruagem cheia de dinheiro.
- Pagamento pelos seus cuidados?
- Sim.

Michael atravessou a sala, parando diretamente à frente dela. Ela sentia o cheiro do exterior – ar fresco, sol, cavalos – emanando da sua roupa e da sua pessoa. Os aromas masculinos e intoxicantes incendiaram as suas sensibilidades femininas e ela mal conseguiu evitar avançar e roçar-se nele. O que se passava consigo?

Não gostava dele, detestava aquela conduta despótica e tinha como intenção permanecer ativa e indiferente – especialmente por ele se mostrar insensível ao encontro amoroso entre os dois. Dera voltas na cama até de madrugada, depois descera em bicos de pés para tomar o pequeno-almoço, aterrorizada ao pensar em como iriam lidar um com outro, mas aquela ratazana nem sequer estava na propriedade, saíra horas antes.

Decidiu mentalmente quais as razões pelas quais o detestava, mas era evidente que a sua anatomia tinha uma perspetiva diferente daquela situação. As carícias íntimas tinham-na transformado, fazendo-a sentir-se em carne viva e desorientada.

Queria perguntar-lhe o que acontecera ao corpo dela, mas não sabia bem como ter essa conversa. Provavelmente, havia no mundo adultos que podiam falar sobre um assunto tão indiscreto, mas ela não era um deles.

- Decidi que não regressamos esta manhã a Londres – declarou ele.
- Não?
- Não. Ficamos mais uns dias.
- O que o fez mudar de ideias?
- É um disparate termos feito esta viagem toda para partirmos já.
- Sim... pois é – disse ela, cautelosa.

Estava ansiosa por regressar à cidade. Não estava?

Não era propriamente Londres que chamava por ela. Estava simplesmente ansiosa por se encontrar no campo com ele. Estavam demasiado isolados e parecia que nessas circunstâncias todos os comportamentos eram permitidos. No quarto, ele provara que Maggie não era melhor do que devia ser e ela tinha muito medo que, dada a oportunidade, ela tornasse a envergonhar-se.

- E se eu dissesse que gostava de me ir embora agora mesmo? – perguntou ela.

– Pode *dizer* isso, mas vamos ficar, por isso é inútil queixar-se.

– É um homem que enfurece.

– Sim, estão sempre a dizer-me isso.

– Foi sempre arrogante e dominador?

– Sempre? Quer dizer, em rapaz? Sim, creio que sim. O Ramsey diz que sempre fui horrível e impossível.

– Que idade tinha quando o conheceu?

– Três anos? Quatro? Não me lembro.

– Então ele sabe, se é que o atura há tanto tempo. Alguma vez se perguntou de onde lhe vêm essas características imperiosas?

Michael fez uma careta.

– Tive de ser arrogante ou não teria sobrevivido. Não cresci rico e mimado... como outras pessoas que conheço.

Ela ficou agitada com o uso da palavra *sobrevivido*. Evocava demasiadas imagens que a faziam ter pena dele.

– Sim, eu sei que era um órfão sem-abrigo. Como perdeu os seus pais? Quem eram eles? Faz alguma ideia?

– Menina Wells, porque pergunta? – inquiriu com malícia. – Está curiosa em relação a mim?

– Não.

Ele riu-se e abanou um dedo à frente da cara dela.

– Lembra-se do que eu lhe disse em relação a mentir-me? Não devia fazê-lo. É péssima.

– *Pode ser* que tenha uma ponta de curiosidade – admitiu ela.

– E com boas razões para tal – retorquiu ele pomposamente. – Atrevo-me a dizer que terá encontrado poucos homens como eu na vida.

– Isso seria dizer pouco.

Michael deixou-se cair no sofá e agarrou-lhe a mão, arrastando-a para o seu colo. Ela fez um esforço vago para permanecer de pé, mas claro que ele ganhou a batalha.

– O que deseja saber sobre o meu passado? – perguntou ele. – Conto-lhe o que puder.

– Onde nasceu?

– Não sei.

– Quem eram os seus pais?

– Não sei.

– Como foi parar ao orfanato?

– Não sei.

Ela demorou um momento a perceber que Michael a provocava, e não gostou que ele exibisse aquele comportamento jocoso. Começava outra vez a gostar dele, mas não fora por isso que o acompanhara ao campo? Não era verdade que estava determinada a encorajar um melhor comportamento nele?

Pôs um ar grave.

– Não se importa de falar a sério?

Ele riu-se.

– Está bem. A minha primeira memória é de ser muito pequeno. Houve um incêndio terrível e eu fiquei lá fora no escuro, a ver umas chamas enormes engolirem um edifício.

Aquela história pôs os cabelos em pé na nuca de Maggie.

– Estava sozinho?

– Acho que havia alguém comigo, mas aquilo era o caos. Não consegui encontrar a pessoa que cuidava de mim. – Estremeceu dramaticamente. – Ainda hoje detesto o fogo.

– Era a casa dos seus pais?

Ele pensou longamente.

– Não creio. Talvez fosse um hotel ou uma hospedaria para viajantes.

– O que o leva a pensar isso?

– Parece verdade, só isso. – Encolheu os ombros. – Na minha memória seguinte, estou com Ramsey no orfanato. Era pequeno. Talvez três ou quatro anos.

– Era o edifício onde hoje está a minha missão?

– Sim.

– Cresceu lá?

– Não, vivi lá ocasionalmente. O Ramsey e eu saíamos de lá e tentávamos safar-nos sozinhos, mas quando tínhamos muita fome ou estávamos exaustos, regressávamos. Acho que tinham pena de nós, porque nos recebiam sempre.

– Vivia a maior parte do tempo na rua?

– Sim.

– Era apenas um rapaz. Não tinha medo?

Michael mostrou-se desdenhoso perante os cuidados dela.

– Não era assim tão mau. Descobri uns truques manhosos que me ajudavam.

– Que espécie de truques?

– Roubo. Furto de carteiras. Os crimes do costume.

– Agora é rico e próspero.

– Sem dúvida e, já que reparou, e ambos sabemos que é uma solteirona assolada pela pobreza, vai afeiçoar-se a mim pelo meu dinheiro?

– Não. Seria preciso mais do que uma grande fortuna para que eu gostasse de si. E não mude de assunto.

– E que assunto era esse?

– Como enriqueceu tanto? Começou por crimes pequenos.

– Sim, mas era esperto e astuto, assim como malicioso e feroz, e recusei ser pobre. Gradualmente, fui subindo acima de todos os outros.

– Com o jogo?

– Entre outras coisas.

– Que *outras* coisas?

– Isso, menina Maggie, é provavelmente mais do que precisa de saber sobre mim.

Puxou-a, pondo-a de pé, e levantou-se também ele.

– Julguei que detestava estar aqui no campo – disse ele.

– Então, porque veio?

– Para poder desgraçá-la, não se lembra?

– Não vai acontecer, então porque fica?

– Por uma vez na vida, estou a divertir-me. Geralmente, não suporto a tranquilidade dos caminhos rurais desertos. Sou inteiramente um rapaz da cidade e sempre tive de trabalhar no duro. Não faço

ideia de como se descontraí.

– Nem eu – concordou ela. – Pelo menos, desde os meus dezassete anos, quando me mudei para a cidade. Não suporto o ócio.

– Bom, vamos ser ociosos e mimar-nos. – Pinta? – perguntou ele estranhamente.

– Todas as raparigas do meu estatuto aprendem a pintar.

– Tenho pincéis e telas num armário. Vamos sentar-nos no jardim e pode fazer um quadro para mim.

– Farei... desde que não se ria da minha falta de talento.

– Mais tarde, pode tocar para mim no pianoforte.

– Tive aulas, mas sou péssima. E o senhor?

Esperava que Michael dissesse o mesmo, mas ele surpreendeu-a dizendo:

– Sou muito bom.

Maggie ficou de queixo caído.

– É?

– Sou.

– Quem o ensinou?

– Ninguém. Simplesmente, sempre soube tocar. – Piscou-lhe o olho. – E também sei cantar. Espere só até me ouvir. Vai ficar admirada.

– Está a brincar comigo?

– Não. Acredite em mim, vai ficar de queixo caído.

– Poderá ser um talento herdado dos seus pais?

Michael arqueou as sobrancelhas, como se nunca tivesse considerado essa possibilidade.

– Pode, imagino eu.

– A minha amiga Evangeline, que também é órfã, sabe tocar e cantar muito bem. Partiu do princípio de que se trata de um dom que herdou.

– Imagino que seja possível. – E como se o assunto o aborrecesse, descartou-o. – Suba para ir mudar de roupa.

– E vestir o quê? Só tenho os meus três vestidos cinzentos.

– Os criados disseram-me que alguma da sua roupa nova foi entregue há pouco.

– E eu disse-lhe para não me comprar roupa.

– Porque haveria eu de escutar um comentário tão palerma?

Maggie ergueu os olhos para ele e achou-o elegante, fascinante e, nesse momento, muitíssimo encantador.

– Não, nunca me ouviria.

– Agora, sim, estamos a chegar a algum lado. – Michael anuiu e gesticulou para as escadas. – Se houver um chapéu de palha no monte, use-o para mim.

– Porquê?

– Vamos fazer um piquenique e quero vê-la sentada na relva com um chapéu a condizer com o vestido... com um laço atado por baixo do queixo.

Maggie olhou-o, boquiaberta, e ele acabou por dizer:

– O que foi?

– Um piquenique?

– Sim, e eu vou buscar pincéis e telas para que possa pintar o quadro que lhe pedi.

– Se tiver de o pintar a si, terá de tocar para mim quando regressarmos a casa.

– Talvez. Estamos de férias, não estamos? Podemos fazer o que nos apetecer.

– Pois podemos, Michael. – Maggie fez uma pausa e ousou perguntar: – Quantas convidadas mulheres trouxe ao Ninho do Órfão antes de mim?

– Nenhuma. É a única.

Deveria acreditar nele? Para seu desagrado, ansiava desesperadamente acreditar.

Deixaram-se ficar, à beira de algo maravilhoso. Ele fitava-a com uma expressão intensa, o seu olhar era caloroso e afetuoso. Olhava-a como se fossem namorados, como se desabrochasse entre eles uma ternura genuína.

Mas isso não podia ser. Pois não?

– Importa-se de ir? – ralhou ele.

Ela ficou tensa, com a certeza de que ele a ia beijar. Depois do que tinham partilhado no quarto, parecia sem dúvida que o iria fazer, ou que *deveria*, mas, por alguma razão, não o fez. Pôs uma mão no traseiro dela e empurrou-a para a porta.

– Vá mudar de roupa – disse novamente. – E desça com um vestido que não seja cinzento.

Ela hesitou, sentindo que devia dar-lhe uma resposta curta e breve, mas não se lembrou de nenhuma coqueteria adequada, de modo que se decidiu por:

– Escolherei o mais bonito... só para si.

– Perfeito – murmurou ele. – Absolutamente perfeito.

Vou a Londres.

Pamela fulminou Rebecca com o olhar e disse:

– Não vai, não.

Rebecca retribuiu o olhar fulminante e disse:

– Vou sim.

Estavam no salão principal de Cliffside, Gaylord a um canto, e Pamela chamou:

– Gaylord, querido, o que lhe parece?

– O que me importa o que ela faz? – respondeu ele.

Pamela engoliu uma resposta furiosa e obrigou-se a sorrir.

– É o chefe da família, Gaylord. Não lhe pode parecer apropriado que ela parta sozinha. O que diriam as pessoas?

– Não dou um tostão furado pelo que dizem as pessoas. Ela já se envergonhou com todos os homens jovens da nossa região. Será de espantar que agora comece com os homens jovens da cidade?

– Gaylord! – exclamou Pamela. Era constante a sua pena por ele nunca se comportar como ela queria, por nunca ser o marido que ela precisava que ele fosse.

– Não lhe estou a pedir autorização – declarou Rebecca. – Estou apenas a informá-la de que irei.

– Não está a pedir? – Pamela estava furiosa. – Está a informar? Não aceito isso, Rebecca. Não aceito mesmo.

– Para citar o seu marido, não dou um tostão furado pela sua opinião.

– Não espere que eu vá aparecer com o dinheiro para financiar a sua viagemzinha – queixou-se Gaylord, mexendo-se no seu lugar.

– Como a Pamela não tem joias por vender – disse bruscamente –, tenho a certeza de que não tem dinheiro, portanto é uma falsa questão.

– O que planeia fazer? – perguntou Pamela.

– A Maggie teve de se ausentar da missão de salvamento – explicou Rebecca.

– Ah sim?

Gaylord e Pamela trocaram um olhar furtivo.

– Pediu-me que ficasse no apartamento a dar uma vista de olhos a tudo enquanto se encontra ausente.

Rebecca sempre fora má a mentir e desviou o olhar, com uma expressão dúbia e desonesta. Pamela nem imaginava o que estava a acontecer.

Gaylord bufou.

– Vai ficar na missão de salvamento da Maggie? Nunca foi a esse bairro sórdido, por isso tenho de a prevenir que não deve ir. Pode estar a colocar-se em perigo.

– A Maggie vive lá há sete anos e nunca nada de mal lhe aconteceu.

– É uma bruxa tal – disse Gaylord com sarcasmo – que nenhum malandro se atreveria a aproximar-se dela para lhe fazer mal.

– Não a denigra à minha frente – ralhou Rebecca – e, como *o senhor* é responsável por ela estar em Londres, tem muito que criticar. Passa o tempo a ajudar os outros. O que fez o senhor?

Rebecca deixou-se ficar ali à espera da resposta de Gaylord, mas claro que ele não lhe podia dar uma. Rebecca e Pamela conheciam-lhe os pecados, e ele também. Não que alguma vez os admitisse em voz alta.

Rebecca fez uma careta.

– Quando estiver instalada, escrevo.

– Eu disse-lhe que não pode partir, Rebecca – avisou Pamela.

– Sim e *eu* disse-lhe que não importa aquilo que pensa. Se eu ficar aqui convosco mais dois segundos, enlouqueço.

Saiu e Pamela ficou tão zangada que teve de agarrar os braços da cadeira para se impedir fisicamente de correr atrás da irmã. Apetecia-lhe esbofeteá-la, insultá-la e humilhá-la até ela cair por terra, mas não havia palavras no mundo capazes de exprimir as frustrações de Pamela.

Quisera Gaylord tão desesperadamente que o roubara a Maggie e agora ficaria ao seu lado em todas as circunstâncias. Estavam a passar um mau bocado, mas Gaylord era muito inteligente. Insistia que ia resolver o problema e ela acreditava nele. Não podia *não* acreditar. Tivesse ela a mínima sombra de dúvida, os alicerces da sua vida podiam ir abaixo.

– Essa bruxa desleal – disse Pamela entredentes quando os passos de Rebecca se desvaneceram no corredor.

– Não se apoquente com ela – respondeu airoso Gaylord. – Sempre foi uma peste. Se ela quer ir para a cidade e ficar a morar na espelunca de Maggie, que vá.

– Ela é minha irmã, Gaylord, e eu sou sua tutora. Sem pais que a orientem, devo ser eu a mantê-la sob controlo.

– Com que finalidade? Não está já farta? E eu? Tem vivido connosco e eu sustento-a. Qualquer rapariga normal e pragmática já teria casado há séculos.

– Calculo que sim – disse Pamela, hesitante.

– Se ela optar por ser solteirona, a escolha é dela, mas temos de levar com ela?

Gaylord gastara o dote de Rebecca, por isso ela não se podia casar, mesmo que o desejasse, mas Pamela nunca levantaria a questão, pois não queria discutir esse assunto controverso.

– Então e a Maggie? – perguntou-lhe Pamela. – Nunca soube que ela se tivesse ausentado antes da missão. Para onde terá ido? Como teve dinheiro para viajar?

– Minha querida Pamela, parece-me que ela se está a divertir com Michael Scott.

Pamela arquejou.

– Concordou em desgraçar-se por nós? Quando falei com ela, opôs-se com veemência.

Gaylord aproximou-se e agarrou as mãos de Pamela, puxando-a depois para que se levantasse. Fê-la girar, como se celebrassem.

– Parece que a Maggie mudou de ideias – disse ele.

– Temos um mês para sair?

– Sim, e independentemente da decisão de Michael Scott sobre ela, vou alegar que nos deve os seis meses. Depois de darmos este passo drástico de entregar a sua virginal irmã, é justo que nos seja permitido ficar durante todo o período.

Pamela não esperava que o senhor Scott tratasse do assunto com justiça, mas anuiu.

– Sim, é justo. Não compreendo porque não aceitou casar-se com ela quando lha ofereceu. Naquele dia em que os vi juntos, ele estava completamente embeijado.

– Eu não lhe contei? Ele está noivo de outra pessoa.

– Mas... mas... o que acontecerá à Maggie quando ele terminar com ela? E se ela acabar de esperanças?

Gaylord fez uma careta.

– E porque devia isso ser problema nosso, Pamela?

– Ela é minha irmã, Gaylord.

– Por assim dizer. Não vamos dar-lhe uma ligação que ela já não merece. Se ela acabar metida em sarilhos, de quem é a culpa?

– Nossa?

– Não, do Michael Scott. Ele terá de tomar providências para ela e para o bebé e eu hei de obrigá-lo a pagar-nos por algum dano que ele cometa.

Largou as mãos de Pamela e começou a andar.

– Onde vai? – perguntou Pamela, nervosa.

– Também vou à cidade.

– Será que deve, Gaylord?

– Com a capitulação da Maggie, sinto-me com sorte, Pamela.

– Ah! – Sempre que Gaylord proferia a palavra *sorte*, eles estavam em grande perigo.

– Descobri um novo clube que me deixa participar.

– Um clube de jogo?

– Não, um clube de cavalheiros, mas sabe-se que os senhores gostam de lançar os dados uma vez por outra. Com este revés da minha sorte, não me posso recusar a jogar.

Podes sim!

– Lamento, mas terei de discordar. – Pamela usava um tom invulgarmente astuto.

– Discorde aquilo que quiser – respondeu ele descontraidamente enquanto se afastava. – O que me importa isso?

Ela afundou-se no sofá e deu-se conta de que ficaria completamente sozinha na grande mansão até ele se dignar voltar. Que catástrofe traria consigo?

* * *

– O que devo pensar disto?

– Se fosse eu, não me punha a adivinhar.

– Será o senhor Scott deliberadamente rude? Ou será que se esqueceu das normas de etiqueta?

Felicia tinha escrito ao senhor Scott inquirindo-o acerca do casamento. Ele respondera por fim, e ela sentia-se à beira do desespero. Estava na companhia da mãe no solar desta e por uma maldita vez na vida gostaria que ela lhe mostrasse um pouco de pena ou de orientação, mas a mãe permanecia estoicamente calada.

Desde que Lorde Stone os informara da calamidade financeira em que se encontravam que a mãe permanecia em estado de choque. Não tinha conselhos a dar.

– Não é de boas famílias – disse Felicia –, mas tem maneiras. Porque não as exhibe?

– Se está à espera de um comportamento exemplar por parte desse homem, terá de reavaliar aquilo

que será possível com ele.

– O que me está a dizer? Diz-me que não devo obedecer ao pai?

Felicia estava como que em suspenso, rezava para que a mãe lhe desse ordem de cancelar o noivado, rezava para que a mãe ganhasse espinha dorsal e a aconselhasse a ganhar uma para si própria também. Juntas, podiam mandar passear Lorde Stone e Michael Scott.

Para sua grande frustração, a mãe respondeu:

– Nenhum noivo é aquilo que a noiva espera.

– Será que ele não podia fingir um interesse em casar comigo? Aqui no início, quando se esforçou tanto para me conseguir do pai, acaso não podia fingir-se contente? Será pedir de mais?

– O senhor Scott não se esforçou nada – disse Lady Stone fazendo *ts-ts* e abanando a cabeça. – Foi tudo uma confusão armada pelo seu pai. O senhor Scott limitou-se a ficar ali enquanto o seu pai se precipitava para a desgraça.

Felicia ainda não podia acreditar naquilo. Ansiava poder acreditar em algum truque da parte do senhor Scott, mas ao que parecia Lorde Stone pusera-se simplesmente a jogar até só ter Felicia para apostar. Porque haveria o senhor Scott de ter recusado aquilo que tão alegre e levianamente fora esbanjado?

Agitou o enfurecedor bilhete do senhor Scott à frente do rosto da mãe e leu de novo a missiva curta e ofensiva.

– «Por mim está bem como quiser.» Uma frase! Uma frase parca e idiota! Não me diz nada! Ele vai pagar o casamento? Que espécie de cerimónia imagina? Será que devo reservar a catedral e convidar mil pessoas? Terá dinheiro para uma extravagância dessas? Ou será que parte do princípio de que somos *nós* a pagar? Mas como podemos, se nos deixou na penúria? Será que devemos fazer uma cerimónia simples em casa? E na casa de quem? Na nossa? Na dele? Será que tem amigos que gostaria que fossem convidados? – Felicia levantou as mãos no ar. – Como devo eu interpretar isto?

A mãe fez uma careta.

– Deve interpretar precisamente como se lê. *Como quiser* estará bem. Ele é muito rico. O que importa se ele não gostar dos seus gastos?

Para além das suas inúteis questões acerca do casamento, Felicia também o convidara para jantar e para o teatro. Mas o mensageiro que entregou o bilhete disse que o senhor Scott não estava na cidade e que ninguém sabia quando iria regressar. Ter-se-ia o senhor Scott ausentado para uma visita demorada? Acaso deveria avançar sem ele? Deveria esperar que ele regressasse e lhe dissesse o que pensava? O quê? O quê?

– Vai ser assim o nosso casamento? – perguntou ela.

– O que quer dizer?

– Saiu da cidade sem me dizer uma palavra... apesar de ser sua noiva. Nem se dá ao trabalho de responder às minhas solicitações para socializarmos. Ainda nem sou sua esposa e já sou posta de lado!

A careta de Lady Stone ganhou mais expressão.

– Sim, estou certa de que a sua vida de casada será assim. É igual para todas as mulheres. Se espera que a sua seja diferente, é tola.

Felicia pensou na existência monótona dos próprios pais, em como Lorde Stone nunca estava em casa e Lady Stone ficava sempre sozinha. Passavam-se meses inteiros, com Lady Stone e as filhas enfiadas no campo enquanto Lorde Stone se divertia na cidade.

A mãe sofrera em silêncio, nunca fora crítica nem se queixara. A recompensa por todos aqueles anos de lealdade foi perder tudo devido aos hábitos pródigos do marido mimado.

Iria ser essa a experiência de Felicia? O senhor Scott insistira que era muito fiável, mas e se estivesse a mentir? E se na verdade fosse um desgraçado irresponsável?

– Ouviu falar de Cliffside – disse ela.

– Não.

– Ele diz que acabou de a comprar.

Lady Stone encolheu os ombros.

– O mais provável é tê-la ganho a alguém.

Felicia arquejou.

– Vai levar-me para uma casa que roubou?

– Pode ser que sim. Não deve esquecer como ele ganha a vida. – A expressão de Lady Stone ficou ainda mais amarga. – Fico aliviada por ele não lhe exigir que viva por cima do clube de jogo.

– Sou filha de um conde, mãe. Ele não se atreveria a isso.

– Não? Percebi que é típico o marido, independentemente da sua posição ou do seu estatuto, se poder comportar como desejar em relação à mulher. Se lhe ordenar que viva no clube, então terá de o fazer. Tem sorte por ele ter um lugar para si... seja como for que foi parar à sua posse.

– Oh, como pôde o pai humilhar-me assim? – lamentou-se Felicia.

– Humilhou-nos a todos, Felicia.

– Mas porque sou *eu* a pagar o preço?

– Estamos todos a pagar – declarou a mãe.

– Não me parece que assim seja.

– Correm rumores por toda a cidade de que estamos arruinados – lamentou-se a mãe. – Imagine como isso me faz sentir.

– Sim, pobre mãe, com a reputação manchada. Parece muito mais horrível do que o meu suplício de ter de me casar com um homem sem nome, sem estatuto e que tem apenas o jogo e o contrabando a recomendá-lo.

A mãe pôs-se muito direita, ofendida.

– Estamos a fazer o melhor que podemos, em circunstâncias muito adversas. Não é preciso criticar.

– Não? – Felicia olhou boquiaberta para a mãe; queria gritar-lhe, queria sacudi-la.

Preocupava-se com a sua reputação! Felicia estava a ser obrigada a casar com o senhor Scott e a mãe queixava-se dos rumores! Se isso não era prova de Felicia não passar de um pormenor nas franjas da família, ou seja, não essencial, então não sabia o que era. Porque haveria de se sacrificar por pessoas tão desumanas e insensíveis?

Devia ter-se recusado a obedecer, mas não fazia ideia como. Se recusasse o noivado, o que seria deles? Sem dúvida que o senhor Scott tomaria imediatamente posse dos seus bens. Se isso acontecesse, ela haveria sempre de se culpar pelas consequências.

– Se o senhor Scott me obrigar a viver por cima do clube de jogo, mato-me. – Fez uma pausa e acrescentou dramaticamente: – Retiro o que disse. Mato-o a *ele* e, quando me estiverem a levar para o cadafalso, subirei os degraus com um sorriso na cara.

* * *

– Fale-nos dos nossos pais.

– Não sabem? Não se lembram de nada?

– De muito pouco.

Evangeline anuiu, encorajadora, à senhora Etherton. A família Etherton estava ligada à sua, o seu tio foi essencial quando Evangeline e os irmãos foram separados. Inscreveu Evangeline na Escola de Raparigas de Miss Peabody com o nome falso de Evangeline Etherton, quando o seu verdadeiro nome era Anne Blair.

Inscrevera igualmente Bryce num colégio interno para rapazes e também lhe tentou dar um nome falso, mas Bryce era mais velho e recusou-se a usá-lo.

Ao longo dos anos, o advogado Thumberton verificara como estavam Evangeline e Bryce por ordem do senhor Etherton, mas não sabia quem era nem o que acontecera. Tudo fora secreto e misterioso.

O senhor Etherton estava morto, mas a sobrinha, Eugenie Etherton, concordara em encontrar-se com eles. Encontravam-se na casa dela, no salão. A menina Etherton era uma solteirona que cuidara do tio, que fora envelhecendo e acabara por morrer. Tinha quarenta e tal anos, era roliça e desengraçada, mas muito simpática.

– Como nunca vieram fazer perguntas – disse a menina Etherton – e o meu tio estava convencido de que um dia acabariam por vir, comecei a imaginar que não estavam curiosos... ou que não estavam interessados.

– Não nos lembrávamos de nada até muito recentemente.

– Ora, eu seja... – disse a menina Etherton com um ar pensativo.

Tinha-lhes perguntado de que se lembravam acerca dos pais e Bryce respondeu:

– A minha mãe era atriz?

– Era. Nos palcos de Londres. Era extraordinária... como atriz e como cantora.

– Eu sabia – disse Bryce entredentes.

Olhou de relance para Evangeline, deliciado por ver confirmadas aquelas informações. Ambos tinham imenso talento como atores e músicos e Evangeline sentiu-se mais perto da mãe por perceber que partilhavam as mesmas características.

– Ela era bonita, não era? – perguntou Bryce. – Lembro-me de ela ser muito bonita.

– Era linda – respondeu a menina Etherton. – Tenho um retrato dela que lhe vou dar. Pode levá-lo quando se for embora.

– Tem um retrato? – Evangeline estava um pouco confusa.

– Tenho – respondeu a menina Etherton – e a senhora parece-se muito com ela. Era loira e tinha olhos azuis... tal como vocês os dois.

– Era famosa? – perguntou Bryce.

– Ainda não, mas esperava-se que viesse a ser. – A menina Etherton corou, como se talvez devesse ter guardado aquela informação para si. – Desculpe. Não sei bem até onde devo contar.

– Seja direta, por favor – disse Bryce – e não nos esconda nada.

– Têm a certeza?

– Absoluta – garantiu-lhe Bryce.

Evangeline acrescentou:

– Queremos encontrar os nossos irmãos, de modo que tudo o que nos puder contar irá ajudar-nos na nossa busca.

– Algumas coisas podem chocá-los – insistiu a menina Etherton.

– Somos imunes ao choque – alegou Bryce e todos se riram.

– Então e o nosso pai? – inquiriu Evangeline.

– Não sabem? A sério?

– Não – responderam Evangeline e Bryce em uníssono.

A menina Etherton levantou-se e baixou a cabeça para Bryce, com o mais estranho dos comentários:

– Seja bem-vindo ao meu humilde lar, Lorde Radcliffe. A sua visita é uma honra para mim.

Evangeline e Bryce fizeram uma careta e Bryce disse:

– De que está a falar?

– O seu avô era conde de Radcliffe e o seu pai era Julian Blair, o filho mais velho do conde e herdeiro do título.

Bryce abanou a cabeça, quase com desânimo.

– Não, não, isso não pode ser.

– Mas é, lamento dizer – disse a menina Etherton.

– Como pode isso ser? Os condes não perdem o rasto dos seus netos.

– Pode acontecer quando o herdeiro casa com a mulher errada, quando é deserdado e a família se recusa a reconhecer a sua esposa e os seus filhos legítimos.

– Oh!

Evangeline e Bryce deixaram-se ficar num silêncio de espanto e Bryce parecia demasiado atordoado para prosseguir.

– Como aconteceu isso? – quis saber Evangeline.

– Conheço apenas os pormenores que o meu tio partilhou comigo e alguns deles foram inferidos por ele.

– Conte-nos o que ele disse – instou Evangeline. – Nós passamos a informação em revista e decidimos o que cremos ser verdade e o que cremos ser rumor.

– O vosso pai e o conde nunca se deram bem. O conde era um homem duro e cruel e Julian rebelava-se constantemente. Mal pôde, saiu de casa.

– Onde era essa casa? – perguntou Evangeline.

– Radcliffe fica na Escócia, perto da fronteira com Inglaterra.

– É uma propriedade?

– Sim. É pequena e costumava ser próspera. Desconheço completamente a sua atual situação.

– O meu pai mudou-se para Londres?

– Ficava em Londres ocasionalmente. Foi onde conheceu a vossa mãe. Apaixonaram-se loucamente e casaram sem a autorização do vosso avô, que ficou lívido e deserdou o vosso pai.

– O meu pai era soldado? – perguntou Evangeline. – O Bryce lembra-se de que era frequente ele estar ausente e, quando regressava, trazia duas grandes pistolas, que trancava no armário da nossa mãe.

– Não era soldado. Era explorador e aventureiro.

– Meu Deus.

– Navegou pelo Nilo e atravessou grande parte de África e da Arábia. Ausentava-se por longos períodos, após os quais aparecia sem se fazer anunciar, surpreendendo a vossa mãe.

– Então... o que aconteceu? – perguntou Evangeline. – Eu e o Bryce estávamos nas docas com a nossa mãe. Ela entrou a bordo de um navio e fomos separados. O seu tio estava lá.

– Sim, foi um dia terrível que o atormentou até ao último sopro.

– O Bryce e eu também somos atormentados por ele.

Continuavam a ter pesadelos.

– Tudo começou quando o vosso pai foi morto em Radcliffe – explicou a menina Etherton.

– Morto!

– Sim. Foi anunciado como tendo-se tratado de um acidente de caça, mas o meu inteligente tio nunca acreditou nisso. Julian era demasiado duro para morrer de uma coisa aborrecida como um acidente. Não fazia sentido.

– Se não foi um acidente, está a querer dizer que ele foi... que foi...

– O meu tio achava que tinha sido assassinado.

– Pelos seus familiares? – Evangeline quase deslizou até ao chão, espantada.

A menina Etherton encolheu os ombros.

– Não repitam este meu comentário. O meu tio nunca teve provas de nada. Era apenas... uma suspeita.

– O que levantou essa suspeita?

– O vosso avô era muito austero e inflexível. Recusava-se a reconhecer o casamento do vosso pai com a vossa mãe e arranjou um outro casamento, que ele sentia ser adequado, com uma rapariga da aristocracia. Julian tinha ido a Radcliffe repreender o vosso avô e nunca regressou.

– E a minha mãe? O que lhe aconteceu depois da morte do meu pai?

– Por essa altura, eram casados há vários anos e o vosso pai tinha-lhe dado dinheiro, uma casa e joias. Os familiares do vosso pai acusaram-na de roubar bens que pertenciam à família... as joias e afins.

– Ninguém saiu para a defender?

– Os únicos amigos que tinha eram outros atores e atrizes, não tendo ela poder ou conhecimentos para lutar contra o vosso avô. Foi acusada de vários crimes e levada para as colónias penais na Austrália.

Os ombros de Evangeline descaíram e ela afundou-se na cadeira. Bryce insistira que a mãe tinha sido levada, mas olhara para aquele acontecimento com o olhar de um menino de cinco anos. Não tinham a certeza e partia-se-lhes o coração por terem agora a confirmação do pior.

– Alguma vez chegaram notícias dela depois da partida? Sabe se sobreviveu?

– Nunca ouvimos uma palavra sobre ela – respondeu a menina Etherton.

– Pode estar viva?

O sorriso da menina Etherton revelava pena e preocupação.

– Imagino que sim, mas não deveis acalentar essa esperança. Foi há tanto tempo e a viagem pelo globo é traiçoeira. Muitos são os que nunca chegam ao destino e muitos outros perdem a vida ao chegar. Diz-se que as condições de vida são duríssimas.

– Mas é claro que posso ter esperança – declarou lealmente Evangeline. – Até ter notícias em contrário, vou continuar a dizer a mim mesma que ela conseguiu sem qualquer dificuldade.

A menina Etherton tinha uma expressão dúbia, mas anuiu, concordando.

– Estou certa de que o otimismo vos fará bem... e dará paz de espírito.

Bryce conseguiu finalmente sair do seu estupor.

– Como pôde o meu avô ter escondido tudo isto? Como pode ter matado o meu pai, destruído a minha mãe e rejeitado os meus irmãos e eu próprio, sem ter de prestar contas disso? Como é possível

que não se tenham feito perguntas?

– Tem muita experiência no trato com a aristocracia, Lorde Radcliffe? – perguntou a menina Etherton.

– Alguma... e, por favor, não me chame Lorde Radcliffe. Parece tão... pretensioso.

Bryce olhou de relance para Evangeline, que agora era viscondessa. Não tinham querido intimidar a menina Etherton e não a informaram do estatuto elevado de Evangeline. Mas ela já sabia que Bryce tinha o seu próprio estatuto, que era muito mais elevado do que o de Evangeline.

– Um homem como o vosso avô pode ser um adversário formidável – disse a menina Etherton.

– Compreendo.

– A vossa mãe ficou arrasada pela dor quando o vosso pai morreu e não pensou com clareza. Quando se apercebeu do perigo que descia sobre si era tarde de mais para fugir do caminho.

Bryce perguntou:

– Como se envolveu nisto o seu tio? Qual era a relação dele com os meus pais?

– Conheceu o vosso pai na escola quando eram pequenos e acompanhou-o em algumas aventuras. Gostava dele como de um irmão.

– Portanto... ajudou-nos quando a minha mãe partiu?

– Tanto quanto lhe foi possível. Ela implorou-lhe que tomasse conta de vós e que se assegurasse da vossa segurança. Não tinha parentes e não podia pedir ajuda à família do vosso pai. Recusavam-se a aceitar a vossa existência e ela temia que... ah...

A voz da menina Etherton tornou-se um fio e Bryce questionou:

– Temia o quê?

– Que o vosso avô vos pudesse fazer mal. – A menina Etherton pôs-se muito vermelha. – Oh, meu Deus, provavelmente não devia ter revelado isto.

– Está tudo bem – tranquilizou Bryce. – Estamos ansiosos por saber tudo.

– O vosso pai tinha um irmão, George, que era o predileto do vosso avô.

– Um tio!

– Sim, que era o filho perfeito, obediente, como o vosso pai nunca seria. Tornou-se herdeiro por morte do vosso pai e os seus filhos passaram para a linha de sucessão. O conde nunca vos deixaria reclamar a vossa herança.

– Os meus pais eram legalmente casados! – exclamou Bryce com desdém.

– O vosso avô e o vosso tio alegavam que não, que eram todos ilegítimos.

– Nunca poderíamos provar nada disto, pois não?

– Bom, *podiam*. – A menina Etherton dirigiu-se a uma secretária de canto e retirou de lá um molho de papéis. – Tenho um certificado de casamento.

– Um certificado de casamento!

– Teriam de provar que não se trata de um documento falso e entretanto passaram-se trinta anos. – A menina Etherton entregou a Bryce o molho de papéis. – Aqui estão os registos do meu tio. Incluem a sua certidão de nascimento, bem como a da sua irmã. A certidão de casamento está em baixo.

Bryce pegou num pequeno diário e mostrou-o à menina Etherton.

– O que é isto?

– O meu tio guardava registos de tudo o que acontecia e juntou a informação que o senhor Thumberton enviava sempre que vos ia ver.

– Porque mandava o Thumberton? – perguntou Evangeline. – Porque não vinha ele?

– Ficou ferido num acidente com uma carruagem e deixou de poder usar as pernas. Depois dessa desgraça era-lhe difícil viajar.

Perante aquela explicação simples para as visitas de Thumberton, Evangeline fez um sorriso. Passara muitas horas a tentar imaginar porque teria sido Thumberton a ir vê-los, porque não o fizera Etherton. Inventara cenários e intrigas, quando a explicação mais simples clarificava o mistério. O senhor Etherton não os visitava porque não podia.

– O seu tio pagou as nossas propinas? – perguntou Bryce.

– Pagou.

– Foi muito amável da sua parte.

– Tal como referi – disse a menina Etherton –, ele gostava muito do vosso pai e ajudou-vos em pequenos graças a esse afeto. Desejava apenas ser mais abastado. Queria-vos em escolas e circunstâncias melhores, mas fez o que pôde com aquilo que tinha.

– Tenho-me perguntado uma coisa – disse Evangeline. – Porque me mudaram o nome?

– A mulher a quem pertencia a escola...

– A menina Peabody.

– Sim, essa. Era picuinhas e, quando pressionou o meu tio para saber mais pormenores acerca de vós, ele não lhe soube mentir muito bem. Ela ficou desconfiada com a história que ele congeminou e que explicava como se tinha tornado vosso tutor. Não permitiria que ficasse como sua aluna se houvesse algum escândalo associado ao seu nome.

– E portanto ele deu-me o nome dele.

– Sim, decidiram que devia ser mudado.

Uma vez mais, Evangeline pensara em planos e esquemas relativamente ao seu nome, mas não havia ali mistério nenhum.

A menina Peabody era uma professora severa e resmungona que nunca gostara de Evangeline e ela via perfeitamente que a professora exigia que o seu passado fosse escondido das outras alunas.

– E os nossos irmãos? – inquiriu Bryce.

A menina Etherton suspirou, com ar muito triste.

– Os gémeos, Michael e Matthew.

– O que lhes aconteceu?

– Não faço ideia.

– Todos abandonámos as docas nesse dia – afirmou Bryce. – Um homem levou os gémeos... um debaixo de cada braço.

– Sim, era o criado do meu tio. Ele e a mulher deviam levar os gémeos para a escola que o meu tio arranjava.

– Porque não foi simplesmente com eles?

– O meu tio tinha medo dos vossos familiares e as coisas estavam agitadas. Tal como sucedeu com a vossa mãe, creio que ele não estava a pensar com clareza. Foi o único que ficou ao lado dela ao longo do julgamento e da sentença e sentiu que seria mais seguro separar-vos. Além disso, não conseguiu arranjar um mestre-escola que aceitasse os três rapazes por serem tão pequenos.

– Nunca chegaram ao seu destino?

– Não. Passaram a noite numa hospedaria para viajantes, mas houve um incêndio terrível.

Evangeline e Bryce arquejaram e, com enorme terror, Evangeline perguntou:

– Morreram no fogo?

– Não. Mas o criado e a mulher sim.

– E os gémeos?

– Desapareceram da face da Terra.

– O seu tio procurou-os?

– Até ao dia em que morreu, mas sem encontrar rasto deles. – A menina Etherton apontou para a sacola. – Há notas sobre o incêndio e sobre as pistas que o meu tio seguiu.

– Podem então estar vivos, não podem? – A esperança de Evangeline incendiava-se de novo e ela rezava para que não fosse despropositada.

– Sim, é possível que estejam vivos – respondeu a menina Etherton –, mas devem prosseguir cautelosamente. Não gostaria nada que isto vos fizesse sofrer mais do que já sofreram.

– Estou muito grato pela ajuda do seu tio – referiu Bryce. – Foi bondoso connosco.

– Tentou ser, mas sentiu sempre que vos falhou... e aos vossos pais. Foi para a cova com esse sentimento.

A menina Etherton voltou a suspirar e ficaram em silêncio, a refletir nas enormes implicações das notícias que acabavam de receber. Bryce e Evangeline colocaram mais algumas perguntas. Terminaram o chá e prepararam-se para partir.

Enquanto esperavam que uma criada lhes fosse buscar os casacos e os chapéus, a menina Etherton disse:

– Ah, tenho mais uma coisa para vós. Duas, na verdade.

Saiu à pressa da sala e atravessou o corredor. Regressou após alguns momentos trazendo dois retratos. Deu um a Bryce e o outro a Evangeline.

– São os nossos pais? – perguntou Evangeline.

– São. O vosso pai mandou pintá-los para celebrar o casamento.

– Podemos... ficar com eles?

– Sim, sim, mas é claro. São vossos. Guardei-os todos estes anos para vós.

Bryce ficou com o da mãe e estendeu-o para que Evangeline pudesse ver. A mãe era loira, de olhos azuis e muitíssimo bela.

– É muito parecida com ela – disse Bryce.

– Que comentário precioso, meu querido irmão.

Estudaram o retrato do pai, que era alto, atlético, belo e imponente. Parecia-se com Bryce e tinha os mesmos olhos azuis impressionantes do filho, mas o seu cabelo era escuro, não loiro.

– Eram tão jovens – murmurou Bryce.

– A vossa mãe tinha vinte anos quando se conheceram – disse a menina Etherton. – O vosso pai, vinte e cinco.

– Deve ter sido amor à primeira vista, não crê? – Evangeline não pôde deixar de perguntar.

– Tenho a certeza que sim – concordou a menina Etherton.

Fizeram as suas despedidas e encaminharam-se para a carruagem. Era fim de tarde e tinham marcado quarto na hospedaria ali perto. Partiriam de regresso a Londres de manhã.

– O que acha de tudo isto? – inquiriu Evangeline, uma vez instalados na carruagem.

– *Acho* que sou um maldito de um conde. Pode-me tratar por *meu lorde*.

Ela riu-se.

– Fica-lhe bem.

– Quando era pequeno, gabava-me de ter um pai aristocrata, mas julguei que se tratasse de uma

fanfarronice de órfão. Havia tantos alunos ricos na minha escola, muitos dos quais tinham pais com títulos nobiliárquicos. Estava desesperado por acreditar que o meu pai também eram um homem de elevado estatuto e não um pescador ou talhante.

– Não me surpreende saber que é de ascendência elevada. Sempre me pareceu um homem notável. Ele ficou imóvel, depois sorriu.

– Acabei de ter uma memória.

– De que se trata?

– Do nosso pai. Lançava-me ao ar e dizia: «Como se sente hoje o meu pequeno lorde?»

Tinha memórias que apareciam em fragmentos. Às vezes faziam sentido, outras não.

– Que encantador, Bryce. A sério. Muito encantador.

Sorriram de prazer e Evangeline perguntou:

– O que foi agora?

– Tenho a cabeça a andar à roda e sinto-me confuso. Creio que devia ir à Escócia dar uma olhadela a Radcliffe. Pode ser interessante ver o que perdi por o meu avô ser um patife detestável.

– Vou consigo. Aaron pode juntar-se a nós e...

– Não, da primeira vez irei sozinho. Decidirei se deverá mais tarde visitar o lugar.

Evangeline estava de esperanças, ainda não era obviamente visível e toda a gente esperava de si que andasse em bicos de pés, como uma inválida.

– Não me matava – disse ela com desdém.

– Ou talvez sim.

– Não sou nenhuma flor de estufa, sabe.

– Sim, eu sei.

– Qual é o seu palpite sobre a mãe? Estará viva?

– Prefiro não especular, mas pode começar a investigar enquanto eu estiver na Escócia.

– E os gémeos?

Ele ergueu a sacola que a menina Etherton lhe dera.

– Vou ler as notas de Etherton e perceber como devo agir a partir daqui.

– Vamos encontrá-los, Bryce. Vamos encontrá-los todos.

– Isto é que é esperança, minha eterna otimista. Isto é que é esperança.

Ramsey estava diante da Missão de Salvamento do Vigário Sterns a ver a carruagem de Rebecca aproximar-se. Pelo menos, esperava que fosse a carruagem dela. Se não fosse, iria embora fingindo que não estava à espera de nada, como um idiota.

As suas intenções para com ela nada tinham de decente e se Michael alguma vez viesse a descobrir o que Ramsey pusera em ação, seria o cabo dos trabalhos, portanto ele realmente não sabia o que estava a pensar. Culpava a sua natureza impetuosa.

Quando era criança, crescera pobre e faminto. Mas agora era um homem duro, rico e com astúcia suficiente para sentir que devia ter aquilo que queria. Ele *tomava* para si aquilo que queria e, por alguma razão, Rebecca Wells subira ao topo da sua lista.

Magdalena Wells deixara voluntários à frente da missão durante a sua ausência com Michael e tinha sido fácil mentir-lhes e afirmar que a irmã ficaria ali enquanto a menina Magdalena estivesse fora. Ramsey era bem conhecido no bairro e ninguém questionara a sua história.

A irmã de Rebecca estaria fora durante um mês e talvez bem mais do que isso, se fosse essa a vontade de Michael. Porque não haveria Ramsey de se aproveitar?

Ramsey tinha a certeza de que ele e Rebecca estariam fartos um do outro quando Michael trouxesse a menina Magdalena de volta a Londres. Ele já a teria mandado para casa ou ela teria ido de sua livre vontade. Porque não portar-se mal enquanto tinha oportunidade?

Dera-lhe dinheiro para ela poder fazer a viagem até à cidade. Tivera curiosidade em saber se estava a falar a sério ou se estaria a fingir, embora não parecesse. Viria mesmo ter com ele? Ousaria fazê-lo? Até que ponto estava ansiosa de fugir à desgraça de Cliffside?

A carruagem parou com ruído e ela assomou à janela.

– Meu Deus, como estou contente por vê-lo! – exclamou. – Não tinha a certeza se estaria aqui.

– Sim, mas não a conheço bem e não me parece que seja particularmente fiável.

– Sou fiável como o diabo. – Olhou para a missão e franziu o sobrolho. – Deve ser o edifício mais aterrador do reino. Não acredito que a minha irmã viva aqui há sete anos.

– Está melhor agora do que no passado.

Ramsey residira lá ininterruptamente quando era o orfanato do velho senhor Scott. Enquanto estivera na sua posse, era um lugar horrível e decrépito. Mas ele morrera e o vigário Sterns aparecera com um punhado de dinheiro para remodelações. Agora estava limpo. O telhado não deixava passar a chuva. As chaminés funcionavam.

Ramsey avançou e abriu a porta da carruagem. Ela caiu nos seus braços e ele fê-la rodar e pousou-a no chão.

– Não trouxe uma tonelada de bagagem, pois não? – perguntou ele.

– Disse-me para não trazer. – Apontou para a mala no chão. – Só tenho uma mala, por isso espero que não queira que eu me vista como uma senhora da sociedade.

Ele queria-a nua – caso a conseguisse convencer a tirar a roupa.

Estendeu a mão para o interior da carruagem e agarrou na mala.

– Olhe à sua volta. Parece-lhe que vai andar toda elegante para ir ao teatro?

Ela voltou a franzir o nariz.

– Esta rua é horrenda.

– Não sai muito, pois não?

– Não. Vivi a vida toda em Cliffside. Infelizmente, sou uma snobe.

– Não é assim tão mau depois de se habituar.

– E se isso nunca acontecer?

– Mando-a para casa. Ou pode ir de sua livre vontade. Não é minha prisioneira.

Atirou umas moedas ao cocheiro e o sujeito bateu com as rédeas e partiu. Não era uma zona onde quisesse ficar.

Ela cheirou o ar.

– Que cheiro é este?

– As docas. A lixeira. As ratazanas.

– *Bhhh!*

– Tal como eu disse, vai habituar-se.

Ela aproximou-se mais e murmurou:

– Tem a certeza de que a minha irmã se foi embora?

– Durante pelo menos um mês.

– Mas onde está ela? Não percebi pela sua carta onde se encontra.

– Está no campo com o Michael.

Rebecca franziu o sobrolho.

– Com o Michael Scott? Para quê?

Ramsey não queria explicar o negócio do diabo feito entre Michael e Gaylord Farrow. Encolheu os ombros e mentiu.

– Ele tem uma casa grandiosa e ela não acreditava que possuísse algo tão belo. Exigiu vê-la.

– Durante um mês inteiro? Deve ser mesmo grande.

– E é.

Felizmente, ela não insistiu no assunto e ele não teve de inventar mais histórias.

– Se ela voltar mais cedo e eu ainda aqui estiver, o que lhe digo?

– A verdade. Que não suportava o Farrow nem mais um segundo.

Ela abriu um sorriso.

– Vai funcionar e é definitivamente a verdade!

Ramsey prometera arranjar-lhe onde ficar e provavelmente arranjaria, mas ainda não decidira. Ela valeria esse esforço? Se fosse mimada e impossível, se fosse aborrecida no cumprimento dos seus deveres no leito, não queria ficar preso a ela por muito tempo.

Ramsey fez um gesto a indicar a porta aberta da missão e ela entrou. Por mais que dissesse preocupar-se com a irmã, não exibia muita curiosidade.

– Onde fica o meu quarto? – perguntou.

– Por aqui.

Ele dirigiu-se às escadas e subiu, e ela seguiu-o.

Ele já espreitara os aposentos privados da menina Wells, que serviam para Rebecca e para as intenções dele enquanto a irmã estivesse fora. Ramsey entrou e dirigiu-se imediatamente ao quarto,

deixando a mala dela em cima da cama.

Ela olhou à volta, interiorizando a mobília dilapidada.

– É o apartamento da minha irmã?

– É.

– Creio que serve. – Sentou o traseiro no colchão, com os olhos azuis animados de malícia. – E agora?

– Tem fome?

– Não.

– Está cansada?

– Um pouco.

Se estava nervosa, não o mostrou, mas a verdade é que viajara até à cidade especificamente para se ligar a ele de forma ilícita. Era tarde de mais para se apoquentar.

Despiu o casaco e tirou o chapéu, atirando-os para a cadeira, mas continuava com as ancas equilibradas no colchão. Era um quarto pequeno – todo aquele lugar era pequeno – e ele era um homem grande, de modo que ficou ao lado dela um passo apenas a distanciá-lo.

– O que disse à Pamela sobre a sua vinda à cidade? – perguntou ele.

– Disse que tinha sido convidada para olhar pelas coisas na ausência da Maggie.

– Ela não a tentou impedir?

– Tentou, mas eu mandei-a passear.

– É assim mesmo, minha menina.

Ela lançou-lhe um olhar astuto.

– Sou a sua menina, senhor Scott?

– Veremos o que vai ser, mas deve tratar-me por Ramsey. Assim, não ficaremos baralhados e saberemos se se refere a mim ou ao Michael.

– Imagino que gostasse de me tratar por Rebecca.

– Não ponha ares de superioridade. Se quer prender o seu carro ao meu, tem de baixar os seus padrões. Não gosto de modos altivos nem que se ponha com ares.

– Não quero que me ache snobe, por isso pode chamar-me o que quiser.

– E chamarei. Agora solte o cabelo.

– Porquê?

– Porque lho quero caído pelas costas.

– Então seguramente que o farei. Estou aqui para o fazer feliz.

– Pois está.

– E esta? – perguntou ela enquanto tirava algumas travessas, deixando cair a sua massa castanha de cabelo.

– Perfeito.

– Ramsey?

– Sim.

– E se eu não o fizer feliz? Manda-me de volta para Cliffside?

– Não será sua para que possa regressar lá.

– Mas o Gaylord disse que tinha combinado as coisas com o senhor Scott e não teremos de sair.

– Eu não acreditaria na palavra do seu cunhado em relação a nada.

– Mentiu?

- Não propriamente, mas a conclusão que ele imagina não será a que de facto acontecerá.
- E porquê?
- Porque é um vaidoso idiota e o Michael detesta-o, e mais não digo. Não volte a perguntar.
- Sim, senhor. Como desejar, senhor. – Fez uma saudação alegre, como se fosse um soldado do exército.

Usava uma pequena jaqueta, com um fileira de botões pequenos a percorrer-lhe a parte da frente. Ele começou a desabotoá-los e ela mostrou a sua primeira crise de nervos.

- Agora vamos... vamos...

Não conseguiu acabar a frase e ele fê-lo por ela.

- Esta tarde não. Tenho de voltar ao trabalho.

Ela suspirou de alívio.

- Dou-me conta de que espera de mim um comportamento íntimo.

– No meu mundo, há um preço para tudo. Terá de me pagar por forma a compensar-me pelos meus trabalhos.

- Compreendo – apressou-se ela a dizer. – Só não sei o que devo fazer.

- Eu mostro-lhe.

- Está bem.

– Mas será esta noite. Vivo a minha vida no escuro e durmo durante o dia, e tenho de me assegurar de que as coisas correm sem sobressaltos no clube. Com o Michael ausente, tenho essa responsabilidade.

- Está bem.

– Deve dormir uma sesta, porque eu volto altas horas da madrugada e é provável que fiquemos acordados até de manhã.

Estava a sentir algumas reservas por ir desflorá-la na cama da irmã. Tipicamente, não se preocuparia com isso, mas gostava de Magdalena Wells e preparava-se para usar a irmã de formas horríveis. Por um instante, pensou se não deveria fazê-lo, o que era ridículo. Nunca hesitava, nunca recusava aquilo que desejava.

Tirou-lhe a jaqueta dos ombros revelando um vestido com um decote profundo. Tinha o corpete bem apertado, de modo que exibia um espetacular colo.

Aquela visão fê-lo querer adiar o regresso ao clube. Mas não! Não apressaria aquele acontecimento. Tinha de a deixar descontraída para a atividade sexual. Se não o fizesse, ela não estaria excitada quando ele quisesse fornicar com ela e desconfiava que ia querer fazê-lo durante muito tempo.

O vestido abotoava nas costas. Puxou-a para que ficasse de pé e desatou-lhe os laços, depois puxou-lhe a roupa até aos tornozelos, de modo que ficou apenas com o corpete e a enágua.

Teve de lhe dar crédito enquanto a estudava. Ela não vacilou perante aquela avaliação escandalosa.

- Vire-se – disse-lhe ele.

- Porquê?

- Quero desapertar-lhe o corpete.

- Julguei que tinha de voltar ao trabalho.

- E tenho, mas isso não significa que não me possa divertir um pouco antes.

Ela olhou-o como se ele a tivesse pressionado de mais, mas acabou por se virar e deixou-o despi-

la. Tinha uma combinação muito gasta por baixo e ele também lha tirou, ficando ela com o tronco nu, agora apenas com a enágua e os sapatos.

Aninhou-se nas costas dela, estendeu as mãos e agarrou-lhe os mamilos.

Ela arquejou surpreendida e queixou-se:

– Podia ter-me avisado do que ia fazer.

– Habitue-se. O meu plano é tocar-lhe onde me apetecer, mas vai gostar.

– É melhor que goste, se não não vai fazer o que quer durante muito tempo.

Ele bufou e virou-a para que ficassem de frente. Ela tinha as faces ruborizadas e não o olhava nos olhos.

– O que se passa? – perguntou ele.

– É muita coisa demasiado depressa.

– Vai ser pior esta noite.

Ela fez uma careta.

– Porquê?

– Tenho de a treinar como se fosse uma jovem égua a aprender a ser montada.

– Isso não me esclarece nada.

– Mas garanto-lhe que vai gostar.

Pousou-lhe as ancas na cama e deitou-a para trás, deixando-a estendida de costas no colchão, de pés no chão. Afastou-lhe as pernas e pôs-se entre elas, a enágua levantada e proporcionando uma boa almofada para o seu sexo, colado às partes íntimas dela.

Agarrou-lhe as mãos, puxando-lhe os pulsos acima da cabeça e olhou-lhe para os seios. Eram de uma dimensão perfeita, firmes e redondos, com os mamilos rosados espetados. Baixou-se e sugou um, depois o outro, e assim continuou até ela se contorcer e gemer de prazer.

Quando se afastou, deu-se conta de que se sentia desesperadamente ansioso por ficar na companhia dela e esse interesse crescente era assustador.

Nunca se ligava às mulheres – no seu mundo, eram todas rameiras –, mas, por alguma razão estranha, queria uma ligação com *ela*. Já desempenhara o papel de cavaleiro galante para a salvar do cunhado cobarde. Se não tivesse cuidado, em que atos dementes o poderia ela lançar no futuro?

Afastou-se e ela sentou-se.

– Já acabámos? – perguntou ela. – É isto?

– Por agora, mas eu volto. Pode dormir, se quiser, eu acordo-a quando chegar.

– O que faço entretanto?

– Fique no apartamento. Não vá passear. Não explore o bairro.

Ela fez beicinho.

– Porque é que não posso ir?

– Porque é perigoso, menina mimada. Não está em Cliffside e é uma rapariga verde do campo. É provável que lhe cortem o pescoço.

– E se me aborrecer?

– Nesse caso, fique aborrecida. Não saia! Se quer ver as vistas, eu levo-a pela cidade.

– É sempre assim tão resmungão?

– Se estou irritado, a culpa é sua. Estou irritado e ansioso por provar a sua mercadoria.

– Faz com que tudo pareça tão cru.

– Se queria poesia e falas mansas, devia ter ficado no campo.

– Não quero poesia, mas umas falas mansas de vez em quando seriam bem-vindas.

– Vou pensar nisso. – Baixou-se e beijou um mamilo, beijou o outro e pôs-se de pé. – Mando-lhe o jantar.

– Obrigada.

– E também lhe mando entregar roupa interior.

– O que tem de mal aquilo que estou a usar?

– Gosto de mulheres com coisas bonitas e as suas são muito simples. Os corpetes de renda excitam-me.

– Então traga-me o mais rendado que encontrar.

Ramsey saiu porta fora e, ao olhar por cima do ombro, viu que ela continuava sentada na cama. Tinha um ar adorável e teve de se obrigar a afastar-se antes que perdesse a vontade de partir.

– Venha trancar a porta – disse ele – e não abra a porta a ninguém além de mim.

– E se não o ouvir bater mais tarde?

– Entro pela janela.

– Oh!

Ela avançou e, ao aproximar-se, o ar como que faiscou com a promessa erótica, como se houvesse centelhas na iminência de serem acendidas, e ele sorriu.

– Vamos dar-nos lindamente, Rebecca.

– Espero que sim, se não terei desperdiçado imensa energia e esforço. Deposito em si as minhas esperanças, Ramsey. Não me desiluda.

– Bom, geralmente, desiludo toda a gente, mas tentarei não o fazer desta vez.

– Agradeço.

Acariciou-lhe os seios uma última vez, depois afastou-se. Ficou à espera muito tempo até ouvir a chave na fechadura. Como não a ouviu, disse:

– Rebecca, não se esqueça da porta.

– Ah, ah, sim.

Ouviu a porta trancar, revirou os olhos e percorreu o corredor.

* * *

– Michael?

– Não, não, não...

– Michael!

Maggie inclinou-se e abanou-o. Estavam a meio de mais um piquenique, que se tornara um hábito para eles à tarde.

Passavam longas horas a cavalgar pelo campo. Ele avistava um lugar pitoresco junto a um riacho ou num monte e aí pousavam o cobertor para passar o dia. Levavam sempre um cavalete e tela e ela pintava a paisagem com ele deitado ao seu lado a importuná-la.

Por uma vez, tinham ficado em casa e descansavam sob um grande ulmeiro no jardim atrás da casa. Ele adormecera e ela observava-o, pensando em como ele parecia tão jovem, como quando devia ser rapaz. Sentiu uma pontada de pena pela mãe que não o vira crescer.

Mas, de repente, a sesta tranquila transformara-se num pesadelo horrível.

– Michael! – disse ela com mais firmeza e tornou a abaná-lo.

Ele levantou-se, as mãos estendidas como se procurasse alguém desesperadamente, com gestos tão

violentos que ela teve de se levantar para sair do caminho. Michael fitou os montes à distância, depois, gradualmente, a sua visão foi ganhando clareza e retomou os sentidos.

– Sente-se bem? – Pousou uma palma reconfortante nas costas dele.

– Sinto... estou bem. – Não parecia.

– Teve um sonho mau.

Ele estremeceu, abalado pelas imagens.

– Ah... detesto este.

– Tem-no com frequência?

– Não muitas vezes. Só... de vez em quando. – Estava pouco à vontade.

– Com que sonha?

Ele fez um gesto vago.

– É só um disparate antigo.

– Não, conte-me. Quero saber.

– Deve ser uma coisa que aconteceu quando eu era pequeno.

– O incêndio de que me falou?

– Não, antes disso.

– Então é uma memória antiga. Devia ser muito pequeno.

– Ou talvez não seja eu. – Fez uma careta. – Mas pareço ser, embora haja sempre dois de mim.

– Dois de si?

– Sim, sou dois rapazes.

– O que pode isso indicar? Estava dividido ao meio? Tem um gémeo de que não se recorda?

Mencionou o gémeo em tom de brincadeira, mas a palavra chocou-o, como se ela o tivesse picado com um alfinete. Voltou a olhar o horizonte, muito parado, depois bufou.

– Como podia eu ter um gémeo e não me lembrar? É o tipo de pormenor de que uma pessoa nunca se esquece.

– O que acontece no sonho?

Ele abriu um sorriso diabólico e, quando se tornou evidente que não ia responder, ela ordenou-lhe:

– Desembuche, seu pateta.

Ele ponderou e depois confessou:

– Estou nas docas... com algumas pessoas.

– Crianças ou adultos?

– Ambos, mas não percebo o que se passa. É uma coisa má, com choro e discussão. Está lá um homem, que me manda embora.

– Meu Deus.

– Desta vez havia um terceiro rapaz. E ele disse ao homem: «Como posso cuidar deles se se forem embora?» O homem respondeu: «Vai vê-los de novo muito em breve.»

– O que acha que significa isso?

– Já lhe disse que não sei – respondeu, irritado. – Nunca soube.

– E depois, o que acontece?

– Estou a olhar para mim próprio: nariz com nariz, olhos com olhos, e consigo ler o pensamento do outro rapaz. *Vamos ficar* quites, dizemos um ao outro mentalmente.

– Ficar quites em relação a quê?

Michael encolheu os ombros.

– É um sonho, Maggie. Pode significar qualquer coisa... ou nada. Um outro homem pega em mim, mas pega em dois de mim, um debaixo de cada braço, e... – Deteve-se e pensou longamente. – E depois você acordou-me.

– No seu sonho, estende as mãos para alguém.

– Estendo? Não me lembro.

Uma nuvem passou pelo sol, encobrendo a luz e refrescando a temperatura. O momento era estranho, quase como se os céus olhassem para baixo e lamentassem a história dele. Ele também o sentiu. Estremeceu e pôs-se em pé.

No horizonte, as nuvens de chuva amontoavam-se, aproximava-se uma tempestade nessa tarde.

– Já me chega de piquenique por hoje – disse ele.

– O tempo não ousaria arruinar a nossa diversão.

– A mim parece-me que sim. – Fez um sinal com a cabeça na direção da casa. Apressemos-nos a entrar. Não quero que se molhe. Pode constipar-se.

– Ou *você*. Sou demasiado rija para adoecer com umas gotas de chuva.

Por mais que Maggie detestasse admiti-lo, aquela estada no campo tornara-se um idílio esplêndido e ela dava muitas vezes por si a desejar nunca ter de voltar à cidade.

Já tinham passado ali uma semana e, embora ele estivesse sempre a dizer que tinham de se ir embora, que tinha de voltar aos seus diversos negócios, depressa mudava de ideia.

Michael dobrava o cobertor e ela ficou incrivelmente feliz por vê-lo a executar uma tarefa doméstica. Pareciam namorados, ou talvez recém-casados.

Durante toda a visita dela, exceto na primeira noite, em que fora uma besta, mostrou-se absolutamente encantador. Foi dedicado a ela, mimou-a, escutou-a, divertiu-a e, em termos gerais, fê-la sentir-se bem-vinda como ela nunca se sentira.

Embora fosse ridículo partir desse princípio, ele parecia agora nutrir sentimentos por ela e Maggie, por seu lado, não sabia bem o que sentia.

Estava sempre a surpreendê-la. À noite, acendia a lareira e ela lia para ele ou conversavam. Algumas vezes, Michael chegou a cantar acompanhado pelo pianoforte que ele próprio tocava. As canções eram grosseiras e a letra indecente, do género que se ouviria nos locais noturnos, mas, mesmo assim, quando ele terminava ela sorria e aplaudia-o entusiasticamente.

Ele insistia que nunca tivera uma única aula, como podia então ter aquela tendência para a música? Os concertos privados e de curta duração levavam-na a pensar que ele lhe tinha mostrado um lado de si que nunca mostrara a ninguém, e essa ideia emocionava-a.

Havia um pormenor que a incomodava, o facto de ele não a ter seduzido novamente. Mostrava-se sempre cortês e olhava-a sempre calorosamente, como se houvesse palavras de afeto que gostasse de dizer em voz alta, mas não conseguisse fazê-lo.

Também havia momentos calmos – quando ele a acompanhava à sala para jantarem ou quando a acompanhava ao quarto dela à hora de deitar –, em que ela julgava que ele a fosse beijar. Mas ele nem tentara e ela não sabia ao certo o que sentia perante aquela evidente falta de interesse.

Embora devesse ter ficado aliviada por ele a deixar em paz, desconfiava que o devia ter desiludido de uma maneira carnal que ela própria não compreendia. As mulheres tinham muitos truques femininos e usavam-nos com extraordinários efeitos, mas Maggie nunca tivera oportunidade de descobrir quais eram. Sabia beijar um homem e nada mais.

Dava por si muitas vezes a pensar nas rameiras que enchiam o mundo dele e desejava ter podido

aprender alguns dos seus hábitos devassos, porque se sentia cada vez mais assoberbada com memórias dele sem camisa. Como solteirona que era, não imaginara que o corpo de um homem pudesse ser tão belo e mexer com ela daquela maneira e sentia-se humilhada com essa recordação.

Ele tocara-lhe de maneiras excitantes que a provocaram e ofenderam, como se lhe tivesse arrancado as veias. Sentia-se tensa, ansiosa por uma sensação de alívio, mas não sabia como consegui-la sozinha. *Ele* conhecia toda a espécie de comportamentos desviantes que a podiam ajudar naquele seu sofrimento, mas ela tinha vergonha de lhe pedir que lhos ensinasse.

E a verdade é que não queria que ele o fizesse. Ou queria? Estava contente com aquelas férias descontraídas que os dois gozavam. Ou talvez não estivesse.

Ah, mas que grande confusão, a sua cabeça! O que era que desejava de facto? Não conseguia perceber e tinha a certeza de que – fosse o que fosse que escolhesse – haveria mais tarde de se arrepender.

Michael entregou-lhe o cobertor, depois reuniu os utensílios artísticos de Maggie e o cesto de piquenique e dirigiram-se a casa. Na porta das traseiras, quando ela estendeu a mão para a maçaneta, ele roubou-lhe um beijo rápido.

– Têm sido uns dias maravilhosos – disse ele. – Estou muito contente por estar aqui comigo.

– Eu também.

– É agradável estar longe da cidade. Geralmente, não gosto de estar, mas a Maggie faz com que valha a pena ficar por cá.

Tinha na ponta da língua a pergunta sobre quando partiriam, quando decidiria ele que já estava cansado daquela frivolidade, mas a perspectiva da partida provocava nela uma onda de angústia que a perpassava. Se ele se declarasse pronto para partir, seria o fim da amizade entre eles e talvez ela não voltasse a vê-lo.

Foram salvos por um criado que lhes abriu a porta por dentro e os libertou dos fardos, para depois desaparecer deixando-os novamente a sós.

Trocaram um olhar e o afeto dele era claramente visível. Iria anunciar-lhe o seu crescente sentimento? Se ele lhe falasse de uma emoção crescente, como lhe responderia ela? Acaso admitiria estar cada vez mais apaixonada também? Ousaria fazê-lo? Provavelmente não. Não havia qualquer vantagem no desenvolvimento daquela relação.

Não foi, contudo, feito nenhum comentário inspirador. Ele afastou-se, obviamente escondendo aquela ternura evidente como se nunca tivesse sequer lá estado.

– Importa-se que eu desapareça por umas horas? – perguntou ele.

Desde aquela primeira manhã que não se ausentava da propriedade sem ela e a notícia de que a iria deixar – ainda que apenas por algum tempo – foi incrivelmente desanimadora.

Mas Maggie obrigou-se a sorrir.

– Tenho a certeza de que me arranjo.

– Vou pedir à cozinheira que lhe faça um jantar delicioso.

– Eu própria lho posso pedir. Posso levar um tabuleiro com pão e queijo para o meu quarto. Não é preciso dar trabalho a ninguém.

– Eu quero que eles se deem a esse trabalho.

– Se insiste – disse ela com tom provocador. – Gosto de como toda a gente me mima.

– Ótimo.

Surpreendeu-a com outro beijo fugaz. Dois beijos numa questão de minutos? O que significava

aquilo? Talvez se tratasse de uma estranha forma de despedida.

Como ela o acordou do pesadelo, ele ficara desorientado.

– Parece um pouco... perdido. – Não lhe ocorria uma palavra melhor para descrever a expressão dele. – Vai voltar, não vai?

– É claro que vou voltar.

– Promete?

– Prometo. Preciso de apanhar ar fresco Vou dar um grande passeio a cavalo e aclarar as ideias.

– Pode ser que chova, lembra-se?

– Não derreto. Sou mais rijo do que a Maggie.

– Duvido.

Sorriam, de boca aberta como dois palermas. Michael enfiou a mão na dela e apertou-lhe os dedos.

– Se vier uma tempestade, venha a correr para casa. – Reprimia-o como se fosse sua mulher, como se fosse perfeitamente adequado da sua parte.

– Sim, minha senhora.

– Se não o fizer, vou ficar preocupada.

– Eu fico bem, Magdalena.

Roubou-lhe outro beijo e atravessou o corredor. Ela deixou-se ficar junto à porta das traseiras, debatendo-se contra o desejo de ir atrás dele, de lhe implorar que não fosse. Mas recusou humilhar-se com uma tal descarada manifestação de sentimento. Não era uma adolescente presa nas garras do seu primeiro amor e não se ia comportar como tal.

Demorou-se ali, a ouvi-lo murmurar instruções a um criado no átrio. Depois a porta da frente abriu-se e fechou-se.

Maggie dirigiu-se devagar ao salão principal e aninhou-se atrás dos cortinados, a observar o caminho que levava à estrada, deixando-se ficar na sombra até ele sair a cavalo. Ficou a vê-lo transpor os portões até ser engolido pelas árvores, após o que se dirigiu ao sofá, onde se sentou.

A casa estava tão em silêncio sem ele – como se tivesse levado consigo toda a vitalidade. O único som que se ouvia era o tiquetaque do relógio na prateleira da lareira e ocorreu-lhe que sem ele sentado ao seu lado, ela era a pessoa mais solitária do mundo.

Michael entrou no quarto de Maggie em bicos de pés e foi pôr-se ao lado da cama.

Ela dormia, com um ar jovem e belo, e ele sentiu-se percorrido por uma estranhíssima onda de proteção relativamente a ela.

Maggie inspirava nele uma série de emoções peculiares que ele nunca imaginou poder sentir com uma mulher. Fazia-o rir, fazia-o regozijar com as horas passadas juntos.

Não devia ter passado um único minuto com ela, devia tê-la devolvido ao cunhado intocada, imaculada, dizendo a Farrow que não gostava dela e não estava interessado. Mas o triste facto era que gostava muito dela e tinha medo de que talvez até fosse *mais* do que só gostar, e agora não sabia o que fazer com ela.

Sentia-se desconcertado por ter de decidir um assunto de tal importância e estava prestes a casar com outra pessoa: um pormenor pertinente de que ele se estava sempre a esquecer.

O pesadelo que tivera no piquenique mexera com ele. Geralmente, movimentava-se pelo mundo sem se deixar desencaminhar por questões periféricas. Era um homem desapaixonado e nada sentimental, mas antigas memórias voltavam à superfície para o atormentar e sentia muitas vezes como se corresse para uma qualquer colisão violenta.

As feridas do passado tinham provocado danos significativos, que ele detestava admitir e nunca compreendeu porque tinham sido infligidos ou porque continuavam a apoquentá-lo. No entanto, quando estava perto de Maggie, as memórias dolorosas não eram tão excruciantes.

Enquanto cavalgava à chuva, enquanto seguia por estradas rurais desertas e se deixava bater pelo dilúvio, começara a questionar se devia ou não aceitar os termos de Gaylord Farrow.

Se Michael a desgraçasse, teria o direito de ficar com ela durante seis meses, poderia preencher os seus dias e noites com ela. E, se ele pressionasse, recusava pensar nisso como estando a desgraçá-la. Desenvolvera-se um laço entre eles e ele tinha a certeza de que ela concordaria com a sua proposta, bastando para isso que a apresentasse corretamente.

Durante o seu caso, bombardeara-a com presentes e afeto e quando já tivesse feito tudo o que tinha a fazer com ela, haveria de lhe atribuir um fundo, para que tivesse sempre uma mesada e nunca mais tivesse de trabalhar. Era muito mais do que a maior parte das mulheres podia esperar receber.

Perguntou-se se o edifício que albergava a missão de salvamento lhe pertenceria. Em caso afirmativo, iria comprar-lho e ela ficaria também com esse dinheiro. Se não lhe pertencesse, encontraria o seu dono, compraria a propriedade e fechá-la-ia para que ela *não pudesse* trabalhar, para que tivesse de aceitar a mesada.

Não, não haveria desgraça nenhuma. Haveria alegria e companheirismo e, quando terminasse, uma recompensa financeira.

Encostou a anca ao colchão e ela franziu a fronte, mas não acordou.

– Magdalena – murmurou ele.

Maggie abriu as pálpebras e, ao vê-lo, sorriu.

- Está de volta.
- Claro que estou de volta. Eu disse-lhe que ia correr tudo bem comigo.
- Estava tão preocupada. Fiquei sentada à janela durante horas, a observá-lo.

Era o comentário mais doce que ela podia ter feito e fez o coração de Michael saltar-lhe no peito. Não se lembrava de alguma vez ter ouvido alguém dizer que esperara por ele acordado. De vez em quando, Ramsey fazia-o, mas ele não contava.

O afeto dela animava-o imensamente e ansiava por aninhá-la no seu peito e por lhe oferecer coisas nunca antes oferecidas. Ela mexia com os seus instintos viris, mas ele não fez promessas porque nunca as cumpria. Engolia, portanto, agora toda e qualquer palavra afirmativa e provocadora que implorava por sair dos seus lábios.

Tinha ficado encharcado, por isso mudara de roupa, mas continuava com o cabelo molhado. Passou os dedos por ele e ralhou:

- Eu avisei-o que não se devia molhar. Espero que não se constipe.
- Sou demasiado rijo para me constipar.
- Se acontecer, dou-lhe canja de galinha e acaricio-lhe a testa quente até se sentir melhor.
- Convenceu-me a ficar doente só para a ter a cuidar de mim.
- Serei a melhor enfermeira que alguma vez teve.

Seria a *única* enfermeira que ele alguma vez tivera. Na sua caótica existência de órfão nunca houvera mulheres carinhosas e, enquanto adulto, as mulheres que cruzavam o seu caminho eram duras, não sendo conhecidas pelas suas tendências maternais.

- Tive saudades suas – admitiu ele.
- Só estive fora durante umas horas.
- Sim, mas cada vez ocupa mais espaço dentro de mim e, aparentemente, não suporto estar afastado de si.
- Posso contar-lhe um segredo?
- Mas é claro.
- Também tive saudades suas, mas já é vaidoso o suficiente, por isso não inche com isto.
- Somos um triste par, não somos?
- Sem dúvida.
- Nunca tinha trazido uma mulher ao Ninho do Órfão.
- Já me tinha dito isso. Porque tive eu essa sorte? Sou especial para si?
- É, sua pateta. Porque acha que está aqui?
- *Creio* estar aqui por causa daquele ridículo negócio. Arrastou-me para o campo com más intenções.
- Nem tudo foi horrível, pois não?
- Não.
- Comecei com planos vergonhosos, mas abandonei-os.
- Fico grata.

Quando estava perto dela, sentia-se esplêndido, mas desde aquela noite em que investira e tentara assustá-la que evitava permanecer com ela num lugar, mesmo que por pouco tempo. Aquela intimidade era mais do que ele conseguia aguentar.

Ela era como uma droga perigosa que lhe infetava o sangue, e era essa a verdadeira razão para aquele longo passeio a cavalo. Estava tão bonita com o vestido azul que ele lhe comprara e o chapéu

de palha, atado com um laço debaixo do queixo. Não tinha conseguido resistir-lhe e roubara-lhe uns beijos rápidos enquanto se dirigiam à porta das traseiras. Tinha uma tal sensação de destino, de pertencer ao lado dela, que se sentira perturbado com aquelas emoções fortes e fugira.

Estava contudo de regresso, de mente clara, e sabia exatamente o que queria dela. Tinha a certeza de que a conseguiria convencer a dar-lho.

– Sente-se bem? – perguntou ela.

– Sim. Estou ótimo.

– Parece triste.

Ele riu-se.

– Parte sempre do princípio de que se passa alguma coisa de mal comigo.

– Isso é porque sempre se passa, de facto.

– Nunca ninguém se preocupou comigo antes.

– Então, sinto-me emocionada por ser a primeira e, se me deixar, vou inquietar-me como uma ama carinhosa.

– Nunca pensei que quisesse ter uma mulher que se inquietasse, mas talvez eu esteja a mudar.

– Espero só até passar mais tempo comigo – disse ela com malícia. – Ninguém sabe como o Michael será depois de eu terminar o que tenho a fazer consigo.

– Vai fazer de mim um homem melhor?

– Não tem hipóteses, pobre homem.

Estava correta quando dizia que podia exercer enorme impacto no comportamento e nas atitudes dele. Não havia dúvida de que ele era um pouco grosseiro, que podia ser arrogante e teimoso e de uma violência inacreditável. Havia sem dúvida espaço para melhorar e seria divertido tentar moldá-lo.

– É tão boa para mim – confessou ele. – Ainda bem que aqui está.

– Mesmo que em circunstâncias nefastas?

– Sim. Já não me odeia, pois não?

– Não. Não o odeio. Na verdade, decidi que é um grande homem.

– Grande homem! Bem... – Riu-se, varrido por uma grande satisfação. – Sinto-me muito lisonjeado com a sua elevada opinião sobre mim.

Ela suspirou.

– Oxalá nunca tivéssemos de ir embora.

– A sério? Abandonaria a sua vida na cidade para ficar aqui comigo?

– Se mo pedisse, talvez.

Michael estudou-a, depois bufou.

– Mentirosa. Nunca o faria. Morreria de tédio em dois segundos. É demasiado parecida comigo.

– Deus me livre! Não sou nada como o senhor!

– Estava apenas a dizer que gostamos de nos manter ocupados.

– Concordo com essa pequena semelhança, mas é única. Seria uma péssima senhora ociosa. Passei demasiados anos a trabalhar para ganhar a vida.

– E eu passei demasiados anos a ser um rufia, mas gostamos de nos manter ativos.

– Sim.

Por um instante, Felicia surgiu-lhe em mente.

Não era sua intenção levá-la ao Ninho do Órfão. Nunca. Estava habituada a ambientes faustosos,

por isso lhe daria Cliffside, onde ficaria bem.

Mas tentou imaginá-la consigo no Ninho do Órfão, como estivera com Maggie. Tentou imaginar de que falariam, mas não conseguiu.

Talvez porque Maggie fosse sete anos mais velha do que Felicia, ou talvez fosse o coração partido de Maggie aos dezassete anos. A tragédia ensinara-a que a vida é capaz de nos esmagar, que nos pode atirar para uma tempestade que nunca esperamos. Obrigara-a a aprender a adaptar-se e a seguir em frente.

Felicia experimentara recentemente o seu primeiro encontro com a adversidade e, como remédio para tal, limitar-se-ia a trocar a extravagante mansão do seu pai pela de Michael. Não tivera experiências que a tornassem mais madura, portanto, nunca compreendera Michael nem quisera saber das provações que fizeram dele quem era.

Magdalena queria saber dessas coisas e sentiu elevar-se dentro de si uma bolha de tristeza, que logo afastou. Não se ia casar com Felicia para ter carinho ou uma companhia. Ia casar-se para enraivecer o pai dela, para o pôr no seu lugar, para penetrar nas esferas da aristocracia.

Depois de esgotada a novidade de ser marido de Felicia – e tinha a certeza de que isso depressa aconteceria –, duvidava que a visse sequer. Não pensaria em Felicia, certamente não quando estivesse na cama com Maggie. Puxou a roupa da cama para trás e deitou-se em cima dela.

Maggie fez uma careta.

– O que está a pensar?

– Quero portar-me mal consigo.

– Bom, *eu* não quero portar-me mal consigo.

– Não quer?

Beliscou-lhe o mamilo e todo o corpo dela estremeceu, até às pontas dos pés.

– Se não está interessada – disse ele –, não deve deixar um homem entrar no seu quarto.

Ela bufou.

– Se bem me lembro, estava a dormir. Não o *deixei* entrar. Entrou e pronto.

– Está contente por eu ter entrado. Admita-o.

– Pode ser que esteja um bocadinho contente. Mas só um bocadinho.

– Estou a morrer por conhecê-la de uma maneira que ainda não conheci – disse ele.

– O que significa isso?

– Você sabe.

Maggie ficou chocada com aquela sugestão, mas a culpa era dele. Deixara-a pensar que não a desejava, que não tinha fantasias em que a fornicava todos os minutos do dia.

Ela induzia nele uma estranha e constante ânsia e ele decidiu parar de lutar contra ela, deixá-la florescer, deixá-la levá-lo fosse aonde fosse.

Abanou a cabeça.

– Consigo adivinhar aquilo em que pensa, e não o quero de si.

– É virgem e solteirona, Magdalena. Não faz ideia do que quer.

– É pecado. É errado.

Ele encolheu os ombros.

– É o que dizem os padres.

– Discorda?

– Discordo.

– Claro. – Revirou os olhos. – É suposto as pessoas casarem primeiro.

– Às vezes, sim, mas geralmente não. Pelo menos no meu mundo.

– Eu não diria que o seu mundo é típico.

– Não? Quantas amigas teve que tiveram bebê seis meses depois de casarem? Os bebês parecem perfeitamente normais... apesar de nascerem três meses antes do tempo.

– Oh!

– E a sua irmã e o Farrow? Não se deitaram antes do casamento?

– Oh!

– E mais não digo.

– Lá por haver quem se porte mal, não há razão para os imitar. Quando percorrer esse caminho, quero ter um marido a percorrê-lo comigo. Porque será que julgo que não tem o casamento em mente para depois?

Não posso casar consigo. Estou prestes a casar com outra pessoa.

Não fez contudo referência a Felicia. Ela e Maggie ocupavam duas partes da vida muito diferentes, e essas partes não se cruzavam. Além disso, Maggie era mais moralista. Se ela ficasse a saber do noivado dele, nunca lhe permitiria que tornasse a ir à sua cama e a ideia de ela o escorraçar inquietava-o.

– Pode ser que tenha em mente o matrimónio – disse ele com petulância.

– Quem está a mentir agora? É solteiro convicto. Tenho a certeza disso.

– Talvez a Maggie seja tão maravilhosa que eu me farte de ser solteiro. Talvez tenha decidido ser antes marido.

Ela riu-se longamente.

– Você é hilariante.

– Porquê?

– Porque diz-se que quando um homem sofre uma crise de ardor diz seja o que for para convencer a mulher a levantar a saia.

– Ou a camisa de dormir.

– Tenho esperteza que chegue para saber que não devo continuar, a menos que tenha um anel no dedo. Coisa que nunca me daria e que eu nunca exigiria. Jurei que não queria mais homens, lembra-se?

– Diz sempre isso, mas é inocente no que toca ao amor físico. Pode ser que venha a descobrir que não pode viver sem ele.

– Já consegui durante vinte e cinco anos.

– E se caísse morta neste preciso momento? – perguntou ele. – Morreria sem saber como é.

– Vou arriscar.

– Você é uma mulher dura, Magdalena Wells.

– É o que dizem.

– Posso dar-lhe um beijo de boa-noite?

Ela fingiu ponderar a questão, depois sorriu.

– Creio que posso permitir isso. Mas só um! Não abuse da sorte.

– Não sabe? Eu abuso sempre da sorte e acabo sempre por conseguir aquilo que quero.

Quando Michael a puxou para si, ela sentiu que se elevava, como que mais leve que o ar. Desde o dia em que chegara ao Ninho do Órfão, Maggie esperara que ele a beijasse com urgência e frequência e não conseguia perceber as suas hesitações. Durante a anterior experiência carnal, Michael conduziu-a a uma selvagem explosão de prazer, deixara-a agitada e perturbada e, embora ela estivesse sempre a dizer que rechaçaria qualquer sedução, mentia.

Quando ele referiu o beijo de boa-noite, ela julgou que ele lhe daria um rápido beijo como o do fim do piquenique, nessa tarde. Mas era evidente que ele tinha diferentes planos.

Beijava-a como se fosse uma derradeira despedida, como se o mundo estivesse prestes a acabar e ele nunca mais a fosse ver. Ela devia ter permanecido estoicamente indiferente, mas não era capaz de ignorar o que estava a acontecer e não pôde deixar de participar.

Maggie puxava-lhe a camisa, desesperada por ver novamente aquele peito musculoso. Segundo se recordava, era delicioso, e ela ansiava verificar se a lembrança era correta ou se a sua imaginação embelezara aquilo que testemunhara.

Puxou a camisa para cima, com Michael a ser obrigado a ajudar a despi-la pelos ombros, e eis que a ofensiva peça desaparecera. Teve um momento para o estudar e para confirmar que a sua memória era extremamente exata.

Ele continuava a beijá-la demoradamente. Não fizera uma pausa, não abrandara e, à medida que o tórrido abraço prosseguia, ela sentia como se estivessem juntos numa jangada descendo um rio agitado. Não conseguia deter aquele progresso, não conseguia aliviar o ritmo frenético. A única coisa que podia fazer era aguentar e esperar que não fosse embater numa costa rochosa.

Gradualmente, ele despiu-lhe a camisa de dormir e ela não levantou um dedo para o travar. A batinha subiu-lhe pelas pernas, pelas coxas, pelo estômago e seios.

Michael puxou-lha pela cabeça, uma oportunidade perfeita para ela protestar, para lhe dizer *não*, mas não o fez. Aparentemente, seguia alegremente o caminho para a perdição sem uma palavra de protesto.

Com a camisa de dormir atirada ao chão, estava agora nua e ele estendeu-se e pressionou os seios contra o seu peito nu. A sensação era tão excitante que ela se espantou por não desmaiar.

Michael percorreu o corpo dela com o olhar, com uma expressão libertina e muitíssimo devassa, dando amplas provas de que ela não devia estar com ele na cama. Dali não poderia vir nada de bom. Ou talvez estivesse enganada. Talvez dali viesse algo muitíssimo bom, mas embora assim lhe pudesse parecer no calor da paixão, tinha a certeza de que se sentiria arrasada de manhã.

– É tão bonita, Maggie – disse ele.

– Nunca ninguém me disse isso.

– Os homens que conheceu deviam ser todos uns idiotas.

– Eram mesmo.

Maggie suspirou e chegou-se mais a ele, e a sensação dos mamilos a roçar a pele dele era tão excitante que ela não sabia bem o que pensar.

– Provavelmente, devíamos parar – afirmou, sem grande determinação.

– Ainda não. Não acabei.

– Se continuar durante muito mais tempo, é provável que eu expluda em chamas.

– Ótimo. Mal posso esperar.

Ele recomeçou e a fraca oposição de Maggie terminou.

Ela derretia de desejo e sabia que Michael podia acabar com a sua agonia, mas ele não tinha

pressa. Finalmente, abandonou a boca dela e percorreu um caminho até ao seu colo. Sugou um mamilo, lambeu-o e mordiscou-o até ela se contorcer debaixo de si, chamando-lhe nomes, suplicando-lhe que se despachasse.

Com o estímulo dele, Maggie relaxara e afrouxara e não queria saber! Era um ser físico que tinha como único objetivo o prazer e queria que ele chegasse imediatamente. Não se importava com o decoro nem com mais nada.

Michael tocou-a entre as pernas e ela desfez-se em mil e um fragmentos, voou até aos céus e voltou a descer flutuando. Ele empertigava-se, rindo, envaidecendo-se por a ter levado ao êxtase.

– É uma pérola – murmurou ele.

– Como é que me faz isso?

– É fácil. Você tem uma natureza muito sexual e eu estou a fazê-la vir ao de cima.

– Está a depravar-me.

– Não me arrependo.

– Bem vejo que não.

Os membros dela eram agora como borracha e podia ter-se escapado, mas, se tivesse tentado pôr-se de pé, teria caído redonda no chão.

Agora que aprendera alguns segredos matrimoniais, perguntou-se como terminavam as esposas as suas tarefas domésticas diárias. Que delícia estar nos braços do marido. Porque haveria uma mulher de sair da cama?

Ocorreu-lhe que havia uma razão para as jovens senhoras serem acompanhadas de forma tão vigilante. Era evidente que havia um nível de atração carnal que podia conduzir uma mulher à desgraça, que a podia impedir de se controlar.

Durante toda a sua vida ouvira histórias de raparigas que se tinham metido em problemas, das quais desdenhara com escárnio, achando-as fracas de carácter ou moralmente suspeitas. Não se apercebera – como sucedia com pessoas mais sensatas – de que o amor carnal era arrasador e viciante e tornava impossível o bom comportamento.

– Quero que faça uma coisa por mim – disse ele.

– O que foi?

– É o que lhe pedi quando começámos.

– Eu só poderia prosseguir depois de nos casarmos.

– Não temos de ser casados para o realizar.

– Porque não?

– É apenas mais desta mesma conduta física.

– Diga-me o que implica.

– É difícil descrever. É mais fácil mostrar.

– Diga-me – repetiu ela, pois precisava de fazer uma ideia.

Pôs-lhe a mão em concha entre as pernas.

– Uniria o meu corpo ao seu. Aqui.

– Não compreendo o que isso significa.

– É por isso que é mais fácil mostrar.

Ela olhou os seus olhos tão azuis e ele retribuiu o olhar, com o belo rosto aberto, inquiridor.

Quando ele a olhava tão intensamente, ela ficava confusa. Como podia ele olhá-la daquela maneira, a não ser que os seus sentimentos fossem genuínos e fortes? Inicialmente, tinham viajado

para o campo por causa do negócio com Gaylord, mas acaso teria desabrochado a ternura? Teria florescido o amor? Seria possível?

Maggie imaginava que isso não fosse provável para um homem como ele, mas de vez em quando apanhava-o a olhar para o horizonte, e parecia tão sozinho. Maggie também estava sozinha.

Consideraria ele uma ligação com ela? Poderia acontecer? Se ela se lhe entregasse, ele teria de casar com ela depois. Assim o exigia a moral. A lei pressupunha-o. A Igreja insistia nisso.

Michael podia estrebuchar e queixar-se, mas ela desconfiava de que, bem lá no fundo, ele queria muito ter uma mulher e família. Maggie podia ser essa mulher. Não duvidava disso. Ele encantara-a com a sua linda casa, com os seus modos perfeitos e, se não estava apaixonado por ela, ela estava quase cem por cento apaixonada por ele.

Ele comprara-lhe um guarda-roupa inteiro de lindas peças, mostrara-se generoso, encantador e notável e, em troca, pedia-lhe uma única, simples coisa. Ela nunca acreditou que o faria, mas talvez fizesse, talvez fosse altura.

Mesmo assim, hesitou

– Teria de casar comigo – insistiu ela. – Se me disser que sim, eu concordo.

– Porque me quereria para marido. Eu seria horrível.

– Talvez não. Na verdade, pode até ser aquilo de que eu sempre precisei.

– Não sou salvador de ninguém, nem deve assumir que posso vir a ser.

– Acho que me faria feliz, Michael Scott. E acho que eu o faria feliz *a si*.

– Não sei se alguma vez fui feliz.

– Então prometa-me que nos casamos depois e será o homem mais feliz do reino.

– Vou, é?

– Sim. Não pode percorrer esta estrada ilícita comigo e depois mudar de rumo ao final.

– Não, imagino que não. – Roçou os lábios nos dela. – Cuidado com o que deseja, Magdalena. Pode ser que o consiga.

– Acaso estará aí um pedido?

– Mas que raio! Porque não?

Recomeçou a beijá-la, fazendo-a elevar numa espiral de desejo. Maggie entrou com ele naquela avalanche, tendo um mero instante para ponderar se ele teria de facto feito uma promessa. Parecia que sim, mas também parecia que não.

Rapidamente e sem aviso, foi percorrida por uma outra onda de prazer. Todos os pensamentos sobre o casamento escaparam pela janela. Só se conseguia centrar naquele momento, naquele homem e no seu esplêndido encontro. O passado e o futuro eram irrelevantes. Só o presente importava.

Quando o pulso dela abrandou, ele estava de sobrolho carregado, com ar determinado a prosseguir.

– O que se passa? – perguntou ela.

– Não se passa nada. Está tudo ótimo.

– Ainda bem

– Nunca se vai arrepender disto, pois não? – perguntou ele.

– Arrepender de quê?

– De ter estado aqui assim comigo. De que consegui fazê-la minha.

– Não, nunca me poderia arrepender. E agora também é meu, não se esqueça.

– Não me esqueço.

Michael mordiscou um caminho até aos seios dela e brincou com eles, lambendo e sugando,

enquanto mais abaixo mexia nas calças. Baixou-as e colocou-se entre as pernas dela.

Enfiou um dedo na prega feminina de Maggie, depois outro. Mexeu-os para dentro e para fora a um ritmo provocador e as ancas dela moviam-se acompanhando esse ritmo.

E depois outra coisa surgiu ali. Alguma coisa maior do que os dedos. Ela estivera tão distraída com a mão que nem reparou o que era.

– O que está a fazer? – perguntou.

– Preparo-me para unir os nossos corpos.

– Eu disse-lhe que não sei o que significa.

– As nossas partes íntimas são feitas de maneira diferente.

– São? – Era tão ingénua que não fazia ideia!

– É desconfortável da primeira vez.

– E depois melhora?

– Sim, depressa se habituará. Agora, relaxe.

– Não consigo. É muito estranho.

Não estava convencida de ter tomado a decisão certa. As coisas tinham escalado tão depressa e ela estava perplexa com aquilo que instigara. Era um pouco tarde de mais para se queixar. Não era?

– Acabará dentro de minutos. – Estudou-a e ela fez uma careta. – Tem medo?

– Não. Estou simplesmente nervosa com aquilo que não compreendo.

– É muito fácil de se conseguir. Todas as esposas do mundo fazem isto regularmente.

A palavra *esposa* acalmou-lhe a ansiedade, pois lembrou-se de que havia um objetivo para aquelas ações. Quando terminassem, ele haveria de ser seu marido.

Obrigou-se a sorrir e ele retribuiu o sorriso, com um olhar tão caloroso e afetuoso que o seu coração disparou, eufórico. Tinha de se estar a apaixonar por ela. Maggie não imaginava que outra explicação pudesse haver para uma ternura tão evidente.

– Ponha os braços à minha volta – murmurou entredentes.

– Assim?

– Sim, assim mesmo. Agarre-me bem.

– Está bem.

– Não tenha medo.

– Nunca poderia ter... quando estou consigo.

Ele começou a beijá-la, a acariciar-lhe os seios. Ao mesmo tempo, ele movimentava as ancas, penetrando-a, e cada investida aproximava-o mais de um objetivo que ela não podia imaginar, mas que definitivamente desejava.

Maggie ergueu-se e foi cautelosamente ao encontro daquelas investidas com as suas; de repente, ele estava dentro dela. Ficaram paralisados e a estranheza daquele ato mexia com ela. Não magoava, exatamente. As anteriores carícias dele deixaram-na molhada e descontraída, mas aquilo era tão peculiar.

Os olhos de Maggie marejaram-se de lágrimas, mas não eram de tristeza, eram de alegria. O que sentia era outra emoção completamente distinta, que não conseguia descrever, mas estava assoberbada de uma maneira que nunca soubera ser possível.

Ele sorriu-lhe.

– Está bem?

– Estou. Já está? Acabámos?

– Há um pouco mais. Não me largue.

– Nunca o farei.

Ele começou a mexer novamente as ancas e aquele desconforto inicial esmoreceu gradualmente. Maggie mexia-se com ele e, justamente quando ela começava a apreciar aquela união bizarra, Michael penetrou-a especialmente fundo e gemeu como se estivesse com dores.

Deixou-se ficar durante uns segundos, depois deixou-se abater em cima dela, com o tronco largo a pressioná-la. Devia ter sido um fardo pesado para ela, mas não foi. Era morno e bem-vindo e ela percorria-lhe as costas para cima e para baixo com as palmas das mãos, saboreando aquela intimidade muda, a experiência extraordinária que nunca partilharia com outra pessoa.

Acabou por rolar para o lado dela, aninhando-se aí. Ela também rolou, ficando de frente para ele. Tinham os narizes a tocar-se e sorriam, felizes com o que tinham feito, como se fossem crianças marotas a portar-se mal.

– Sobreviveu? – perguntou-lhe ele.

Ela riu-se.

– Inteira.

– Melhora com a prática.

– Isso significa que podemos experimentar outra vez um dia destes?

– Podemos fazê-lo a noite toda, se não estiver muito magoada.

Na verdade, as suas zonas íntimas estavam bastante magoadas, mas ela nunca o admitiria.

– Não estou magoada.

– Você excita-me para além do limite, sua malvada. Eu não seria capaz de abrandar, nem de me retrair.

– Já não sou virgem, pois não?

– Não, e nunca mais será. Portanto, nada de arrependimentos, lembra-se?

Ela bem gostaria que ele deixasse de falar de arrependimentos, pois parecia que talvez *ele* hesitasse e ela não suportava que ele tivesse dúvidas.

– E agora? – perguntou ela.

– Agora... podemos dormir uma sesta ou posso pedir comida ou um banho.

– Incomodaria os criados?

– Por si? Qualquer coisa.

Maggie abanou a cabeça.

– Estou bem e é muito tarde. Não vamos incomodar os criados.

Além disso, morreria de vergonha se o pessoal se apercebesse daquilo que ela permitira que acontecesse. Tinha a certeza de que já era fonte de muita especulação na cozinha e recusava-se a dar mais alimento aos canhões.

Bocejou de forma pouco feminina, depois riu-se.

– Não sabia que o ato sexual podia ser tão esgotante – disse ela.

– É a melhor maneira de adormecer.

Michael virou-a de costas e aninhou-se a ela. Ela podia ter expirado de felicidade.

– Vai tudo dar certo, não vai?

– Tudo será perfeito.

– Casaremos?

Acaso hesitara ele?

– Tudo o que quiser, Maggie. Descanse.

– Mais tarde, teremos de falar das minhas irmãs. Não quero saber do Gaylord, mas espero que, sendo sua esposa, seja generoso com elas.

– Mas é claro – disse ele entredentes, e também bocejou.

Ficaram em silêncio, flutuando numa letargia esplêndida.

Ocorreu a Maggie uma ideia inquietante.

– Posso estar... de bebé?

– Não – disse ele, desdenhoso. – Bem, pode, mas raramente acontece só com uma vez.

– Não posso ser uma mulher que tem um filho cedo de mais. Não quero rumores.

– Mataria quem quer que levantasse rumores sobre si.

Maggie deu-lhe uma cotovelada nas costelas.

– Não mataria nada.

– Podia não matar, mas haviam de receber umas boas chibatadas.

Ela suspirou, inundada por uma sensação de contentamento. Nunca haveria um momento de tédio se o tivesse como marido e gostaria de ter ponderado em como decidira de repente que ansiava por ser uma noiva, mas estava demasiado exausta.

Deu-lhe nova cotovelada.

– Não pode adormecer. Os criados haveriam de o encontrar aqui de manhã.

– Não adormeço. E, mesmo que adormecesse, eles não querem saber.

– *Eu* quero.

– Durmo um bocadinho, depois vou. Ainda não me quero ir embora.

– Eu também não quero que vá.

Estava desesperada por lhe perguntar uma dúzia de coisas: quando se casariam, onde se casariam, onde iriam viver. Mas deixou-se cair no sono sem saber nenhum pormenor.

Quando acordou, o Sol estava tão alto no céu que teve medo que o meio-dia se aproximasse. Poderia ser? Teria dormido assim tanto? Nunca dormia, desde que era uma menina mimada com um pai rico e uma família estável.

Virou-se de costas e esticou os braços acima da cabeça e o movimento fez-lhe doer as partes íntimas, lembrando-a do que tinha feito no escuro da noite.

Olhou por cima do ombro; tinha a certeza de que ele não estava ali, mas sentia-se sozinha e desejava não ter sido tão assertiva em relação a ele ter de se ir embora. Oxalá a primeira coisa que visse fosse o sorriso dele, e abriu ela um, reconhecendo que, na qualidade de sua esposa, veria esse sorriso todas as manhãs para o resto da vida.

Arrastou-se para fora da cama, excitada por descer ao encontro dele. Como iriam interagir? Acaso ele a iria provocar pela sua altivez? Não fazia ideia, mas estava tão feliz!

Quando se virou para ir ao quarto de vestir, reparou que havia um bilhete na mesa de cabeceira.

Franziu o sobrolho, por alguma razão acometida pelo mais terrível pressentimento. Com a mão a tremer, violou o lacre.

Ramsey veio à minha procura de noite. Problemas em Londres. Tive de partir. Desculpe.

Continuava explicando que ela devia permanecer no campo, que regressaria logo que possível. Assinara com o nome completo, Michael Scott, como se ela pudesse não se lembrar de quem ele era.

Rudemente, como a snobe que aparentemente era, pensou, divertida, que afinal ele sabia ler e escrever, que tinha uma caligrafia excelente e a ortografia era correta. Perguntara-se se teria recebido

uma educação formal, e era evidente que sim.

Leu a mensagem repetidas vezes, como se procurasse pistas escondidas, mas não havia nenhuma. Como podia ele ter partido para Londres sem se despedir? A noite anterior não significaria nada para ele? Ela estava completamente mudada. Como podia ele ser tão indiferente?

Sentindo-se magoada e zangada, deixou-se afundar na cama.

Michael seduzira-a até ela baixar a guarda. Até ser incapaz de resistir. Desflorara-a. Prometera-lhe casamento. E depois... fora-se embora sem um adeus.

Que espécie de homem se comportava assim? Depois de tudo o que partilharam, como podia pegar nas coisas e ir-se embora?

Fez uma bola com o bilhete e atirou-a ao chão, dirigindo-se aos tropeções ao quarto de vestir à procura da roupa.

– Não mexa nem um músculo.

– Porque não?

– Quero olhar para si.

Rebecca abriu um sorriso para Ramsey.

Estava na cozinha da missão de salvamento. Era tarde e o silêncio reinava, e ela tinha o lugar só para si. Uma única vela ardia numa das mesas.

Havia uma tina atrás do fogão que aquecia a água e ela adquiriu o hábito de se mimar com um banho de imersão na banheira de Maggie. Rebecca falara disso a Ramsey, na esperança de o atrair para a missão com intenções maliciosas e aparentemente o esquema resultara.

Estava nua, sentada na banheira, mas esta era pequena de mais para cobrir o que tinha de ser coberto, de modo que ele podia ver várias partes relevantes. No entanto, encontrava-se à entrada e não se tinha aproximado.

Rebecca começava a desconfiar que aquele palerma tinha medo dela. Ou talvez tivesse medo de Michael Scott.

O senhor Scott ordenara a Ramsey que se mantivesse afastado de Rebecca e era evidente que esse aviso inquietava Ramsey. Rebecca tinha de o seduzir para o seu modo de pensar.

– Tinha desistido de esperar que me viesse visitar – disse ela.

– Tenho andado ocupado.

– Com quê?

– Com os negócios do Michael.

– É o seu cão de fila?

Ele descartou o insulto.

– Pode-se dizer que sim.

– Praticamente implorou-me que viesse à cidade.

– Nunca imploro nada às mulheres – disse ele, bufando de desdém.

– Muito bem, então, *pediu-me*, mas agora que aqui estou, quase não passou tempo nenhum comigo.

– Nem todos somos ricos e ociosos como você. Há quem tenha de trabalhar para ganhar a vida.

– Eu podia entreter-me, mas ordenou-me que não saísse.

– E falava a sério. Se se metesse em apuros, eu teria de matar o idiota que lhe fizesse mal.

– Mataria mesmo por mim?

– Sim.

– Então e o Gaylord? Matava-o, se eu lho pedisse? – Gostaria muito.

Afastou-se da porta e aproximou-se ficando ao lado da banheira. A água aninhava-se no colo dela, mas tinha os seios e os braços à mostra. Ela inclinou-se para ele, ávida de o enlouquecer de desejo.

Estava em Londres há cinco dias, mas não tinha havido progressos. Ele raramente passava por ali e, quando se dava a esse incómodo, partia depressa. Rebecca estava cada vez mais alarmada perante

a hipótese de ele mudar de ideias e desejava que ele não a tivesse levado para a cidade.

Ela era uma namoradeira consagrada, que quase vira a sua situação comprometida com vários homens diferentes. Era tanta a sua vontade de escapar a Gaylord e a Cliffside que, ainda por cima agora com o dote esbanjado, a sedução e a ruína eram as suas únicas opções.

No entanto, os potenciais pretendentes acabavam por se revelar cobardes que se afastavam antes que as coisas fossem longe de mais, de modo que ela ainda não conseguira arranjar casamento.

Sentira-se tão segura de que Ramsey Scott não conseguiria resistir-lhe e segura de que – depois de ela cair em desgraça – ele se sentiria compelido a fazer-lhe uma oferta de apoio e sabe-se lá que mais. Mas ele continuou altivo e desinteressado.

A nudez e um banho vaporoso tinham-lhe parecido ser as melhores opções. Já o teria conquistado? Pela expressão no olhar dele, imaginava que talvez sim.

Com ele ali tão perto, reparou que tinha os nós dos dedos vermelhos e inchados, assim como uma nódoa negra na face.

– Andou à pancada? – perguntou ela.

– À pancada, não. A ensinar uma lição a um idiota estúpido.

– E ele aprendeu-a?

Ele abriu um sorriso.

– Sem dúvida.

– Gosto que seja um durão.

– Minha pequena senhora, nem faz ideia. – Anuiu, apontando para o tronco nu de Rebecca. – Levante-se.

– Porquê?

– Porque chegou a hora de acabarmos aquilo que começámos em Cliffside.

– Está sempre a dizer isso, mas tem demasiado medo de Michael Scott para avançar.

– Ele diz-me algumas coisas, mas noutras não se mete. Levante-se.

Rebecca levantou-se devagar, centímetro a centímetro, erguendo-se à medida que se desdobrava da banheira. A água escorreu-lhe pelo corpo, acumulando-se nos joelhos.

Tratava-se do gesto mais corajoso que ela alguma vez executara, pois permitia que ele a avaliasse. Alongou-se e empertigou-se, fingindo que era constantemente mirada por homens desconhecidos. A verdade é que estava aterrada, mas recusava-se a recolher-se. Sem dúvida que ele se dava com todo o tipo de mulheres de má vida. Elas sabiam como seduzi-lo e ela queria fazê-lo crer que possuía a mesma confiança maliciosa.

– Sirvo? – perguntou ela com ironia.

– Não é má. Vire-se. Deixe-me ver-lhe o traseiro.

Rebecca virou-se, com cuidado para não escorregar e se estatelar quando ele lhe agarrou as nádegas roliças e lhas apalpou.

– Gosto de traseiros bem feitos – disse ele – e você é magra de mais. Achei que não devia haver grande coisa para ver, mas está bem assim. Provavelmente, vai valer os sarilhos que me causará.

Ela bufou, desdenhosa.

– Valho todo e qualquer sarilho que possa provocar.

Havia uma toalha num banco ali perto e ele estendeu-lha.

– Saia da banheira.

– E depois?

- Saia e eu mostro-lhe.
- Conversa seca, Ramsey.
- Saia da banheira – repetiu ele.

Rebecca agarrou-lhe o braço para se firmar e saiu para o chão. Ramsey enrolou-lhe a toalha nos ombros e secou-a, fazendo-a deslizar pelas costas e depois pela parte da frente.

Quando chegou às coxas, ajoelhou-se, ficando os seus olhos ao nível das partes íntimas de Rebecca. Para espanto dela, Michael cheirou-lhe aquela zona privada, passando depois o polegar pelos pelos encaracolados. O toque dele era eletrizante, ela sentia-se escaldada.

- Muito bonito – disse ele. – Alguma vez pensou em rapá-los?
 - O quê? – arquejou ela.
 - Rapá-los. Montes de rameiras fazem isso. Gosto quando está toda rapada.
- Ocorreu a Rebecca que podia ter ido para fora de pé com aquele homem.
- Isso não é um bocado... perverso?
 - Para mim, não – afirmou ele.

Atirou com a toalha e fez um gesto indicando a grande mesa onde as voluntárias de Maggie amassavam o pão de manhã.

- Vá para ali.
- Porquê?
- Vou-lhe dar aquilo que está morta por receber.
- Numa mesa?
- Sim, mas prometo que vai gostar.

Ela avançou, hesitante, e embora a divisão estivesse morna graças aos cozinhados feitos mais cedo e ao banho quente de agora, ela tremeu. Não tinha contudo frio. Tremia de excitação e de uma onda de ansiedade.

Era evidente que o desejo dela estava prestes a ser cumprido, mas agora já não tinha a certeza se o queria mesmo. Era contudo tarde de mais para se queixar.

Ele também avançou, até as pontas dos pés de ambos se tocarem, até a roupa dele roçar nos mamilos de Rebecca. Estes enrijeceram e começaram a pulsar.

- Ainda é virgem? – perguntou ele abruptamente.
- Mais ou menos.
- Mais ou menos? Que resposta é essa? De acordo com a minha experiência, uma mulher ou é ou não é. É curto e duro. Não é meio-termo. Qual é o seu caso?

Ela tinha deixado uns sujeitos tocarem-lhe onde não deviam, mas não sabia se isso seria um desfloramento oficial. Achava que não, por isso corrigiu-se.

- Ainda sou virgem.
- Veremos, creio eu. Vou tentar não penetrar com muita força.

Agarrou-lhe as coxas e ergueu-a para a mesa, de modo a que as nádegas dela se equilibrassem na borda. Sem aviso, sem cortesia, enfiou dois dedos dentro dela e fê-los sair e entrar. Ela gemeu de prazer, mas também com desânimo e esforçou-se por afastá-lo, mas ele não a deixava escapar.

- Vamos...?
- Sim.
- Pode pelo menos beijar-me primeiro?
- Nunca vi nisso grande sentido.

– Faça nova tentativa. Só por mim, sim?

Ele estudou-a e sorriu, recordando-lhe que caía sempre do seu pedestal com aquele sorriso. Era belo, mas de uma maneira crua e viril que incendiava as suas sensibilidades femininas.

Inclinou-se levando-a a pensar que afinal sempre a beijaria, mas, no último instante, beijou-lhe antes um seio.

Ramsey era muito cru, muito incisivo, não lhe dando a mínima oportunidade de se habituar, mas ela achava que não se devia queixar. Aquela era a conclusão que ela própria procurara.

Gradualmente, ele afrouxou o seu toque e, quando ela estava deitada de costas, abandonou o peito e percorreu com o nariz um caminho até ao estômago. Abriu-lhe os lábios e substituiu a língua pelos dedos. A sensação produzida era tão chocante e inesperada que o corpo dela se animou perante uma ponderosa onda de prazer.

Já antes sentira aquela sensação selvagem, geralmente de noite, quando tinha um sonho erótico. Acordava encharcada de suor, com o coração a bater com força, portanto sabia que podia acontecer. Mas não compreendera que podia acontecer na presença de um homem. Não compreendera que podia ser um homem a fazê-la *acontecer*.

Meu Deus! O que devia ela pensar?

– Tal como eu pensava – disse ele entredentes, enquanto se endireitava.

– O que foi?

– Tem a alma de uma vadia.

– Não tenho nada! – exclamou com desdém, mas depois pensou melhor no comentário. – Bom, talvez um pouco. Sempre quis experimentar coisas perversas.

– Veio ao sítio certo, porque ninguém gosta mais de um pouco de perversidade do que eu. – Empurrou-a, para que ficasse novamente de costas. – Vejamos se dizia a verdade acerca dessa virgindade de que tanto se orgulha.

– Não me orgulho dela. Há anos que me esforço por me libertar dela.

– Então, este é o seu dia de sorte.

– Porquê?

– Porque finalmente encontrou um homem que lha tira com agrado. Agora fique calada e não faça alarido.

– Porquê?

Lá em baixo, ele desabotoava as calças e ela olhava para o teto, subitamente alarmada e a pensar se iria gostar ou detestar.

Tinha ouvido mulheres soltarem risadinhas acerca do ato matrimonial, mas era difícil obter informação factual, sendo que a opinião comum era de que uma donzela não deve ficar a conhecer os pormenores antecipadamente. As atitudes das esposas variavam, sendo que algumas achavam a experiência magnífica e outras consideravam-na um dever e uma tarefa, havendo ainda quem a achasse revoltante. De vez em quando, ficava-se com a ideia de que implicava violência.

Como seria com Ramsey? Se ela detestasse – depois de uma espera tão longa para experimentar – ficaria tão desiludida!

– Sabe o que está prestes a acontecer? – perguntou ele. – Já alguém lhe explicou?

– Tenho uma ideia geral.

– É uma coisa física.

– Eu sei, Ramsey – retorquiu ela, com uma boa dose de exaspero.

- Estou só a avisar. Não quero que desmaie.
- Não sou do género que desmaia.
- É uma coisa suja e pegajosa. Pode ficar com o cabelo despenteado.
- Oh, por favor! Faça lá isso, está bem? Se continuar a tagarelar assim, vou adormecer de tédio.
- Vai doer da primeira vez, mas só da primeira, por isso vamos despachar o assunto.

Avançou, abriu-lhe muito as pernas e, por momentos, ela sentiu o pau viril de Ramsey tatear o seu centro. Ficou tensa, certa de que ele penetraria as paredes castas do seu corpo com um golpe perverso. Para seu espanto, Ramsey foi muito cuidadoso, muito delicado.

Entrou, e depois um pouco mais e, embora ela pretendesse agir com indiferença, como se fosse desflorada todos os dias, todo aquele episódio era demasiado bizarro. Simplesmente, não conseguia relaxar.

- Pronta? – perguntou ele.
- O mais que é possível.
- Aqui vai. Não se atreva a queixar-se quando acabar.
- Não me vou queixar, seu rufia!
- Jure.
- Juro.

Ramsey fez uma pausa, olhando para o corpo nu de Rebecca, para aquela zona lasciva onde as partes íntimas se uniam, e irradiava a sua vaidade masculina.

- É a única senhora a sério que já fodi – disse cruamente.

- Serei a última... se não se despachar.

– Está sempre com pressa. Viva um bocado, pode ser? Desfrute da ação. Nunca mais poderemos repetir exatamente isto.

- Não percebo porque se mexe com a lentidão de um caracol. Não o excita ficar a saber como será?

- Ah, eu sei como vai ser. É você que vai ter uma surpresa.

Ergueu o traseiro dela e baixou-se para lhe sugar com força o mamilo. Quando ela arqueou as costas, fez uma penetração feroz.

Com essa rapidez, com essa facilidade, enterrou-se nela.

Ela expirou de espanto e ficou muito quieta, avaliando as emoções que a percorriam. Sentia-se feliz e triste, desejosa e horrorizada, tudo ao mesmo tempo.

Mas acima de tudo estava tão contente por terem dado seguimento àquilo. Não havia volta a dar e ele não a podia devolver a Cliffsides. Depois daquilo, não podia.

Agora tenho-o!

Ela fizera a sua jogada, fizera a sua aposta, ganhara e estava imensamente aliviada por tê-lo levado ao ponto exato em que o queria.

- O que acha? – perguntou ele.
- É... interessante.
- Parece que disse a verdade.
- Sobre o quê?
- Sobre ser virgem.
- Eu disse-lhe que era.
- Não acreditei.

Agarrou-lhe as pernas e mostrou-lhe como devia envolver com elas a cintura dele, depois começou a mexer-se com movimentos deliberados, o membro viril penetrando o máximo possível, depois saía, para tornar a penetrá-la.

A princípio era estranho, mas ela depressa se adaptou ao ritmo constante e juntou-se a ele alegremente. Embora não soubesse o que esperar, deleitou-se ao descobrir que era uma selvagem e que definitivamente valia a pena.

Os movimentos dele tornaram-se mais profundos até, por fim, com um grito sonoro, se esvaziar no ventre dela. Rebecca não se preocupou com as consequências. Se houvesse bebê, preocupar-se-ia com isso quando se tornasse um problema. Era esse o seu modo típico de passar pela vida e não via razões para o mudar.

As ancas de Ramsey pararam e ele beijou-a na boca, após o que se afastou e pôs em pé. Ela sentou-se, com o cabelo empilhado, mas as travessas tinham caído deixando os caracóis castanhos soltos sobre as costas. Tinha as coxas com nódoas negras, as partes íntimas magoadas e como que em carne viva.

Feitas as contas, sentia-se magnífica.

– Já não é virgem, Rebecca, mas não parece muito agradada.

– Foi... esteve bem. – Não conseguia encontrar as palavras certas para descrever o que sentia. Estava demasiado chocada.

– Foi melhor do que «bem». Admita.

– Pois foi – disse ela e, para seu horror, desatou num pranto.

– Está a chorar?

– Estou.

– Porquê? Está magoada? Não gostou? O que foi?

– Estou tão feliz.

– Tem uma maneira estranha de o mostrar.

– Acredite em mim, sinto-me atropelada por si.

– Claro que sim.

Rebecca tivera esperança de que se abraçassem ou aninhassem juntos, mas ele não era do tipo romântico. Provavelmente, essa ideia nunca lhe ocorreu, mas ela estava desesperada por uma manifestação de ternura. Tinha intenção de que a próxima vez que estivessem juntos fosse numa cama, para poderem deitar-se e assim ficarem algum tempo.

Jogara a sua sorte com ele e planeava mantê-lo enquanto ele a quisesse. Soubesse ela cozinhar, teria feito o seu caminho através do estômago dele, mas as mulheres da sua condição nunca aprendiam essas tarefas menores. Os truques carnis pareciam ser a melhor alternativa e ela seria a melhor aluna da turma dele em termos de lições devassas. Ele nunca se arrependeria.

Ramsey agarrou o roupão dela e pousou-lho nos ombros, enfiando os braços dela nas mangas, depois arrastou-a até à mesa, pousando-a devagar no chão.

– Amanhã vamos embora – disse ele.

Era o último comentário que ela esperava e fez uma careta.

– Para onde?

– Para a Escócia.

– Para a Escócia! Porquê?

– Temos de dar o nó lá.

– Combinámos que não haveria laços entre nós.

– Pois, bem, mas se não me casar consigo, o Michael mata-me quando descobrir. Será viúva antes de ter sido noiva.

Ela abanou a cabeça.

– Não se quer casar, Ramsey.

– Não vou morrer por isso.

– Não vai *morrer*? Isso deixa-me ansiosa por prosseguir.

Ele inclinou-se e beijou-a.

– A Rebecca também não vai morrer por isso.

– Mas... *casada*.

Com efeito, estremeceu de horror.

Como seria casar-se com um indivíduo tão duro e violento? Era um órfão que tinha crescido nas ruas de Londres e, tanto quanto ela sabia, não tinha familiares, nem passado que valesse a pena mencionar, e o seu único amigo era o desassossegado e depravado Michael Scott.

Como podia ela casar com ele? O que diriam as pessoas?

Logo que surgiram as perguntas, ela enxotou-as. Que importância tinha o que diziam as pessoas? Após o colapso financeiro de Gaylord se ter tornado do conhecimento geral, depois de ter entregado Cliffside e ser publicamente um indigente, nenhum dos seus conhecidos manteria a relação.

Rebecca seria uma pária. Seria motivo de troça. Há anos que ela se afundava no navio naufragado de Gaylord. Ramsey seria o porto para a sua tempestade pessoal.

– Nunca lhe perguntei – disse ela –, mas tem dinheiro? Trabalha para o senhor Scott, por isso parto do princípio de que tenha um salário.

– Querida, sou rico como o Crespo.

Rebecca arqueou as sobrancelhas.

– A sério?

– Sim, a sério, e comprei uma casa para si. Vamos para lá depois de regressarmos da Escócia.

– Uma casa! A sério, Ramsey?

– A sério. Teve medo que eu a obrigasse a dormir na sarjeta.

– Bem...

– Não responda. Disse-lhe que tinha de arquitetar um plano e já o fiz.

– Mulher, lar, família? Parece ser um grande salto, com tudo em simultâneo.

Ramsey encolheu os ombros.

– Nunca tive nenhuma dessas coisas, mas é chegada a altura de ter. Se não, o que faria eu com todo o meu dinheiro?

– Sim, realmente. Bem pode gastá-lo comigo.

– Era o que eu estava a pensar. – Baixou-se e deu-lhe outro beijo. – Partimos a cavalo pela manhã. Faça uma mala pequena, para podermos viajar depressa.

– Está bem.

– Deixe um bilhete à sua irmã, para ela não se preocupar.

– O que lhe digo? Não sei se vai ficar contente por eu fugir consigo para casar.

– Mesmo assim, diga-lhe. Explique-lhe que as minhas intenções são honradas e que ela não se deve apoquentar. Irei trazê-la de volta sã e salva.

– E casada.

Ele anuiu.

– E casada.

Ramsey virou-se e dirigiu-se à porta. No derradeiro momento, olhou para trás.

– Esfregue bem essa mesa. Fazem comida nela.

E depois foi-se embora e ela dirigiu-se aos tropeções para uma cadeira, onde se deixou cair.

Fugiria para a Escócia com ele? Quisera ser salva. Teria sido a melhor decisão?

Não fazia ideia.

* * *

– Magdalena, o que faz aqui?

Pamela olhou boquiaberta para Maggie, quando a encontrou sentada em silêncio na sala. Não havia qualquer indicação da chegada de uma visita. Nenhuma carruagem percorrera o caminho de acesso, ninguém batera à porta.

Não que a irmã precisasse de bater. Mas Maggie devia estar com Michael Scott, a assegurar o futuro de Pamela e a salvar Cliffside. Gaylord ouvira dizer que ela tinha sido bem-sucedida. O senhor Scott tinha sido efusivo nos seus elogios, declarando-se encantado com Maggie.

– Estou a caminho de Londres – disse Maggie. – Apareci aqui para dizer olá. Posso passar aqui a noite?

– Claro, mas porque está a caminho de Londres? Onde esteve?

– Estive de visita.

Pamela sabia que Maggie tinha estado de visita, e com quem, mas tinha a certeza de que devia fingir não saber da queda de Maggie às mãos do senhor Scott.

No entanto, para desânimo de Pamela, Maggie parecia estar muito em baixo, um provável indício de que não gostara tanto da sua desgraça como o senhor Scott. Pamela tentou sentir alguma compaixão pela irmã, mas sinceramente!

Maggie tinha vinte e cinco anos e a sua virgindade fora desperdiçada. Porque não usá-la para salvar a família? Como Gaylord tantas vezes dizia, não era natural as mulheres permanecerem castas. Ao entregar-se ao senhor Scott, Maggie estava simplesmente a seguir o caminho normal e aceite para uma mulher.

O senhor Scott escrevera a Gaylord afirmando que ficaria com ela durante os seis meses. A casa de Pamela ficaria a salvo durante todo esse período e, nesse momento, Gaylord encontrava-se na cidade, a falar com usurários e credores, tentando furiosamente reconquistar a posse de Cliffside.

Se Gaylord jogasse bem as suas cartas – o que até então não sucedera –, ao final dos seis meses, Pamela não teria de se mudar.

Contudo, tendo em conta o desânimo de Maggie, parecia que alguma coisa acontecera que pudesse destruir o acordo. Porque viajava ela sozinha para a cidade? Onde estava o senhor Scott? Porque não se encontrava com ela?

Se Maggie tivesse escapado no último momento, Pamela iria estrangulá-la.

– Estive fora com o senhor Scott... tal como me pediu – explicou Maggie.

– Ah sim? – Pamela fingiu espanto.

– Sim.

– Obrigada. Agradeço-lhe a sua ajuda.

– Decidimos casar.

Pamela franziu o sobrolho, espantada com as novidades.

– Você e o senhor Scott?

– Sim, e uma vez que estou prestes a ser sua esposa, implorei-lhe que fosse generoso consigo no que toca a Cliffsides.

– E o que respondeu ele?

– Concordeu que seria misericordioso, mas não creio que ofereça qualquer ajuda ao Gaylord. Apenas a si e a Rebecca. Só isso. Foi a única garantia que lhe consegui arrancar. Foi por isso que aqui vim a caminho da cidade... para que conheça a opinião dele.

Pamela estava furiosa. Claro que teria de ser dada ajuda a Gaylord. Era o marido de Pamela e o chefe da família. Nunca o deixaria ficar mal – sobretudo quando se esforçara tanto para ser dela. Como podia Maggie imaginar que ele não seria incluído?

– Estou curiosa em relação ao seu noivado – disse Pamela.

– E porque haveria de estar? Vai ficar irritada por eu finalmente ter conseguido marido? Tinha esperança de que eu acabaria simplesmente desgraçada e em sarilhos?

– Eu nunca quis isso!

– Não? – bufou Maggie. – É com prazer que lhe digo que, durante as nossas férias, o senhor Scott e eu ficámos muito chegados.

– E... ele pediu-a em casamento?

– Pediu. Podemos fazer a cerimónia em Cliffsides? Gostaria de a realizar aqui, se não se importa.

– Não, não me importo. Ah... onde está o senhor Scott? Porque não está consigo?

– Foi chamado a Londres numa situação de emergência.

– Estou a ver – murmurou Pamela, embora não estivesse a *ver* nada. – Dá-me licença? Tenho de informar a governanta de que fica connosco para jantar e passar a noite. Tem de partir de manhã? É bem-vinda durante mais tempo.

– Tenho de regressar ao trabalho.

– Muito bem, então. Vá, se tem de ir.

Pamela saiu, emanando calma e compostura, mas mal chegou ao corredor e ficou fora do campo de visão de Maggie, deixou-se cair contra a parede, com a palma da mão na boca a sufocar a sua expressão de espanto.

Michael Scott estava noivo da filha de Lorde Stone. Gaylord contara-o a Pamela, mas, mesmo que não tivesse contado, o anúncio saía em todos os jornais. Tinha havido várias festas dadas pelos pais da noiva e havia um baile de noivado já marcado.

O que estava o senhor Scott a pensar quando mentia assim a Maggie? E o que seria dela quando descobrisse a verdade?

Maggie estava defronte do caminho de acesso de Cliffside, ali parada enquanto um criado lhe trazia a bagagem. Uma carruagem tinha sido preparada para ela, que a levaria até à vila, onde seguiria na carruagem do correio para a cidade.

Tinha agora mais malas do que quando saíra de Londres. Michael fora extremamente generoso, dera-lhe vários vestidos, mais xailes, sapatos e acessórios a combinar com o novo guarda-roupa.

Tendo em conta a forma como a abandonara no Ninho do Órfão, e como ela abandonara a residência com um ataque de mau humor, quase deixava tudo para trás, mas no final não deixou. Há tanto tempo que não tinha roupa nova que queria conservar todas as peças.

Independentemente do que acabara por acontecer entre ela e Michael, considerava-se merecedora das suas ofertas. Via-o como pagamento para a ofensa que ele lhe infligira.

Ansiava por abandonar Cliffside, ansiava por regressar ao trabalho e à sua vida em Londres e sentia-se insegura quanto ao que lá encontraria quando chegasse.

Visitar Pamela era sempre angustiante. Felizmente, Gaylord não estava, mas Rebecca também se fora embora, alegando que Maggie lhe pedira para olhar pela missão durante a sua ausência.

Maggie não o admitiu a Pamela, mas Rebecca era a última pessoa que consideraria adequada para olhar pela missão de salvamento ou para qualquer outra tarefa. Maggie não a convidara, portanto, o que estaria a irmã a fazer em Londres? Maggie sentia-se quase demasiado alarmada para descobrir a verdade.

A juntar a todos os seus problemas, estava cada vez mais confusa com Michael e com a forma como a tratara.

Esperou quatro dias para ter notícias dele, quatro dias humilhantes e de exaustão que passaram com uma espécie de tortura lenta. Tomara por certo que ele lhe escreveria ou enviaria um bilhete informando-a dos seus planos. Mas aquele sacana egoísta não regressara, não a contactara, nem escrevera carta nenhuma.

Andara de um lado para o outro, agitada e a deitar fumo, até que finalmente o mau humor saiu vencedor. Não era uma rameira que pudesse ser usada para fins ilícitos e depois descartada quando ele terminasse. Também não era estúpida nem palerma. Sabia lidar com os seus problemas e não ia ficar sentada a brincar com os polegares por homem nenhum. Fez as malas e dirigiu-se à cidade.

Durante a viagem demorada, pensara na noite de amor. Quando se entregou apaixonadamente ao ato, pareceu-lhe que ele a tinha pedido em casamento. Foi por isso que lhe entregou a virgindade. De outro modo, não o teria feito. Pelo menos, assim esperava.

Com toda aquela paixão, já não tinha a certeza de nada. Estavam noivos? Decididamente, sentia que sim, mas não havia como adivinhar o que ele estava a pensar.

Bom, tinha novidades para Michael Scott e iria dar-lhas da maneira mais curta e brusca que conseguisse. Podia não ter um anel no dedo, mas, pela parte que lhe tocava, estavam noivos e casariam imediatamente. Não arriscaria a que um bebé crescesse na sua barriga, nem queria ouvir

disparates da parte dele que pudessem adiar o inevitável.

Iam casar e pronto.

Olhou uma última vez para a casa, pensando em quando regressaria, pensando, como sempre que partia, se tornaria a vê-la.

Como era costume, não sentiu nostalgia nem arrependimentos. Cliffside tinha sido a sua casa em menina, mas tinham acontecido tantas coisas más debaixo do teto do seu pai que a parte má apagara a boa.

Havia movimento na estrada e ela olhou de novo, viu uma carruagem aparecer no caminho, com uma homem a cavalo ao seu lado. Fitou-o, tentando adivinhar quem seria.

Os convidados atrasá-la-iam, o que era irritante. A sua chegada significava que não se podia apressar, por isso, demorou-se, não querendo ser grosseira, caso se tratasse de vizinhos ou seus conhecidos.

Durante um minuto, o veículo e o cavaleiro foram engolidos pelas árvores. Em breve voltaram ao seu campo de visão, agora muito mais perto, e, para seu espanto, o cavaleiro era Michael Scott.

A carruagem tinha um adorno elegante de lado, indicativo de uma família nobre, e uma bela loira vinha à janela. Olhava para ele e conversavam amigavelmente. Michael apontou para o pomar, para o parque, para os montes mais além. Parecia muito orgulhoso, como se lhe fizesse uma visita particular guiada.

O pulso de Maggie acelerou. O que se passava?

Michael fora chamado a Londres para uma emergência, algo tão importante que Ramsey Scott acorrera ao campo para o ir buscar. Maggie imaginara exaustivamente o que poderia ser – um incêndio no clube, a morte de um empregado, um horrível acidente –, mas sabia tão pouco sobre os factos quotidianos da vida dele que não podia especular com precisão.

Contudo, em nenhum dos cenários freneticamente imaginados o vira numa viagem de prazer com uma bela rapariga.

Foi pôr-se atrás da sua própria carruagem, a espreitar, a espiá-los. Até esse momento, esperara sinceramente que tudo ia correr bem. Imaginara um encontro tempestuoso em Londres, em que se zangariam e discutiriam, mas em que se dariam conta de que tudo não passara de um terrível mal-entendido. Tudo acabaria num beijo e num pedido de desculpas e Michael teria pena e haveria de a mimar com prendas como a uma rainha.

No entanto, tendo em conta a maneira como a loira olhava para ele – com uma expressão que era um misto de reverência e paixão –, Maggie foi obrigada a aceitar que todos os pormenores que julgara corretos acerca de Michael Scott eram na verdade mentiras.

Não tinham futuro juntos. O pedido que ela tinha a certeza de ter ouvido não era pedido nenhum. O que fora então?

– O que acha? – perguntou Michael à mulher.

– É encantador, senhor Scott. Eu diria que é mais bonito do que Stone Manor.

– Achei que ia gostar.

Sorriu para a mulher de maneira idêntica à que sorrira para Maggie durante os ociosos piqueniques à tarde. Ela achara tratar-se de um sorriso especial, que ele lhe fazia com ternura e consideração, mas aparentemente dedicava-o a todas as mulheres que encontrava.

– Quando saem os inquilinos? – exigiu ela saber.

– Dentro de seis meses – respondeu ele. – Negocieei recentemente o fim do contrato.

– Perfeito – exclamou a mulher. – Dá-me tempo para preparar a cerimónia.

Seis meses!

Maggie deixou-se cair contra a lateral da carruagem, fora da vista de Michael e da mulher. Os inquilinos a que ele se referia eram a família de Maggie. Estaria a oferecer Cliffsides à sua companheira? Tinha prometido a Maggie que seria misericordioso no que tocava a Cliffsides. Não podia dá-la! Pelo menos, sem que ela tivesse oportunidade de falar com ele sobre o assunto!

E os seis meses a que se referia?

Era o período do negócio ilícito de Gaylord. Seria desse período que Michael falava? Podia ser?

Maggie ouviu a outra carruagem parar, a porta abrir-se, o degrau ser baixado, a mulher ser ajudada a descer. Teria sido Michael a ajudá-la? Devia ter sido. Não havia ali criados.

– Vamos? – perguntou Michael.

– Sim, claro – respondeu a mulher. – Estou ansiosa por ver todas as divisões. Estou tão agradada.

– Fico muito contente por saber – disse ele.

Maggie inspirou fundo e dirigiu-se a eles. Quando o par seguiu para as escadas da porta da frente, ela estava no seu caminho.

A mulher era vários anos mais jovem que Maggie, talvez ainda adolescente. Era bonita e roliça, usava um espantoso vestido cor de lavanda que fazia sobressair o azul dos seus olhos, o ouro do cabelo. Todos os pormenores, até ao mais pequeno ponto do chapéu, falavam de riqueza e privilégio.

– Olá, Michael. – Maggie fulminou-o com o olhar, recusando encolher-se ou afastar-se.

Ao vê-la, ele fez uma careta, mas foi a sua única reação.

– Maggie, o que faz aqui?

– Eu podia perguntar o mesmo.

– Pedi-lhe que esperasse por mim.

– Bom, mas não esperei. – Voltou a sua atenção para a mulher. – Quem é a sua amiga? Podemos ser apresentadas?

– Ah...

Michael estava visivelmente atarantado. Duas fatias de vermelho escureciam-lhe as faces e tinha ficado sem palavras.

O silêncio reinava. Os pássaros pararam de voar. O vento deixou de soprar. Era como se a Terra tivesse deixado de girar sobre o seu eixo.

Maggie não suportava aquele desconforto e dirigiu-se à mulher.

– As maneiras do senhor Scott desapareceram. Sou Magdalena Wells e esta foi sempre a casa da minha família. Sou a noiva do senhor Scott.

A mulher empalideceu, após o que o seu olhar se tornou rude e insolente. Com ele percorreu o corpo de Maggie, avaliando o vestido, os sapatos gastos, o carrapito desalinhado. O seu desdém era evidente e insultuoso e era notório que tinha Maggie em fraca conta.

– É a sua noiva? – disse, bufando. – Isso não é possível.

– Como assim? – perguntou Maggie.

– Sou Lady Felicia Gilroy, e *eu* sou a sua noiva. Há imenso tempo. – Enfiou o braço autoritário no de Michael e sorriu para ele. – Vamos, querido. Mostre-me a minha nova casa.

Sem mais palavras, passaram por Maggie, que ficou paralisada. Se Lady Felicia tivesse sacado de uma pistola para matar Maggie, ela não se teria sentido mais ferida.

– Michael! – chamou ela, desesperada por obter algum tipo de explicação.

Ele olhou por cima do ombro.

– Falamos mais tarde – disse ele, mas só isso.

Subiram as escadas e desapareceram no interior de casa.

Os joelhos de Maggie fraquejaram e ela caiu no chão, aninhando-se no pó. Queria levantar-se de um salto e ir atrás deles, mas sentia como se os ossos das pernas tivessem derretido. Não se conseguia levantar, não conseguia falar nem pensar.

Ninguém correu em seu auxílio, embora o cocheiro da carruagem de Lady Felicia – que ouvira tudo – se tivesse inclinado e franzido a testa para ela.

– Está bem, menina? – perguntou, como um idiota.

– Ah sim, estou fantástica. – Ergueu-se nela uma histeria louca.

– Quer... ah... que eu vá buscar alguém?

– Não. Vá à sua vida.

Ele hesitou, depois bateu com as rédeas e os cavalos dirigiram-se ao celeiro.

Maggie ficou onde estava, sem ter noção do tempo decorrido.

A expressão *coração partido* tinha muitas vezes sido usada na sua presença. As pessoas partiam do princípio de que se tratava de uma expressão romântica, usada para descrever uma emoção intensa. Não compreendiam que se tratava de um estado físico, fatal e arrasador.

Acabou por chegar um criado. Era o que lhe tinha trazido a bagagem, que a conduziria à vila. Viu-a e correu para ela.

– Menina Maggie! O que aconteceu? O que foi? Chamo a sua irmã?

Maggie olhou para a casa onde tivera uma meninice feliz, mas não se lembrava do tempo em que nela aconteciam coisas boas.

Se lhe pedisse que fosse chamar Pamela, a irmã ficaria inquieta e arrastaria Maggie para o interior. Maggie teria de ter ficado na sala, a ouvir o senhor Scott mostrar a casa à noiva.

Se Lady Felicia era a noiva dele, o que era Maggie? A amante? A concubina? Seria o prémio dele, para ser usada e abusada para que Pamela e Gaylord pudessem ficar em Cliffside durante mais uns meses?

Anos antes, depois de Pamela ter anunciado que Gaylord a seduzira e que iriam casar, Maggie achara que aquele era o pior período da sua vida. Assumira que nada que pudesse acontecer a magoaria assim tanto. Enganara-se.

Olhou para o criado.

– Não, não chame a minha irmã. Eu... tropecei e caí. Só isso. Ajude-me a levantar.

Ele olhou, desconfiado, mas estendeu a mão e puxou-a, para que se levantasse.

– As minhas malas estão todas na carruagem? – perguntou ela.

– Estão.

– Então, devemos partir. Atrasei-me tanto que, se não tiver cuidado, perco a carruagem do correio que para na vila.

– Tem a certeza...?

– Tenho.

Continuava com os joelhos muito fracos, por isso permitiu ser levada para a carruagem e deixou que ele a amparasse para subir. Fez um sorriso tépido, tentando parecer meia sã, para que o criado não fosse a correr para dentro chamar a sua irmã.

Ele deixou-se ficar ali um momento, visivelmente preocupado.

– Estou bem, a sério. Vamos, se não atraso-me.
Ele subiu, gritou aos cavalos e levou Maggie.

– Tem uma visita, menina Wells.

A ajudante da cozinheira tinha batido à porta do seu apartamento e Maggie espreitou e perguntou:

– Quem é?

– Ele não disse o nome, mas gostaria de falar com a menina na sala comum.

Maggie ficou tensa. Tinha de ser Michael Scott e ela não suportava a ideia de se sentar a conversar com ele. Regressara a Londres há três dias e esperara que ele aparecesse, safado como era.

Era tão vaidoso. Queria falar dos pormenores humilhantes, queria *explicar*, mas nunca a faria compreender, nunca teria o seu perdão.

Ela expirou pesadamente.

– Diga-lhe que estou ocupada.

E estava. Dobrava as lindas roupas que ele lhe oferecera e que ela planeava doar à igreja.

A voluntária deixou-se ficar ali, nervosa, e Maggie perguntou:

– O que foi?

– Ele disse que subia, se não descesse. Parecia muito decidido.

– Ah sim?

O mau humor de Maggie explodiu e teve de admitir que era refrescante sentir outra coisa que não choque. Desde o seu regresso que andava por ali aos tropeções como se fosse cega, incapaz de se concentrar totalmente em nenhuma tarefa. Nem sequer se conseguia preocupar com a irmã.

Rebecca tinha ficado no apartamento de Maggie, tal como dissera a Pamela. Várias pessoas a tinham visto chegar, mas nenhuma a vira partir. Durante todo esse tempo, permanecera no quarto de Maggie e nunca se aventurara a sair. Ninguém a visitou, nem ela visitou ninguém.

Não havia contudo indício de que ali tivesse estado um minuto sequer. Fosse qual fosse o seu plano ao viajar para Londres, tinha acabado e ela fora-se embora. Não deixara uma carta de explicação. Simplesmente, entrara e saíra como se fosse um fantasma.

Maggie obrigara-se a escrever um bilhete de uma frase a Pamela, perguntando se Rebecca estava em Cliffside, mas não recebera resposta. Não podia fazer mais nada.

Sentia-se febril e doente, a sua mente seguia em desvarios como se estivesse a envelhecer e a ficar senil. Seria possível morrer-se de um coração partido? De vergonha ou arrependimento?

Era atormentada por perguntas agonizantes: porque era tão crédula? Porque era tão ingénua no que tocava aos homens? Estaria tão desesperada para ser amada que acreditava em qualquer história que um homem lhe contasse? Estaria tão desesperada para ser amada que não conseguia distinguir a verdade da mentira?

Devido à perfídia de Gaylord, decidira nunca mais sucumbir à paixão. Era essa a base de todas as suas decisões de adulta. Porque saíra então do caminho que escolhera para si? Porque deixara Michael Scott significar alguma coisa na sua vida?

– Eu trato disto – disse entredentes, e saiu dirigindo-se às escadas.

Estava tão zangada. A sua intenção era fazer uma descida tempestuosa, ordenar ao senhor Scott que saísse dali e da sua vida, mas, quando começou a descer, abrandou. Não sabia como ter aquela conversa. Tivera uma idêntica em tempos com Gaylord, e tinha sido horrível e vã.

Como se atrevia Michael Scott a fazê-la passar por aquela agonia? Como ousara aparecer onde não era bem-vindo?

Desceu as escadas. Para sua surpresa, não era o senhor Scott. Era Gaylord!

Ficou embasbacada ao vê-lo. Durante todos aqueles anos, depois de ter saído de Cliffside, ele nunca a visitara e, por um instante de ansiedade, perguntou-se se Rebecca teria sofrido um acidente e se ele estaria ali para a informar. Mas não. Não havia nele sinal de angústia. Se Rebecca estivesse em perigo, até um homem como Gaylord teria de demonstrar alguma emoção, não era?

Estava sentado num banco à mesa de jantar. Com o fato e o chapéu caros, a bengala com ponta de ouro, parecia distintamente deslocado, e estudava nervosamente o ambiente terrível, como se a pobreza pudesse descascar ali.

Ao ver Maggie, a sua expressão mudou, e ele parecia convencido e superior, como se tivesse um segredo ou como se lhe tivesse pregado uma partida. Fez-se um silêncio desconfortável e Maggie avançou para se sentar no banco à frente do dele.

– Porque está aqui? – perguntou ela. – É por causa da Rebecca?

– Não.

– Ela está bem?

Ele encolheu os ombros.

– Tanto quanto sei.

– Então, se isto não é acerca de uma das minhas irmãs, prefiro não falar consigo. Saia.

Gaylord sorriu e arqueou uma sobrancelha arrogante.

– Temos vários assuntos a tratar, nomeadamente o meu contrato com o senhor Scott.

Maggie estava tão zangada, que lhe apareceram uns pontos vermelhos nos cantos dos olhos. Se abrisse a boca, podia libertar chamas.

– Está a falar daquele maldito pacto na minha cara, Gaylord? Na minha cara?

– O senhor Scott está *muito* contente com o período de experiência.

– Cale-se.

– Porque abandonou a casa de campo? Creio que ele lhe disse para ficar, mas foi-se embora.

Maggie estava angustiada.

– Falou com ele?

– Claro. Temos um acordo e a Maggie é central em todos os termos.

– Vocês os dois tiveram a lata de falar de mim como se eu fosse... uma... porca de engorda?

– Ninguém anda a falar de si – disse ele, bufando. – Estamos apenas confusos com o sucedido. Vai voltar ao campo, ou quê?

– Não, não vou voltar.

– Mas ele está tão satisfeito! Concordou em deixar-nos ficar em Cliffside durante seis meses.

– Ele que se lixe.

– Não pode renegar. Está tudo acordado para satisfação de todas as partes.

– E que partes estão satisfeitas? – perguntou Maggie. – Presumo que se refira a si e ao senhor Scott, pois devo dizer-lhe que não estou nada satisfeita e, na minha perspetiva, sou a única pessoa que importa.

– Tem de continuar a fazer a sua parte.

– Com o senhor Scott?

– Sim. – A voz de Gaylord era agora sedutora. – Tem de ajudar a família, Maggie. Todos contamos consigo.

– O senhor Scott está noivo!

– E depois?

– Não posso ser a sua amante! Está prestes a casar com a filha de um aristocrata. Estiveram em Cliffside e, segundo parece, planeiam ficar a viver lá depois do casamento.

– Eles *julgam* que ficarão. Tem noção de que estou a trabalhar no sentido de recuperar a propriedade. Lady Felicia e o senhor Scott nunca farão desta a sua casa.

Maggie estudou os olhos traidores do cunhado.

– Quando fez o negócio com ele, sabia que estava noivo, não sabia?

– Bem...

– Sabia e continuou, mesmo assim.

– Eu ofereci-lhe casamento, que ele recusou, de modo que lhe ofereci uma opção diferente, e ele aceitou logo. Estava extremamente ansioso por tê-la.

– O que significa que o informou que estava noivo e não poderia casar comigo, mas que de bom grado me teria como amante.

– Sim, mas não faça um drama por isso. O noivado dele nada tem a ver consigo.

– Como pode dizer isso? Chame-me tola e ingénua, mas julguei que ele fosse casar *comigo*.

– Consigo! – Gaylord bufou, divertido. – O que a levaria a pensar uma coisa dessas? O senhor Scott é um rufia rico e imperioso e você é pobre como um rato de igreja. Ele pode ter qualquer rapariga que queira e Lady Felicia dá-lhe terra e navios de dote, além de entrada nas esferas mais elevadas da sociedade. Se ela lhe pode dar tudo isso, porque haveria ele de escolher uma solteirona pobre como você?

Gaylord não podia ter feito comentário mais cruel. Não era filha de um aristocrata, mas em tempos tivera um dote rico e bem abonado, e teria sido uma noiva fabulosa para um homem como Michael Scott.

Mas Gaylord tirara-lhe tudo e nunca mostrara uma ponta de remorso pelas catástrofes que perpetrara.

Maggie nunca percebera como podia uma pessoa ser levada a matar, mas, naquele momento, se tivesse uma faca, tê-lo-ia esfaqueado bem no meio daquele coração frio e negro.

– Vá-se embora – disse ela baixinho, estoicamente. – Vá-se embora e nunca mais volte aqui.

– Não vou até ter a promessa de que irá para a casa de campo do senhor Scott para completar a estadia de seis meses.

– Desgraça-se com essa sugestão, mas não esperava nada menos de si.

– Escute-me, sua bruxa – disse ele.

– Não. Há anos que o escuto. Estou *farta* de o escutar.

Ele agitou um dedo zangado debaixo do nariz dela.

– Se não der continuidade ao acordado, o que acontecerá às suas irmãs? Não me importa o que pensa de mim, mas então e elas?

– Não me atire isso à cara. Seja o que for que lhes acontecer, é tudo culpa sua e nunca mais me vai conseguir fazer sentir culpada.

Levantou-se, e ele também, de um salto. Gaylord tinha as faces ruborizadas e as veias do pescoço salientes.

– Vai ouvir-me e fazer o que eu digo – avisou –, ou, que Deus seja minha testemunha, irá arrepender-se do dia em que me conheceu.

– Já me mostrou como me pode fazer mal. Provou-me isso quando seduziu a minha irmã. Eu sobrevivi a essa calamidade, por isso creio poder sobreviver a qualquer catástrofe que lance sobre mim.

Maggie virou-se e começou a subir as escadas, e ele começou a gritar-lhe, ameaçando-a, com a voz troante a fazer eco nas vigas. A cozinheira e dois ajudantes do sexo masculino estavam na cozinha e acorreram para ver o que se passava.

Gaylord apercebeu-se da sua presença e os seus gritos pararam. Escondia sempre a sua verdadeira natureza, para que os outros não testemunhassem a sua verdadeira maneira de ser.

– É o meu cunhado – disse Maggie ao trio. – Está de saída e, se não sair, tragam, por favor, uns homens da rua para que o levem. E depois tranquem a porta, para que não possa entrar furtivamente quando estivermos distraídos.

Os olhos dos três dilataram de espanto, mas anuíram, e ela continuou.

Estava a tremer, não exatamente a chorar, mas caíam-lhe lágrimas pelas faces. Eram lágrimas de raiva e de pena, de fúria e vergonha, e ela esfregou-as com a mão.

E agora? E agora?

As palavras passavam-lhe pela cabeça.

A família dela estava destruída, a casa perdida, o fundo esbanjado e, sem ele, como poderia continuar com a missão de salvamento?

Calculava que podia ir pedir assistência financeira a Evangeline Drake, mas era humilhante ver-se na posição de pedinte junto da velha amiga. Na relação delas de antes, Maggie tinha sido rica e Evangeline órfã e um caso de caridade. Com as humilhações de Maggie a acumularem-se, não imaginava um encontro desses.

A única coisa que lhe restava era o orgulho e aquela provação até isso haveria de lhe roubar. Mas a quem poderia pedir, além de Evangeline?

Havia um sentimento geral entre os ricos de que os pobres eram merecedores do seu destino, de que ajudá-los incentivava-os à pobreza, por isso nunca conseguira juntar fundos suficientes para alcançar a segurança financeira.

Se a missão fosse fechada – aquela instituição benemérita que o vigário Sterns pessoalmente lhe confiara – o que faria ela? Cliffside estava perdida, de modo que nem sequer podia ir para casa.

Entrou aos tropeções no seu apartamento e continuou até à cama. A janela dava para o beco, e não para a estrada, por isso não podia ver Gaylord, mas olhou para fora mesmo assim, fingindo que o via montar o cavalo e ir-se embora.

Pousou a palma da mão no vidro da janela e enviou mil e um desejos ao céu, para que algo de bom acontecesse, para que um dia pudesse ser amada.

Tirou a palma e esfregou-a no meio do peito, onde o seu coração doía tanto que ela achava que podia até deixar de bater. As pessoas sofriam corações partidos e sobreviviam. *Ela* sofrera e sobrevivera, mas não sabia se iria sobreviver desta vez.

Atrás dela, a porta do corredor abriu-se e alguém entrou no seu apartamento. Ouviu passos na sua direção e franziu o sobrolho, perguntando-se quem poderia ser. Se fosse a cozinheira ou uma

voluntária, não suportava ter de receber a sua compaixão, e se fosse Gaylord... bem...

– Maggie?

Fez uma careta e virou-se, deparando com Michael Scott à sua porta. Por uma fração de segundo, todo o seu ser se inundou de prazer. Ansiava por correr para ele e lançar-se aos seus braços, por lhe dizer como estava triste, para que ele a acalmasse e reconfortasse. Mas enxotou esse sentimento com a mesma rapidez com que ele surgiu. Estava horrorizada com a sua fraqueza, chocada com a sua reação.

Ele estava noivo de outra mulher para em breve casar. Como se atrevia a visitá-la! Como se atrevia a irromper por ali dentro achando-se bem-vindo!

– Quem o deixou entrar? – perguntou ela, furiosa.

– Não estava ninguém lá em baixo, subi sozinho.

– O meu cunhado ainda estava na sala comum?

– Não o vi.

– O que quer?

– Achei que devíamos falar.

– Achou que devíamos *falar*? Sobre o quê? Não me ocorre um único assunto que devamos discutir. Tenho a certeza de que já dissemos tudo que era necessário dizer.

Ele deixou-se ficar, com ar constrangido e um pouco tímido, como se a perspectiva de se aproximar dela o deixasse nervoso. Poderia ser? Poderia o arrogante e imperioso Michael Scott estar envergonhado com o seu comportamento?

Porque haveria de estar? Atravessava a vida como uma bomba, arruinando famílias, destruindo vidas. Porque haveria de ficar incomodado com uma simples mulher, cujas esperanças foram defraudadas?

– Queria contar-lhe acerca da Felicia – disse ele –, mas não sabia como.

– Não mencione esse nome na minha presença.

– Porque não? Parece incomodada com ela.

– *Pareço* incomodada? Senhor Scott, nem faz ideia. Tem sorte por eu não ter pistola. Se tivesse, punha-lhe uma bala mesmo entre os olhos.

– Não punha nada – desdenhou ele, como se a fúria de Maggie não passasse de uma irritante crise de histeria feminina.

Viu a caixa em cima da cama dela, onde estivera a guardar os vestidos que ele lhe dera. Apressou-se a ir passar em revista o montinho bem dobrado.

– O que está a fazer com esta roupa? – perguntou bruscamente.

– Vou doá-la à minha igreja.

– Não pode dá-la. Foi um presente meu.

– Senhor Scott, dou-me conta de que isto vai ser um grande choque para si, mas eu não lhe pertencço. Não é meu irmão, nem pai, nem marido, de modo que não goza de nenhuma posição de autoridade. Se eu quiser doar esta roupa ou esfarrapá-la ou deitá-la na rua para a queimar, não é da sua conta.

Michael agarrou na caixa, dirigiu-se com passos pesados ao guarda-roupa e atirou-a lá para dentro. Depois virou-se e olhou-a, boquiaberto, como se ela fosse uma lunática.

– Porque está tão zangada? – Parecia surpreendido e sinceramente confuso.

Ela abanou a cabeça, repugnada.

– Tem o descaramento de me perguntar porquê?

– Tenho. Não percebo nada disto. Levei-a para o Ninho do Órfão, um lugar onde nunca estive com uma mulher. Estivemos juntos, brincámos e ficámos amigos. Fomos felizes lá, não fomos?

– *Você* foi feliz. Eu não.

– Não, está a mentir. Formámos uma ligação espantosa. Não estou enganado.

Avançou para ela, que se preparou como que para um assalto, e era uma espécie de assalto.

Era-lhe insuportável estar assim tão perto dela. Era como se ele emitisse um sinal secreto, um aroma que só ela detetava e que era demasiado delicioso para que lhe resistisse. Fazia-a querer agir com toda a ousadia que ele lhe pedisse.

Encostou-se para trás, pois precisava de colocar uns centímetros entre eles, mas tinha a parede atrás de si e bateu-lhe.

– Porque não ficou no campo? – perguntou ele. – Eu disse-lhe para ficar, e disse que voltava. Porque não esperou?

– Uma vez mais, senhor Scott, parece ter a impressão errada de exercer alguma autoridade sobre mim. Não exerce.

– Deixe de me chamar *senhor Scott*.

– Já não considero adequado tratá-lo por uma forma mais familiar.

Um músculo contraiu-se na face de Michael, que começava a ferver. Era tão intimidante que devia ser raro ver as suas ordens serem ignoradas. Sem dúvida que não fazia ideia de como reagir à insubordinação.

Tinha reputação no bairro de praticar represálias violentas, mas o que podia fazer se ela se recusasse a obedecer-lhe? Espancá-la? Mandá-la para a cama sem jantar?

Aquele idiota presunçoso era absurdo de mais para se descrever com palavras.

– Parece que hoje é o meu dia de receber visitas desagradáveis – disse ela. – Primeiro, o Gaylord, agora você. Não tenho qualquer vontade de socializar com nenhum dos dois, por isso vá-se embora e não volte.

– Você é minha – declarou ele. – Sabe disso. Durante seis meses.

– Não se atreva a mencionar esse negócio insultuoso.

– Mas... *você* concordou que aceitaria os termos. Ninguém a obrigou. Consentiu de livre vontade.

– Não é verdade.

– É sim! Tentei dissuadi-la, mas insistiu para que avançássemos. Quando partimos para o Ninho do Órfão, a Maggie sabia que eu tinha planos maliciosos para si. Sabia o que prometera fazer pelo Farrow e pela sua irmã. Não finja que foi enganada ou seduzida para se comportar de uma maneira que não queria.

Ela fulminou-o com o olhar, pois detestava que ele tivesse razão. Sim, viajara com ele por vontade própria. Sim, concordara com os termos, mas não falava a sério!

Maggie estava convicta de que ele tinha um carácter diferente daquele que exibia ao mundo, de que ele era na verdade bom, generoso e piedoso, em vez de cruel e horrível. Assumira que seria capaz de trazer esses honrosos traços à superfície para chegar a uma conclusão que não implicasse a sua ruína.

No final, sucumbira por estar tão enamorada e ela... *amava-o*. Pronto! Admitia-o. Apaixonara-se perdidamente, mas era evidente que ele não nutria nenhum afeto forte por ela.

Tinha sido tudo uma falsidade, todos os sórdidos pormenores, e ela nunca se perdoaria por ser tão ingénua. Nunca *o* perdoaria por não ser o homem que ela esperara que fosse.

– Nunca foi meu plano entregar-me a si – respondeu ela ferozmente.
– Pois não, mas mudou de ideias e fico contente com isso. Foi magnífico.
– Talvez tenha sido magnífico para si, mas aqui do meu lado é outra coisa completamente diferente.
– E como é?
– Usou-me para conseguir o que quer, depois partiu para Londres sem um adeus.
– Eu estava de regresso!
– Você estava em Cliffside! A mostrá-la à sua noiva.
– Está a ser ridícula. – Descartou o encontro, como se fosse coisa irrelevante.
– *Eu* estou a ser ridícula? – perguntou, furiosa.
– Sim. Segundo o meu acordo com o Farrow, tenho agora o direito de ficar consigo durante seis meses, mas de bom grado a manteria durante muito mais tempo, depois de expirado esse período inicial. Podíamos ficar juntos durante um ano. Talvez mais do que isso. Não me diga que não seria maravilhoso.

– A cada frase que diz, sinto-me mais e mais humilhada.

– De que está a falar? Mimei-a e bombardeei-a com presentes. Partilhei a minha casa e a minha vida. Como pode isso ser humilhante?

– Está noivo para casar! – gritou ela e afastou-o.

Ele afastou-se – porque quis, e não por ela ter força para o fazer –, deixando-a sair e ir para a sala. Aninhou-se atrás do sofá, usando-o como barreira para que ele não conseguisse aproximar-se tanto.

– Sim, estou noivo. – Irrompeu pela porta atrás dela. – O que tem isso?

– O que tem isso? – repetiu ela, zangada.

Gaylord fizera um comentário semelhante. Onde tinham aqueles dois desencantado uma lógica tão retorcida? Onde estava a sua moralidade? Era deste modo que o jogo mudava as pessoas? Ou seriam as avultadas somas de dinheiro que negociavam? Teriam sido corrompidos pela busca de riqueza e estatuto?

– Não quer falar sobre Lady Felicia – disse ele –, mas parece-me mesmo que devíamos.

– Muito bem. Falemos sobre ela.

– Ótimo. Vamos lá.

– Quando me levou para o campo já estava noivo dela?

– Já.

– Aproximava-se o seu casamento?

As suas faces enrubesceram.

– Bom, ainda não marcámos data.

– Passei a noite na cama consigo.

– Sim, e foi espetacular, por isso não compreendo todo este alarido.

– Vem-lhe à memória alguma parte dessa noite? Lembra-se da nossa conversa enquanto eu ali estava estendida, nua e desflorada?

– Lembro-me de todas as palavras.

– A sério? Então explique-me isto, porque não percebo como se pode ter esquecido.

– Esquecido do quê?

– Pediu-me em casamento.

– Não pedi nada! – respondeu fervoroso. – Não podia tê-lo feito!

– Pediu sim! – respondeu ela com o mesmo fervor. – Não me diga que não pediu. Disse que íamos

ficar juntos para sempre.

– E podemos ficar, sua pateta, enquanto formos felizes! Não precisamos de um estúpido pedaço de papel, uma certidão de casamento, para selar o nosso destino.

– Não é preciso certidão?

– Não.

– Viveríamos em pecado, fora dos limites da sociedade civilizada?

– Seríamos felizes! – Também ele gritava, como se um aumento de volume a fizesse compreender aquilo que ela parecia não compreender bem.

– Não seria sua mulher! Tem uma em fila à minha frente. Não reparou? Há outra mulher nesta fila, e não sou eu!

Fitaram-se longamente, separados por uma extensão vasta como o oceano e ela foi assolada por mil e uma dúvidas. Embora ele afirmasse que se lembrava nitidamente daquela noite inglória e ela também alegasse ter dela recordações nítidas, Maggie mentia.

Sentira-se tão assoberbada, mas salientavam-se duas observações. Como ela insistia que só continuariam até estarem casados, ele dissera: *Porque haveria de me querer? Eu seria um marido horrível*. Quando ela o pressionou para obter a resposta que procurava, ele disse: *Mas que raio? Porque não?*

Ele nunca a pedira em casamento, nunca declarara sentimentos fortes. Nunca lhe pediu que fosse sua noiva. Ele murmurara *porque não*, como se fosse um objeto descartável depois de ele se ter aborrecido dela.

– Não se referia a casamento, pois não – perguntou sombriamente entredentes. – Quando disse que íamos ficar juntos, estava a dizer que eu podia ser sua amante.

Ele encolheu os ombros.

– Era a única coisa que eu lhe podia oferecer.

Nada a teria magoado mais do que aquela frase.

– E o que eram as roupas novas? Pagamento pelos serviços prestados?

– Era *suposto ser* um presente. Para ficar bonita. Para que eu sorrisse sempre que a visse passear no meu jardim. É-me insuportável imaginar como a sua vida tem sido difícil. Gostava de a tornar mais fácil.

– Oferecendo-me *coisas*? Comprando-me roupa e convencendo-me a entregar-lhe a minha virgindade? Talvez até me desse também um bebé. Será um desses presentinhos por que devo esperar?

– A sua barriga não está a crescer.

– Agora é Deus? Como pode dizer isso?

– A sua barriga não está a crescer! – Anunciou ele como se um decreto universal se tratasse, tão notório e enaltecido que talvez ele se julgasse uma divindade.

– E se eu estiver de esperanças? – provocou ela. – O que farei?

– Virá ter comigo e... eu ajudo-a.

Demorou tanto tempo a dizer a palavra *ajudo-a* que ela quase foi em volta do sofá para o abanar até os dentes lhe rangerem.

– Sim – desdenhou ela –, aí está uma conversa que estou morta por ter. Vou ao seu clube de jogo para implorar aos seus criados que me deixem entrar para subir ao seu escritório privado, onde lhe implorarei pelo meu filho por nascer. – Fez um aceno para a porta. – Não se importa de ir embora?

Nunca na vida houvera homem mais obstinado, portanto, claro que não prestou atenção ao pedido dela.

– Porque se comporta assim? – perguntou ele. – Porque está a dificultar tanto as coisas?

– Porque estou de coração partido – disse ela com raiva. – Estou arrasada e a sua presença aqui está a dar cabo de mim. Porque está *você* a dificultar tanto as coisas?

Ele exalou um sopro de frustração.

– É apenas um casamento, Maggie. É irrelevante para si e para mim.

– Cale-se, Michael.

– *Ela* não significa nada para mim.

– Cale-se! Está a envergonhar-nos aos dois.

– É a mulher de quem eu gosto.

– Tem uma maneira esquisita de o mostrar.

– Tratei-a melhor do que qualquer outra mulher que conheço.

– Ah, que especial sou! – exclamou ela rispidamente, com ligeireza. – Se sou assim tão importante para si, cancele o seu noivado.

Ele fez uma careta.

– Não posso.

– Porque não? É muito simples. Vai no seu cavalo a casa do pai dela para lhe dizer que ama outra mulher e que se vai casar antes com ela. – Fez uma pausa, à espera de que ele dissesse que o faria, mas a careta dele ficou mais expressiva e disse simplesmente: – A menos que não me ame e nunca me tenha amado.

Ela esperou que ele discordasse, que lhe dissesse, nesse preciso momento, que tinha tido uma epifania emocional, mas ele não podia fazê-lo.

– Eu não amo ninguém – insistiu ele. – E nunca amei. Não está na minha natureza sofrer um sentimento assim tão enjoativo.

– *O amor* é um sentimento enjoativo? É isso que pensa?

– É o que sei.

– Então tenho muita pena de si... e da sua noiva.

– Não tem de ter. Vamos casar de olhos bem abertos.

– Porque haveria ela de querer dar seguimento a isso se não tem ternura da sua parte? O que espera receber?

– Está a salvar a família?

– De quê?

– Da ruína financeira.

– Ah... – Maggie refletiu. – Estou a ver.

– Está a ver o quê?

– O pai dela jogou os seus bens consigo.

– Sim. Julguei que a Maggie sabia. É do conhecimento geral aqui na cidade. – Fez um gesto com a mão, como se a destruição de mais uma família fosse irrelevante.

– E o Gaylord jogou Cliffside consigo.

– Sem dúvida.

– Tanto o pai dela como Gaylord ofereceram familiares mulheres para saldar as dívidas.

– Não para as saldar, mas para as reduzir.

– É isso que me humilha, senhor Scott. Lady Felicia fica com um anel, um marido e segurança financeira. O que consigo eu, para além de uns vestidos bonitos e um bastardo na barriga?

– Pare de dizer isso – disse ele, furioso.

– Por favor, comente a minha avaliação da situação, comparando-a com a de Lady Felicia. Ela fica com tudo, incluindo a casa que foi da minha família durante dois séculos... e com que fico eu?

Ele estava visivelmente perplexo com aquela pergunta e durante um período alongado pensou numa resposta. Por fim, ele respondeu com:

– Fica comigo... o tempo que quiser. Porque não chega?

– Não pode *chegar*, senhor Scott, porque sou uma mulher comum, muito normal. Quero uma aliança, um marido e a segurança financeira que os esposos dão.

– Maggie, podíamos ser tão felizes.

Parecia que a *felicidade* era chave para ele, o principal, como se nada mais importasse desde que ele fosse feliz.

– *Você* podia ser feliz com esse sórdido acordo – disse ela –, mas eu não.

– Portanto... está tudo acabado entre nós, assim sem mais?

– Sim, assim sem mais, embora lhe deva dizer que para mim acabou um pouco mais cedo. Creio que o rompimento foi final no caminho de acesso de Cliffside, quando a sua noiva se apresentou.

Maggie dirigiu-se à porta e escancarou-a:

– E agora é quase hora de servir o jantar lá em baixo, portanto estou muito atarefada. Pode ir?

Michael demorou-se, tentando arranjar uma maneira de a dominar, mas nunca conseguia. Tinha sido criado nas ruas, num mundo cheio de violência e imoralidade, de homens negligentes e rebeldes. Era evidente que ele não conseguia compreender uma mulher como ela, que queria estima, respeito e decência.

Lady Felicia podia ficar com esses benefícios, mas quando Maggie exigia o mesmo, ele desdenhava ridicularizando-a.

Acabou por se dirigir a ela, parou e deu um passo em frente, ficando tão perto dela que as biqueiras das suas botas ficaram debaixo da bainha do vestido de Maggie. Ela podia ter recuado, mas desconfiava que ele a intimidava intencionalmente, para lhe lembrar que era um homem duro, dominante e tirânico. Mas os tempos em que ele tinha a capacidade de exercer coerção sobre ela tinham acabado.

– Se não completar os seis meses – avisou ele –, a Pamela e o Gaylord terão de se mudar já. São esses os termos do acordo. Consegue fazer isso à sua irmã?

– Tal como disse ao Gaylord, não tenho qualquer vontade de os salvar.

– Eu podia obrigá-la a cumprir. Ele e eu temos um acordo por escrito.

– Podia *obrigar-me*? – Aquela ameaça maligna era tão insultuosa que ela ficou surpreendida por não desmaiar. – Como se atreve a falar comigo de maneira tão odiosa!

Deu-lhe uma bofetada com toda a força que tinha e ele podia tê-la evitado, mas nem se mexeu. Deixou-a ter a sua explosão, talvez achasse que merecia um pouco de censura. Maggie sentia um formigueiro na palma e via a sua marca na face de Michael.

Ele fitou-a, de olhos muito tristes e uma expressão que dava pena ver.

– Não devia ter dito aquilo – murmurou ele.

– Não, não devia.

– Nunca a obrigaria a fazer coisa nenhuma.

– Nem poderia, depois disto.

– Desculpe – disse ele. – Vou lamentar sempre isto.

Ele esperou, e depois um pouco mais, para que ela aceitasse o pedido de desculpas, mas ela recusou. Durante um doloroso instante, ocorreu-lhe que era a última vez que olhava para o belo rosto daquele homem. Era uma percepção detestável, embora ela não soubesse porquê.

Ele parecia prestes a fazer um comentário profundo de despedida e ela ficou tensa para se defender do que ali viesse. No fim, contudo, Michael virou-se e saiu.

Maggie fechou e trancou a porta, depois foi ao quarto espreitar de novo para o beco, para não ter de ouvir o som das botas dele a descer as escadas.

– Como foi? Quero ouvir os pormenores todos.

Bryce Blair sorriu para a irmã, Evangeline, e suspirou.

Após terem falado com Eugenie Etherton, depois de lhes ter enchido a cabeça aos dois com as suas histórias de uma linhagem perdida e de pais traídos, Bryce entusiasmara-se com a ideia de ter uma linhagem elevada.

Ao longo da vida, gabara-se de ter por pai um príncipe, e de ser também ele príncipe, em segredo. As pessoas diziam sempre que ele tinha um ar régio. Porque não alegar uma ascendência aristocrata? Quem poderia contestá-lo?

Durante um breve período, tinha sido emocionante supor que aquelas fantasias tinham um fundamento de verdade e apressara-se a ir à Escócia atrás dessa possibilidade. Na sua viagem para Norte, seguira com um propósito, decidido a entrar em Radcliffe para se dar a conhecer e para exigir explicações. Mas, quando regressou para Sul, no sentido de Londres, a sua inicial onda de entusiasmo esmorecera.

O que poderia ele alcançar se anunciasse ser Lorde Radcliffe?

Se acreditasse na história da menina Etherton sobre os seus pais – julgava acreditar –, o que poderia fazer em relação a isso? A família do pai estava presente na propriedade, eram inteiramente aceites como os seus ocupantes legítimos.

Se Bryce tivesse entrado de rompante para alegar a sua legitimidade, teria sido detido e perseguido com paus.

– Não é assim tão grande nem grandiosa – disse ele a Evangeline.

– Não diga isso! – protestou ela. – Tenho mil e uma visões retratadas na minha cabeça em que é o sítio mais bonito do mundo.

– Era um castelo.

– Um castelo! Meu Deus.

– Muito antigo, mas na taberna diz-se que foi remodelado e tem comodidades modernas.

– Chegou a entrar? – perguntou Evangeline. – Havia salas de visita públicas?

– Não. Mas é circundado por um belo lago. Observei-o de longe.

– Ah, seu cobarde – ralhou ela. – Teve medo de se apresentar.

– Não se tratou... propriamente de medo.

Ela perscrutou-o e riu-se.

– Tratou sim. Não desminta. Eu devia ter ido consigo. Teria agarrado as grades do portão principal a gritar os nossos nomes. Como se chama a entrada de um castelo? *Portcullis*?

– Qualquer coisa assim.

– Conheceu alguém da família?

– Não.

Ela suspirou de novo. Estavam em sua casa, em Londres. Bem, em casa do marido, a beber chá no

salão.

Bryce regressara há três dias e tinha acabado de reunir coragem para a enfrentar. Quando partira para a Escócia, tivera a certeza de que teriam um final feliz. Mas uma reflexão posterior fizera esmorecer o seu ardor.

O roubo da sua herança – se é que fora isso – acontecera trinta anos antes. Como podiam estabelecer a identidade dos dois? Sim, tinham uns pedaços de papel que certificavam um casamento, que mostravam o nascimento legítimo dele e dos seus irmãos, mas quem poderia assegurar que aqueles documentos não eram falsificados?

Tinham documentos antigos e a palavra da menina Etherton, mas o tio dela – que mantivera registo dos pormenores – estava morto. Quem daria ouvidos às palavras de Bryce? Quem se importaria? Era demasiado fantástico e se *ele* estava com dificuldades a aceitar a verdade, como conseguiria convencer os demais?

– O que se passa? – perguntou ela. – Foi a Radcliffe, que devia ter sido uma grande emoção para si, mas não está muito feliz.

Ele encolheu os ombros.

– Toda a viagem me incomodou.

– Em que sentido?

– Quanto mais me afastava de Londres, mais me parecia uma tarefa de louco.

– Achou que não iam acreditar em si?

– Não tentei fazer com que acreditassem em mim. Conseguia imaginar a reação dos atuais residentes de Radcliffe se entrasse por lá de rompante. Provavelmente, teriam achado que eu era um lunático. É tudo demasiado inverosímil.

– Para mim, não é – declarou ela, com lealdade. – Olhe o que descobri durante a sua ausência.

Dirigiu-se à escrivaninha e regressou com um jornal muito velho, de páginas amareladas pelo tempo. Apontou para um anúncio a uma nova comédia teatral que estreava em Londres.

Bryce leu o nome da peça.

– *A Caça Alegre da Viúva*. Será que me devia dizer alguma coisa?

– Sim. Olhe aqui para o fundo, para a lista de atores.

– *Célebre Atriz, senhora Anne Blair*. Mãe... – murmurou Bryce.

– Sim.

Era a primeira prova da existência dela que tinha em adulto e, de repente, era como se o fantasma dela estivesse ali. O som do riso alegre de Anne passou por ali, a sua voz profunda e rouca, perfeita para os palcos.

Uma memória introduziu-se. Estava sentada com uma espineta e bateu no espaço vazio ao lado de si no banco.

Sente-se comigo, meu pequeno lorde, disse-lhe ela. *Cante uma canção com a sua mãe...*

Arquejou e Evangeline perguntou:

– O que foi?

– Acabei de... de ter uma visão dela. Queria que eu cantasse com ela.

– E cantou?

Esforçou-se por se concentrar, por trazer aquela recordação de volta, mas ela sumiu-se.

– Tenho a certeza que sim. – E, surpreendido, perguntou: – Como encontrou este anúncio?

– Estive à procura na sua ausência. Eu disse-lhe que o faria.

– Não esperava que fosse bem-sucedida.

– Fui visitar os jornais, espreitar os arquivos. É tão fácil conseguir ajuda quando se tem o título tão público de *Lady* ao lado do nome. Toda a gente ajuda.

– Calculei que tivesse de haver um benefício em casar com o Aaron, *Lady* Run.

– Não sabe da missa a metade.

– Tropeçou em alguma referência ao pai ou à sua morte?

– Ainda não.

– Então e o julgamento e condenação da mãe?

– Por enquanto nada, mas descobri que há documentos navais dos presos que eram transportados.

Contratei alguns funcionários para passarem revista aos registos para ver se conseguem localizar o nome dela ou do navio onde foi transportada.

– Deve saber bem ter dinheiro para esbanjar em funcionários e pesquisas.

– Eu não lhe chamaria *esbanjar* dinheiro, mas, sim, é muito bom ser-se rico. Se tivesse de escolher entre ser rica e pobre, como fui a maior parte da minha vida, escolheria *rica*.

Ele riu-se, encantado com ela, como sempre. Ela tinha crescido num internato feminino e o seu encanto excêntrico haviam sido esmagados pela diretora austera e emproada. Evangeline tivera de esconder e ignorar constantemente as suas capacidades naturais, herdadas da bela e talentosa mãe.

Felizmente, o marido, Aaron, adorava a sua personalidade singular. Agora tinha liberdade para dar azo à sua extravagância. Sob o olhar adorador de Aaron, ela florescia, utilizava todo o seu potencial de maneiras que estavam interditas à maior parte das mulheres.

– Embora esteja a ser um chato – disse ela –, não vou parar de pesquisar.

– Não, não deve desistir nunca.

– Mas *você* perdeu o seu entusiasmo.

– Em parte.

– Oh, Bryce...

– Não imagino como poderíamos reaver a propriedade ou o título.

– Pode ser que fique espantado com aquilo que conseguirmos.

– Não fico nada, sua marota – provocou ele. – Vi como aplicou o seu charme sobre o Aaron. O desgraçado não teve hipótese.

– Pois não.

Ela abriu um sorriso, com malícia e uma expressão perigosa para o equilíbrio de uma pessoa.

Aproximava-se da idade que a mãe tinha quando fora enviada para a Austrália de navio, e, nas efêmeras memórias que Bryce tinha da sua mãe glamorosa e exótica, Evangeline era exatamente como ela. Não admirava que o pai não lhe tivesse resistido. Não admirava que se tivesse casado com a mãe apesar da insistência da família em contrário.

– Quero saber mais sobre a mãe – declarou ele – e os nossos dois irmãos. Quero prosseguir com isto.

– Eu também. E muito.

– Mas o resto, o título e afins...

A voz dele acabou num fio e ela terminou a frase por ele:

– Acha que não seremos bem-sucedidos, por isso não suporta fazer a tentativa.

– É isso.

– Mas que grande chato me saiu.

Ele corou de embaraço.

– É humilhante. Tenho de admitir.

Ela estudou-o, os seus olhos azuis penetrando bem fundo.

– O que se passa mais? É o meu irmão mais velho, ousado e intrépido. Nunca deixou que as dificuldades o dissuadissem.

Ele voltou a encolher os ombros, embaraçado por se sentir tão em baixo.

– Desde que descobri tudo isto, sinto-me perdido. Já não sei quem sou.

– Nunca soube. Era um órfão sem passado e sem ligações.

– Mas tinha... umas memórias dos nossos pais. Atormentavam-me.

– E agora que são mais do que memórias? Agora que há mais por detrás delas?

– Tenho muita pena de tudo o que perdemos, mas também de como as coisas podiam ter sido.

Ela estendeu a mão e bateu na dele.

– Isso é compreensível, Bryce.

– Não encaixo na vida que construí para mim.

Era jogador e ator ocasional, que atuava onde podia, que jogava quando achava que podia ganhar e que estava sempre aflito por dinheiro. Desde que descobrira a sua verdadeira história que se sentia perdido, como se as atuais atividades fossem demasiado frívolas.

– O que quer dizer com isso? – perguntou ela.

– Sinto que devia fazer mais ou *ser* mais do que sou.

– Tem razão, meu irmão! – concordou ela, furiosa. – É conde de Radcliffe. Não devia ter de cantar para pagar uma refeição.

– Mas sou bom no que faço.

– Pois é. Somos os dois... graças à nossa mãe maravilhosa.

– Não voltarei a cantar – anunciou ele mais abruptamente do que era sua intenção. – Estou farto... pelo menos no futuro próximo.

– Porquê?

– Vou-me embora de Londres?

– Embora?

– Sim. Está decidido, por isso não me tente dissuadir.

– Mas é claro que *tentarei*. Acabei de o encontrar. Não tenho grande vontade de que desapareça daqui.

– Não vou desaparecer – prometeu ele. – Será mais uma viagem lenta até ao pôr do Sol.

– Vai abandonar o país?

– Vou.

– Para ir para onde?

– Para seguir os passos do meu pai.

Ela ficou horrorizada, de boca aberta.

– Aventuras?

– Sim. Vou descer o Nilo, em África.

– Está a brincar.

– Não. Partimos dentro de duas semanas.

– Tão depressa? Nunca referiu qualquer interesse nessas empresas tão perigosas. Quem lhe pôs essa ideia doida na cabeça?

Alguns conhecidos meus estão a financiar uma aventura e, quando ouvi falar nisso, senti o sangue a correr veloz.

– O sangue do nosso pai, talvez.

– Talvez. O Chase Hubbard já se inscreveu. Pediu-me que me juntasse a ele.

– Chase Hubbard! Vou matá-lo e, se não conseguir pôr as mãos à volta daquele pescoço esguio, vou pedir à irmã que o faça por mim.

Chase Hubbard era amigo de infância de Bryce. Amelia, a irmã, fora professora com Evangeline nos anos antes de ela se tornar Lady Run.

A vida de Chase lembrava a de Bryce em quase todos os sentidos. O pai era um conde francês, a mãe, a sua amante. Quando o pai morreu, não recebeu nenhum acordo financeiro, nem herança, nem reconhecimento. Ficou à deriva no mundo, tal como Bryce – apenas com a irmã, Amelia, no centro de tudo.

Como companheiro de aventuras em África, Chase seria provavelmente a melhor e a pior escolha. Era despreocupado quanto bastasse para avançar e participar, mas selvagem o bastante para se meter em grandes sarilhos quando lá chegasse.

– De onde surgiu isto? – perguntou ela por fim.

– Terei de experimentar algo de diferente... se ficar aqui, enlouqueço.

– Quero que fique.

– Não posso.

– E a mãe? E os nossos irmãos?

– Encontre-os por mim durante a minha ausência. Deixe-me vir para casa sabendo que os encontrou e que estão sãos e salvos.

* * *

– Concordámos casar.

– Você concordou. Eu não. Não propriamente.

Ramsey fulminou Rebecca com o olhar. De repente, ela recuava nos seus planos para se casarem e, se continuasse assim, o que haveria ele de fazer com ela? Tinham fugido de Londres numa rápida tentativa para se casarem, mas ela recuara, o que ele considerou um desenvolvimento hilariante.

Ele era um solteiro convicto, por isso, parecia que devia ser ele a levantar problemas. Mas ela era mimada e palerma e começava a pensar se não conseguiria arranjar um melhor desenlace para si. E provavelmente teria conseguido – no passado.

Já tinha decorrido o tempo em que ela podia ter arranjado um marido rico. Era muito bela, mas com o seu dote esbanjado, não era lá grande partido. Ele era rico o suficiente para os dois, por isso não lhe importava que ela fosse pobre.

– E se estiver de esperanças? – perguntou ele.

Ela estremeceu, perplexa com a pergunta dele.

– Porque haveria de estar?

– Rebecca, temos fodido como coelhos – lembrou-lhe ele cruelmente.

– Oh! E como saberia, se estivesse.

– Se estivesse o quê? De esperanças?

– Sim.

– Pareço-lhe uma parteira? Como hei de *eu* saber? Isso é suposto ser uma informação em posse das

mulheres, não dos homens.

– Julguei que havia sinais.

– E há. – Pensou por um momento. – Os seus períodos param.

As faces dela ficaram a arder.

– Não acredito que estou a meio de uma conversa com um homem em que ele me diz a palavra *períodos*.

– Anda a par com o território carnal, minha querida. Se se quer portar mal, deve ser capaz de falar sobre as partes do seu corpo.

Estavam num quarto da casa de campo de Michael. Estavam nus, ele estendido na cama e Rebecca a andar de um lado para o outro. Estava à espera de que ela se acalmasse, para que pudesse acontecer algo de interessante, mas ela estava mais virada para se agitar.

Passavam por ali quando Rebecca sofreu uma crise de nervos. Michael e a irmã dela, Magdalena, estavam de volta à cidade, por isso a casa estava vazia e Ramsey achou que podiam parar ali para se recompor. Com a vantagem acrescida de Michael nunca esperar que Ramsey estivesse no Ninho do Órfão, portanto o amigo nunca ali iria caso se sentisse instado a fazer uma busca.

Os criados conheciam Ramsey. Já lá tinha ficado com Michael, por isso não se mostraram excessivamente curiosos quando ele irrompeu por ali dentro com uma mulher não identificada. Não esclareceu a presença dela, nem a sua, mas claro que o pessoal compreendeu que Ramsey estava a ter um caso ilícito.

– Os meus períodos não são muito regulares – referiu ela.

– Então, não faço ideia do que lhe dizer, mas está disposta a arriscar ter um bebé sem marido? Como se sustentaria? Como o explicaria aos vizinhos?

– Podia dizer que sou viúva e que o meu marido era um soldado que foi morto na guerra.

Ele revirou os olhos.

– Acha que vai ser a primeira pessoa metida nesse imbróglio?

– Não há maneira de prevenir que haja bebé? Ouvi uns rumores entre as mulheres. Insistiam que era possível.

– Há algumas *maneiras* de o evitar, mas geralmente têm de ser praticadas antes de um homem jorrar para um ventre em mais de uma dúzia de ocasiões diferentes.

– Oh!

– Está a ser ridícula nesta matéria? – ralhou ele.

– Estou? Não o conheço de todo e dei-me conta de que tenho um pouco de medo de si.

– Que raio de altura para se aperceber de que tem medo de mim.

– E se não for rico? Disse-me que era, mas e se não for?

Era uma pergunta justa. Ele era um célebre mentiroso, que tinha crescido nas ruas más de Londres. Um rapaz nesse ambiente depressa aprendia a sobreviver e mentir era a menor das transgressões.

– É um bocadinho tarde para se queixar ou arrepender – respondeu ele.

– Melhor tarde que nunca.

– Se eu não for rico, imagino que esteja bem lixada, mas não está já, de qualquer maneira? Se não saltar para a minha carruagem, o que fará?

– Não faço ideia.

– Não creio que tenha opções para além de mim. Podia levá-la para o clube do Michael e convencê-lo a contratá-la como prostituta. Podia dar referências das suas qualidades.

– O Michael Scott dá emprego a prostitutas?

Ficou tão chocada que ele se riu.

– É um clube esqualido e de má fama, Rebecca, onde os homens fazem apostas e fingem que não são casados com as suas mulheres chatas. Claro que tem prostitutas.

– Já conheceu alguma?

– Se conheci? Minha querida, sou eu que as monto para saber se vale a pena contratá-las.

Ela parou e fulminou-o com o olhar.

– Nunca sei se está a dizer a verdade.

– Então, nunca se vai fartar de mim, não é?

Ele estudou-a, pensando em como o corpo dela era belo, como uma escultura que podia estar em exibição num museu. Era esguia, mas roliça nos sítios certos, e tinha uns seios empertigados e bem cheios, assim como um traseiro perfeito para preencher as mãos inquiridoras de um homem. E era tão linda.

Ramsey nunca planeara casar, mas quando se deteve na ideia depressa se habituou a ela e não queria contemplar a hipótese de não a ter por noiva.

Começava a achar que o lamentaria para sempre caso não fosse capaz de a convencer a casar, mas não sabia porque era assim. Ela era esquivada como uma gralha, inquieta e mimada e muito difícil de agradar, mas, que raio, como ele gostava de tentar!

– Venha cá, Rebecca. – Deu uma palmadinha no colchão.

– Não gosto desse brilhinho nos seus olhos. Quando olha assim para mim, consegue sempre convencer-me a fazer coisas que não devia fazer.

– Ótimo, agora venha cá.

– Porquê?

Ramsey levou os dedos ao sexo, esfregou-o umas vezes e ele cresceu até um tamanho impressionante. Era ela uma mulher imoral e relaxada, tinha as melhores características das rameiras e o seu interesse foi logo espicaçado.

– Quero ensinar-lhe um truque engraçado.

– O que é?

– Pode fazê-lo com a boca, em vez de estar para aí a conversar.

– Como assim?

Fez um gesto para que ela se aproximasse e, devassa como era, ela obedeceu. Com aquele crescente de curiosidade sexual, ele mal podia acreditar que ela não tivesse já dado à luz uma dúzia de bebés.

– Suba para a cama.

– Talvez... se me disser o que me espera.

– Lamba-me com a língua.

– Com a língua!

– Da raiz à ponta. Quando chegar acima, sugue-me este pau todo dentro da boca.

Ela olhou-o de cima com uma excitação horrenda e fascinante. Acabou por dizer:

– Já ouvi falar disto.

Ele bufou.

– Para uma rapariga que nunca foi casada, conhece muitos rumores que não devia conhecer.

– Se não escutasse atrás das portas, como podia descobrir? Não é coisa que se possa perguntar às

irmãs.

– Isso é verdade.

Ela deslizou para o colchão, montou-se em cima dele e por fim inclinou-se e passou a língua como fora instruída a fazer. Ele agarrou-lhe o pescoço e segurou-a no lugar até ela o fazer por várias vezes. Depois, ele sugou-a por entre aqueles seus lábios róseos e enfiou a língua umas vezes, devagar e bem fundo. Ela afastou-se e ele deixou-a sentar-se.

– Isso foi mesmo... perverso – murmurou ela.

– É uma tática de puta, por isso achei que haveria de ser do seu agrado.

O olhar preguiçoso dele percorreu-lhe o tronco e o coração parecia inchar-lhe no peito. Ocorreu-lhe que, palerma embeijado que era, tudo faria para ficar ao lado dela.

– Não temos de nos casar – disse ele. – Se não é isso que quer.

– Continuaríamos assim?

Ramsey encolheu os ombros.

– Porque não? Não há ninguém para se queixar. E se levantarmos suspeitas, podemos mentir e dizer que somos casados há anos.

– Sentia-me mais confortável assim... para já.

Ele apercebeu-se de que ela estava ansiosa com o que pusera em marcha. Reparava muitas vezes que ela ponderava se devia fugir enquanto ele não estava a olhar. Por um lado, gostava da segurança de uma relação com ele, por outro, planeava a sua fuga para o caso de ele acabar por se revelar perigoso ou indigno de confiança.

Mas não havia volta a dar. Ele avisara-a, mas era difícil explicar factos a uma mulher que não escutava.

Imaginou-a seguindo aos tropeções para Cliffside, desgraçada, de bebé. Gaylord Farrow compreenderia logo o que lhe tinha acontecido e provavelmente iria pô-la na rua e trancar a porta.

O único caminho que Ramsey conseguia conceber era fazer sexo com ela o mais que pudesse. Mais tarde ou mais cedo, haveria de haver um bebé e ela estaria apanhada.

– Ponha outra vez a boca em mim – disse ele.

– Gosta?

– Claro que gosto. É o mimo preferido de qualquer homem.

– Então, o melhor é eu praticar até saber fazer bem.

Ela inclinou-se e dedicou-se à tarefa. Ramsey sorria para o teto, pensando que a sua vida nunca poderia ficar melhor do que naquele momento.

* * *

– Senhor Farrow!

Ao ouvir o seu nome, Gaylord quase nem se virou. Seguia pesadamente a animada rua da cidade, de mau humor e sem vontade de conversar. Como habitual, a teimosia de Maggie estava a dar cabo dos seus planos. Ainda assim, as boas maneiras venceram e ele virou-se para ver quem o chamara.

Era a criada de uma senhora, que se encontrava junto de uma carruagem ornamentada. Para sua surpresa, a senhora da criada – Lady Felicia Gilroy, filha de Lorde Stone e noiva de Michael Scott – acenava-lhe da janela.

Nunca tinham sido apresentados, por isso ele não fazia ideia como sabia ela quem ele era, mas sentiu orgulho por aquele reconhecimento e a sua mente fazia já cálculos furiosos, tentando descobrir

uma maneira de usar isso em seu benefício.

– Lady Felicia. – Fez o seu sorriso mais encantador e dirigiu-se a ela. – Ainda não tive o prazer e sinto-me extremamente lisonjeado pelo seu reconhecimento.

– Espero que não me considere demasiado ousada – disse ela.

– De modo nenhum. O que posso fazer por si?

– Pode dar-me um minuto do seu tempo?

– Certamente.

Um criado saltou para junto deles para ajudar e Gaylord subiu para a carruagem, sentando-se à frente dela. A criada saiu para lhes dar privacidade, o que estimulou a curiosidade de Gaylord.

O que poderia Lady Felicia querer?

– Fiz algumas pesquisas – começou ela – e fui informada de que é o atual ocupante de Cliffside.

– Bom... sim, é verdade.

– Estive de visita no outro dia. Julgo ter conhecido a sua esposa, a senhora Farrow?

– Sim, ela falou-me nisso. Sentimo-nos honrados com a sua visita.

– O meu noivo é Michael Scott.

Gaylord sorriu com falsa satisfação.

– É um velho amigo, muito chegado.

A testa dela enrugou-se e ele percebeu que, fosse o que fosse que ela procurasse, começava a ter dúvidas. Afinal, uma mulher do seu estatuto nunca se baixava a um encontro com um desconhecido.

Gaylord fez uma expressão bondosa, de simpatia.

– Fiquei chocado com o seu chamamento. Em que posso ajudá-la? Suplico-lhe que me confie o que possa ser. Estou às suas ordens, minha senhora.

– Tenho de lhe fazer uma pergunta – aventurou ela.

– O que seja. – O seu tom era obsequioso, bajulador.

– Posso confiar na sua discrição, senhor Farrow? Gostava de discutir uma situação deveras delicada, e ninguém pode saber que o fiz. Por exemplo, não poderia ser que se soubesse... ah...

– Sou a discrição em pessoa, minha senhora, e nunca revelaria os seus assuntos. – Fez uma jogada, lançou os dados. – É sobre o senhor Scott? Ele e eu somos muito chegados. Como posso aliviar as suas preocupações?

– Não é sobre ele. É sobre... bom... um estranho encontro que tivemos em Cliffside.

Se a Pamela disse alguma coisa estúpida, mato-a!

– Que espécie de encontro?

– Quando chegámos, havia uma mulher no caminho de acesso. O seu nome era Magdalena Wells.

Maggie! Que raio! O que fez ela agora?

– A Maggie é minha cunhada. Incomodou-a?

– Sim?

– De que forma?

– Apresentou-se-me como sendo a noiva do senhor Scott.

– Noiva? – questionou Gaylord bufando. – Todos sabem que o senhor Scott está noivo de *si*. A Maggie é doida varrida. Sempre foi.

– Tenho de admitir que, quando aconteceu, eu não sabia o que pensar. E fiquei demasiado constrangida para perguntar ao senhor Scott.

– Compreendo perfeitamente.

Ela mordeu o lábio inferior.

– Então... ela não tem relação com ele?

Gaylord pensou em Maggie, no seu incessante desdém e condescendência. Culpava-o por todos os pequenos passos em falso e estava farto dela. A sua recusa em continuar a situação com Michael Scott era enervante e Gaylord avisara-a de que se vingaria, mas nunca esperou que a oportunidade surgiria tão depressa.

– Posso ser franco com a senhora, Lady Felicia? – perguntou suavemente.

– Sim, por favor.

– A Maggie mudou-se para a cidade há alguns anos.

– Mudou-se... sozinha?

– Na verdade, foi expulsa pelo pai. – Inclinou-se e murmurou: – Tem uma moral muito lassa.

– Meu Deus.

– Gere uma missão de beneficência.

– Ajuda... os mais desfavorecidos?

– Sim... bem como algumas outras tarefas mais dúbias.

– Que absurdo.

– Foi o que sempre achei. Trouxe uma grande vergonha à nossa família. – A sua expressão era cada vez mais piedosa. – Perguntou-me se tem alguma *relação* com o senhor Scott.

– Se não está noiva dele como disse, que ligação existe entre eles?

– Lamento, mas é demasiado indecorosa para os ouvidos de uma donzela.

Ela ponderou durante uma eternidade, esforçando-se por perceber que espécie de relação indecorosa teria uma mulher com um homem. Por fim, arquejou, afrontada.

– É sua amante?

– É. – Como que sofredor, explodiu: – Ah, é tudo muito chocante. Teve uma educação decente e honrada. A sua transformação é inexplicável, mas o senhor é muito ousado. É fácil de ver porque haveria ela de se sentir ligada a ele.

– E o senhor Scott? Ele... ama-a?

– Loucamente, minha cara. Com paixão. – Gaylord comprimiu os lábios. – Não lhe devia ter dito, mas é melhor saber, não é? Não prefere saber que tem uma adversária feroz? Nutrir essa suspeita haveria de consumi-la.

– Ele ama-a! – repetiu ela, com uma expressão de espanto e raiva.

– E a senhora está prestes a ser sua esposa. Pobrezita! Terá de se bater valentemente pela atenção dele. – Suspirou. – Queria contar-lhe. Muitas pessoas queriam, mas ninguém sabia como.

– Há quanto tempo dura o caso deles?

– Imenso. O estabelecimento dela fica ao fundo da rua do clube de jogo do senhor Scott. Ela vive no bairro, de modo que estão sempre juntos.

– Juntos? Vivem às claras em pecado?

Ele encolheu os ombros.

– Como lhe disse, estávamos todos desejosos de lhe contar. Que jovem noiva quereria começar a sua vida de casada num lamaçal destes?

– Deveras! – Olhou para o colo.

Gaylord suspirou de novo.

– Oxalá houvesse alguma maneira de a calar e de a tirar daquele bairro. Não sai das garras do

senhor Scott, mas se o estabelecimento fechasse, ela seria forçada a partir. A desgraça da nossa família teria fim, mas eu não tenho autoridade para encerrar aquele lugar.

– Se ao menos houvesse alguma coisa que *eu* pudesse fazer... – murmurou ela.

– Sim, ou talvez alguém influente, como o pai da menina, que tem assuntos com o senhor Scott. – Astutamente, como tratando-se de um pensamento tardio, acrescentou: – É aviltante que ela procure raparigas para ele. Tem de ser travada.

O olhar de Lady Felicia ergueu-se para o dele.

– Ela o quê?

– Não gostava nada de a envolver nisso. Se for sua esposa, fará de si cúmplice, não é assim?

– Isso é... é... repugnante.

– A missão de salvamento é apenas um pretexto para ajudar os que estão em baixo. Quando aparece uma rapariga bonita, ela informa o senhor Scott e a rapariga acaba a trabalhar no clube.

– A trabalhar... em quê?

– Uma vez mais, minha senhora, não devo discutir esses negócios devassos com uma donzela solteira como a menina.

– Imagino que não.

Ela parecia bastante infeliz e ele mal se continha para não sorrir.

Está feito o meu trabalho!

– Talvez não devesse ter partilhado estes assuntos horríveis – disse ele.

– Não, não. Ainda bem que falámos. Fico satisfeita por saber.

– Nem imagino como será difícil para a menina depois de se casar com um homem como o senhor Scott... de tão baixa reputação.

– Será muito difícil – admitiu ela bravamente e os seus olhos marejaram-se de lágrimas.

– A Magdalena podia destruir tudo antes que a menina tivesse sequer oportunidade de ser feliz com o senhor Scott. Mas a Maggie é vaidosa e mimada. Agarra o que quer sem consideração pelos danos provocados nos outros. Não mostra piedade. Isso lhe garanto.

– A menos que seja obrigada a sair da vida dele – disse ela, refletindo. – Se ela fosse eliminada enquanto tentação para o senhor Scott, não me poderia fazer mal.

– É bem verdade, minha senhora.

Gaylor estendeu a mão para a porta e um criado atento reparou e foi abrir-lha.

– Se puder ajudá-la mais – ofereceu Gaylord –, não hesite em contactar-me.

– Não hesitarei.

Com um floreado, Gaylord ofereceu-lhe um cartão de visita, depois saiu para a rua e foi-se embora a assobiar.

A sensação, quando ocorria, era sempre muito estranha.

Michael estaria a meio de uma conversa qualquer comum, depois entrava num estado onírico, como se tivesse ficado inconsciente. Só que não entrava num vazio negro.

O lugar para onde ia era cheio de cor, de luz e som. Via tudo como se olhasse através dos olhos de outro homem. E era sempre o mesmo homem. Aquilo acontecera desde sempre na vida de Michael e, na verdade, quando era pequeno, eles comunicavam através de uma linguagem estranha e inventada que só os dois compreendiam.

Seria a outra pessoa um anjo? Um fantasma? Porque estava Michael ligado a ele, ou à coisa, de uma forma tão estranha? Quando as visões esmoreciam, ficava confuso e triste e perguntava-se se não estaria louco. Se não sofria de um pouco de demência, como podia explicar aquilo?

Não foi diferente desta vez.

Estava dentro do outro homem – aparentemente, um soldado – a estudar o meio envolvente. Montado num belo cavalo, via a manga vermelha de um uniforme onde a mão agarrava as rédeas. O homem estava há anos no exército e sentia-se à vontade no dorso do animal. Era um dia de verão, o céu estava azul, a temperatura era quente e amena, as árvores formavam um manto verde que dava sombra ao bonito caminho.

Havia árvores de fruto de ambos os lados e, à sua frente, uma grandiosa casa em cima de um monte.

Ali está, disse outro soldado à sua esquerda. *O que lhe parece?*

Michael sentiu o ombro subir e descer. *Serve, creio.*

Isso mesmo, seu sacana cheio de sorte.

Michael estava ciente de inúmeras emoções. Vaidade. Espanto. Preocupação. Exaustão.

Viajavam há semanas, a viagem estava quase a terminar, mas não os esperava a paz. Haveria lutas e disputas e o homem odiava discussão e não as toleraria. Subiu à superfície uma pequena onda de mau humor, mas que foi contida.

Credo, Jes...

Como podes ter pensado em renunciar a tudo isto, Matthew? Tens a certeza de que estamos no sítio certo?

Matthew...

O nome dizia algo a Michael e ele tentou sair da cadeira, mas estava paralisado e incapaz de respirar.

Matthew, Matthew, Matthew...

– Senhor Scott? Senhor Scott!

Michael abanou a cabeça, pois a realidade regressava, vingativa.

Estava no seu clube, sentado a uma mesa de jogo, com uma rameira sedutora e quase nua sentada no seu colo. Três outros homens estavam sentados a essa mesa com ele e fitavam-no, tentando avaliá-

lo com nervosismo... como se tivessem acabado de se dar conta de que era louco.

Ramsey era o único que sabia daquelas aparições e isto porque Michael as experimentava com tanta frequência quando estavam a crescer. Ramsey achava que Michael era uma espécie de fantasma que podia habitar outros corpos, mas se era de facto um fantasma, não era muito eficaz. Não tinha qualquer capacidade para influenciar as ações do outro.

– O que foi? – perguntou bruscamente, muito desagradado por tê-los a olharem para si naquele momento de confusão.

Teria falado em voz alta durante aquele episódio? Ramsey dizia que às vezes falava. Se Michael tivesse gritado durante aquele estado catatónico, o que poderia ter dito?

– Sente-se bem, senhor? – perguntou, cautelosa, a rameira.

– Estou ótimo.

– Planeava apostar? – Ela gesticulou para a pilha de moedas. – É a sua vez.

Ele nem sequer levantou as cartas.

– Estou fora.

Os outros homens olharam uns para os outros ansiosamente, sem saber se deviam continuar ou parar. Havia tanto em jogo. Michael apostara até às quinhentas libras, o que era um desenvolvimento chocante.

Raramente jogava e, quando jogava, era quantias pequenas. Se arriscava mais, era por o parceiro ser um idiota e Michael ter intenção de fazer batota e lhe tirar tudo quanto tinha.

Mas Michael estava de mau humor, bebia, jogava e, em geral, fazia uma fraca figura. Ramsey tinha ido para Dover e não estava presente para refrear as piores tendências do amigo.

– Podem continuar – insistiu para os outros jogadores.

Ainda assim, eles não começaram e um perguntou:

– Tem a certeza?

– É só dinheiro – respondeu ele. – Para mim não é nada perder um bocado.

Os outros recommçaram, mas com o humor dele a degradar-se, era como ter um elefante sentado à mesa. Era impossível de ignorar. Não tinha feito a barba, não tinha comido. Tinha a roupa em desalinho, estava mal-arranjado.

Como se encontrava muito perto dos rufiões da sociedade, vestia-se sempre melhor, tinha melhor aspeto, portava-se melhor e era mais esperto do que a maioria. Mas num futuro próximo, não queria saber. As pessoas tinham noção de que alguma coisa acontecera que o desorientara e especulavam sobre o que poderia ser, mas ninguém se atrevia a meter o bedelho.

Ramsey era o único que podia ter feito perguntas. Só Ramsey podia consertar o mal ou, pelo menos, acalmar a fúria de Michael, mas Ramsey estava ausente justamente quando Michael mais precisava dele.

Um criado tocou-lhe no ombro e Michael fez uma careta.

– O que foi?

O homem inclinou-se e murmurou:

– Está ali uma mulher para falar com o senhor.

Ele olhou para a porta, surpreendido por ver Magdalena no átrio. Usava um dos seus vestidos cinzentos, trazia o cabelo arranjado num carrapito que não a favorecia. Podia muito bem ser uma governanta de mau feitio, uma freira de capuz. Tinha os olhos frios e magoados, fingindo não reparar na rameira que estava no colo dele.

- O que quer ela?
- Quer falar com o senhor. Diz que é urgente.
- Urgente? – desdenhou ele.
- Não é a senhora da missão de salvamento? – perguntou a rameira.
- É. Provavelmente, veio aqui ler umas passagens da Bíblia sobre pecado e maldição.

A rameira riu-se e o criado perguntou:

- Digo-lhe que o senhor está ocupado?

Michael deixou que o seu olhar ocioso atravessasse a sala ao encontro dela, exalando desprezo.

Não estava interessada numa relação? Descartara o que florescera entre eles? Bom, que fosse para o inferno!

Estava contudo curioso em relação às razões que ali a teriam levado. Durante o último encontro entre os dois, ela tinha sido muito clara na opinião que dele tinha. Outros homens, mais fracos, podiam ter sofrido e ficado enraivecidos com a rejeição, mas não Michael. Toda a sua vida tinha sido uma experiência de perda e coração partido. Nunca sofria. Nunca lamentava o seu destino.

Por um breve instante, perguntou-se se ela o teria vindo informar de que estava grávida, mas desconfiava que seria cedo de mais para saber e esperava que não fosse esse o caso. Recusara a ajuda dele e ele de bom grado a deixava em paz. Um bebé viria complicar as coisas, obrigá-los-ia a terem contacto.

- Eu falo com ela – resmungou. – Leve-a para o meu escritório. Diga-lhe que vou lá ter quando estiver em condições.

Fulminou-a com o olhar, ficando a observar o criado acompanhá-la escadas acima. Quando ela passou pela mesa de Michael, pôs a mão no seio da rameira e esta, bem treinada como era, projetou o peito para lhe dar mais acesso. Começou a beijá-la e continuou até Maggie sair do seu campo de visão, depois afastou-se e ajudou a rameira a levantar-se.

Ela fez beicinho e tentou pôr a mão à volta da cintura dele, mas ele afastou-se e dirigiu-se ao bar para emborcar uns copos de uísque. Demorou-se ali até ter a certeza de que Maggie estaria furiosa, depois dirigiu-se às escadas e subiu.

Entrou no escritório sem bater, irritado ao dar-se conta de que ponderava se *devia* ter batido, se devia ter sido mais cortês.

Ela que vá para o diabo, pensou, fumegando. Não a queria ali, embora revelasse grande ousadia em tê-lo visitado.

Estava sentada numa cadeira à frente da secretária e ele passou por ela para se deixar cair na sua. Havia um decantador de uísque junto do seu cotovelo. Serviu-se de mais um copo e, fitando-a rudemente por cima do rebordo, pôs-se insolentemente à vontade, cruzando as pernas nos tornozelos.

- O que posso fazer por si, menina Wells? O segurança disse que era urgente, por isso concordei vê-la. Mas confesso que não me ocorre um único assunto que seja necessário discutirmos.

Em vez de responder, ela perguntou:

- O que se passa consigo?
- O que se passa? Nada. O que quer? Desembuche e, por favor, seja breve.
- Está doente? Aconteceu alguma coisa? O que foi?
- É surda, menina Wells? Estou bem. Diga o que tem a dizer e vá-se embora.

Ela gesticulou para a camisa de Michael, aberta revelando a maior parte do peito.

- Está... desarranjado.

– Sem dúvida, embora me ultrapasse que assumo que os seus comentários são bem...

– E está bêbado.

– E depois?

– Nunca o tinha visto bêbado.

– Como não me conhece muito bem e não passou muito tempo comigo, não teria muitas oportunidades de me ver num estado de embriaguez, que, asseguro-lhe, é frequente e agradável.

Estava a ser um idiota. Reconhecia-o, mas o que esperava ela?

A estada no Ninho do Órfão não tinha significado nada para ela. Portanto... também não significara nada para ele. Às vezes, conseguia mesmo ser um sacana frio e cruel. Ele estava habituado a sê-lo. Era bom nisso e exasperava-o que ela se sentisse à vontade para aparecer ali a criticá-lo.

– Está aborrecido comigo – disse ela.

– Eu, aborrecido? O que a leva a pensar isso? – Atirou o copo para o canto da divisão, fazendo-o estilhaçar na lareira de carvão que lhe aquecia o escritório no inverno.

Maggie franziu o sobrolho, mas não fez nenhum som nem se sobressaltou.

– Não se comporte assim. Somos amigos, não somos? Detesto vê-lo tão zangado.

– Menina Wells, age de acordo com a impressão errónea de que tem o direito de entrar aqui para me criticar. Não tem. Encontrou-me num estado que não aprova, mas, se não gosta, pode sair.

As faces dela ganharam um belo tom rosáceo. Era evidente que ele a melindrara, mas Michael recusou comover-se. Ela não queria uma ligação a ele, e portanto não a teria. Não sentira um afeto significativo, e se ele sentira, então o quê? Não era um rapaz verde de coração partido pela sua primeira rapariga.

As mulheres não valiam um tostão furado. Ia ultrapassar aquilo. Ultrapassava sempre.

O silêncio reinou e tornou-se incómodo; por fim, ela murmurou:

– Preciso da sua ajuda.

– Não me sinto inclinado a ajudá-la.

– Não tenho mais ninguém a quem pedir.

Aqueles belos olhos azuis dela eram a perdição dele. Nunca conseguia olhá-los e permanecer indiferente.

– De que se trata? – Ficou revoltado ao ouvir-se fazer a pergunta.

– A minha irmã, Rebecca, fugiu com o Ramsey Scott.

Michael tinha a certeza que percebera mal.

– Ela o quê?

– Fugiu com o Ramsey Scott.

– Como assim, *fugiu*?

– Ao que parece, fugiram para casar.

– Para onde? Para a Escócia?

– Sim.

Maggie sacou de uma carta e pousou-a na secretária, para que ele pudesse ler as palavras que a irmã tinha escrito. Michael ficou por terra com a novidade e fez uma careta, a fúria vinda ao de cima.

Ramsey dissera que ia a cavalo até Dover para tratar de um carregamento de bebidas alcoólicas que tinham contrabandeado em França, mas mentira acerca do destino e Michael nem queria acreditar.

Ramsey abandonara a Inglaterra com a menina Rebecca? Ramsey casara-se com ela sem nada dizer

a Michael? Ramsey avançara sem pedir a opinião ou a bênção de Michael? Ramsey prosseguira com aquilo apesar de Michael o ter avisado especificamente para se afastar de Rebecca Wells?

Michael não sabia qual dos pecados era o maior e estava praticamente tonto de tentar discriminar as suas diversas afrontas.

– A Rebecca veio à cidade enquanto eu estava no campo consigo – explicou Maggie. – Ficou na missão sem o meu conhecimento ou autorização. Quando regressei já ela tinha partido, sem qualquer informação acerca do seu paradeiro. Tinha esperança de que ela estivesse em Cliffside.

– É claro que não estava – disse ele com mais veneno do que era necessário.

– Escreveu-me este bilhete, mas tinha caído debaixo da cama. Acabei de o encontrar.

– E o que espera exatamente que eu faça? – Verificou a data no topo do bilhete. – Passou mais de uma semana desde a partida.

– Será que pode... ir atrás deles por mim?

– Não.

– Por favor. – As lágrimas marejavam-lhe os olhos.

– Se acha que umas quantas lágrimas me vão comover, está redondamente enganada.

– Resta-me tão pouco na vida. A Rebecca e a minha irmã, Pamela, são tudo o que tenho. Perdemos Cliffside e não sei se conseguirei manter a missão aberta.

– Porque não?

– Tinha um fundo para cobrir os meus custos, mas...

Não conseguiu terminar a frase, por isso ele terminou-a por ela.

– O Gaylord desbaratou-o.

– Sim.

Ela olhou para o colo, como que embaraçada, como se o comportamento hediondo de Farrow fosse culpa sua.

Desde o seu regresso à cidade, desde que ele fora ter com ela de coração nas mãos e ela o mandara embora, sentia um grande desânimo.

O desprezo dela mexera com Michael de maneiras que ele não compreendia, mas gostava de a imaginar ao fundo da rua, gostava de assumir que podia passar pelo edifício dela e vê-la ir ao mercado. A ideia de ela *não* estar ali, de a missão fechar e ela se ir embora era extremamente alarmante.

Estava para lhe dizer que ela não podia ir embora, que *ele* iria pessoalmente financiar a maldita missão para assegurar que ela continuava no bairro, quando ela disse:

– O Ramsey Scott não pode ter boas intenções em relação à Rebecca.

Michael encolheu os ombros.

– Provavelmente não.

– Será que ele a levaria para a Escócia? Casaria com ela?

Michael encolheu novamente os ombros.

– Provavelmente não.

– Vai atrás deles? Pode detê-los, por mim?

– É tarde de mais, não lhe parece? Imagino que não reste muito da castidade ou reputação da sua irmã.

Maggie levantou-se da cadeira e contornou a secretária, caindo de joelhos e agarrando-lhe as mãos como fizera na visita anterior. Ele olhou com agravo. Era de mais.

– Imploro-lhe, Michael. Sei que é capaz de encontrar o seu amigo, que o pode trazer à razão.

– É provável que conseguisse encontrá-lo – admitiu ele a resmungar, sem saber bem se conseguiria.

– Se alguma vez signifiquei alguma coisa para si, se alguma vez...

Ele não suportava o final que aquele comentário poderia ter e disse:

– Levante-se, Maggie. Levante-se. Escusa de implorar.

Agarrou-lhe o pulso e fê-la levantar-se, avisando-a com relutância:

– Eu vou à procura deles. Vou trazê-los de volta.

– Obrigada.

– Quando os localizar, não sei o que fará com ela depois. E se se casaram? E se não casaram e ele simplesmente a desgraçou? Que situação seria a pior?

– Vejo isso quando ela regressar a casa, onde deve estar.

– Está bem. – Michael detestava tê-la assim tão perto, agarrou-lhe os braços e afastou-a. – Agora vá e, por favor, não torne aqui. – Ela ia contra-argumentar, mas ele acrescentou apressadamente: – Mando notícias quando as tiver.

– Agradeço.

– Vai estar na missão?

– Sim, vou estar na missão.

Ele anuiu, mas de repente sentiu-se assoberbado pela terrível ideia de que podia ir a correr para a Escócia e de volta a Londres, para encontrar a missão fechada e Maggie desaparecida.

Mil e um cenários de pânico passaram pela cabeça dele e, absurdamente, quis apertá-la contra o peito e gritar: *Não me deixe! Fique comigo para sempre!*

Engoliu aqueles sentimentos completamente desadequados que ansiava por expressar e foi invadido por uma sensação de alívio quando ela se foi embora, por uma vez na vida, obedecendo-lhe.

* * *

Maggie chegou à porta e, embora se ordenasse a si mesma que partisse, não podia fazê-lo. Sentindo-se ingénua e ridícula, virou-se para o enfrentar. Mas porquê demorar-se ali? Porquê prolongar a sua angústia? Era uma tortura estar na presença dele. Porquê ficar ali e piorar as coisas?

Desde que soubera do noivado de Michael, desde a discussão tão violenta que o seu mundo estava virado do avesso. Sentia-se febril e doente, confusa e desequilibrada, como se o chão lhe escapasse debaixo dos pés e ela não conseguisse manter-se direita.

Na noite anterior, quando dava voltas na cama, ocorrera-lhe gradualmente que esperava que ele entrasse furtivamente no seu quarto para lhe dizer que lamentava, que não tivera intenção de nada daquilo. Ficara à escuta, à espera dos passos dele nas escadas, da sua mão na maçaneta. Mas claro que ele não veio e ela sentiu-se esmagada pela desconsideração, o que era uma palermice.

É evidente que lá no fundo ela tinha uma sombra de dúvida sobre se devia tê-lo deixado, tão óbvia era a sua insanidade. Não havia outra explicação, mas ela acreditava genuinamente que se não tornasse a vê-lo, a sua vida não valeria a pena.

Não percebia por que razão ele não cancelava o noivado com Lady Felicia para se casar antes com ela. Era obstinado. Porque haveria de persistir com Lady Felicia, quando aquela união era tão insignificante para ele? Era muito rico, não precisava da riqueza que Lady Felicia lhe traria.

Dissera vezes sem conta que o seu objetivo era a *felicidade*. Porque haveria então de enxotar Maggie por causa de uns navios e de umas terras? Se procurava contentamento e Maggie lho dava, porque não ficava com ela? Porque não escolhia Maggie em detrimento de Lady Felicia?

Maggie reconhecia que a sua vaidade estava em jogo. Uma vez antes estivera apaixonada para lá da razão e depois perdera. O mesmo acontecera de novo e ela não era capaz de fazer sentido daquilo.

Porque seria tão pouco suscetível de ser amada? Parecia decidida a provar que ele estava enganado, a demonstrar o erro dele ao escolher outra. Mas e se o conseguisse convencer a casar com ela? Depois de todo o mal que ele lhe infligira e à sua família, porque o queria? Seria louca?

– O que foi? – perguntou ele ao vê-la hesitar.

– Eu... não sei.

– Eu disse que a ajudava com a sua irmã.

– E estou-lhe grata.

– Ótimo. Agora vá-se embora.

– Não quer...

A sua voz tornou-se um fio ao dar-se conta de que ela não sabia o que *queria* e, se não tinha a certeza, como podia esperar que ele tivesse uma resposta?

– Não quero o quê? – perguntou Michael bruscamente.

– Que... tivéssemos um final diferente?

– Não. Dei-lhe todas as oportunidades, mas recusou-as.

– Julguei que gostava de mim. – Sentiu vergonha ao dizer aquilo, como se lhe implorasse uma côdea de afeto.

– E gostei, mas isso nada significou para si e eu não sou o tipo de homem que sofre e se arrepende. Ofereci-lhe o que podia oferecer e atirou-mo à cara. Já a ultrapassei.

Como podia ele prosseguir alegremente? Ela afundava-se em remorsos, tentando perceber como gerir os restos de afeto que ele nela suscitara, mas ele não parecia incomodado por tudo ter ruído.

O olhar de Michael era duro e frio, a sua expressão era pétrea, não dando qualquer indicação de que fora o homem engraçado e encantador que se deleitara com ela no campo.

– Tenho a certeza de que a nossa separação é pelo melhor – disse ela tepidamente.

– Também eu.

Michael avançou para ela e, por um momento, ela ficou tensa, julgando que ele a podia tomar nos seus braços, que poderia partilhar umas palavras de conforto e compaixão. A sua mente era um turbilhão, debatendo-se se gostaria ou não que isso acontecesse.

Antes de poder decidir, ele passou por ela e abriu a porta, escancarando-a. Fez um gesto para que ela saísse, indicando que estava despedida, e por isso era inútil demorar-se ali, mas, apesar de tudo o que acontecera, ela ficou congelada no lugar.

O criado que a acompanhara estava no corredor à espera e, quando os viu, ficou alerta, quase como um soldado.

– A menina Wells está de partida – disse o senhor Scott. – Acompanhe-a.

O homem fez um gesto para as escadas. Maggie hesitou, sentindo que ficara muita coisa por dizer, mas não era verdade. Tinham percorrido o seu caminho até àquele final amargo.

– O que acontecerá agora à minha irmã Pamela?

– As circunstâncias da sua irmã não são da minha conta. Sugiro que pergunte ao seu cunhado.

– Terá de se mudar imediatamente?

– Sim.

Maggie tinha na ponta da língua dizer-lhe que ele podia ter o seu caso, que ela o aceitaria, que salvaria Gaylord e Pamela uma última vez, mas não foi capaz. De novo, não. E tinham sido sempre horríveis com ela, porque haveria de pensar sequer nisso?

Foi obrigada a endurecer, a desenvolver a sua espinha dorsal, a impedir que o mundo inteiro a pisasse como se fosse um capacho.

– Adeus – disse ela.

Também lhe podia ter dito adeus, mas limitou-se a anuir. Empurrou-a para o corredor e fechou a porta. Fez rodar a chave na fechadura, como o suíno que era. Tratou-se de um gesto particularmente grosseiro que era rude e desnecessário e ela esteve a uma unha negra de cair por terra, de lhe dizer que ele era o maior asno que ela alguma vez conhecera.

Mas se respondesse na mesma moeda, estaria a rebaixar-se ao nível dele e iria envergonhar-se mais ainda, então, porquê portar-se assim? Ele provavelmente nem sequer repararia.

O criado disse:

– Menina Wells? Não se importa de me acompanhar?

Ela virou-se e começou a andar.

– O que acha de o marido dela ser tão obsequioso?

Michael não escutava Felicia e, quando reparou que ela tinha feito uma pergunta, fez uma careta. Ela também; estava de má cara, fulminando-o com o olhar como se ele fosse um bárbaro que ali entrara por engano, ou talvez um ladrão prestes a fugir com as pratas.

Estavam na sala de música de Lorde Stone, apinhada de gente para um concerto que estava prestes a começar.

Michael não queria estar de novo em casa de Lorde Stone, não queria socializar com Felicia. A festa era mais uma gala de noivado que a mãe organizara – como se uma interação frequente com Michael o tornasse mais aceitável para os seus amigos presunçosos.

Já devia ter abandonado Londres para ir à procura de Ramsey e Rebecca Wells. Mas depois do recente encontro com Maggie, estava mais destrambelhado do que nunca. Não se conseguia concentrar nem focar, portanto, deixar a cidade para ir atrás da irmã rebelde tinha sido impossível.

Partiria a cavalo pela manhã – isto se conseguisse clarificar as ideias – e não tinha pressa de localizar Rebecca Wells. Conhecia Ramsey há mais de vinte e cinco anos e não havia maneira nenhuma de a menina Wells ainda ser virgem. Para quê apressar-se a encontrá-la? O mal estava feito e não podia ser reparado.

– O que disse? – perguntou a Felicia.

– A mãe convidou Lady Run para atuar e ela aceitou sem consultar previamente o marido.

A expressão carregada de Michael intensificou-se.

– Está chocada por ela ir atuar sem o marido lhe ter dado autorização?

– Estou.

– Tenho a certeza de que o mundo continuará a girar como sempre.

– Se eu quisesse cantar, não teria de pedir a sua permissão?

– Porquê essa curiosidade? Vai cantar? Não me apercebi de que era um dos seus talentos.

– Não é, mas tenho curiosidade em saber até que ponto será permissivo comigo.

– Não serei sua ama-seca, Lady Felicia. Desde que não faça compras até fazer de mim um mendigo, pode comportar-se como entender... a não ser que a veja a confraternizar com figuras manhosas.

– De que está a falar?

– Quando cheguei, estava no jardim a sussurrar com um rufião chamado James Blaylock.

Ela pestanejou e ficou muito quieta, dizendo:

– Não faço ideia do que quer dizer com isso.

– Boa tentativa, Felicia, mas ele é uma serpente na relva. Tenha cuidado para não ser mordida.

– Está a mandar em mim? – perguntou ela, desdenhosa.

– Nesta matéria? Absolutamente.

A resposta dele incendiou-a e podiam ter explodido numa discussão acesa, mas o espetáculo ia

começar.

Michael era mais alto do que a maior parte dos homens naquela sala, por isso, podia espreitar por cima da multidão para onde Lady Run estava de pé. Um homem loiro estava sentado ao pé do instrumento para a acompanhar.

Parecia que estava ali a maior parte de Londres, os convidados estavam apinhados e claro que Michael chegara tarde, por isso não estava ciente da presença de Lady Run. Analisou-a, avaliando o seu belo cabelo loiro, os grandes olhos azuis.

– É uma cantora famosa? – perguntou ele.

– Muito famosa. Nunca ouviu falar dela?

– Não. Não passo muitas noites em *soirées* musicais.

– Quem perde é o senhor Scott. – Os lábios dela estavam comprimidos, como se chupasse picles amargos. – Arrebatou Londres.

– Quem? Lady Run?

– Sim, senhor Scott, e, por favor, preste atenção. – Exibia uma animosidade pouco habitual. – É irritante quando o senhor me ignora.

Estavam à beira de mais uma discussão, mas ele não estava interessado o suficiente em saber porque estava ela aborrecida. Se ficasse demasiado espinhosa, partiria. Não percebia porque se dera sequer ao trabalho de aparecer ali, mas Lady Stone mandara-lhe uma dúzia de lembretes e ele estava demasiado exausto para declinar as chamadas persistentes.

– Quem é o homem da espineta? – perguntou. – É Bryce Blair?

– Sim, o irmão dela. Foram separados em pequenos, mas ninguém sabe porquê.

Felicia continuou a falar, mas as suas palavras eram apenas um zumbido sonoro nos seus ouvidos. Por alguma razão, sentia-se tão tonto que mal se segurava em pé. Era como se lhe tivessem espetado um alfinete. Uma visão antiga ensombrou-lhe a visão e surgiu uma pergunta na sua cabeça.

Como está o meu pequeno lorde? Como está o meu pequeno lorde?

Viu um homem grande e vibrante a rir e a atirar um menino loiro ao ar. Michael também era pequeno e contemplava aquele alegre espetáculo, a sorrir e de mãos dadas com outro rapaz. Estaria de mãos dadas consigo mesmo? Estaria a olhar-se ao espelho? Ele e o outro rapaz sussurravam na sua linguagem inventada.

Chegou a casa! Chegou a casa!

Michael foi arrancado àquela alucinação perturbadora pelos dedos de Bryce Blair nas cordas. Lady Run começou a cantar, com a sua voz vibrante e robusta a fazer eco nas vigas do teto.

A desorientação de Michael surgiu de forma alarmante e o seu ponto de vista foi estreitado como se observasse Lady Run através de um túnel escuro. Ela estava ao fundo, rodeada por uma auréola de luz. Não conseguia recuperar o fôlego e teve medo de cair redondo no chão.

– Mãe...? – A sua voz era estranha, como de menino e não de homem, e estendeu a mão para Lady Run, procurando-a.

– Mãe! – desdenhou cruelmente Lady Felicia. – Não é a sua mãe, senhor Scott. É Evangeline Drake. É Lady Run. O que se passa consigo? Está doente?

Saiu aos tropeções para não desmaiar onde todos o pudessem ver, percorrendo o corredor num estado de pânico cego. Depois de tropeçar e tatear durante algum tempo, encontrou uma porta que dava para a varanda das traseiras. Espreitou para fora, sentindo-se como um náufrago que vem à superfície da água. Encostou-se à balaustrada a olhar as estrelas. Estaria doente? Felicia fez-lhe essa

pergunta e ele pensou que podia ser pior do que isso. Pensou que podia ter perdido a cabeça.

Demorou-se ali, aterrorizado com a perspectiva de um asilo. As pessoas eram encarceradas por menos do que isso. Seria que devia pôr termo à sua infelicidade e entregar-se a um? Seria essa a resposta?

De súbito, Felicia estava ao seu lado e ele quase lhe gritou que o deixassem em paz. Não sentiria a maldita rapariga que ele estava desesperado por ficar sozinho?

Teve de se recompor para depois sair e ir para casa. Tinha de beber uma generosa quantidade de álcool até ficar entorpecido para a seguir cair num sono ébrio e levantar-se de madrugada para ir depressa para a Escócia.

Porque estava ele em mais uma das ridículas festas de noivado de Lady Stone? Até agora, detestara-as a todas e, se passasse muito mais tempo com Felicia, começaria a odiá-la também a ela. Ia sempre apenas por educação, para a deixar acostumar-se a si, mas não queria saber se ela se acostumava ou não.

– Quando disse que parecia doente – referiu ela –, estava a brincar. Mas não me parece bem e decidi vir ver como estava. Como se sente.

– Estou ótimo.

– Tem a certeza? Treme como varas verdes.

– Estou ótimo! – repetiu, mais cru.

– Não gosta de ouvir Lady Run a cantar?

– Foi fantástica, Felicia. Pare de me importunar.

Ela bufou, ofendida.

– Escusa de ser grosseiro.

Ajuda-me, Senhor.

Esforçando-se por manter a calma, obrigou-se a sorrir.

– Não precisa de ficar aqui comigo. Volte para dentro. Vou ter consigo dentro de uns minutos.

Ela ficou incrivelmente ofendida e pareceu-lhe jovem de mais para estar noiva. O que estava ele a pensar ao unir-se a ela? Quando fizessem sexo, seria como estar com uma criança.

– Não o via desde Cliffsides – observou ela.

Ele encolheu os ombros.

– Tendo andado ocupado.

– Pois, anda sempre ocupado, não é?

– É por isso que sou rico, Felicia. Eu ganho a vida a *trabalhar*, ao contrário de algumas pessoas que conheço. – O desdém dele era evidente, fez um gesto de cabeça indicando a mansão do pai dela.

– Preciso que me explique uma coisa – disse ela.

– De que se trata?

Em vez de o esclarecer, acrescentou:

– Imagino que não devesse perguntar-lhe, mas estou ansiosa por saber.

– Bom, pergunte. Não posso garantir que lhe responda de forma a satisfazê-la, mas sem dúvida que tentarei.

– Isto é difícil para mim.

– O quê? Fazer-me perguntas?

– Tenho noção disso.

– O meu pai ordenou-me que avançasse e eu estou a tentar lidar bem com a situação.

– Está a ser fantástica.

– Então... – Respirou fundo, como se fosse saltar de um penhasco elevado. – Fale-me da Magdalena Wells.

Ele franziu tanto a testa que ficou com dores.

– A menina Wells? Porque se preocupa com ela?

– Estava à sua espera em Cliffside naquele dia.

– Não estava à minha *espera*. Não faço ideia porque estava lá.

– É sua amiga?

Michael hesitou, pensando em como descrever Maggie, dizendo por fim:

– Não tenho amigas senhoras.

– Está convencida de que é sua noiva. Ouvia muito bem.

– Ela é doida.

– É?

– Como podia eu estar noivo de duas mulheres ao mesmo tempo? Porque me meteria num imbróglio desses?

– Concordo. Porquê?

Michael estudou a expressão zangada de Felicia, os punhos cerrados e os ombros quadrados. Estava pronta para a batalha, mas ele não tinha paciência para discussões. Estava demasiado perplexo com Lady Run e o irmão.

– O que é isto? – perguntou ele. – Porque se apoquenta com ela?

– Falei com Gaylord Farrow.

O sangue de Michael começou a ferver.

– Falou?

– Parto do princípio de que conhece o senhor Farrow? Não o nega?

– Não, não nego, mas seja o que for que ele lhe disse, não deve acreditar.

– A sério? – desdenhou ela. – E porquê?

– Porque é um aldrabão. Primeiro, o James Blaylock, agora o Gaylord Farrow. É louca por falar com homens tão vis e espero por Deus que não estivesse a sós com o Farrow. Se o repetir, terei de dar uma palavra ao seu pai.

– Não tente intimidar-me, senhor Scott. Não é meu marido. Ainda.

– Não, não sou, mas conheço um sacana quando vejo um... e a menina obviamente não.

Ela empertigou-se bem, mas era baixa.

– Proíbo-o de voltar a encontrar-se com a menina Wells.

Ele soltou uma gargalhada desdenhosa.

– Proíbe-me?

– Pode ser que tenha de casar consigo. Pode ser que não tenha escolha, mas não começarei o nosso casamento com a sua... concubina ao seu lado.

– A minha concubina?

– Sim.

Tinha na ponta da língua dizer-lhe que fosse passear, mas ela era jovem e muito inexperiente. Ainda assim, não a ia ter a dar-lhe ordens.

– Lady Felicia... – começou.

– Não seja condescendente. Quando usa esse tom de voz, é porque se prepara para falar comigo

como se eu fosse uma criança. Tenho dezoito anos, sou sua noiva e quase sua esposa. Fale comigo com o respeito e a deferência que me deve ou não fale de todo.

Ele ainda não lhe vira este aspeto do seu carácter. Felicia crescera com uma colher de prata na boca e, aparentemente, via-o como estando ao mesmo nível dos criados. Seria por causa do seu sangue inferior? Acaso presumia que ele acederia servilmente a ser repreendido? E logo por uma mulher!

– Como queira, Lady Felicia. Falarei consigo como a mulher adulta que é.

Ela baixou a cabeça, num gesto régio.

– Agradeço.

– Permita-me que deixe um facto bem claro.

– De que se trata?

– A minha vida pessoal nunca será assunto seu.

Ela era mais enérgica do que ele julgara.

– Não me estou a meter nos seus assuntos privados. Estou apenas a informá-lo daquilo que tolerarei e do que não tolerarei. *Não* terá amantes. Outras mulheres poderão aceitar essa humilhação, mas eu não.

Michael ignorou o comentário e continuou:

– Não tenho nenhuma relação afetiva com a menina Wells.

Felicia mostrou desdém.

– Dizem-me de fonte segura que o senhor tem há anos uma ligação com ela, que persiste. Insisto para que termine esse caso. Peço-lho como presente de noiva, de si para mim.

Ao ouvi-la questionar a sua palavra, ficou exaltado, mas reprimiu o sentimento:

– Acredite no que quiser, mas a menina Wells é uma conhecida.

– Uma *conhecida* que se julga sua noiva.

– Já lhe disse que é louca.

– Vive na sua rua e tem lá uma missão de beneficência. Quero que ela se vá embora... do bairro e da sua vida.

– Ela não significa nada para mim – afirmou ele com firmeza e olhou nervosamente para o céu.

Se ele fosse um homem religioso, que não era, podia ter sido atingido por uma relâmpago por ter dito uma mentira tão descarada.

– Se não a tirar do seu mundo, *eu* farei com que saia. Juro que sim.

– Está a ameaçar-me ou à menina Wells?

– Não estou a ameaçar ninguém. Estou a adverti-lo das consequências caso se recuse a dar-me ouvidos. Sinto-me muito ofendida e não admitirei traições.

Ela era uma verdadeira bomba de ultraje e Michael pensou em como podia ter conseguido reunir toda aquela indignação e bravura. Para ela, era chocante ter levantado a questão escandalosa junto dele, e ficou impressionado com isso.

No entanto, infelizmente para ela, ninguém lhe dava ordens nem tentava controlar o seu comportamento e, seguramente, ninguém o ameaçava. Especialmente, uma mera rapariguita de dezoito anos.

– Vamos para dentro – disse ele e agarrou-lhe no braço.

– Não acabámos de discutir o assunto.

– Acabámos sim. Este assunto é completamente impróprio e não vamos continuar a falar dele.

– Estou a fazer o que o meu pai me obrigou! – Levou um punho cerrado ao peito. – Tomei todas as

ações que a minha família me exigia. Portanto, acho que, neste assunto menor, deve ser como eu quero.

– Não há assunto nenhum. Apesar do que disse o senhor Farrow, eu mal conheço a menina Wells.

– Mentiroso.

– Vamos entrar – repetiu ele. – Está muito encolerizada e eu não estou com disposição de lidar com uma crise de histeria. Nem vou ouvir insultos ao meu caráter.

Agarrou-a com mais força e, embora ela se tenha tentado libertar, foi em vão. Acompanhou-a e empurrou-a para a sala de música, onde Lady Run terminava a canção e recebia calorosos aplausos. Quando a última nota soou, sentiu-se de novo a desmaiar.

Lady Felicia fez um comentário que era raivoso e insultuoso, mas ele não conseguiu decifrar de que se tratava, com as palmas do público. Bateu com os tacões um no outro, baixou a cabeça em sinal de cortesia e saiu pela porta da frente.

Alguma vez regressaria? Ela trazia-lhe uns navios e uma plantação na Jamaica, mas o valor dessas coisas não se equiparava àquele tipo de discórdia. Se ela ficava tão incendiada com os rumores acerca de Magdalena, imagine-se como ficaria furiosa no futuro, quando surgissem assuntos para a torturar.

De repente, o seu casamento com a filha de um aristocrata não parecia valer o preço exorbitante.

* * *

Ramsey fez uma careta e cheirou o ar.

Sentia o cheiro do fumo, mas dormia tão profundamente que não se conseguia levantar para ir ver se a casa de Michael estava a arder. Com Rebecca aninhada ao seu lado, o traseiro curvilíneo encostado à coxa dele, nem cavalos indomáveis o teriam conseguido arrastar dali para fora.

Cheirou de novo, ouviu uma rolha ser sacada de um decantador, o rebordo da garrafa a bater no copo, o líquido a verter num som de *glu-glu*.

Olhou pela janela, perguntando-se que horas seriam e quantas horas faltariam para a madrugada.

– Merda! – disse entredentes e sentou-se na cama, fazendo as mantas cair no seu colo.

Michael estava sentado numa cadeira e afundou-se mais, sem casaco, dando todas as indicações de ali estar há um bom tempo. Fumava um charuto, bebericava um uísque e, tendo em conta a quantidade agora diminuída da bebida no decantador, não era a primeira dose. Há quanto tempo os observava?

– Está na minha cama – queixou-se.

– Merda – tornou a dizer Ramsey. – Desculpe.

– Desculpa por estar na minha cama? Ou desculpa por o ter apanhado?

Rebecca virou-se pôs um braço à volta da cintura de Ramsey.

– O que disse?

Michael respondeu por ele.

– Eu disse que estão os dois na porra da minha cama e que fizeram uma grande porcaria. Terei de comprar um colchão novo. Nunca mais durmo nesse.

Rebecca ergueu-se sobre um cotovelo e guinchou:

– Senhor Scott! O que faz aqui?

– Eu podia perguntar-lhe a mesma coisa, menina Wells.

– Ah!

Ela afastou-se de Ramsey como se ele estivesse a ferver e desceu da cama, tapando a cabeça com

as mantas, qual criança que julga que vai conseguir ficar invisível.

– Eu posso explicar – insistiu Ramsey fracamente.

– Eu esperaria que gritasse.

– É só que...

Michael ergueu uma mão...

– Não vou discutir isto consigo nu... e na minha cama. Eu já disse que estão na minha cama?

– Já, já, dá para ver que isso o incomoda.

– Vistam qualquer coisa – disse Michael bruscamente – e arrastem esses rabos até ao salão.

Bebeu o resto do copo e saiu.

– Merda – disse Ramsey entredentes pela terceira vez.

Deslizou para o chão e estava a enfiar as calças quando Rebecca espreitou.

– Porque haveria de vir atrás de nós?

– Não sei.

– Não contou a ninguém que estávamos aqui, pois não?

– Não, e você?

– Não.

– Um dos criados pode ter-lhe escrito – disse Ramsey. – O mordomo troca correspondência regular com ele.

– O mordomo é queixinhas? Porque é que isso não me surpreende? Se os criados contam boatos, teremos de ser mais discretos.

Ramsey encontrou o roupão dela e atirou-lho.

– Vista-se. Ele está de mau humor. Não o vamos deixar à espera.

– Não posso falar com ele! Não vou falar! – Ela parecia horrorizada, como se Michael a fosse amarrar e torturar.

Ramsey suspirou.

– Provavelmente, é melhor eu falar a sós com ele.

Tinham praticamente destruído o quarto com os seus selváticos encontros amorosos, havia cadeiras caídas e peças da mobília de pernas para o ar. Ele remexeu num monte, encontrou a camisa e vestiu-a enquanto ela se sentava, com a roupa da cama apertada contra o peito.

– O que nos vai ele fazer? – perguntou ela.

– A si? Nada. A mim? Nem posso imaginar.

– O que quer isso dizer? Vai despedi-lo? Vai esmagá-lo com pancada? Vai dar-lhe um tiro? O quê?

– Qualquer coisa entre despedir-me e matar-me.

Ela arquejou.

– Ele não o mataria. Está a brincar, não está?

– Estou, estou a brincar. Mas vista-se, por mim. Pode pôr-nos na rua, por isso teremos de estar preparados.

– Porque nos poria na rua? Estamos a meio da noite.

– Mas vai raiar a aurora. Pode mandar-nos regressar à cidade.

– Não é meu pai – disse ela desdenhosa. – Não me pode dizer o que fazer.

– Bom, pode *a mim*, por isso, enquanto eu estiver lá em baixo, prepare-se para partir.

Ramsey debruçou-se sobre a cama e deu-lhe um beijo rápido; detestava ter visto concluído tão abruptamente aquele momento erótico. Queria acordar com ela, saber qual o próximo ato

escandaloso que a convenceria a executar. Para uma rapariga que ainda há uns dias era virgem, era incrivelmente criativa.

Apressou-se a atravessar o corredor, apenas de camisa e calças, sem se dar ao trabalho de se calçar ou vestir a casaca. Sentia-se tonto e desorientado e não estava em condições de discutir com Michael.

Quando saíra de Londres com Rebecca mentira a Michael, dizendo-lhe que ia a caminho de Dover para verificar as bebidas alcoólicas contrabandeadas. Michael exigia lealdade absoluta das pessoas, de modo que Ramsey não conseguia prever a sua reação. Michael lidava com avultadas somas de dinheiro e tinha de se assegurar de que as pessoas à sua volta eram de confiança. Havia sempre muito em jogo, por isso não dava segundas oportunidades. Não podia.

Teria Ramsey quebrado a confiança de Michael? Durante todos os seus anos juntos, Ramsey nunca enganara Michael em nenhuma questão. Teria Rebecca valido a pena? Não sabia dizer.

Michael estava na sala, numa cadeira ao pé da lareira, e continuava a fumar e a beber. Fez um gesto a Ramsey para se sentar, e este seguiu em pontas dos pés, malandro como era.

- Desculpe – disse novamente entredentes.
- Está sempre a repetir isso, e eu ouço-o sempre. Já pode parar.
- Está bem.
- Disse que podia explicar.
- E posso!
- Dê o seu máximo.
- Gosto dela. Sabe disso.
- Ia jurar que lhe disse para a deixar.
- Eu tentei! – declarou Ramsey.
- Não com muita força.
- Não, não com muita força. Acho que não fui capaz de resistir.

Michael bebericou o seu uísque e os seus olhos azuis eram como punhais que se espetavam na barriga de Ramsey.

- Porque está no Ninho do Órfão?
- Nós... bem... vamos para a Escócia para nos casarmos.
- Ia casar-se com ela? De verdade?
- Ia. – Ramsey anuiu com vigor.
- Mas...?
- Ela ficou nervosa e arrependeu-se.
- *Ela* ficou nervosa.
- Sim.
- Não foi o Ramsey. Foi ela.

Michael duvidava e Ramsey encolheu os ombros.

– A princípio, ela achou que era boa ideia. Estava desesperada para fugir ao cunhado, mas depois reconsiderou. Julgo que tem esperança de arranjar alguém melhor do que eu.

Michael bufou.

- Eu também tenho esperança de que ela arranje.
- Portanto... temos estado só a passar o tempo.
- Já falei com o mordomo.

– Ah!

– Disse-me que vocês os dois são nojentos.

Ramsey e Rebecca tinham usado a casa de maneiras sórdidas, comiam e bebiam e faziam figuras tristes.

Rebecca era selvagem e devassa e, como sempre viveu com a irmã mais velha, nunca teve oportunidade de se portar mal. Mas sem dúvida que em casa de Michael se deleitava.

Tinham fornicado em todas as divisões, exceto no quarto de Michael, mas, ao final, parecia não haver nenhuma razão para não experimentarem. Mas agora, com Michael na propriedade e terrivelmente zangado, Ramsey sentia-se pessimamente.

– Como soube que estávamos aqui? – perguntou Ramsey.

– Não sabia. Dirigia-me para Norte, à sua procura. Parei simplesmente aqui para passar a noite.

– Porque ia à minha procura?

– A menina Wells deixou um bilhete a Magdalena falando da fuga para se casarem. A Maggie ficou preocupada. Acha-o uma má influência.

– *Eu* sou má influência? É evidente que não conhece bem a Rebecca.

– Põe as culpas na Rebecca?

– Pode ter a certeza. – Ramsey estudou Michael, avaliando o seu mau humor. – Estou despedido, ou quê?

– Não posso despedir uma pessoa que sempre foi o amigo que é.

Ramsey foi perpassado por uma sensação de alívio.

– Obrigado.

– Mas não seria mal pensando enchê-lo de pancada por ser tão idiota.

– Gostava de o fazer?

– Nem por isso. Tem a cabeça tão dura que ainda me partia a mão. Vai ter de trabalhar bem para voltar a cair nas minhas boas graças.

– Vou fazer isso. Farei tudo, Michael. Sabe que sim.

– Eu *julguei* que sabia. Agora já não sei.

– Vou compensá-lo. Prometo.

Michael bufou, com um olhar de irritação e zangado.

– E agora? – perguntou Ramsey.

– Agora... está prestes a casar-se.

– Como assim?

– Vamos selar uns cavalos e prosseguimos até à Escócia. Só regressa a Londres de pés acorrentados.

– Não creio que a Rebecca queira casar.

– Desde quando eu dou ouvidos a uma mulher?

– Nunca?

– Nunca – concordou Michael. – Não vamos agora começar com uma ordinária como a Rebecca Wells.

Michael levantou-se e saiu.

– Onde vamos? – perguntou Ramsey.

– Explicar os factos da vida à sua noiva.

– Talvez... ah... devia deixar-me falar com ela. Consegue ser muito teimosa.

Michael olhou por cima do ombro com uma expressão fulminante.

– Aquela víbora tem a sua pila enrolada à volta do mindinho. Não vou perder tempo consigo a dizer-lhe seja o que for.

Michael chegou às escadas e subiu ao quarto, com Ramsey no seu encalço como o cão fiel que Rebecca o acusava de ser. Quando chegou ao seu quarto, não se deu ao trabalho de bater, uma vez que estava em sua casa, e Ramsey e Rebecca eram os descarados intrusos.

Felizmente, ela tinha-se vestido – pelo menos, aquilo que conseguia sem a ajuda de uma criada. A sua ansiedade era evidente, estava sentada na cama, de ancas equilibradas no colchão, pés no chão.

Ao ver Michael, fez uma careta e exigiu:

– O que se passa?

– No instante em que o Sol surgir no horizonte, seguimos para a Escócia – disse-lhe Michael.

– Para a Escócia! Com que finalidade?

– Vocês os dois vão casar-se o mais depressa que me for possível.

– Eu não quero casar com o Ramsey.

– O cavalo está fora do celeiro, menina Wells. Está prestes a ser noiva e eu não vou entregá-la à sua irmã sem uma aliança no dedo.

– E se eu me recusar a acompanhá-lo?

– Não tem escolha, por isso sugiro que se habitue à ideia de que está prestes a ser esposa... de Ramsey Scott. – Michael espreitou para Ramsey e disse entredentes: – Pobre rapariga.

Felicia estava aninhada na carruagem, com a cortina apartada por forma a poder ver o que se passava no bairro. Magdalena Wells regressara ao seu estabelecimento e encontrara uma corrente a barricar-lhe a porta e as janelas entaipadas.

– Não entendo – queixou-se a menina Wells.

– Que parte a confunde? – perguntou-lhe James Blaylock.

Agia de maneira excessiva, fingindo ser agente público e, atendendo à deferência da menina Wells, conseguira bem enganá-la.

Quando Felicia decidiu bater o pé em relação à menina Wells, não conseguira a simpatia da mãe e então tomara o assunto nas suas próprias mãos. O senhor Blaylock parecia ser a única pessoa no mundo sensível à sua provação, por isso procurou a ajuda dele.

Aparentemente, ele e o senhor Scott eram velhos inimigos, embora o senhor Blaylock não lhe confidenciasse a raiz desse antagonismo. Era contudo fortíssimo e inabalável. Sentira-se praticamente alegre por poder fazer mal ao senhor Scott, com aquele *mal* que perpetrava contra a menina Wells.

Quando sugeriu aquele plano a Felicia, ela seguiu com satisfação o conselho. A menina Wells só se daria conta do embuste quando fosse tarde de mais.

– Este edifício é meu – disse a menina Wells. – Há anos que está em minha posse.

– O antigo dono era um tal senhor Sterns? Está correto?

– Sim, mas era vigário Sterns. Era pastor.

– Comprou-lho a ele?

– Não, herdei-o quando ele morreu.

– Ele tinha dívidas de impostos.

– O que tenho eu a ver com isso? – perguntou a menina Wells.

– Estão em atraso e têm de ser pagas. – Blaylock fez um sorriso sombrio. – Pode pagá-las? Trata-se de uma soma avultada.

Segurava um molho de papéis e pô-los debaixo do nariz dela, apontando o número em baixo. Ela arquejou, espantada.

– Claro que não posso pagar tudo isso e tenho a certeza de que se trata de um engano.

– Eu não.

– Como disse que se chamava?

– Senhor Blaylock.

– Qual é a sua função neste caso? Julgo que ainda não o esclareceu bem.

– Trabalho para o consultor de impostos – mentiu ele.

– Ah!

Felicia bufou, divertida.

Tinha de casar com o senhor Scott, tinha de seguir as diretivas do pai, mas, se o senhor Scott

estava apaixonado por outra mulher, ela não avançaria. Isso ficava para além do limite do aceitável.

Felicia crescera a imaginar o homem elegante com quem acabaria por casar, mas, ao entrar na idade adulta, foi obrigada a aceitar que nenhum dos seus sonhos se realizaria. Na sua união com o senhor Scott teria aquele tipo de vida entediante e nada satisfatória que as amigas e as irmãs eram obrigadas a suportar. Todos os maridos tinham amantes e filhos ilegítimos, resultado dos seus inúmeros casos. Gastavam o dinheiro em rameiras, em casas, roupas e comida para as segundas famílias, as paralelas.

Felicia não viveria assim!

O senhor Scott estava fora da cidade e por isso era o momento perfeito para agir. Tinha implorado que mandasse a menina Wells embora, mas ele recusou e a sua desconsideração incendiou-a como há muito tempo nada o fazia.

Não tinha controlo sobre muita coisa, mas planeava ter controlo sobre *aquilo*. A menina Wells não continuaria tão chegada ao senhor Scott, ensombrando a existência de Felicia com a sua escandalosa presença.

– Como posso corrigir esse dilema? – perguntou a menina Wells ao senhor Blaylock. – Quem devo contactar?

– Não há ninguém... a menos que possa pagar a totalidade.

– Mas... mas... como poderia eu fazê-lo?

– Isso não é problema meu, menina Wells.

– Está a ser ridículo. Não me pode, pura e simplesmente, confiscar a propriedade e entaipar as janelas sem autorização.

– Posso e foi o que fiz – replicou pomposamente Blaylock – e, como os impostos estão em falta, na verdade este lugar já não lhe pertence.

– Por favor, pare. – A menina Wells fumegava. – Tenho de escrever uma carta a... a...

– A quem, menina Wells? Há alguém que possa pagar por si?

A menina Wells mordeu a parte interior da bochecha e Felicia perguntou-se se ela estaria a considerar o senhor Scott. Acaso se atreveria aquela Jezabel a nomeá-lo? Se referisse o senhor Scott como aliado, Felicia não sabia como reagiria.

A menina Wells deixou descair os ombros.

– Não, ninguém me pode ajudar.

– E há ainda a outra questão – continuou o senhor Blaylock. – Vai ter de responder em tribunal.

– Que outra questão?

– O lenocínio.

– Lenocínio? – perguntou a menina Wells. – O que é lenocínio?

– Nega fornecer raparigas para trabalharem no bordel do senhor Scott?

A menina Wells fez uma careta.

– Como?

– Não seja fingida, menina Wells. O senhor Scott já foi interrogado e admitiu o esquema da menina.

– O meu esquema?

– Quando uma rapariga bonita vai comer à sua suposta missão de beneficência – Blaylock imbuiu a palavra *missão* de uma enorme dose de desdém –, vai entregá-la ao senhor Scott.

– De modo nenhum. Ele é uma ameaça para a sociedade. Tento manter as pessoas afastadas dele.

– Que história improvável, menina Wells, e temos muitas testemunhas que a contrariam.

- Que testemunhas?
- O senhor Scott, para começar.
- Exijo falar com ele imediatamente.
- Infelizmente, não será possível.
- Exijo-o! – tentou de novo a menina Wells.
- Agora, se não se importa de me acompanhar.

Blaylock agarrou-a pelo braço e levou-a para a carruagem e, embora a menina Wells protestasse e arrastasse os pés, era demasiado pequena para travar o ímpeto de Blaylock.

Felicia deixou cair a cortina. Não havia mais nada para ver. Blaylock haveria de aparecer para conversar com Felicia depois de ter despachado a menina Wells e sem dúvida que tudo seria concluído sem delongas.

Pobre menina Wells...

O senhor Blaylock era extremamente competente e tinha planeado ao pormenor a queda da menina Wells. Seria despachada para o caótico e turbulento sistema prisional britânico. O nome dela seria mal escrito nos registos oficiais, para que, mesmo que alguém se lembrasse de a procurar ali, não encontrar o seu nome nas listas.

Caso sobrevivesse ao encarceramento (muitos não sobreviviam) e alguma vez chegasse a ir a tribunal, Blaylock haveria de subornar testemunhas para deporem contra ela. Seria condenada e levada, sem qualquer problema.

O senhor Scott regressaria à cidade e encontraria a missão fechada e a senhora Wells desaparecida sem rasto. Ninguém o saberia informar se ela tinha sido levada ou não. Desapareceria como se nunca tivesse vivido naquele bairro manhoso, como se nunca tivesse conhecido o senhor Scott. Desapareceria para sempre e o senhor Scott em breve a esqueceria.

Felicia suspirou. Não sabia que podia ser tão cruel, que tinha aquela veia tão bem escondida dentro de si. Mas, sinceramente, perante aquele ultraje, como se poderia esperar que ela virasse a cara?

Bateu no teto da carruagem e ordenou ao cocheiro que partisse, não olhando para trás. Nem uma vez.

* * *

Michael abrandou o cavalo e seguiu para a rua da missão de beneficência de Maggie.

Se ainda lhe restasse uma ponta de juízo, teria continuado em frente, passando pela missão e seguindo para o clube, que ultimamente ele negligenciava terrivelmente. Tendo em conta as personagens sombrias que frequentavam o seu estabelecimento, assim como os rufias com quem ele negociava, nunca se sabia como estariam as contas.

Acompanhara Rebecca e Ramsey até à Escócia e ficara com eles enquanto proferiam os seus votos. Embora não tivesse tido a grosseria de levar uma pistola para a igreja, era como se estivesse a apontar a arma a um dos noivos – e não se tratava de Ramsey.

O amigo estava perfeitamente encantado por se casar com Rebecca Wells, mas ela não queria, muito embora estivesse completamente desgraçada. Por mais que Michael a repreendesse e castigasse, não conseguia fazê-la sentir-se culpada. Durante a cerimónia, ficou a guardar a porta, não fosse ela tentar escapar quando ele não estivesse a olhar.

Michael nunca fora um homem de grande moral, mas ficou chocado com a atitude de Rebecca. Ela

mostrara-se particularmente crua ao explicar que usara Ramsey para fugir ao cunhado e insistia que o casamento deles nunca estivera em cima da mesa. Ramsey oferecera-se para a ajudar, e ela tinha aceitado, mas sem laços que os prendessem.

Parecia gostar de Ramsey e sem dúvida que se davam bem, mas ela não confiava nele e Michael não a podia censurar. Embora Michael tivesse dado boas referências de Ramsey não a conseguira convencer de que ele não era mau partido.

Michael compreendia as reservas dela, mas, por amor de Deus, ela destruíra toda e qualquer ponta de reputação que alguma vez pudesse ter tido e, segundo as regras do mundo dela – que ela julgava já não se aplicarem a si –, tinha de casar. Além disso, se não casassem, o que diria Michael a Maggie quando regressassem a Londres?

Michael remediara aquela confusão obrigando-a a casar. Rebecca ficou furiosa, mas ela que fosse para o diabo. Ele desconhecia a opinião de Maggie, mas esperava que ela ficasse contente e, uma vez que a união era um facto consumado, era tarde de mais para queixumes.

Na viagem para Sul, deixara o casal dissoluto no Ninho do Órfão, com instruções para que gozassem uma curta lua de mel, mas, depois disso, esperava que Ramsey voltasse ao trabalho.

Ramsey prometeu que voltava, mas o pobre palerma estava tão embeijado que Michael não fazia ideia se alguma vez tornaria a vê-lo. Podia continuar assim infinitamente com Rebecca até lhe cair a pila.

Quando se fez ao caminho sem os recém-casados, teve uma oportunidade para refletir sobre o seu futuro. O que queria ele da vida? Que curso deveria tomar?

Nunca fora muito dado a reflexões nem a arrependimentos. Tomava um caminho e avançava ferozmente, mas mais recentemente passava de uma decisão péssima para a seguinte.

Apreciava a oportunidade de olhar Lorde Stone e os seus pares olhos nos olhos, para isso casando na sociedade, mas na verdade não se importava muito em ter uma união elevada. Não queria saber de Felicia nem do pai dela. Na qualidade de seu marido, a única coisa que haveria de sentir era infelicidade.

Felicia nunca lhe perdoaria por se ter imposto a ela, de modo que todo aquele arranjo era um ato hediondo. O seu desejo secreto era casar e substituir a família que perdera no passado. O casamento com Felicia não lhe traria nada daquilo que ele desejava. Ela seria infeliz para sempre, porquê atormentá-la então?

A pergunta incomodou-o ao longo de toda a viagem. Era a vaidade que o motivava e queria cancelar tudo, deixando de estar noivo de Felicia. Mas, se deixasse de estar noivo de Felicia, podia comprometer-se com outra pessoa, e essa *outra pessoa* era Magdalena Wells.

Uma vez que se deu conta disso, o resto foi fácil.

Maggie era dura e esperta, engraçada e persistente. Não tinha medo de Michael, não se deixava alarmar pelo seu passado nem se preocupava de mais com estatuto ou linhagens. Compreendia-o melhor do que ninguém, até mesmo do que Ramsey, que estava com Michael desde as suas primeiras memórias.

Quando discutiu com ela por causa de Felicia, insistiu que queria ser feliz e Maggie fazia-o feliz, *tão* feliz que se perguntou se não estaria apaixonado por ela. Nunca estivera apaixonado e sempre partira do princípio de que era imune a esse sentimento ridículo, mas, se aquilo não era amor, como podia explicar o que estava a acontecer?

Estava sempre a pensar nela, preocupava-se com o seu paradeiro, em saber se ela estava bem. A

rejeição dela lançara-o num frenesim de jogo e bebida, mas depois de ter voltado à sobriedade e à sanidade, o seu caminho tornou-se imediatamente claro.

Michael chorava a perda dela e aquilo que ela podia ter trazido à sua vida. Porque haveria de aceitar o fim que ela precipitara? Acaso abriria mão dela sem lutar?

Lady Felicia que fosse para o diabo. Lorde Stone e a sua dívida que fossem para o diabo. O enorme orgulho de Michael que fosse para o diabo.

Retirar-se-ia do acordo com Lorde Stone e passaria todos os segundos a convencer Maggie de que ela tinha de ser sua e não lhe daria um minuto de paz até obter a resposta de que precisava.

O edifício da missão ficava a meio da rua e, de repente, ele tinha uma pressa gloriosa e frenética de falar com ela. Bateu com as esporas no cavalo para o fazer trotar, mas, quando puxou as rédeas, deparou com um cenário tão bizarro que olhou em redor, na certeza – distraído como estava – de ter percorrido a rua errada, por engano.

A missão estava fechada, as janelas entaipadas, uma tábua acorrentada barrava a porta. Até a tabuleta que o vigário Sterns pendurara quando comprara aquele lugar tinha sido retirada.

O que podia ter acontecido? Foi percorrido pela pior sensação de terror. Ela teria ficado ferida? Teria morrido?

Quando passou pelo clube a pedir-lhe que fosse atrás da sua irmã, Maggie dissera especificamente que ficaria à espera de notícias. Fora determinada. Não falara em ir-se embora, em vender a missão ou em sair dali.

Para desgosto de Michael, não se lembrava de ela alguma vez lhe ter dito quem era de facto o dono da propriedade. Seria ela? E, se não, teria sido despejada? Ele sabia que ela estava com problemas financeiros. Não tinha pago a renda?

Essa perspetiva, de poder ter sido despejada ou de ter ficado sem meios de pagar a renda, deixou-o furioso e sem palavras.

Ele tê-la-ia ajudado! Ter-lhe-ia dado fosse qual fosse a soma de dinheiro necessária. Se houvesse um senhorio a importuná-la, uma visitinha de Ramsey teria resolvido qualquer que fosse a situação.

Mas ela confiara nele?

Não, não confiara!

Saltou do cavalo e juntou-se em seu redor uma dúzia de sem-abrigo, suplicando que o deixasse tratar do animal. Atirou as rédeas a um rapaz mais velho.

– O que aconteceu à menina Wells? – perguntou-lhes. – Quem viu?

Todos levantaram a mão e o rapaz que segurava as rédeas disse:

– Uns homens levaram-na.

– Numa carruagem?

– Sim. Amarraram-lhe os pulsos com uma corda!

– Foi presa? – perguntou Michael.

– Parece que sim.

Então... não se tratara de acidente ou doença, pode ter havido uma condenação. Por ter sido considerada devedora. Seria tão grande o caos financeiro em que se encontrava? Estaria na cadeia? Seria tão orgulhosa que se deixara prender por penúria em vez de procurar a ajuda dele?

– Quando foi isso?

– Há dois dias.

– Quem eram os homens? Algum de vós os conhecia?

As crianças abanaram a cabeça e o rapaz disse:

– Nunca o tinha visto aqui no bairro.

Então eram desconhecidos. Desconhecidos, que não sabiam das regras. Ninguém daquela zona se teria atrevido a fazer uma coisa daquelas sem a autorização de Michael.

Foi até à porta e deu um pontapé na madeira apodrecida. Caiu; o cadeado e a corrente também caíram ao chão com um estalido monótono.

Irrompeu por ali dentro, mentalmente ciente de que ela não estava ali, mas decidido a verificar, mesmo assim. Caminhou pelas divisões desertas, pensando que aquele lugar parecia abandonado, como se tivesse sido entaipado há anos e não há dias.

Subiu as escadas até ao apartamento dela e passeou-se por ali, mas não parecia faltar nada. Abriu o roupeiro e passou a mão pela triste coleção de peças. Estavam ali os vestidos cinzentos e, dobrados dentro de uma caixa a um canto, as roupas que ele lhe comprara para a estada no campo.

Pegou na caixa, decidido a guardá-la para mais tarde, para que ela tivesse umas peças bonitas para usar quando a encontrasse. E ele *ia* encontrá-la. Fez-lhe uma promessa em silêncio, e era melhor que os idiotas que a levaram tivessem cuidado. Haveriam de pagar eternamente se a tivessem magoado, ainda que minimamente.

Desceu pesadamente os degraus de caixa enfiada debaixo do braço e, quando entrou na sala comum, uma agitação surgiu lá fora. Tinha parado uma carruagem em frente à missão, mas ele não imaginava quem podia ser a visita. As crianças afastaram-se, abrindo caminho para deixar passar uma mulher e o coração saltou-lhe no peito.

– Maggie? – chamou ele, mas, quando a mulher transpôs a ombreira da porta, disse antes: – Lady Run?

– Senhor Scott? O que faz aqui?

– Ando à procura de Maggie Wells.

– Eu também. Mas o que poderá ter acontecido?

– Não faço ideia – respondeu ele –, mas tenciono descobrir.

Evangeline fitou a sala de jantar deserta do que fora a missão de salvamento de Maggie. O lugar estava decrépito e a precisar de uma demão de tinta, mas, durante a sua visita anterior, animava-se de atividade e objetivos morais.

Agora, as janelas estavam entaipadas e havia um ar geral de abandono. A porta da frente tinha sido demolida e o senhor Scott era o único no edifício.

– Terá sido um arrombo? – perguntou ela.

– Não. Umas crianças lá fora viram-na ser levada há dois dias.

– Levada para onde?

– Parece que foi presa.

– Presa! – exclamou Evangeline.

– Tinha as mãos amarradas com corda e foi levada para uma carruagem.

– Conheço a Maggie Wells desde os meus sete anos e asseguro-lhe que ela nunca cometeria um crime.

– Pergunto-me se terá sido levada por penúria.

– Oh, não...

As pessoas eram encarceradas por serem pobres. Era uma vergonha e um escândalo, mas era assim a lei. Um devedor tinha de pagar as suas contas e não era defesa alegar falta de dinheiro. O sentimento geral era de que a pessoa não devia gastar mais do que tinha e era errado defraudar um lojista ou um senhorio.

Ela foi a tropeçar até um banco e sentou-se.

– A situação dela era assim tão má?

– Estava com dificuldades financeiras, mas não sei até que ponto era má.

– Oxalá tivesse passado por aqui mais cedo. Ela escreveu-me, mas eu não estava na cidade. Vim logo que regressei. – Fez um gesto amplo, em volta. – Não acredito nisto.

– Nem eu.

– Temos de a encontrar. Se está com problemas legais, vou conseguir ajudá-la. Se ninguém me der ouvidos, por certo darão ao meu marido.

O senhor Scott continuava em pé, balançando-se, com uma expressão confusa.

– Sente-se, sim? – disse ela. – Tenho noção de que é horrível dizer isto a um sujeito viril como o senhor, mas parece que vai desmaiar.

– Eu estou bem... eu... eu...

A frase esmoreceu e ele puxou o banco em frente do dela, deixando-se cair nele. Tinha um olhar vago, como se estivesse exausto ou sofresse de uma doença. Estaria doente? Teria tendência a espasmos?

Nas histórias que ouvia a respeito dele, era considerado duro como aço e nunca havia a mínima sugestão de que ele pudesse ter alguma fraqueza.

– Senhor Scott – murmurou baixinho e, como ele não respondeu, repetiu com maior firmeza. – Senhor Scott!

Michael sacudiu-se fisicamente, como que em estado de estupor, e as suas faces ruborizaram-se de vergonha.

– Onde estava? – perguntou ela. – Ficou completamente ausente durante um minuto.

– Desculpe... Eu... disse... ah... alguma coisa?

– Não.

– Graças a Deus – disse entredentes.

– Posso averiguar acerca do seu... *interesse* por Maggie Wells? Visitei-a por duas vezes, em ambas o senhor estava aqui.

– É... uma amiga.

– Uma boa amiga?

Aquela resposta enigmática preocupou Evangeline. Havia uma centena de rumores terríveis que circulavam acerca do senhor Scott, cada um pior do que o outro. Os membros da sociedade estavam horrorizados por Felicia Gilroy ter de se casar com ele. Era evidente que se tratava de um homem muito sombrio, de caráter notório, sem intenções honradas para com ninguém.

Porque andava à volta de Maggie?

– Envolveram-se romanticamente? É isso?

Os olhos dele estreitaram-se, como se censurasse a pergunta grosseira e ela apressou-se a acrescentar:

– Desculpe se me estou a meter, mas ela parece tão só no mundo. Seria fácil uma pessoa desonrada aproveitar-se dela.

Ele riu-se.

– Não há ninguém mais desonrado do que eu.

– O senhor está noivo de Lady Felicia. Eu estava na festa de anúncio do noivado. Conhecemo-nos lá.

– Sim, eu lembro-me.

– Será que me devo preocupar com a Maggie? Ou devo preocupar-me com Lady Felicia?

Ele não respondeu, mas inclinou-se para a frente, de cotovelos em cima da mesa. Estudou-a e ela retribuiu o olhar, analisando-o com a mesma precisão.

Embora ele tivesse fraca reputação e ela provavelmente devesse ter medo dele, a verdade é que não tinha. Havia algo de familiar nele, como se se conhecessem desde sempre, o que era muito peculiar. Pouco sabia sobre ele, para além do que ouvia nos rumores.

Aaron, o seu marido, fizera notar que o senhor Scott se parecia muito com Bryce. O senhor Scott era alto, belo e masculino. As suas feições eram exatamente as mesmas, sendo a única diferença que Bryce tinha o mesmo cabelo loiro de Evangeline e o cabelo do senhor Scott era escuro.

Mas aqueles olhos azuis...

Não havia muita gente com olhos azuis assim. Podiam estar de alguma forma relacionados?

– De onde é, senhor Scott? – Também se apoiou sobre os cotovelos, ficando muito perto dele, frente a frente. – Ouvi dizer que é órfão, mas tem alguma infirmação sobre os seus familiares?

Uma vez mais, ele não respondeu, ficando a avaliá-la. Por fim, fez a mais estranha das perguntas:

– Encontrou o seu irmão?

– O meu irmão?

– Sim, você e o Bryce têm outro irmão e foram separados dele em pequenos. Não andam à procura dele?

– Ando a tentar encontrá-lo... a eles.

– Eles?

– Os meus irmãos gémeos: Michael e Matthew Blair.

– Matthew... Blair.

– Sim.

Quando ela disse o nome *Matthew*, ele pareceu entrar em transe e pôs a cabeça de lado, como se estivesse a ouvir vozes. Durante um segundo nervoso, ela olhou para a porta, perguntando-se se ele seria um lunático e se podia ser perigoso, mas ele não dava impressão de ameaça ou perigo.

– Senhor Scott!

Estalou os dedos e o barulho acordou-o do transe.

– Peço desculpa. – Sacudiu-se fisicamente de novo. – Hoje nem pareço eu.

– Tem uns estados invulgares, senhor Scott. A Lady Felicia sabe da sua... do seu problema? Ataca-o amiúde?

Mas a resposta dele foi:

– Como se perderam os seus irmãos?

– Na verdade, é uma história trágica. Não sei se tenho tempo para lha contar.

– Eu quero saber.

Ela fez um sorriso triste. Era difícil confidenciar que a mãe era uma condenada, mas o seu único crime tinha sido amar um homem muito acima da sua posição. Evangeline também casara acima da sua condição e os seus motivos para se casar com Aaron também eram suspeitos. Não lhe ficaria bem contar um acontecimento tão horrendo.

Mas ela não tinha vergonha do que acontecera à mãe. Estava zangada, enraivecida com aquela injustiça e, mesmo que Bryce não prosseguisse, estava decidida a conseguir justiça para os pais. E o senhor Scott estava genuinamente curioso. Tendo em conta o seu passado, não iria fazer juízos de valor nem condenações.

– A minha mãe era atriz e cantora – disse ela.

– Ah... claro. – Acrescentou o mais estranho dos comentários. – Agora lembro-me.

– Lembra-se de quê?

Fez um gesto de *despache-se* com a mão.

– Continue.

– O meu pai devia ter sido conde de Radcliffe.

O senhor Scott arquejou.

– Radcliffe, sim.

– Já ouviu falar?

– Não.

Ela percebeu a reputação dele de ser tão bom jogador. Conseguia esconder todas as suas emoções, sem dar quaisquer pistas sobre o que lhe passava pela cabeça. Fez uma careta, ia-o achando mais peculiar a cada momento que passava.

– Estavam loucamente apaixonados, mas a família dele não aprovava.

– Casaram, não foi?

– Senhor Scott, sabe mais sobre mim do que aquilo que diz?

– Não, mas o que aconteceu aos seus pais? Já não são vivos, pois não?

– Bom, o meu pai não. Morreu, mas a minha mãe foi levada para a Austrália.

– Condenada?

– Sim.

– Porquê?

– O meu pai tinha-lhe dado imensos presentes e dinheiro. Quando ele morreu, a família dele alegou que ela os roubara.

– Sacanas. – Rapidamente, disse entredentes: – As minhas desculpas, Lady Run.

– Não, não, tudo bem. É exatamente essa a minha opinião.

– E a sua mãe? Sabe alguma coisa sobre ela?

– Não, mas comecei a investigar.

Ele franziu o sobrolho.

– Poderá estar viva?

– As hipóteses são poucas, mas eu tenho esperança. – Riu-se. – O meu marido diz que sou uma eterna otimista.

– E os seus irmãos? Os gémeos? Como se separou deles? Foi quando a sua mãe foi levada?

– Sim. Um amigo do meu pai, o senhor Etherton, ficou como nosso tutor. Providenciou diferentes colégios internos para nós. Bryce, o meu irmão, e eu chegámos aos nossos, mas os gémeos não.

– Porquê?

– Viajavam com os criados do senhor Etherton e passaram a noite numa hospedaria para viajantes.

Houve um incêndio horrível, com enorme confusão. Temos a certeza de que não morreram no fogo...

– Mas os criados que cuidavam deles sim.

– Sim. Como sabia?

Estudou-a como se ela soubesse a resposta, mas depois disse:

– Foi um palpite.

– Desapareceram sem deixar rasto... embora o senhor Etherton os tenha procurado durante anos.

Mais uma vez, tenho esperança de os vir a encontrar.

Não suportava pensar nos irmãos, naqueles pequenos lordes ao deus-dará. Não se lembrava deles, mas Bryce tinha dito que eram rapazes robustos e irrequietos, dedicados um ao outro, como se fossem apenas um e não dois.

Eram mais parecidos com o ousado pai do que com a mãe e tinham acabado de celebrar o terceiro aniversário. Evangeline gostava de imaginar um final feliz para eles, que algum casal bondoso sem filhos os tivesse encontrado a vaguear pelas ruas e os tivesse levado. O cenário mais provável era terem morrido de fome nas ruas ou até terem sido assassinados, ou terem sido mandados para um estabelecimento de pobres da igreja, onde haviam morrido de febre pneumónica.

Foi inundada por uma onda de angústia e os seus olhos marejaram-se de lágrimas, fazendo-a abrir a bolsa para tirar o lenço. Quando o retirou, alguns objetos que estavam dentro da bolsa caíram sobre a mesa, entre eles, uma pequena estatueta de marfim que pertencera à mãe. Estivera sempre na espineta da mãe.

O senhor Scott ficou novamente paralisado, daquele seu jeito estranho. Ficou boquiaberto a olhar para a estátua, depois estendeu o dedo como se lhe fosse tocar, mas não tocou. A mão ficou ali a pairar, quase como se a estátua tivesse poderes mágicos e ele tivesse medo de lhe tocar.

– Tenho de ir – disse ele de repente e levantou-se tão depressa que o banco onde estava sentado

quase caiu atrás dele.

Ele ergueu os olhos para ela, a conversa estava terminada. Embora ela não o conseguisse explicar, sentia-se atraída por ele como se partilhassem uma ligação forte e profunda.

– Então e a Maggie? – perguntou ela.

– Vou encontrá-la. Juro que vou.

– E a vossa *amizade*? O que será feito dela?

– Se conseguir o que pretendo, eu e ela ficaremos muito mais chegados.

– As suas intenções são honradas?

– Imensas intenções honradas e nenhuma desonrada.

Ela não conseguia decidir se aquilo era uma bênção ou não, mas Maggie tinha tantos problemas na sua vida e Michael Scott parecia não ter nenhum. Ninguém ousava incomodá-lo, o que significava que Maggie estaria sempre em segurança sob a sua proteção.

– E Lady Felicia?

Não respondeu. Em vez disso, perguntou:

– Bryce, o seu irmão, devia ser agora o conde de Radcliffe?

– Bom... sim, devia ser – admitiu ela hesitante. – Mas não é. Foram os nossos primos que herdaram.

Ela não divulgara os pormenores piores aos outros e já dissera muito mais ao senhor Scott do que a qualquer outra pessoa. Mas parecia ser um momento de troca de confidências e ele tinha a capacidade de lhe arrancar o que ela não tinha intenção de revelar.

– Irá bater-se para reconquistar o seu direito de nascimento?

– Não creio. Ficou esmagado ao saber a verdade e seria muito difícil reclamar o título depois de tantos anos.

– Não se vai vingar dos que fizeram mal à mãe?

– Não – disse ela, bufando.

– *Eu* vingaria.

– O Bryce não é vingativo. É cantor e ator... como era a nossa mãe. É acima de tudo um sujeito simpático. Não seria típico dele ser cruel ou vingativo.

– E gostaria que alguém o fizesse por ele?

– Fizesse o quê?

– Matasse as pessoas que destruíram a vossa vida.

– Matar... a família do meu pai?

– Sim.

Ela fitou os olhos azuis de Michael – uns olhos tão idênticos aos de Bryce, tão parecidos com os seus – e sentiu que lhe conseguia ler a mente. Estava a oferecer-se para lhes matar o avô e o tio, e isso era espantoso.

Nunca tinha conhecido ninguém com tendências tão perversas e era tentador dizer *sim, faça-os pagar*. Mas ela também não era cruel nem vingativa.

– Ninguém vai matar ninguém, senhor Scott. O Bryce decidiu aventurar-se em África.

– Porquê?

– O meu pai era um aventureiro que cruzou o Nilo várias vezes.

– Um aventureiro – murmurou o senhor Scott e acrescentou mais um dos seus comentários completamente incongruentes. – Está explicado.

– O Bryce quer seguir as pegadas do pai. Talvez a viagem o endureça e quando regressar se queira vingar.

O senhor Scott respirou fundo e susteve a respiração, como se engolisse comentários que não podia ou não devia dizer em voz alta.

– Havia gémeos? – perguntou ele. – Tem a certeza?

– Tenho. O Matthew e o Michael. Dois malandrecos de cabelo escuro, segundo me diz o Bryce. Não me lembro, mas chamavam-me Sissy.

– Sissy...

– Parece que eram tão chegados que tinham uma linguagem inventada.

Michael empalideceu, com uma espécie de surpresa e perplexidade e, uma vez mais, parecia prestes a fazer uma afirmação profunda, mas limitou-se a anuir:

– Contacto-a quando tiver notícias da Maggie.

– Sabe como me localizar?

– Sei, conheço o seu marido. Apresentou-nos.

Ela fez uma careta.

– Ele não joga no seu estabelecimento, pois não?

– Não.

O senhor Scott fez um sorriso tão parecido com o de Bryce que ela ficou admirada. Era-lhe tão familiar, a ligação entre ambos era fascinante.

– Senhor Scott, tem alguma informação acerca do seu passado ou dos seus pais?

– Não, nenhuma.

– Não acha...

– Tenho de ir andando e a senhora também deve ir. Deixe-me acompanhá-la à sua carruagem.

Parecia errado partir. Provavelmente, nunca mais teriam outro momento tranquilo em que podiam conversar sem ter uma dúzia de pessoas por ali à escuta. Essa ideia deixou-a muito triste, mas levantou-se e reuniu os objetos que tinham estado dentro da sua bolsa.

– É uma escultura interessante – disse ele quando ela guardou a estatueta com o resto dos objetos.

– Era da minha mãe.

Ele olhou para ela e pareceu dizer: *Eu sei*.

Mas, uma vez mais, não disse em voz alta o que pensava. Era um sujeito taciturno de enfurecer!

– E a porta da frente? – perguntou ela. – Deu-lhe um pontapé?

– Sim, depois mando alguém consertá-la.

– Como vai começar à procura de Maggie?

– Os meus homens vão esquadrinhar a vizinhança. Vamos descobrir o que aconteceu. Não se preocupe.

Parecia tão competente e a sua atitude calma fazia-a sentir-se melhor, fazia-a sentir que, se alguém podia ficar a saber a situação de Maggie, esse alguém era o senhor Scott.

Ela dirigiu-se à porta e ele seguiu-a para a rua. Foram imediatamente rodeados de sem-abrigo. Reverenciavam-no como se fosse uma divindade e, no seu mundo, talvez fosse mesmo.

* * *

Agora Michael tinha a certeza. Era certo, não havia dúvidas.

Evangeline Drake, Lady Run, era sua irmã, embora ele não se lembrasse de ter uma irmã e

definitivamente não se lembrava de ter uma mulher na sua vida chamada Evangeline.

Quando ele a fez atravessar a multidão de crianças, pensou no Destino, em como o universo funcionava de modos estranhos. Os seus caminhos tinham-se cruzado por Lorde Stone ter um problema com o jogo, isto porque Michael ficara noivo de Felicia. Caso contrário, alguma vez teria conhecido Lady Run?

Ele era o irmão que ela procurava. Mas não o admitira. Tinha a cabeça a andar à roda com as informações que ela lhe deu. Ela tinha-lhe dado uma dezena de oportunidades de confessar, mas ele não o fez. Teve medo de que ela não acreditasse nele, o que teria sido verdadeiramente angustiante.

Ia contar-lhe. Acabaria por contar. Iria mostrar-lhe a certidão de nascimento e os outros documentos que lhe tinham sido enfiados no casaco durante o incêndio na hospedaria para viajantes.

Um incêndio! Um maldito incêndio que o deixara sozinho na rua como o mais necessitados dos órfãos, e o pai na linha para herdar um título de conde! Esclarecia imensa coisa sobre aqueles pesadelos aterradores que ele sempre tivera, a razão porque o cheiro do fumo o deixava alarmado, porque achava sempre que tinha perdido algo importante.

Não estava louco! Queria sacudir os punhos para o céu e celebrar. A família não o abandonara no meio da rua nem se esquecera dele. Tinha sido amado e querido. Pertencera a algum lugar vital e especial.

Matthew...

Tudo fazia sentido, as suas visões do menino que era exatamente o mesmo que ele, aquele que estivera sempre tão perto que era como se faltasse a Michael um pedaço do seu corpo. Acordava muitas vezes no escuro, com a certeza de que um cruel demónio lhe arrancara a perna. Tateava freneticamente debaixo das colchas para se assegurar de que ela continuava lá.

Mas não tinha sido um membro. Tinha sido um irmão gémeo.

Michael fitou o vazio, lá onde por vezes a sua mente o levava, e viu Matthew numa floresta densa, com uma casaca de soldado. Por uma vez na vida, Michael deixou que a verdade assentasse. O seu *irmão*.

Era evidente que Matthew se apercebia da presença de Michael na sua cabeça, e franzia o sobrolho ao reparar na chegada de Michael e perguntando-se quem diabo seria ele, tal como Michael sempre se perguntara.

Vou ter contigo, disse-lhe Michael. *Vou encontrar-te, nem que tenha de procurar a vida toda...*

Tentou visualizar aquela noite na hospedaria dos viajantes. Onde estava Matthew? Estavam juntos? Foram separados naquele caos? Se assim fora, quem os separara? Aonde tinha ido Matthew? O que lhe acontecera? O que acontecera a Michael?

Nunca se conseguiu lembrar. A sua próxima recordação clara era de estar a viver no orfanato do velho senhor Scott.

Sacudiu-se para sair daquele transe. Já divagara muitas vezes na presença da irmã. Era bem provável que ela o achasse louco. Acompanhava-a até à carruagem dela, onde um criado a aguardava de porta aberta, quando um rapaz abriu caminho por entre a multidão.

– Senhor Scott?

– Tim, não é? – Tim era o rapaz que levava Maggie pela primeira vez ao escritório de Michael. Michael explicou à irmã: – Trabalha para mim.

Felizmente, ela não perguntou em quê. Limitou-se a sorrir.

– Olá, Tim.

– Faça uma cortesia a Lady Run, Tim – disse Michael.

– Minha senhora.

Tim surpreendeu-a ao baixar a cabeça com cortesia, mostrando perfeitas maneiras, como se tivesse sido criado num dispendioso colégio interno. Mas a verdade é que estava a aprender a vestir-se, a movimentar-se e a falar de modo a poder caminhar ao pé de homens ricos para lhes roubar o que tinham nos bolsos sem que eles suspeitassem da sua legitimidade no meio deles.

Tim virou-se para Michael.

– Peço desculpa, senhor Scott, mas queria informações acerca da menina Wells.

– Sim, o que foi que soube?

– Que foi o rufião Blaylock quem aqui esteve.

– O Blaylock? Na nossa rua? Tem a certeza?

– Vi-o com estes meus dois olhos. Disse que era agente das finanças e que a menina Wells lhe devia dinheiro de impostos.

– O que respondeu a menina Wells?

– Que não podia pagar, por isso ele amarrou-lhe as mãos e levou-a consigo.

A irmã fez uma careta.

– Foi presa por não pagar os impostos?

– Não – respondeu Michael –, foi uma burla executada por um grande aldrabão, embora não possa imaginar por que razão escolheu a Maggie para o fazer.

Tim parecia preocupado.

– Devia tê-lo impedido, senhor Scott? Ele tinha quatro homens consigo. Achei que não a podia ajudar.

– Fez bem, Tim, por observar e me contar o sucedido. Eu não queria que se magoasse.

– O que pode isto significar? – perguntou Lady Run. – A Maggie não tem grande coisa para além desde lugar decrépito. Porquê atormentá-la?

– Não faço ideia, mas acredite que o Blaylock se vai arrepender.

Tim interrompeu para dizer:

– Havia outra carruagem?

– O quê?

– Ao fundo do bairro havia outra carruagem, com uma loira bonita lá dentro. Esteve sempre a olhar para a menina Wells através da cortina.

Michael franziu o sobrolho.

– Reconheceu-a?

– Não, mas tinha um motivo na lateral da carruagem: um falcão, com uma corda dourada nas asas.

Michael ficou tão espantado que quase caiu.

– Um falcão com uma corda dourada? – repetiu. – Tem a certeza?

– Sim, e os cocheiros usavam libré vermelho com corda dourada.

– Sabe de quem se trata? – perguntou a irmã.

– Ah, se sei – disse Michael.

– São boas ou más notícias?

Ele encolheu os ombros.

– Depende da perspetiva.

– O senhor é um homem interessante, senhor Scott.

– É a única pessoa que pensa assim, Lady Run. Agora, vamos embora daqui para eu poder ir à procura da Maggie.

– Sabe onde ela está?

– Não, mas sei quem sabe.

Michael puxou as rédeas e desmontou à frente da casa de Lorde Stone. Um dos moços da cavalaria apressou-se a ir buscar o cavalo dele para levá-lo para as estrebarias, mas Michael afastou-o com um aceno de mão.

– Eu não me demoro – explicou.

Partiu do princípio de que Lady Felicia ainda estava em Londres, mas, se ela conhecesse verdadeiramente o seu temperamento e o seu poder, teria fugido para se esconder.

Farrow tinha-lhe enchido a cabeça de disparates acerca de Maggie e Michael lidaria com ele mais tarde. Em relação a Felicia, apesar de ela reclamar e se queixar de Maggie, nunca lhe tinha ocorrido que ela pudesse fazer-lhe mal.

E recorrer àquele cretino do James Blaylock! Deixava uma pessoa pasmada. Michael tinha desconfiado que ela andava a conferenciar com Blaylock em silêncio em duas ocasiões. Há quanto tempo durava a sua maldade? Porque não lhe tinha Michael posto termo?

Aproximou-se da porta no mesmo momento em que estava a ser aberta do lado de dentro e, quando viu quem estava a sair, murmurou:

– Por falar no diabo.

James Blaylock!

Blaylock estava de costas para a entrada, o que significava que aquele tolo não estava atento àquilo que o circundava, e devia estar. Quando ele se voltava para sair da casa, Michael correu até junto dele e bateu-lhe com tanta força que ele voou de encontro à porta.

Ele agarrou-se à madeira para se equilibrar, mas Michael bateu-lhe outra vez, ainda com mais força e ele caiu de joelhos. Uma golfada de sangue saiu-lhe pelo nariz e pela boca.

O mordomo espreitou lá para fora, com uma expressão alarmada e Michael ordenou-lhe:

– Vá para dentro. Isto não é da sua conta.

Quando percebeu que era Michael quem estava a causar a situação, o mordomo não conseguiu decidir o que fazer. Michael era noivo de Felicia e Blaylock era apenas uma visita. Num cenário sangrento como aquele, qual era a reação adequada?

Sem dizer uma palavra, o mordomo fechou a porta e rodou a chave na fechadura.

Michael ficou sozinho com um Blaylock zozinho e maltratado que, estupidamente, tentou levantar-se outra vez. Michael deu-lhe um pontapé nas costelas, partindo provavelmente algumas e Blaylock desistiu de lutar, deixando-se cair, ao mesmo tempo que exalava uma lufada de ar.

Michael baixou-se, encontrou uma faca no casaco de Blaylock e enfiou-a na cintura das suas calças. A seguir, agarrou Blaylock pela camisa e ergueu-o até ficarem cara a cara.

– Michael Scott? – murmurou Blaylock, mal conseguindo focar a visão. – De onde raio é que você veio? Devia estar fora da cidade.

– O que é interessante quando uma pessoa parte é que ela acaba por regressar.

– Sempre teve uma língua afiada.

– Deve estar lembrado do nosso último encontro, Blaylock. Eu disse-lhe que o matava se visse a sua cara de pau no meu bairro outra vez.

– Eu lembro-me, palhaço.

– Achou que eu não estava a falar a sério? Ou que me ia esquecer?

– Pulha.

Blaylock cuspiu para cima de Michael, salpicando a camisa dele com sangue.

– Você meteu-se nos meus assuntos – declarou Michael. – E pelo meio estragou-me uma camisa ótima.

– Bastardo.

– Eu não sou bastardo – respondeu Michael. – Sei de fonte limpa que os meus pais eram casados. Por isso, não insulte a minha mãe.

Bateu em Blaylock mais uma vez, só porque lhe apeteceu e perguntou-lhe:

– Onde está a Maggie Wells?

– Maggie quem? – perguntou Blaylock num tom sarcástico.

– Vou perguntar-lhe mais uma vez e, se fingir que não a conhece, prepare-se para dar o seu último suspiro.

– Você não me ia matar à porta de Lorde Stone.

– Ah não? Está disposto a correr esse risco?

Michael pegou na faca que tinha encontrado no casaco de Blaylock e encostou a ponta à bochecha dele, imediatamente por baixo do olho.

– Você é mesmo louco, como toda a gente diz – reclamou Blaylock.

– Eu nunca o neguei. E então, onde está ela?

Blaylock fechou-se em silêncio e Michael enterrou a ponta da faca um pouco mais, quando ele gemeu e agiu como se não estivesse aterrorizado.

Por fim, admitiu:

– Prisão de Newgate.

– Ela está presa – repetiu Michael. – Em Newgate.

– Sim.

– Sob que nome?

– O dela – respondeu Blaylock. – Do que estava à espera?

Mas ele desviou o olhar, mostrando claramente que estava a mentir e Michael era a melhor pessoa do mundo a ler expressões faciais. Essa era a principal razão para ter enriquecido tanto.

– Se me disser a verdade – disse num tom descontraído –, eu não começo já a partir-lhe os dedos.

– Você não se atrevia.

– Você é mesmo idiota, Blaylock. Por um lado, diz que eu sou louco, mas, por outro, afirma que eu não me vou comportar como um louco.

Agarrou Blaylock pelo pulso, empurrou-o contra o chão e pisou-lhe o dedo indicador. Ouviu-se um estalido ruidoso quando o osso se partiu e Blaylock uivou com o sofrimento.

– Ela está presa com que nome? – perguntou Michael de novo, calmamente, quando Blaylock parou de berrar.

– Margaret Wesley.

Michael olhou-o nos olhos e, tendo ficado satisfeito com a resposta, soltou a camisa de Blaylock e o homem enrolou-se em posição fetal, com a extremidade mutilada pressionada contra o peito.

– De quem foi a ideia? Sua ou da Felícia?

Blaylock respondeu sem hesitar.

– Ela implorou-me que a ajudasse a fazer a menina Wells desaparecer. O executor fui eu, mas ela concordou com todas as minhas sugestões.

– Ela ficou a ver da carruagem dela?

– Sim.

– Nunca se perguntou se eu me importaria se fizesse mal à menina Wells?

– Porque haveria de se importar? Ela não passa de uma...

Ele não chegou a concluir aquele comentário depreciativo. Michael pontapeou-o nos testículos e Blaylock ficou verde e vomitou tudo o que tinha no estômago.

Michael levantou-se e endireitou-se.

– Estava correto a respeito de um pormenor.

– Qual? – Blaylock teve de fazer um esforço para fazer aquela pergunta.

– Eu não vou matá-lo à porta de Lorde Stone, mas é melhor olhar por cima dos seus ombros. Da próxima vez que o vir, é um homem morto.

Olhou para a esquina da casa e viu o rapaz da cavalaria e dois cocheiros a assistirem à cena com uma espécie de fascínio perplexo.

Michael dirigiu-se a eles.

– Levem o senhor Blaylock para as estrebarias e deixem-no descansar um bocado. Quando acharem que ele se aguenta em cima do cavalo, ajudem-no a montar e tirem-no da propriedade. Certifiquem-se de que ele se vai embora antes de eu estar pronto para sair. Odiaria ter de o matar no celeiro de Lorde Stone.

Michael dirigiu-se à porta da frente, que continuava trancada. Aparentemente, aquele era um dia para partir portas. Deu um pontapé com força na madeira. E depois outro. O ferrolho caiu e Michael irrompeu pela casa dentro.

O mordomo e várias criadas estavam reunidos em grupo no corredor, mas Michael ignorou-os. Felícia estava ao cimo das escadas a olhar para baixo e, quando ela viu Michael a entrar como um louco descontrolado, ficou parada por um instante, a seguir deu um grito alarmado e correu escada acima.

Michael correu atrás dela e agarrou-a pelo braço.

– Onde está Lorde Stone? – gritou ele para o mordomo, que apontou para o corredor atrás de si.

Michael arrastou Felícia até lá abaixo. Ela sibilava e debatia-se, na tentativa de o acompanhar, mas ele era demasiado forte e estava demasiado zangado.

Michael passou pelo mordomo e pelas criadas, ao mesmo tempo que Felícia se contorcia e implorava:

– Ajudem-me. Chamem a minha mãe. Por favor!

Contudo, nenhum dos criados se mexeu. Estavam petrificados com o comportamento de Michael.

Ele continuou a descer o corredor e encontrou Lorde Stone na biblioteca, ao fundo. Estava num canto, sentado numa cadeira junto à janela, a apreciar um brande em silêncio.

– O que significa isto? – levantou-se, tentando parecer majestoso e imperioso, mas a sua tentativa foi gorada.

Michael era mais alto do que Lorde Stone, mais jovem e mais forte e muito mais apto fisicamente. Ergueu-se acima do idoso, que estava desalinhado, malpronto e cheirava como alguém embriagado,

apesar de serem duas da tarde.

– Conte-lhe o que fez – ordenou Michael irado a Felicia.

Ela teve a audácia de responder:

– Eu não fiz nada. O senhor Scott está louco.

Michael atirou-a para junto do pai, mas Lorde Stone recusou-se a apanhá-la. Ela cambaleou e agarrou-se à cadeira dele, caso contrário teria caído ao chão.

– A sua filha interferiu em assuntos da minha vida pessoal – comunicou ele a Lorde Stone. – E prejudicou intencionalmente a minha boa amiga, Magdalena Wells.

Lorde Stone fez uma careta.

– A Felicia não seria capaz. Não é suficientemente inteligente para discernir o que fazer.

Felicia teve a ousadia de exclamar:

– A menina Wells é amante dele!

Lorde Stone cravou o olhar na filha e revirou os olhos.

– Porque acha que tem motivos para reclamar do facto de ele ter uma amante?

– Eu disse-lhe para se livrar dela – ripostou Felicia. – E ele não o fez. Por isso, fi-lo eu.

– Mas que raio – rosnou Lorde Stone. – Em que estava a pensar? As relações pessoais dele não são da sua conta.

– Precisamente – concordou Michael. – Por isso, está tudo acabado. Eu não quero esta rapariga perversa e imatura para minha mulher.

– Bom e eu não o quero a si – replicou Felicia, mas ele e Lorde Stone ignoraram-na.

Lorde Stone foi direto ao assunto.

– Está a pôr fim ao noivado? E... como fico eu no meio disso?

– A sua filha fez com que prendessem a menina Wells.

– Ela mereceu! – exclamou Felicia.

– Cale-se, Felicia – ordenou Lorde Stone. – Deixe o homem falar.

– Oh, odeio-vos aos dois! – reclamou ela e saiu em passos pesados.

Michael nem se incomodou a olhar para ela. A sua atenção estava presa a Lorde Stone.

– A menina Wells está presa em Newgate.

– Foi a Felicia que fez isso?

– Com alguma ajuda do James Blaylock.

– Raios partam. Lamento, Scott. Não fazia ideia do que ela andava a tramar. Nem sequer me apercebi que ela conhecia o Blaylock.

– Tenciono encontrar a menina Wells e trazê-la para casa – anunciou Michael.

– Muito bem, muito bem...

– Pode ficar com a sua filha, mas eu fico com a plantação e com os navios. Vou vendê-los e dar o dinheiro à menina Wells para compensar os sarilhos que a Felicia arranjou.

– Ora, oiça, Scott, você não pode simplesmente...

– Tem alguma objeção a esta decisão?

– Eu... eu...

– Se me disser que não posso ficar com eles, faço-o pagar para o resto da vida, a si e à sua filha.

Michael debruçou-se sobre Lorde Stone, com uma expressão feroz e perigosa, como sempre era descrito.

Lorde Stone afastou-se e apressou-se a dizer.

– Não, não, não há problema nenhum em relação a isso. Eu fico com tudo o resto, certo? Tenho o resto de volta?

O olhar desconfiado de Lorde Stone vagueou pela sala, como se estivesse a fazer o levantamento dos seus bens, como se Michael pudesse surripiar alguns deles quando saísse.

Michael escarneceu, com desdém.

– Sim, pode ficar com tudo, para apostar no jogo num acesso de embriaguez. Venha até ao meu clube uma destas noites e eu tenho todo o gosto em tirar-lhe tudo outra vez.

Virou-se e saiu. Atrás dele, Lorde Stone gritou:

– Vou querer isso por escrito. Para ter a certeza das condições, percebe?

– Vou pedir ao meu advogado para falar consigo.

Dirigiu-se ao vestíbulo, passando pelos criados que pairavam por ali para ouvirem todos os intercâmbios escabrosos da disputa. Estavam a rebentar com especulação e iam ter semanas de mexericos na cozinha.

Felicia estava ao cimo das escadas e quando o viu endireitou-se, como se se preparasse para o insultar. A fúria dele aumentou.

Tinha sido perdido na infância, erguera-se do nada e tornara-se um dos homens mais ricos e poderosos do reino. Pessoas como o pai dela tremiam quando Michael passava.

Como se atrevia ela a escarnecer dele? O que tinha ela de grandioso? Nada que ele conseguisse discernir.

– Eu percebo – disse-lhe ele – que, dada a minha proveniência baixa, tenha pensado que a sua vida estava arruinada quando se tornou minha noiva.

– E ficou.

– O meu pai era um aristocrata escocês. Eu sou irmão de um conde.

– Mentiroso. Não é nada.

– Sou sim e, no futuro, é provável que nos cruzemos em eventos sociais. Por favor, finja que não me conhece, pois eu vou certamente fingir que não a conheço.

– Eu nunca agiria como se nos conhecêssemos depois disto!

– E boa sorte a encontrar outro noivo. – Normalmente, ele não era cruel com as mulheres, mas simplesmente não gostava dela. E não resistiu a acrescentar. – E receio que vá permanecer solteira por muitos anos, porque não imagino quem a vá querer depois de eu a ter tido.

Não era uma cena de despedida assim tão má e ele tinha de admitir que era melhor do que fazer-lhe mal. Ela guinchou, ofendida, e ele continuou a caminhar na direção da porta, deliciado quando viu o rapaz da cavalição a segurar o seu cavalo pelas rédeas.

Michael saltou para o dorso do animal e cavalgou sem olhar para trás.

* * *

– Queria falar comigo?

– Sente-se, menina Wesley.

– É Wells – respondeu Maggie, tensa. – Magdalena Wells e eu exijo que me seja permitido contactar a minha irmã.

Fitou o homem corpulento e odioso que estava sentado à sua frente. Tinha-se apresentado como senhor Turner e estavam no gabinete dele na prisão. Tinha um ar autoritário, mas ela não se tinha preocupado em esclarecer qual era a sua posição. Só precisava de uma pena, um frasco de tinta e

papel para escrever a Pamela.

Não tinha a certeza se a irmã ainda estaria em Cliffside, ou se a ajudaria, mas, para além de Pamela, só havia duas pessoas que eventualmente poderiam ajudá-la. Uma delas era Evangeline e Maggie preferia morrer do que permitir que ela percebesse que se encontrava numa situação tão sórdida. A outra pessoa era Michael Scott e Maggie mais depressa cortava um braço do que o abordaria sobre qualquer assunto. Ele tinha dito ao arruaceiro do senhor Blaylock que Maggie conspirava com ele para arruinares jovens bonitas. Mentira ao dizer que Maggie as mandava trabalhar para o seu clube de jogo. Depois de tanto trabalho altruísta que ela desenvolvera nas ruas ao longo dos anos! Depois de tanta misericórdia e caridade que oferecera aos mais desafortunados! E aquela era a sua recompensa?

– Os meus registos dizem que se chama Margaret Wesley – informou-a o senhor Turner.

– Os seus registos estão errados. Eu estou em plena posse das minhas faculdades mentais e sei como me chamo.

O senhor Turner franziu a testa, dando a ideia de que nunca tinha permitido que um prisioneiro lhe faltasse ao respeito. E era isso que Maggie era – uma prisioneira. Aquela simples ideia lançava uma onda pestilenta de fúria por ela acima e ela mal conseguia permanecer sentada na cadeira. Ficou zozza com a ira e quase demasiado enraivecida para conseguir falar.

– Isso não interessa – murmurou ele.

– Porque não?

– A sua fiança foi paga.

– A minha fiança?

– Sim.

– Quem a pagou.

Ele não lhe respondeu, mas disse-lhe:

– As queixas também serão retiradas.

– Vão ser retiradas porquê?

– Eu não sou advogado, menina. Não faço a mínima ideia.

– Eu vou ser libertada.

– Vai, sim senhora.

Ele ostentou um sorriso matreiro que só a deixou mais inquieta. O que estava a passar-se. Obviamente que ele não estava a levar em conta os interesses dela. Teria orquestrado um outro fiasco ainda maior?

Ele fez deslizar um papel em cima da mesa.

– Pode assinar aqui, por favor?

– O que é isto?

– Diz que me absolve a mim e aos restantes guardas pela nossa conduta errónea.

– Conduta errónea?

A fúria dela disparou até atingir um nível que ela desconhecia que conseguia sentir.

Tinha passado dois dias e duas noites na prisão. Como não tinha percebido que ia ficar detida, não tinha trazido dinheiro, cobertores, um casaco ou outros objetos pessoais que seriam necessários para sobreviver naquele lugar pavoroso. Nada era gratuito, a não ser a mais parca subsistência.

Ela continuava a não fazer ideia do motivo pelo qual tinha sido presa ou porque o senhor Scott tinha mentido de forma tão cruel a seu respeito. Mas suspeitava do porquê da catástrofe se ter

desenrolado. Quando Blaylock ficara a olhar para os portões da prisão a fecharem-se, ela tinha-lhe perguntado.

– Porque me está a fazer isso? Porquê?

Ele sorria e respondera:

– A Lady Felicia manda-lhe cumprimentos.

Maggie não conseguia perceber por que razão Lady Felicia a odiava e qualquer animosidade era ridícula e deslocada. Maggie tinha sido uma diversão para Michael Scott e não representava qualquer obstáculo ao seu noivado com Lady Felicia. Ela tinha implorado a Michael Scott para que ele pusesse termo ao noivado, mas ele tinha recusado.

Ela apontou para o papel do senhor Turner.

– Se eu não assinar, posso sair na mesma?

– Bom... ah, sim.

– Nesse caso, leve o seu documento e enfie-o nalgum lado.

Se as circunstâncias fossem diferentes, se a fiança dela não tivesse sido paga por um benfeitor anónimo, ela não tinha como prever quais seriam as consequências que aquele comentário sarcástico podia ter gerado.

O senhor Turner irradiava uma tal aura de desagrado maléfico que a assustou. Reclinou-se na sua cadeira, desejando poder ficar mais afastada dele. Ele parecia prestes a irromper à volta da secretária e a bater-lhe.

Se o fizesse, seria apenas mais uma humilhação, numa longa sequência de humilhações que não tinham parado desde o dia em que Gaylord Farrow se tinha cruzado no seu caminho.

Porque era a vida tão dura? Porque era ele castigada constantemente?

Ela passava o seu tempo a ajudar os outros. A sua única falha moral tinha sido o caso com o senhor Scott, mas ela amava-o e tinha prosseguido por pensar que também ele a amava. Estava tremendamente enganada, mas ainda assim tinha acreditado.

Não podia haver algum perdão? Alguma redenção?

Felizmente, o senhor Turner não chegou a ter a oportunidade para se vingar. Ouviram-se passos no corredor. Eram pesados, o som de botas de homem que marchavam na direção deles... não era Pamela. Nem Gaylord, que andava como um homem elegante.

– Ah, aqui está ele – disse o senhor Turner.

– Aqui está quem? – Maggie olhou e viu Michael Scott entrar na sala. Susteve a respiração e perguntou. – O que está a fazer aqui?

– Vim buscá-la. Vamos.

– Eu não iria consigo nem que estivesse a morrer e você fosse a única pessoa no reino capaz de me salvar.

– Não seja tonta – repreendeu-a ele. – Venha. Eu não fico neste buraco nem mais um segundo do que o estritamente necessário.

Ele estendeu-lhe a mão, mas ela deu um salto, levantou-se e fugiu para ao pé do senhor Turner. Não sabia porque tinha pensado que o senhor Turner era a sua melhor opção, mas não estava a pensar como devia ser.

Tinha sido enganada, ludibriada, raptada, detida e presa. Estava suja, esfomeada e aterrorizada. Tinha a família arruinada, o coração partido e a vida destruída. Michael Scott tinha sido o grande responsável pela maior parte do seu mal.

Não se imaginava a sair dali com ele e ele não era salvador de mulher nenhuma.

Olhou com uma expressão suplicante para o senhor Turner, que a fitou como se ela tivesse perdido a cabeça.

– Não me obrigue a ir com ele – disse ela.

– É claro que vai – replicou Turner. – Está tudo tratado.

– Eu tenho medo dele.

– E não temos todos? – murmurou o senhor Turner, que dirigiu um sorriso dissimulado ao senhor Scott. – Ela é toda sua, senhor Scott, e o diretor pediu-me para lhe transmitir que espera que não haja rancores.

– Ainda não – respondeu o senhor Scott. – Mas se eu vier a saber mais tarde que o senhor ou algum dos seus guardas a maltrataram, haverá consequências.

Ele tinha um ar real, imponente, como se pudesse levar a cabo qualquer ameaça de violência e o senhor Turner pensou que isso era mesmo assim. Perante aquela advertência aberta, empalideceu de medo.

– Tenho a certeza de que não haverá nada a dizer dos guardas – respondeu Turner. – Ouvi dizer que foi tudo um esquema do senhor Blaylock.

– O Blaylock já pagou uma parte do seu preço, mas ainda me deve alguma coisa. – O olhar duro do senhor Scott voltou-se para Maggie. – Vamos, Maggie. Não volto a pedir-lhe.

– Como se atreve a vir buscar-me? – perguntou, enfurecida.

– Se não fosse eu, quem teria vindo?

– Precisamente, senhor Scott.

Era o comentário mais triste de sempre e, para seu horror, ela desatou a chorar.

No mundo inteiro, quem gostava dela? Ninguém. Nem uma única alma solitária.

– Está a chorar? – perguntou ele, como se reclamasse. – Pare. Sabe que isso me magoa.

– Eu choro se quiser. Não é da sua conta se eu estiver aborrecida.

Ele estendeu a mão, parecendo apreensivo, como se ela fosse um animal selvagem em risco de sair disparada e era precisamente assim que ela se sentia. Sozinha. Assustada. Maltratada. Negligenciada. Mal-amada.

Os acontecimentos dos últimos dias eram demasiado maus para serem descritos ou suportados. Ela era apenas uma mulher comum. Como iria reagir a uma tal provação? Como iria libertar-se dela de maneira saudável? Não fazia ideia.

Afastou-se de Turner e passou pelo senhor Scott, ignorando a mão que ele lhe estendera. Marchou para o corredor, por um instante baralhada em relação a que direção tomar.

Estava lá um guarda que lhe fez um gesto para a direita.

– Por aqui, menina.

– Obrigada.

Ela partiu num passo apressado e, atrás dela, o senhor Scott gritou:

– Maggie, vá devagar. Espere por mim.

– Eu não vou esperar por si, senhor Scott. Nunca mais. Por isso, sugiro que caminhe um pouco mais depressa, se me quiser acompanhar.

– Um pouco de gratidão não lhe ficava mal.

– Gratidão!

Michael fez uma careta a Maggie, sentindo-se extraordinariamente magoado pelo mau feitio e pela falta de consideração dela. Era mesmo uma atitude tipicamente feminina. Ele estava finalmente embeijado, tinha por fim admitido que era capaz de estar apaixonado e ela não queria saber.

– Eu podia ter deixado o seu belo corpinho a apodrecer lá dentro – disse ele.

– E porque não o fez?

– Se preferir, posso devolvê-la ao senhor Turner.

Estavam na carruagem e dirigiam-se para o seu bairro decrepito e desalentado. Tinha tentado sentar-se ao lado dela para poder pegar-lhe na mão ou colocar-lhe um braço reconfortante por cima dos ombros, mas ela não admitira nada disso. Tinha-se sentado no banco à frente dele, deixando perfeitamente claro que não o queria por perto.

Ele não sabia o que havia de fazer com ela agora. Gostaria de a levar a algum outro lugar que não fosse a sua rua decadente, talvez para a casa de campo dele, ou até Cliffside, mas ambos ficavam demasiado longe.

Rebecca, a irmã dela, era uma alternativa. Mas sendo ela e Ramsey recém-casados e tendo em conta como eram melosos, ele imaginava que Maggie não iria gostar de ser sua hóspede.

Tinha o seu apartamento de solteiro, mas ela nunca aceitaria lá ficar. O único lugar que restava era a missão benemérita dela, mas ele opunha-se veementemente a essa ideia.

Contudo, se não fosse para lá, para onde a levaria? Para um hotel? Uma estalagem de diligências?

Ela estava aninhada contra o coxim, de olhos fechados, como se estivesse extremamente cansada. Ele observou-a e pensou que ela parecia muito jovem e indefesa. Apesar de ter passado apenas dois dias encarcerada, parecia ter perdido peso. Tê-la-iam feito passar fome? Estava pele e osso.

Ele olhou com mais atenção e ficou incomodado quando viu que ela estava a chorar outra vez. Ou talvez nem tivesse parado de o fazer.

– Maggie – murmurou ele, desejando conseguir acalmá-la.

– Deixe-me em paz.

– Vai ficar tudo bem.

– Como assim?

– Havemos de arranjar uma maneira.

Ele acariciou-lhe o joelho, mas ela afastou-se e os seus olhos abriram-se de repente.

– Como se atreve a deixar que me prendam? – Atacou-o ela de forma absurda. – Como se atreve a dizer mentiras a meu respeito?

– Como?

– Eu passei todos os minutos dos últimos sete anos a ajudar os outros. Fui gentil para todos os oprimidos que conheci. Nunca enviei uma rapariga para trabalhar no seu clube desprezível. – Cravou

nele um olhar cheio de animosidade. – Nunca o faria.

– Claro que não.

– Você destruiu a minha família, tomou a minha casa para si e roubou-me a minha virgindade. E isso bastou-lhe? Não! Também tinha de arruinar a minha reputação.

– Do que está a falar?

– Até parece que não sabe – exclamou ela, exasperada.

– Não sei. Juro.

– O monstro que me prendeu? O senhor Blaylock? Ele explicou-me tudo.

– O que é que ele lhe explicou?

– Disse que houve testemunhas que me acusaram de fazer intrigas. Disse-me que o interrogou a esse propósito e que você admitiu o esquema todo.

Mais um pecado pelo qual o Blaylock vai pagar...

Um músculo do queixo de Michael teve um espasmo.

– Nunca lhe ocorreu que ele podia estar a mentir?

– Nem por um segundo.

– Não me conhece melhor do que isso?

– Eu pensei que o conhecia, mas não conheço. Você é um rufia desleal e pomposo e já mo provou vezes sem conta.

– Isso não é verdade – murmurou ele, sentindo-se profundamente ferido pela opinião profundamente crítica dela.

Era óbvio que ela estava cansada e com medo e que tinha suportado mais do que qualquer mulher devia ter de suportar. Mas ele sempre tinha acreditado que as pessoas tendiam a ser mais sinceras quando estavam apoquentadas e não conseguia tolerar o facto de ela ter uma opinião tão negativa em relação a ele.

Habitualmente ele teria explodido e ordenar-lhe-ia que se calasse, mas desta vez engoliu as suas palavras de fúria. Ela precisava de comer e de tomar banho, descansar e ser mimada.

Ele decidiu que ia levá-la para Orphan's Nest e que ia permanecer ali com ela até Maggie se sentir novamente sã e feliz.

A carruagem estremeceu antes de se deter, ela afastou a cortina e espreitou lá para fora. Estavam à frente do clube dele e ela franziu o sobrolho.

– Porque parámos?

– Amanhã de manhã vou levá-la para o campo. Esta noite, ficamos aqui.

Ela olhou para ele boquiaberta, como se ele tivesse enlouquecido.

– No seu antro de imoralidade?

– Se preferir, podemos alugar um quarto numa estalagem de diligências, mas eu tenho alguns preparativos a fazer antes de partirmos.

– Senhor Scott, o senhor está a agir sob a ilusão de que eu iria acompanhá-lo.

– Com o ar puro do campo vai recuperar rapidamente. É o melhor sítio para recuperar.

– Eu não preciso de... recuperar. Estou ótima.

– Você não está ótima, Magdalena. Você está um caco.

– Para si, sou menina Wells. Agora, leve-me para casa.

– Para onde? Para Cliffside?

– Não, para a minha missão solidária, seu idiota. Para onde achava que havia de ser?

- Aquele lugar não é seguro para si.
- Quem é que o diz? Eu vivi lá muitos anos e nunca tive problemas até o ter conhecido.
- Não é seguro!

Ele tinha medo de a perder de vista. Ela era dada a deixar-se cair em confusões. Se ele não estivesse por perto para olhar por ela, o que podia acontecer?

Ela debruçou-se para fora da janela e chamou o cocheiro.

- Pode deixar-me na Missão de Socorro do Vigário Sterns? É mesmo ao cimo da rua.

O humor de Michael disparou, mas ele conteve-se. Como conseguiria chamá-la à razão? Como poderia ela compreender o medo que ele tinha sentido e que ele queria tomar conta dela para sempre?

- Porque não me dá ouvidos? – perguntou ele.

- Porque não quero ouvir nada do que tem para me dizer.

- Está a ser imprudente.

– Não. Eu sou desconfiada e não confio em ninguém. Em si. Na minha família. Em ninguém neste mundo. Não confio em nenhum de vocês.

Debruçou-se e reclamou com o cocheiro:

- Pode levar-me para casa? Se não puder, eu faço o resto do caminho a pé.

- Não vai a pé – admoestou-a Michael.

- Não me dê ordens, senhor Scott. Não pode.

Michael debruçou-se e ordenou:

- Leve-a até à missão.

A carruagem seguiu e eles saltaram nos seus lugares. Ele observou-a furtivamente e debateu-se a pensar em como poderia acalmá-la, mas tal parecia impossível.

- O Blaylock vai deixar Londres em breve – disse ele. – Ele não vai voltar a magoá-la.

- Ótimo.

– Eu não faço ideia do que ele lhe disse a meu respeito, mas não fui cúmplice na sua detenção. Há quase um ano que não falo com ele e certamente que não falei com ele sobre si.

- É uma história provável.

- A Lady Felicia foi a responsável, incitada pelo Gaylord Farrow.

- Não me surpreende que a Lady Felicia estivesse implicada. Mas o Gaylord?

- Sim.

- Porque haveria ele de me ter magoado de forma tão maldosa?

Michael encolheu os ombros.

– Porque é que o Farrow faz seja o que for? Ele é uma ameaça e também nunca mais vai magoá-la. Eu vou certificar-me disso.

- Vai tratar disso? O que quer dizer?

- Ele nunca mais se intromete consigo nem com as suas irmãs.

Ela observou-o com atenção, tentando decifrar o que estava ele de facto a confidenciar-lhe, mas ele nunca lhe confessaria o plano que tinha para Farrow. Ele sabia como eram as mulheres. Se lhe revelasse o futuro próximo de Farrow, ela iria contar à irmã e Michael estava decidido a que Pamela Farrow nunca ficasse a saber do que tinha sucedido.

A carruagem deteve-se novamente, desta feita à porta da missão dela. Ela olhou lá para fora e franziu a testa.

– Tenho uma porta nova. O que aconteceu à antiga?

– Eu arrombei-a.

– Porquê?

– Porque você desapareceu e eu estava apavorado. Entrei para me certificar de que não estava caída no chão, morta.

– Você é mesmo especial – comentou ela, com sarcasmo.

– Reitero, um pouco de gratidão ficava-lhe bem.

Ela desdenhou.

– Quem arranhou a porta?

– Fui eu. E também arranhei a das traseiras, com uma madeira mais robusta e fechaduras melhores.

– Tem a chave nova?

– Tenho.

– Dê-ma.

Ela estendeu a mão e, apesar de ele ter a bendita chave no bolso, não tolerava entregar-lha. A chave representava a ligação dele a Maggie, o facto de estar encarregado dela para poder cuidar dela devidamente.

– Por favor, não fique aqui – disse ele. – Eu vou ficar tão preocupado consigo.

– Porque havia de se preocupar? Eu não sou um problema seu, senhor Scott. Não tem de se incomodar. Agora, dê-me a maldita chave.

Ele suspirou e tirou-a do bolso. Ela arrancou-lha da mão e, quando pôs a mão na porta da carruagem, ele teve um momento de pânico. Voltaria a vê-la? E se isso não acontecesse? Se esta fosse a derradeira vez que a via?

Ela estava muito zangada, ele não tinha feito nenhum comentário que não parecesse idiota e ela tinha desconstruído todos eles.

Tinha a esperança de que um dia ela o perdoasse e se lembrasse que em tempos o tinha amado. Aquele género de emoção intensa não se evaporava simplesmente.

– Eu cancelei o meu noivado – disse ele.

– Melhor para si.

– Não podia continuar com a Felicia depois de ter descoberto o que ela lhe fez.

Ela fez um som de desdém.

– Ela teve de me mandar raptar, deter e prender para o fazer decidir que não era a pessoa certa para si? O senhor está louco, senhor Scott. Está completamente louco.

– Maggie... eu...

Durante um minuto, ela ficou ali, com o corpo inclinado para ele, à espera das suas próximas palavras.

– O quê? – perguntou ela, visto que ele não conseguia proferir as palavras.

– Eu... amo-a.

Era a primeira vez que ele dizia aquela expressão em voz alta, pelo que se tratava de uma ocasião importante na sua vida. Não sabia que resposta esperava, mas não era aquela que obteve.

– Você não me ama. Você não ama ninguém. Chegou quase a gabar-se disso.

– Eu amo-a!

– Está a ser ridículo e eu preciso de tomar banho.

O cocheiro aproveitou aquele momento para abrir a porta. Ainda não tinha baixado o degrau, mas

ela saltou mesmo assim.

– Maggie!

– O que foi? – Ela estava cada vez mais exasperada.

– Quer casar comigo?

Ela inspirou ruidosamente, como se ele tivesse acabado de proferir um insulto.

– Se me caso consigo?

– Sim. Quer?

– Preferia fritar em óleo a ferver.

Ela caminhou ruidosamente até à porta nova, rodou a chave na fechadura e viu que funcionava na perfeição. Num ápice, desapareceu como se nunca ali tivesse estado.

* * *

– É o proprietário disto? A sério?

Ramsey sorriu para a sua mulher e disse:

– Sim, senhora Scott. Eu sou o proprietário.

Ele enfatizou a palavra senhora e gostou de como soou.

Rebecca ergueu um sobrolho elegante.

– Então... quando se gabava de como era rico, não estava a mentir.

– Não, não estava a mentir. Eu sou mesmo rico e não conseguiria destruir a minha fortuna em cem anos.

Ela também sorriu.

– Fico deliciada por ouvir isso. Por um momento, deixou-me preocupada.

– Acredito que sim.

Ela exalou um suspiro de alívio.

– Depois de ter vivido com o Gaylord, não imagino como será refrescante ter alguma estabilidade à minha volta.

Ramsey empertigou-se todo.

– Eu salvei o seu belo corpinho, é bom que não se esqueça disso.

– Como se você o permitisse. Não fala de outra coisa.

– Bom, você tem um tempo de concentração muito limitado.

Estavam de regresso a Londres e encontravam-se à frente da casa que ele lhe tinha comprado. Inicialmente, tinha pensado em instalá-la ali como sua amante. Era esse o acordo que tinham, mas perante a insistência de Michael para que se casassem, ele tinha acabado com muito mais do que esperava.

Ao longo das últimas décadas ele poderia ter-se casado com várias raparigas, mas todas elas tinham crescido em meios conturbados e ele não se interessava por raparigas dos escalões mais baixos da sociedade.

Contudo, não sabia como explicar esse facto. Era Michael quem tinha sangue azul a correr-lhe nas veias, mas talvez Ramsey também tivesse umas gotas. Sempre quisera associar-se a uma verdadeira dama e agora tinha feito isso. O destino tinha-lha atirado para o colo.

Ao princípio, ela mostrara-se relutante e não acreditava que ele viesse a ser um grande marido. E continuava a achar o mesmo, mas ele havia de lhe mostrar o contrário. Frágil como ela era, precisava de um homem forte ao seu lado, um homem que a protegesse e que a mantivesse afastada de

problemas – já que ela era do tipo de se deixar envolver em muitos.

Ele sempre tinha vivido com Michael e ao longo de muitos anos tinha vivido num quarto por cima do clube dele. Enquanto era solteiro, fora-lhe conveniente. Mas agora ele tinha perto de trinta anos – nunca soubera bem a sua idade – e estava na altura de viver como uma pessoa normal.

Uma mulher. Uma casa. Móvel. Criados. Se não tivesse cuidado, ia dar por si a ser quase respeitável. Tinha de afastar aquele pensamento!

– Entramos? – perguntou ele.

– Sim, entremos.

De repente, ele foi assolado por uma onda terrível de ansiedade. E se ela não gostasse da casa?

Não era Cliffside, de maneira nenhuma, mas não deixava de ser uma ótima casa. Construída em tijolo vermelho, com portadas pretas e rebordo branco, tinha três andares, um estábulo para uma carruagem e um jardim na parte de trás.

A zona era sossegada e segura e os vizinhos saíam para o trabalho envergando fatos cinzentos bem engomados, daqueles que os advogados e os empresários vestiam. Ramsey não pertencia àquele grupo social tão seletivo e culto, apesar de ser mais rico do que todos eles juntos, mas gostava de pensar que fingia pertencer ali.

Rebecca iria integrar-se, mas Ramsey? Nunca. Se os vizinhos comessem a tornar-se muito chatos, mudavam-se. Ele encontraria outra rua sossegada, noutro bairro seguro e tentaria fazer Rebecca feliz.

Dali em diante, esse seria o seu objetivo: fazê-la feliz. Bom, para além de trabalhar para Michael e fazê-lo a ele feliz. Rebecca vinha imediatamente a seguir a Michael, mas tendo em conta todas as maneiras de que Michael sempre ajudara Ramsey, esse não era um mau lugar para se estar.

Tudo o que eles tinham e tudo o que viriam a acumular no futuro seria graças a Michael, graças à sua perspicácia, argúcia e generosidade.

– A móvel estava incluída – disse ele –, mas, se não gostar, podemos deitá-la fora e escolher uma nova.

– Completamente nova?

– Sim.

Tenho a certeza de que a que já está aqui é ótima.

– Para começar, contratei dois cocheiros e duas criadas. Pode usá-los ou não. É consigo.

– Tenho a certeza de que também são ótimos.

– Ainda não contratei uma cozinheira. Achei que havia de saber melhor que tipo de pessoa gostaria de contratar.

– Podemos contratar uma francesa?

– Claro. E, se achar que precisa de mais uma dúzia de criados, mande vir. Quantos mais, melhor.

– Está a ser muito acolhedor.

– Eu quero que goste da casa, mas, se não gostar, vendemos e compramos outra.

Ele tagarelava como um idiota, mas não se conseguia calar. Estava demasiado nervoso! Tinha-se convencido de que não se importava que ela não gostasse das escolhas que tinha feito, mas estava a mentir. Estava desesperado para que ela gostasse.

Acompanhou-a à porta. Os criados estavam à espera deles e um dos cocheiros abriu-a e cumprimentou-os no momento certo. Ramsey guiou-a pela entrada da porta, mas ela espreitou por baixo daquelas pestanas escuras e compridas que a enlouqueciam.

– É suposto levar-me ao colo – disse.

– Ah sim?

– Dá sorte.

– Nesse caso, deixe-me levá-la ao colo.

Ela era leve como uma pena e ele pegou nela e caminhou até ao vestíbulo, muitíssimo satisfeito com ela e com aquilo que tinha conseguido para si.

Pousou-a e apresentou-lhe os criados. A seguir, recuou e ficou a observar timidamente – desde quando se tinha tornado tímido? – enquanto ela examinava tudo à sua volta.

Ela passou por ele e entrou na sala de estar, circulando por ali, a mexer nas coisas, a cheirar, a espreitar para dentro de gavetas e a puxar os cortinados para ver o que havia do lado de fora das janelas.

Ele não conseguiu aguentar e perguntou:

– O que lhe parece, senhora Scott?

– Parece-me... – Ela era arguta, astuta e era tão bela.

A pausa longa estava a aterrorizá-lo.

– Diga de uma vez!

– É perfeita.

– Tem a certeza?

– Sim, Ramsey. Tenho a certeza absoluta. Pare de se preocupar tanto.

– Não consigo evitar.

– Estou tão aliviada por estar aqui consigo.

– Mas se achar que não é suficientemente sumptuosa ou se quiser que eu...

– Ramsey? – ela bateu o pé e interrompeu-o. – É absolutamente perfeita e eu nem acredito que o abarbatei para mim.

Saltitou até junto dele e lançou-se nos seus braços. Ele pegou nela e fê-la rodopiar e beijou-a repetidamente até ficar tonto e não conseguir fazê-lo mais.

– Parece que vai ficar – disse ele, quando se afastou.

– Parece que sim.

– Comigo, é para sempre.

– Acho bem que seja.

Ele pegou na mão dela e dirigiu-se às escadas.

– Para onde vamos? – perguntou ela.

– Devíamos experimentar a nossa casa, para vermos se o colchão é confortável.

Passaram pelos criados à pressa e ele não se apercebeu que algum deles tivesse reagido àquela sugestão lasciva – os criados não deviam reagir –, mas ela devia ter-se apercebido.

Ele pegou novamente nela ao colo e subiu as escadas a correr.

* * *

– Lamento, senhor Farrow, mas eu não posso permitir isso.

– Por favor?

Gaylord ostentou o seu sorriso mais charmoso, mas o criado que guardava a porta não se deixou comover.

Estavam à entrada de um clube de jogo a que ele se tinha associado há algumas semanas. Tinha

ficado em falta com uma mensalidade da sua quota e, com os seus excelentes dotes verbais, tinha convencido o proprietário de que estava à espera de receber algum dinheiro e que pagaria assim que ele entrasse.

Obviamente não havia dinheiro nenhum a chegar e, quando o proprietário descobriu, a quota dele foi imediatamente anulada. Não havia maior vergonha para um cavalheiro do que ser considerado demasiado pobre para socializar com os amigos. Era a derradeira humilhação.

Se ao menos ele fosse aristocrata! Aqueles malditos tinham a bênção de deter um título e por isso ninguém andava atrás deles para vomitarem dinheiro se se atrasavam um bocado.

– Os seus privilégios foram revogados – informou-o o criado.

Como se ele não soubesse.

– Eu não tenho de jogar. Deixe-me só entrar pelas traseiras.

– Não posso. O patrão caía-me em cima.

Se Gaylord tivesse duas moedas, teria subornado o tipo, mas a sua situação financeira tinha piorado consideravelmente.

Apesar de não perceber porquê, de repente havia credores a persegui-lo pela cidade e as suas linhas de crédito tinham-se desmoronado como um castelo de cartas. Todos os idiotas que alguma vez haviam emprestado alguma coisa a Gaylord estavam a exigir-lhe o reembolso imediato.

Tinha sido acochado na rua por mensageiros que tinham mandados para a sua captura. Eles tinham alegado que ele fora indiciado como um devedor criminoso e tinha de ser preso.

Quando eles se tinham aproximado, ele fugira e a multidão garantira que não conseguiam apanhá-lo. Mas eles estavam no seu encalço.

– Oiça, companheiro. – Olhou para o homem com uma expressão comovente.

– Eu não sou seu companheiro, senhor Farrow.

– Estão uns cretinos atrás de mim. – Gaylord deu uma risada como se aquilo não tivesse importância. – Dizem que eu lhes devo dinheiro.

– E deve? – ousou o criado perguntar.

Como tinham caído os poderosos.

– Trata-se de um pequeno mal-entendido – escarneceu Gaylord.

– Aposto que sim.

– Não ia ser cruel ao ponto de os deixar encontrarem-me, pois não?

O homem observou Gaylord e ele próprio tinha de admitir que o seu aspeto era patético. Habitualmente, era garboso e bem ataviado, mas o jogo, a bebida e a falta de sono tinham-no deixado muito em baixo de forma.

Cheirava mal.

Um restolhar de atividade emergiu no passeio e o criado olhou lá para fora. Gaylord também olhou. Os mensageiros estavam ali, a perguntar se alguém o tinha visto!

Gaylord empalideceu com o choque.

– Por favor! – sibilou.

– Passe lá – o criado apontou para a sala de jogo com o polegar. – Mas vá direito à porta das traseiras. Não se demore.

Se o homem disse mais alguma coisa, Gaylord não o ouviu. Percorreu o clube disparado, ignorando o ruído inebriante dos dados e o odor forte do álcool que o convidava a sentar-se e beber.

Alguns homens lançaram-lhe olhares enquanto ele passava por ali a correr, mas felizmente ninguém

lhe acenou. Ele prosseguiu e saiu a cambalear para a viela escura.

Estava tudo muito sossegado, mas tresandava a lixo e havia ratazanas a vaguear por ali. Demorou-se uns minutos, para acalmar a respiração e pensar em qual seria a melhor direção para fugir. Por fim, andou em bicos de pés e espreitou para a rua.

Na esperança de parecer mais composto do que se sentia, passou os dedos pelo cabelo e ajeitou o colete. Tencionava esgueirar-se e fugir sem ser visto, mas, antes de conseguir fazê-lo, um homem disse atrás dele:

– Olá, Farrow.

Ele deu um salto, com o susto, e quando se virou viu Michael Scott, que tinha aparecido em silêncio por trás dele. O seu amigo corpulento e violento, Ramsey Scott, acompanhava-o.

– Michael Scott! – Ele forçou um sorriso. – Que bom encontrá-lo aqui.

– Pois é, que bom.

– Pregou-me cá um susto.

Michael Scott apreciou o fato amarrado de Gaylord e o seu estado miserável e sorriu.

– Parece estar metido nalgum sarilho.

– Não, não, está tudo bem. Se me dão licença?

Ele voltou-se para se ir embora, mas Ramsey Scott bloqueou-lhe a passagem.

– Parece estar com pressa, senhor Farrow.

Ramsey Scott, bruto como era, não se desviava.

– Estou com pressa, sim.

– E porquê? – perguntou Michael Scott.

– Eu sou um homem ocupado – alegou Gaylord.

– Foi o que ouvi dizer – concordou Michael Scott, num tom afável. – Sabe o que mais ouvi?

– Não, o quê?

– Que alguém andou pela cidade a comprar o seu rasto.

– Trata-se de um boato maldoso – respondeu Gaylord, num tom despreocupado.

– É?

– Porque haveria alguém de comprar as minhas dívidas? A minha situação fiscal é bastante sã.

Ambos os Scott riram e Michael Scott disse:

– Talvez eu deva ser mais claro. Fui eu quem comprou a sua dívida.

A cabeça de Gaylord começou a andar às voltas quando tentou perceber o que Scott acabara de anunciar. Aquele idiota já era proprietário de Cliffside. De quanto mais precisava o bastardo ganancioso?

Gaylord franziu a testa.

– Porque haveria você de se preocupar com as minhas reles obrigações?

– Ah, mas elas não são reles – insistiu Michael Scott. Na realidade são o bastante para o condenar à prisão por penúria e por muito tempo.

– O que está para aí a dizer?

– Não devia ter feito mal à Maggie.

– Maggie! – resfolegou Gaylord. – Há semanas que não a vejo. Como podia ter-lhe feito mal?

Michael Scott agarrou Gaylord pela camisa e ergueu-o até ele ficar com as pontas dos pés a roçar no chão. As bainhas do casaco de Gaylord começaram a esticar e a rasgar-se.

– Tem a audácia de fingir que não a magoou? – perguntou o senhor Scott.

– Eu não fiz nada recentemente.

Perante aquela resposta de Gaylord, o senhor Scott ficou tão irado que Gaylord saiu disparado, mas acabou por chocar contra Ramsey Scott. Ficou encurralado entre os dois homens.

Michael Scott içou Gaylord mais uma vez.

– Por hipótese, falou com Lady Felicia recentemente?

– Porque haveria eu de ter falado com Lady Felicia? Nós não frequentamos exatamente os mesmos círculos.

– Não importa se mente ou não – replicou o senhor Scott. – Eu sei a verdade.

– Uma vez que nunca conheci a sua noiva, não imagino que verdade julga saber.

– Cale-se, Farrow – Ramsey Scott inclinou-se sobre o ombro de Gaylord e espreitou para o amigo.

– Este canalha é demasiado estúpido para viver. Deixe-me matá-lo.

– O quê? – guinchou Gaylord.

– Deixe-me acabar com o sofrimento das irmãs Wells – implorou Ramsey Scott.

– Socorro! – gritou Gaylord.

A rua estava apinhada de gente. De certeza que alguém iria parar para o ajudar, ou pelo menos olharia com atenção para Michael e Ramsey Scott, de modo que os dois arruaceiros pudessem ser identificados quando o corpo de Gaylord desse à costa nas margens do rio Tamisa.

Mas, antes de Gaylord poder gerar um tumulto visível, Ramsey Scott empurrou-o mais para o interior da viela. Michael Scott interveio de novo.

– Eu não o quero morto – disse o senhor Scott a Ramsey Scott.

Gaylord engoliu em seco.

– O que quer?

– Quero que me pague o dinheiro que me deve. Imediatamente. Consegue fazê-lo?

– Claro que não.

– Nesse caso, vou mandá-lo prender por fraude.

– Prender? Está louco?

– Estou – o senhor Scott ostentou um sorriso perverso e cruel. – Toda a gente sempre pensou isso e eu nunca o neguei.

Gaylord lembrou-se de como Michael Scott tinha tentado seduzir Maggie, de como parecia embeijado e disse-lhe:

– A Maggie ia ficar muito zangada se você fosse cruel comigo.

– A Maggie nunca vai descobrir.

– Vai sim – advertiu Gaylord. – Ela vai descobrir.

– Não do sítio para onde você vai.

– O que quer dizer com isso?

– Soube o que a Lady Felicia fez à Maggie?

– Não.

– Não conspirou com ela? Não participou?

– Credo, não – insistiu Gaylord. – Aquela mulher maldosa e eu não... conspirámos sobre assunto nenhum.

– Ela fez com que a Maggie fosse presa sob falso pretexto. A Maggie teve de pagar uma soma avultada de dinheiro – que não possuía. Ela foi presa, mas sob um nome falso, para que se alguém algum dia a procurasse, não houvesse registo. – O sorriso do senhor Scott tornou-se ainda mais

medonho. – Uma vez que foi você que pôs tudo em andamento, eu decidi que você devia ter um destino semelhante.

– Que destino? Está a ser absurdo.

– O seu nome é Gaylord Farrow, mas Gregory Fishburn vai servir-lhe na prisão.

– Oiça cá! – Gaylord estava completamente alarmado. – Você não pode simplesmente pegar num tipo da rua e mandá-lo para a prisão.

– Eu não vou pegar em si para o levar para lado nenhum. Tenho uma centena de depoimentos contra si. Ao contrário do que aconteceu à Maggie, na verdade eu tenho um motivo para o mandar prender.

– A culpada é a Lady Felicia. Está louco em culpar-me.

– Sim, já chegámos a essa conclusão. – O senhor Scott voltou-se para Ramsey Scott. – Os cobradores de dívidas estão por perto. Leve-o até eles.

– É um prazer – disse Ramsey Scott.

– Certifique-se de que ele é amarrado e amordaçado.

– Amarrado e amordaçado? – questionou Ramsey Scott.

– Sim, estou farto de ouvir as desculpas dele.

Ramsey Scott pegou no braço de Gaylord e arrastou-o dali. Gaylord debateu-se e lutou, mas não conseguiu impedi-los de continuarem.

– Senhor Scott! Senhor Scott! – suplicou e olhou por cima do ombro.

Michael Scott observava-o estoicamente a partir das sombras escuras da viela.

– O que foi?

– Não faça isto. Não pode querer fazer.

– Quero sim. Quero mesmo, mesmo muito.

– Mas... quando é que sou libertado? Quando posso ir para casa?

– E que tal nunca mais?

O senhor Scott encolheu os ombros e riu-se e, quando Gaylord voltou a gritar por ele, a besta malvada, Ramsey Scott, enfiou um lenço na boca de Gaylord, de maneira que a partir daquele momento ele só conseguisse murmurar e grunhir.

Maggie e Rebecca estavam sentadas na sala de visitas da sua casa nova. Era uma magnífica residência, com grandes janelas de vidro, divisões espaçosas e cheias de luz e mobílias confortáveis. Aparentemente, Ramsey Scott tinha-a escolhido sozinho, sem a ajuda de Rebecca e Maggie estava pasmada com a sua bela escolha.

Rebecca parecia ser feliz no seu casamento, um facto que escapava à compreensão de Maggie. Se alguém tivesse solicitado a sua opinião, Maggie teria declarado Ramsey como um terrível candidato a marido. Mas, a julgar pelas suas experiências com homens, ela tinha de admitir que era capaz de não ser a melhor pessoa para fazer esse julgamento.

– Ainda tenho a cabeça a andar à volta por causa da minha decisão de vender – declarou Maggie.

– Vai passar e, quando isso acontecer, vais perceber a sorte que tens. Surgiu uma oportunidade e tu aproveitaste-a.

– Imagino que um dia venha a ver as coisas dessa perspectiva, mas, se já não sou proprietária de uma missão de acolhimento, o que vou eu fazer? Eu não sou propriamente talhada para ser uma senhora desocupada. Não faço ideia de como não fazer nada.

Rebecca encolheu os ombros.

– Hás de encontrar algo que te interesse.

– Fazes com que isso pareça simples.

Alguns dias depois de Maggie ter regressado a casa após a sua provação na prisão de Newgate, aparecera na missão um advogado. Ele representava um consórcio que estava a adquirir uma propriedade naquela zona e queria comprar o edifício de Maggie.

A reação inicial dela fora declinar, mas, quando tomou conhecimento da quantia que ele estava a oferecer por aquele lugar decrepito, teria sido tonta se não tivesse aceitado. Tinha passado uma noite agonizante, atarefada e a cozinhar um guisado e tomado consciência de que não havia nenhum motivo para ficar naquele bairro. Porque não vender?

O vigário Sterns tinha lançado a associação com grandes esperanças e expectativas elevadas, mas elas não tinham melhorado a vida dos oprimidos que auxiliava. A tarefa parecia ser infrutífera e com todas as suas atribulações mais recentes, ela tinha mudado e deixara de encarar aquele esforço como sendo recompensador do ponto de vista pessoal.

E, para ser sincera, tinha medo de permanecer onde estava. O senhor Blaylock, Gaylord e Lady Felicia sabiam todos onde a missão estava situada. Qualquer um deles poderia agredi-la de novo e, tal como ficara provado na primeira tentativa, ela não tinha a capacidade para se proteger.

De cada vez que ouvia um ruído, saltava e espreitava por cima do ombro, interrogando-se se Blaylock teria finalmente vindo terminar o trabalho que começara a pedido de Lady Felicia. Gradualmente, ela iria ficar mais calma, mas para já estava um farrapo.

Michael Scott tinha-a salvo da primeira vez, mas ela não podia contar com a ajuda dele no futuro. Tinha a certeza disso. Depois da separação amarga de ambos, estava certa de que não iria voltar a

vê-lo.

A presença marcante dele na rua dela era mais um dos motivos para ter concordado em vender. As pessoas conheciam-no. Os vizinhos falavam dele e debatiam as suas graças. Carruagens carregadas com os seus clientes reputados geravam um fluxo constante de tráfego, à medida que os jogadores abastados se deslocavam até ao seu estabelecimento ilícito.

Ela amara-o tanto que de cada vez que ouvia dizer o seu nome era como se lhe espetassem uma faca no coração. Não suportava estar constantemente a ser lembrada da existência dele e do que ele tinha significado para ela. Fora tão tonta, de uma ingenuidade sem precedentes.

Tinha ido ter com o advogado e, após algumas horas, a transação estava concluída. No entanto, passara-se tudo tão depressa, a sua vida anterior tinha terminado de forma tão abrupta que ela continuava a convencer-se de que fizera a escolha certa.

Não seria melhor afastar-se? Seguir em frente? Mas para onde? Depois de tantos anos a ser pobre, não conseguia acreditar que já não se encontrava num caos fiscal.

Maggie não era detentora de uma fortuna, mas a venda tinha-lhe valido um pé de meia. Ter opções era um alívio, mas ela tinha *demasiadas* opções. Agora que podia ir para onde quisesse e arriscar envolver-se em qualquer tipo de atividade, era-lhe difícil interiorizar essa realidade.

– A Pamela escreveu-me – disse Rebecca, arrancando Maggie ao seu devaneio taciturno.

– O que disse ela? – perguntou Maggie, sem estar realmente interessada.

– Não se sabe nada em relação ao paradeiro do Gaylord.

– Eu percebo que a Pamela possa estar preocupada, mas cá para mim acho que ele deve ter fugido para a América com os credores à perna.

– É provável. Ou se calhar conheceu uma herdeira rica e colou-se a ela. Vai desfalcicar outra família que não a nossa.

– Os meus pêsames para eles – ripostou Maggie, revoltada. – Onde está a Pamela? Está em Cliffside?

– Está. Mas mudou-se para a velha casa da viúva.

– Porquê?

– O senhor Scott abriu-a para ela e obrigou-a a ficar lá.

– De certeza que ela não está contente com isso.

– Não. Ele vai deixá-la ficar lá seis meses e depois tem de sair.

– E para onde vai ela ao fim dos seis meses?

– Se encontrar o Gaylord, vai viver com ele. Caso contrário, não faço ideia.

– Tem cuidado, Rebecca, ou ela ainda te aparece aqui a implorar que a acolhas.

– Como se eu fosse fazer isso! – escarneceu Rebecca. – Quando te instalares, é melhor também não lhe enviases a tua morada nova. Se não ela aparece na tua casa em vez da minha. Tu és muito mais influenciável do que eu.

Maggie fez uma careta. Ela era influenciável? Era maleável e fácil de manipular?

Ela acabou por ter de conceder que aquele comentário tinha algo de verdadeiro e que ela tinha de fazer algumas mudanças. Os seus dias de ser usada e abusada por aqueles que amava haviam acabado. Isso não ia voltar a acontecer.

– Achas que o senhor Scott fez alguma coisa ao Gaylord? – perguntou Rebecca. – E que é por isso que ele desapareceu?

– É muito possível. No último dia em que falei com ele, jurou-me que o Gaylord nunca mais

voltava a incomodar-nos. Não me admirava nada que tivesse pago a alguém para...

A voz de Maggie falhou quando imaginou que ato hediondo o senhor Scott podia ter levado a cabo. De certeza que não tinha matado o Gaylord. Ou teria?

– Não ficavas surpreendida se ele... o quê? – insistiu Rebecca.

– Não me ligues. Eu não faço ideia do que o senhor Scott poderia fazer.

– Tu podes ter uma imagem negativa do senhor Scott, mas eu começo a gostar dele.

– Qual deles? – inquiriu Maggie. – Cá para mim, há demasiados Scotts na nossa família atualmente. Tu. O Ramsey. O Michael. Estás a falar do Ramsey ou do Michael?

– Do Michael. Se não fosse ele e a maneira como cuidou do Ramsey, não imagino onde estaria.

– Estás a dar-lhe mais crédito do que ele merece – ripostou Maggie, num tom amargo, recusando atribuir quaisquer traços positivos a Michael Scott.

– Tudo o que o Ramsey tem, deve-o ao senhor Scott.

– A sério?

– Sim. Eles conheceram-se naquele orfanato e, segundo o Ramsey, o senhor Scott acolheu-o e ensinou-lhe tudo o que ele sabe.

– Em relação a quê? Crime? Roubo? Violência? Intimidação?

– Não desprezes as competências deles. Elas tornaram-se obscenamente ricos.

– Eles podem ser ricos, mas eu não me gabaria da fonte dos rendimentos dele.

– Bom, de certeza que não vou protestar. Não quando fiquei com muito mais do que alguma vez julguei vir a ter. O Ramsey salvou-me do Gaylord e da Pamela e de me afundar no barco deles. Vou estar-lhe eternamente grata.

Maggie obrigou-se a sorrir e pensou que também devia sentir-se grata pela irmã. Há vários dias que estava alojada na casa de Rebecca, depois de ter vendido o seu apartamento na missão de beneficência. Por isso, tivera a oportunidade de observar a irmã e o marido e Maggie era evidentemente muito bonita e invejosa.

Rebecca – que crescera a ser apapricada e mimada – estava a ficar ainda mais assim. Ramsey Scott idolatrava-a e Maggie tinha dificuldade em vê-los juntos. Quando ela viu tudo o que Rebecca subitamente tinha na sua vida, isso só serviu para sublinhar o pouco que ela própria tinha. Alguma vez ela iria ser feliz?

– A propósito – prosseguiu Rebecca –, em relação à tua reclamação de que há demasiados Scotts na família...

– Não era uma reclamação. Eu estava simplesmente a constatar factos.

– Está prestes a haver menos um.

– Como assim?

– O Michael Scott tenciona mudar de apelido para Blair, pelo que passará a ser Michael Blair de agora em diante.

– Mas... porquê?

– Ele e o Ramsey usavam Scott porque foi o nome que lhes deram no orfanato. Mas ele sempre teve uns papéis onde constava a sua verdadeira identidade.

– E é Michael Blair?

– Sim.

Maggie ficou extraordinariamente magoada com aquela notícia. Nas muitas conversas íntimas que tivera com Michael Scott, ele alegara não possuir qualquer informação acerca do seu passado ou dos

seus pais e Maggie ficou sentida por Rebecca ter descoberto pormenores a respeito dele que ela desconhecia.

O incómodo que sentia era ridículo e absurdo. O que importava o nome que Michael Scott queria que lhe chamassem? Ela não queria saber dele e nunca mais se ia cruzar com aquele homem. O nome dele – e tudo o resto – era irrelevante.

Bateram à porta da frente e Rebecca levantou-se para ir abri-la, o que era estranho. Ela tinha vários criados que lhe faziam rigorosamente tudo. Nunca era ela que abria a porta da sua casa.

– Estás à espera de alguém importante? – perguntou Maggie.

– Não, não estou à espera de ninguém – respondeu Rebecca, que saiu disparada.

Maggie ficou a fazer tempo e estava a terminar uma chávena de chá quando Rebecca regressou.

– Maggie, tens uma visita.

– Eu tenho uma visita?

Maggie franziu o sobrolho. Tinha saído da missão tão apressadamente que muito poucas pessoas sabiam para onde ela tinha ido. Quem se teria dado ao trabalho de procurá-la?

Rebeca afastou-se e Maggie ficou perplexa quando viu Michael Scott entrar na sala.

– Porque está ele aqui? – perguntou à irmã. – Tu disseste-lhe onde eu estava?

– O Ramsey disse.

– Traidor – murmurou Maggie, sem fazer ideia da razão que levaria o senhor Scott a mostrar a sua cara de arrependimento na sala de visitas de Rebecca. Maggie tinha a certeza de que os dois tinham dito tudo o que havia para dizer. O que poderia faltar?

– Vou dar-vos alguma privacidade.

Rebecca saiu e fechou a porta, deixando Maggie sozinha com ele.

Ele permaneceu onde estava, observando a mobília e a decoração. Enquanto ele observava a sua envolvente, ela teve a oportunidade de o observar a ele e ficou irritada ao perceber que parecia são, em forma e muito bem-posto.

Estava bastante rosado, como se tivesse andado a cavalo, e tinha o cabelo comprido solto a bater-lhe nos ombros. Envergava uma camisa branca fluida, umas bermudas castanhas e umas botas pretas pelo joelho e exalava vigor e saúde e a sua vitalidade óbvia estava a incomodá-la imenso.

Ela sentia-se esgotada e exausta, desgastada e sugada pelos acontecimentos e ele tinha sido o causador de grande parte do seu sofrimento. Contudo, não parecia minimamente afetado pelo que tinha acontecido e não era justo que ela estivesse a sofrer horrores enquanto ele estava cada vez mais magnífico e imponente.

No canto da sala havia um aparador, ao qual ele se dirigiu e onde se serviu um copo alto de licor. Ela estava sentada no sofá, ele aproximou-se e sentou-se na cadeira à sua frente. Bebeu um gole e sorriu como se tivesse um segredo que estava disposto a partilhar se ela lhe pedisse com jeitinho.

– Estou maravilhado com esta casa – comentou ele.

Ela não tinha intenção de comentar, mas deu por si a perguntar-lhe:

– Porque haveria de estar?

– Eu dou-me com o Ramsey há talvez vinte e cinco anos e ele nunca comentou que gostaria de viver assim. Nem sequer me tinha apercebido que ele desejava casar-se algum dia. Assumi que ele era feliz com a vida que levava.

– Julgo que é isso que o amor faz às pessoas – retorquiu ela num tom espirituoso.

– Suponho que seja – concordou ele, num tom amigável. – Ouvi dizer que teve alguma sorte do

ponto de vista das finanças.

- Eu contava-lhe... se achasse que tinha alguma coisa a ver com isso.
- Acha mesmo que podia dar-se um incidente na minha rua sem eu ter conhecimento?
- Quem o ouvir há de pensar que manda naquele pedaço do mundo.
- É o meu pequeno reino.
- Sabe que o Gaylord desapareceu?
- Sim.

O sorriso dele era tão malicioso que ela teve a certeza de que ele era culpado de alguma coisa.

- O que lhe fez?
- Eu? O que a leva a pensar que fiz alguma coisa?
- Onde está ele?
- Eu não faço ideia e juro por Deus que é verdade.
- Não envolva o Senhor neste assunto. Pode acabar atingido por um raio.
- É possível.
- A minha irmã Pamela não o tem visto. Ela está preocupada.
- Eu prevejo que, passado algum tempo, ela vá ficar contente por ele se ter ido embora. Ela está instalada na casa da viúva e pode lá ficar o tempo que quiser.
- Não são seis meses?
- Não, ela pode viver lá o resto da vida, se quiser – desde que não seja com o marido.
- Parece muito confiante de que ele não vai voltar.
- Ele pode voltar. Quem sabe?

Encolheu os ombros e terminou a sua bebida. A seguir, foi até ao aparador e serviu-se de outra. Abriu um decantador de vinho e encheu um copo. Transportou ambos os copos e, quando se sentou novamente, ofereceu-lhe o vinho.

Ela recusou-se a pegar no seu e ele pousou-o na mesa entre os dois.

- Porque está a beber? – perguntou ela. – E porque haveria de esperar que eu beba consigo?
- Estamos a comemorar.
- A comemorar o quê?
- O cancelamento do meu noivado e a venda do seu edifício.

– Pois, da última vez que falámos disse-me que lhe tinha posto termo. Como é que a sua noiva reagiu à notícia?

- Ficou extasiada.
- Imagino – resmungou Maggie.

Lady Felicia tinha sido educada nos mais elevados escalões da sociedade e ele entrara com regozijo nos círculos que ela frequentava. Ele era vaidoso e orgulhoso e devia estar a sentir-se irritado, mas não parecia nada contrafeito. Parecia mais orgulhoso e mais vaidoso do que nunca.

- Não está desapontado por perder a sua noiva aristocrata? – perguntou ela. – Ou já encontrou outra? Já destruiu outro pai ou outro irmão que lhe entregou uma senhora da sua família?
- Tem mesmo uma língua afiada. Não sei bem porque ainda me preocupo consigo.
- Nem eu.
- Eu nunca fiquei com nada que esses ricos idiotas não tenham posto em jogo de maneira intencional e ávida, mas imagino que mencioná-lo seja uma perda de tempo.
- Seria, sim – concordou ela. – Uma vez que não vai dar Cliffside à Lady Felicia, quais são os

seus planos para a propriedade?

– Tenho outros inquilinos em mente.

– Ah tem? – perguntou ela, furiosa.

Ela tinha ficado demasiado zangada para conseguir imaginá-lo a viver em Cliffside com Lady Felicia. Mas agora ele ia entregar a propriedade a outra pessoa com a maior descontracção? Aquela perspectiva enfurecia-a, mas, antes de ela descarregar a sua fúria, ele apressou-se a perguntar:

– Adivinhe quem comprou a sua missão?

– O advogado não me revelou os nomes dos compradores.

– Fui eu.

– Você?

Os ombros dela descaíram, num gesto de derrota. Tinha sido tão burra. Aquela ideia nunca lhe ocorrera e, se isso tivesse sucedido, nunca teria vendido.

– Por que razão haveria de comprá-la?

– Queria que saísse daquele bairro pavoroso e você era demasiado teimosa para tomar essa iniciativa.

– E por isso puxou-me o tapete debaixo dos pés.

– Sim e fi-lo por uma quantia exorbitante, por isso não se atreva a reclamar.

– Eu não quero o dinheiro. Devolva-me a minha propriedade.

– Não.

– Eu não vou aceitar a sua caridade.

– Não foi caridade, sua tontinha. Foi dinheiro e foi muito. Aceite-o e dê-se por satisfeita.

Ela queria protestar, mas a verdade era que estava contente e não ia fingir que assim não era. Se fosse cautelosa nos seus gastos, aquela soma de dinheiro iria durar alguns anos, pelo que tinha tempo suficiente para reorganizar uma vida que estava atualmente desfeita.

Para além de que, depois de todo o mal que ele lhe tinha causado, a ela e à sua família, ela merecia alguma compensação, não é verdade?

– Estou satisfeita – obrigou-se a dizer. – Obrigada.

– Vê? Não foi assim tão difícil, pois não?

– Foi difícil que chegue.

Ele riu-se, o que a fez desejar andar para trás no tempo e retirar aquela afirmação.

– Tenho mais uma surpresa – declarou ele.

– Eu odeio surpresas.

– Não odeia nada. Cale-se e oiça.

Quando ele tinha chegado, ela não se apercebera que transportava uma mala cheia de papéis. Pousou-a em cima da mesa, abriu a aba e retirou de lá o que pareciam ser papéis de teor legal.

– O que é isso?

Ele não explicou e, em vez disso, disse:

– Quando eu acedi a casar com a Lady Felicia, fiquei de receber um dote do Lorde Stone que consistia numa plantação na Jamaica e dois navios.

– Que sorte a sua – aclamou ela, numa saudação falsa.

Quando a deixei, devia tê-los perdido, mas, em face do comportamento desprezível de Lady Felicia em relação a mim, decidi que você devia recebê-los como indemnização.

– Indemnização?

– Sim, indenização, por isso a plantação e os navios são seus.

– São... o quê?

– São seus, de graça e sem contrapartidas. Se quiser, pode vendê-los, mas eu estive a analisar as contas e são bastante rentáveis. No seu lugar, ficava com eles.

Ela sentiu que tinha ensurdecido.

– Eu tenho uma plantação? E navios?

– Sim. Passei o último mês a negociar com os advogados de Lorde Stone. Foi por isso que não passei por cá mais cedo. Não quis enchê-la de esperanças enquanto o negócio não estivesse concluído.

– Andou a encontrar-se com advogados por minha causa?

– Entre outras coisas, mas foi uma tarefa infundável. Eles pensaram que me conseguiam enganar, mas não foram suficientemente astutos para descobrir como o fariam. – Ele pegou no copo de vinho que lhe tinha servido e entregou-lho. – E agora, já bebe comigo para comemorar?

A tremer, ela pegou no copo e bebeu-o de um trago. Odiava quando ele era encantador e bondoso! Quando era maravilhoso, ela esquecia-se que o odiava.

– Porque havia de fazer tudo isto?

Ela estava tão, mas tão confusa.

– Porque eu nunca mais quero que seja pobre. De hoje em diante, será sempre abastada e estabelecida na vida. Também não vai voltar a trabalhar – a não ser que queira fazer voluntariado nalgum projeto de mulher rica metediça.

– Eu não o percebo.

– O que há para entender?

– Porque haveria de se preocupar?

– Porque havia eu de me... preocupar? Magdalena, as dificuldades por que passou recentemente certamente que lhe toldaram o pensamento. Eu disse-lhe que a amava. Achou que eu estava a brincar?

Perante a declaração dele, o coração dela pulou de alegria, mas ela ignorou-o.

– Não... a brincar, propriamente, mas não espera que eu acredite que estava a falar a sério.

– Alguma vez não falei a sério? Não alegue que não me conhece suficientemente bem para ter uma opinião. Conhece-me melhor do que ninguém. Não o negue. Se tentar fazê-lo, chamo-lhe mentirosa.

De repente, ele levantou-se e afastou a mesa. Para choque e perplexidade dela, ajoelhou-se e segurou-lhe na mão. Ela entrou em pânico e tentou libertar-se, mas ele obviamente não a deixou fazê-lo.

Tê-lo assim tão perto era esmagador. Ele tinha daqueles ombros largos nos quais uma mulher podia repousar em tempos difíceis, e ela ansiava por cair-lhe nos braços, chorar contra o seu peito e dizer-lhe o quanto ele a tinha magoado e a falta que tinha sentido dele.

Ela não tinha orgulho? Nem vergonha? Depois de tudo o que ele tinha feito, o que estava ela a pensar?

Mas, ao mesmo tempo que aquelas perguntas se formavam na sua mente, uma voz dentro dela gritava-lhe para que se lembrasse das coisas boas que ele tinha feito, do preço inflacionado que tinha pago pela propriedade dela, das negociações com Lorde Stone.

Graças aos esforços dele, ela nunca mais teria de se preocupar com dinheiro, nunca mais teria de se preocupar com o futuro. A independência financeira que ele lhe tinha proporcionado era uma dádiva incomparável, uma dádiva que ela apreciaria para sempre.

– Eu já lhe perguntei isto antes – disse ele. – Naquele dia, na carruagem.

A pulsação dela começou a acelerar.

– Perguntou-me o quê?

– Perguntei-lhe se queria casar-se comigo, mas não o fiz muito bem. Estava aborrecida e eu fui vaidoso e inconveniente.

– Foi inconveniente. Concordo plenamente.

– Por isso... quero tentar de novo e estou a implorar-lhe que me permita. Tenciono continuar a falar até acertar.

Ele estava tão perto, os seus olhos azuis hipnotizantes a escassos centímetros dos dela. Ela nunca tinha conseguido resistir àqueles olhos. Quando ele a fitava, como se ela fosse especial e fantástica – ela não conseguia manter-se firme. Apesar de tudo o que tinha acontecido, ela estava ansiosa por ouvir o que ele tinha para dizer.

– Eu estive sempre sozinho – murmurou ele.

– Já percebi que sim.

– Quando eu era mais jovem, tive uma vida muito difícil. Tive de ser forte para sobreviver. Conveni-me de que era feliz sozinho e que não precisava de ninguém.

– Toda a gente precisa de alguém.

– Agora eu sei disso. Percebi-o quando a conheci.

Ela exalou um suspiro profundo.

– Não seja charmoso. Se for, eu não consigo continuar zangada consigo.

– Não esteja zangada. – Por um instante, ele pareceu refletir sobre a história recente de ambos. – Bom, talvez possa ficar um bocadinho zangada, mas acha que me consegue perdoar?

– Porque haveria de o fazer?

– Porque eu amo-a tanto que estou a morrer.

– Não está a falar a sério.

– Se me mandar embora, a minha vida deixa de valer a pena.

Era um discurso tão bonito e ele estava a dizer as palavras que em tempos ela ansiara por ouvir. Contudo, não seria demasiado tarde para ele as proferir?

Antes, quando ela estava loucamente apaixonada por ele, quando aguardara ansiosamente por uma declaração daquelas ele estava noivo em segredo e não tencionava nunca ligar-se a Maggie.

Ele não podia ter mudado de ideias? Podia, mas tinha acontecido tudo demasiado depressa, era tudo muito conveniente. Como é que um homem rompia um noivado e imediatamente se lançava noutro? Ela não acreditava naquela mudança repentina. Não confiava nele.

– Não faço ideia do que deva dizer – afirmou ela.

– Diga que sim. Diga que me aceita.

Dominada pela proximidade dele, ela afastou-se.

– Sente-se, por favor, Michael.

– Parece prestes a recusar-me, por isso não, não me sento.

– Que teimoso.

– Nem imagina quanto – ele ergueu a mão dela e beijou-lhe as palmas. – O que a apoquenta?

– Esqueça, Michael. Não vale a pena eu ser cruel.

– Diga-me – insistiu ele.

– Eu não confio em si.

– Porque não? À exceção do meu noivado, em que mais fui desonesto?

– Vejamos. Daquela vez que fez uma aposta com o Gaylord? E da outra em que veio a Cliffside mas não revelou o motivo da sua visita? E...?

– Está bem, está bem... – apressou-se a reclamar. – Eu cometi alguns erros.

– Pois cometeu.

– Em minha defesa, nessa altura eu ainda não a conhecia. Só conhecia o Gaylord e ele era tão idiota que eu só pensava em dar cabo dele, nada mais me preocupava. Mas agora sim.

– Ah sim?

Ela reclinou-se para trás, levantou-se e foi até junto da janela, para olhar para o jardim que ficava por trás da casa. Estava um dia lindo de verão, com as flores a brotar e umas nuvens volumosas a passar.

Atrás dela, ele pôs-se em pé.

– Independentemente do que vier a acontecer entre nós – disse ele. – Pode ficar com os navios, com a plantação e com o dinheiro. Eu tenho contabilistas e funcionários de escritório que podem tratar dos seus assuntos, se precisar de ajuda. Não precisa de me ter ao seu lado.

Ela não olhou para ele.

– Parece que não.

– Mas nunca pensa em como deve ser terrível estar sozinha? Não gostava de ter uma família, um lugar onde se sentisse em casa?

– Sou capaz de já ter pensado nisso, uma vez ou outra – admitiu ela, contrafeita.

– O meu desejo mais secreto sempre foi chegar a casa à noite e ter uma vela acesa à janela à minha espera. – Ele fez uma pausa, embalado pela emoção. – Nunca tive uma vida assim, mas desejo-a ardentemente.

– Oh, Michael...

Ele deu alguns passos e aninhou-se contra as costas dela. Ela deu-lhe uma cotovelada nas costelas, tentando afastá-lo, mas aquela besta arrogante não lhe fez a vontade.

– Não me mande embora, Maggie.

– Eu não sei o que fazer. Não sei o que é melhor.

– Bom, eu sei – mesmo que você pareça não saber. – Ele virou-a de frente para si. – Seja minha, Magdalena. Seja minha para sempre. Por favor.

– Duvido que fosse um bom marido.

– E se estiver enganada? E se eu acabar por vir a ser o melhor marido de todos os tempos?

Ela deu uma risada desdenhosa e enojou-se ao ouvir-se perguntar:

– Onde viveríamos?

– Onde quisesse.

– Como nos daríamos?

– Suponho que com altos e baixos. Se o Ramsey e a Rebecca conseguem, estou certo de que nós também conseguiríamos.

A risada dela deu lugar a uma gargalhada ruidosa.

Estaria ela a considerar o pedido dele com seriedade? Parecia que sim. Ele estava a vencê-la pelo cansaço, como já tinha percebido que conseguia fazer. Ela era uma massa de moldar nas mãos dele.

– Podíamos viver em Cliffside? Diria aos seus novos inquilinos que eles não podem ficar com a propriedade? Podíamos ficar lá nós em vez deles? Faria isso por mim?

– Os novos inquilinos de que eu estava a falar? Somos nós os dois, sua tontinha. Estava a referir-me a nós os dois, a vivermos lá, como marido e mulher.

– Dava-me a minha casa?

– Sim. Passo-lhe o raio da propriedade inteira para o seu nome, se for esse o preço para a ter.

Ela olhou para os olhos azuis dele e uma sequência de imagens passou-lhe a correr pela mente. Lembrou-se da primeira vez que o conhecera, como ele era atraente e ousado. Recordou como ele a seduzira aos poucos e como ela foi cedendo gradualmente até se lançar pateticamente nas asas da paixão, sem conseguir escapar.

Tinham passado aqueles dias magníficos em Orphan's Nest, uma estadia maravilhosa que nunca devia ter chegado ao fim.

Ele era irritante, enervante e demasiado presunçoso. Deixava-a mais irada do que alguma vez se tinha sentido, mas também a fazia sentir-se viva. Durante muito tempo ela tinha andado perdida, presa à missão, sem esperança nem futuro promissor. Ele tinha trazido à sua vida riso, alegria e paixão. As breves semanas que tinha passado com ele tinham sido o período mais maravilhoso e frustrante da vida dela.

Podia recusá-lo? Mandá-lo embora? E se nunca mais o visse? Conseguiria tolerá-lo? A resposta retumbante era «não».

Ele tinha-lhe perguntado como seria se ele viesse a ser o melhor marido de todos os tempos? E se assim fosse?

Ele conseguia ser cruel, duro, impiedoso e dominador, mas também podia ser generoso, bondoso, prestável e solidário. Ia deitar tudo aquilo a perder? Em troca de quê? Para continuar solteira?

– Preciso que me dê uma resposta – disse ele. – E depois disso, dependendo de qual for, tenho de lhe contar uma coisa importante.

Ela empalideceu. Com a inclinação dele para as tropelias, podia ser qualquer coisa chocante.

– Diga-me primeiro do que se trata.

– Não. Não posso permitir que influencie a sua decisão.

Ela observou-o, mas obviamente a expressão dele não denunciava nada.

Ele ajoelhou-se novamente e olhou para ela invadindo-a com o seu afeto, que a perpassou como uma chuva refrescante.

– Case comigo, Magdalena. Faça de mim o homem mais feliz do mundo.

Ela estava ambivalente e confusa, mas conseguiu dizer:

– Sim, Michael, eu caso-me consigo. Devo ter enlouquecido mas acho que vou fazê-lo.

Ela ajudou-o a levantar-se e ele sorria e aprumava-se.

– Eu sabia que conseguia convencê-la.

– Fanfarrão idiota – desdenhou ela. – Pressionou-me tremendamente. Então, qual é a novidade? Se for terrível, retiro tudo o que acabei de dizer.

– Magdalena Wells, você é uma mulher dura.

– Estou a aprender com o mestre.

– Pois está. Pois está. – Ele pousou a mão na cintura dela, com uma expressão de quem estava prestes a lançar-se de uma falésia alta. – Eu tenho informações acerca do meu passado, dos meus pais.

– A Rebecca falou-me disso. Disse que vai mudar de apelido.

– Na verdade, eu nunca fui Michael Scott. Em breve, vou anunciar que sou Michael Blair.

- Como descobriu isso?
- Eu sempre soube. Enfiaram-me uns papéis no casaco quando era pequeno.
- Mas, porquê agora?

– Porque... a minha irmã anda à minha procura.

– A sua irmã? Santo Deus. Quem é ela?

– É a Evangeline Drake, Maggie. A Lady Run.

– A Evangeline!

– Apesar de, se a memória não me falha, ela se chamar Anne. Nós chamávamos-lhe Sissy. Não faço ideia como se tornou Evangeline.

– Tem a certeza disso?

– Tenho. Ainda não falei com ela, mas estou prestes a fazê-lo.

– Porque haveria de guardar segredo até eu concordar em casar consigo? Isto não são más notícias. É maravilhoso.

– Eu não queria influenciá-la indevidamente. Queria que me aceitasse por mim e não por o meu irmão ser quem é... ou por o meu pai ter sido quem foi.

– Quem é o seu irmão? Quem era o seu pai?

– O meu pai devia ter sido o conde de Radcliffe e o meu irmão Bryce virá a sê-lo um dia, se eu tiver voto na matéria.

– Disse conde de Radcliffe?

– Sim, o título está associado a uma pequena propriedade na Escócia.

– Não está a brincar?

– Voltemos atrás, Maggie? Eu costumo brincar?

– Não.

– Eu fui um pequeno lorde que se perdeu, mas...

– Foi encontrado.

– Fui encontrado – aquiesceu ele, aparentemente surpreendido.

Ela abanou a cabeça e parecia tão espantada como ele.

– Que bizarro. Tem de me contar todos os pormenores.

Michael fez o seu sorriso mais perverso.

– Devia chamar-me Lorde Michael.

– Jamais.

Rebecca espreitou para o interior da sala.

– Está aqui muito silêncio. Vocês os dois não se mataram, pois não?

– Ainda não – respondeu Michael.

– Maggie – brincou a irmã dela –, estás com um ar furioso, parece que ele te deu um picle estragado. O que se passa?

– Ele pediu-me em casamento.

Rebecca ergueu as mãos para o céu, como que a rezar.

– Aleluia! Por favor, diz-me que aceitaste.

– Aceitou – replicou Michael. – Eu ia regatear até ela aceitar. E ela sabia disso. Ela concedeu sobretudo para me calar.

– Você parece-se imenso com o meu marido – disse Rebecca.

– Para mim, isso é um elogio – retorquiu Michael.

– Rebecca – gaguejou Maggie –, ele é... de uma família da aristocracia. Está a dizer que a Lady Run é irmã dele. Se me casar com ele, estou a casar-me com um aristocrata.

– Porque estás assim tão chocada? – perguntou Rebecca. – Olha bem para esse homem. Porque haverias de achar que ele não era um aristocrata?

Michael endireitou-se todo.

– Eu acho que ela me devia chamar Lorde Michael, não acha? Ou simplesmente Lorde Meu Marido?

– Com certeza – concordou Rebecca. – Então... está tudo assente? Está tudo bem?

Michael voltou-se para Maggie.

– O que é que diz, Maggie? Foi fácil responder-me quando estava sozinha.

– Não foi fácil, de todo!

– Consegue dizê-lo à frente da sua irmã? Consegue dizê-lo ao mundo?

Ela olhou para Rebecca e depois para Michael. Ele tinha sido, e seria sempre, o deleite do seu coração. Estava a sorrir para ela e tinha um ar tão deliciosamente magnífico que o coração dela voltou a acelerar. Talvez nunca mais desacelerasse.

– Sim, Rebecca – admitiu ela. – De repente, fiquei noiva.

– Eu bem lhe disse – murmurou Michael, aprumando-se.

– Se ele souber jogar segundo as regras – disse Maggie –, eu sou capaz de lhe chamar lorde de vez em quando.

– Se eu souber jogar segundo as regras? – escarneceu ele. – Minha cara Magdalena, tendo em conta que concordou em tornar-se minha noiva, é evidente que já ganhei este jogo.

Epílogo

– Gostaria de falar com Lady Run.

– Quem devo anunciar?

Michael estava quase a dizer o irmão dela, mas achou que talvez não fosse o tipo de notícia que devesse divulgar ao mordomo da mulher.

– Diga-lhe que é Michael Scott. Somos conhecidos.

– Faça o favor de entrar.

O mordomo recuou para Michael poder entrar na casa e ele foi conduzido até uma sala de visitas, onde se sentou num sofá.

– É capaz de demorar uns minutos até ela poder recebê-lo.

– Não há problema – respondeu Michael. – Ela não estava à minha espera e eu não tenho pressa.

– Enquanto espera, posso servir-lhe uma bebida?

Havia garrafas de vidro com bebidas em cima de um aparador e ele achou que aquele momento pedia definitivamente um bom copo de uísque. Por outro lado, tendo em conta que planeava apresentar-se à sua irmã, talvez fosse melhor que o seu hálito não cheirasse a álcool.

Vacilou e em seguida apontou para uma das garrafas.

– Aquilo é uísque?

– Sim.

– Sirva-me um copo alto. – O mordomo não conseguiu disfarçar a sua surpresa e Michael acrescentou: – Eu e ela estamos prestes a ter uma conversa difícil e talvez seja melhor eu preparar-me.

– Muito bem, senhor.

O homem preparou a bebida e deixou Michael sozinho, prometendo voltar assim que Lady Run estivesse livre. Michael passou ali o tempo e o silêncio instalou-se. Olhou à volta, analisando a mobília, os quadros pendurados nas paredes, os tapetes no chão.

Ela erguera-se bem acima da sua humilde condição de órfã e encontrara um lugar maravilhoso no mundo. O seu marido, Aaron Drake, Lorde Run, era um bom homem, cuja principal qualidade, aos olhos de Michael, era o facto de não jogar. A maior parte dos congéneres de Lorde Run era viciada em apostas e era preciso uma contenção férrea para recusar juntar-se a eles.

Maggie e Evangeline tinham frequentado o mesmo colégio interno e haviam sido amigas durante anos, mas tinham perdido o contacto quando terminaram os estudos e Maggie tinha ficado noiva de Gaylord Farrow.

Michael tinha obrigado Maggie a contar-lhe todos os pormenores que conhecia em relação à sua irmã, entupindo-a com perguntas até ela ter aberto as mãos e afirmado que não se lembrava de mais nada.

Tinha implorado para que Michael a deixasse acompanhá-lo a casa de Evangeline, mas ele recusara. Aquela era uma conversa que devia ser privada, especial e apenas entre os dois

participantes. Mais tarde haveria tempo para Maggie e Evangeline falarem como galinhas num galinheiro.

Pensou no seu irmão gêmeo. Agora que lhe tinham falado da existência de Mathew e que as memórias dele tinham sido agitadas, começava a recuperar pequenos fragmentos.

Eram bebês quando foram separados e Michael ainda sentia intensamente aquela perda. O desgosto e a dor nunca tinham desaparecido por completo.

Mathew, estás aí? Sou eu, o Michael. Sou o teu irmão.

Começava a tornar-se mais fácil chegar lá, estabelecer uma ligação mental. Ele sentia que Mathew o conseguia ouvir e que ele tinha a consciência de que Michael estava a escavar a sua memória, mas era evidente que Mathew se sentia confuso e perdido como Michael sempre se tinha sentido.

Sem dúvida que Mathew se questionava se estava louco, à semelhança do que sempre sucedera com Michael.

Vou agora falar com a Sissy. Ela é tão bonita. Está uma mulher e parece-se tanto com a mãe. E também canta como ela.

– Ah! – Michael sorriu para si mesmo. – Aguenta-te aí um bocado, maninho.

De alguma maneira, Michael sabia que era o mais velho dos gémeos, que sempre tinha sido o irmão mais velho.

Esperou em silêncio, a pensar, a rever o que queria dizer, mas por muito que ensaiasse o seu discurso, ele nunca parecia sair bem. Deveria deixar sair tudo de repente? Ou ir dizendo as coisas aos poucos? E se ela não acreditasse nele? Se o acusasse de estar a mentir?

Quando aquela ideia pavorosa lhe surgiu, ele afastou-a. Tinha a certidão de nascimento, mas ainda que não a tivesse tinha a certeza de que ela iria perceber imediatamente que ele estava a dizer a verdade. Bastava-lhe olhar para os olhos dele e ela ficaria a saber.

Bebeu um gole da sua bebida e sentiu a ansiedade a escalar a tal ponto que ponderou partir sem falar com ela. O que era absurdo. Porquê ter medo? Porquê preocupar-se?

O segredo trágico estava prestes a ser revelado. Ele não teria de guardá-lo para si. E desconfiava que, quando partilhasse a sua história com Evangeline, a angústia que sempre o tinha consumido desapareceria.

Aos poucos, deu-se conta de que a casa não estava deserta como ele imaginara. Apercebeu-se de que havia uma mulher a cantar. O som propagou-se e ele inclinou a cabeça, para escutar, e teve a certeza de que se tratava de Evangeline.

Haveria uma sala de música. Apostava que sim. Todas as casas de gente rica onde tinha entrado tinham uma sala de música.

O mordomo não tinha aparecido para vir buscar Michael e vaguear pela casa na tentativa de encontrar a irmã seria de uma terrível falta de educação. O mordomo dela era extraordinariamente competente e não havia nenhum motivo para supor que ele não viria buscar Michael assim que Evangeline estivesse disponível.

Mas Michael estava desejoso de ver aquele assunto resolvido.

Levantou-se, pôs-se novamente à escuta e começou a caminhar. Depois de algumas voltas e reviravoltas, foi dar com ela numa pequena sala.

Estava sentada atrás de um címbalo, junto da janela, e a luz amarela do sol refletia-se no cabelo dela, fazendo-o brilhar como se fosse uma aura. Quando se concentrou na letra da sua música, uma nova memória foi agitada.

Era uma canção de embalar que a mãe deles costumava cantar-lhes todas as noites. Tinha uma letra pateta que os fazia rir e cantarem com ela. Uma sensação de... alegria, crianças felizes e pais devotos perpassou-o. Não se lembrava de acontecimentos palpáveis com a sua família, mas recordava aquele sentimento de alegria.

Oh, como era devastador ser confrontado com tudo o que tinham perdido.

Alguém tinha de pagar por lhes ter retirado aquilo. Michael não era o tipo de homem que fosse capaz de se sentar descontraído e deixar uma tal injustiça passar impune. O seu pai também seria assim? Teria Michael herdado a teimosia e a astúcia do pai? O seu sentido de justiça? Esperava que assim fosse.

Ela chegou ao fim da sua melodia, os seus dedos tocaram a última nota e ficou muito quieta, com os olhos fechados. Subitamente, a mãe deles pareceu pairar por ali e a sua presença era de tal modo tangível que Michael ficou surpreendido por não conseguir vislumbrá-la por cima do ombro de Evangeline.

– Sissy? – murmurou ele.

Ela franziu a testa e ficou tensa, como se não estivesse segura de tê-lo ouvido efetivamente, como se pudesse tratar-se de um fantasma do passado.

– Sissy. Sou eu. O Michael.

Os olhos dela abriram-se e ela sorveu uma golfada de ar. Entreolharam-se e os olhos azuis idênticos dos dois prenderam-se, com mil perguntas não verbalizadas a flutuar entre eles.

– Michael Scott... – disse ela.

– Não, Michael Blair. Sempre foi Michael Blair.

– Eu tenho andado à tua procura.

– Eu sei.

– Porque não me disseste, seu patife?

– Não sabia como fazê-lo.

– Mas eu devia ter percebido quem tu eras, não devia? Devia ter adivinhado.

– Eu acho que tu sempre soubeste.

O sorriso dela iluminou a sala.

Ela saltou do banco do címbalo tão bruscamente que ele caiu para trás. Correu para ele e enroscou-se nos seus braços, enquanto ele a abraçava com toda a intensidade que conseguia. Fê-la rodopiar até ficarem os dois zonzos e ofegantes.

– Chama-me Sissy outra vez – pediu ela, enquanto ria e chorava. – Chama-me Sissy e nunca mais deixes de o fazer.

FIM